

Livro de Zeneide Pereira Cordeiro

O QUE VEJO NO ESCURO

Publicado pela

EDUFMA - EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO



EDUFMA

(PÁGINA DO CONSELHO EDITORIAL)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor: Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Vice-Reitor: Prof. Dr. Leonardo Silva Soares

EDITORA DA UFMA

Coordenadora

Dra. Suênia Oliveira Mendes

Conselho Editorial

Prof. Dr. Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva

Prof. Dr. Luis Henrique Serra

Prof^a. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira

Prof. Dr. Márcio José Celeri

Prof^a. Dra Raimunda Ramos Marinho

Prof^a. Dra Débora Batista Pinheiro Sousa

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva

Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues

Prof. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro

Prof^a. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa

Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior

Bibliotecária Iole Costa Pinheiro



EDUFMA - Vinculada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0.

Zeneide Pereira Cordeiro

O QUE VEJO NO ESCURO

São Luís

EDUFMA

2025

Página da ficha catalográfica.

© 2025 EDUFMA - Todos os direitos reservados

Projeto gráfico, diagramação e capa: Francisco Batista Freire Filho

Revisão: Robert Silva Mendes

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cordeiro, Zeneide Pereira

O que vejo no escuro [recurso eletrônico] / Zeneide Pereira Cordeiro.
— São Luís: UFMA, 2024.

419 p.

Modo de acesso: www.edufma.ufma.br

ISBN 978-65-5363-419-0

1. Zeneide Pereira Cordeiro - Biografia. 2. Deficiência visual. I. Título.

CDD 920

CDU 929:376

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Neli Pereira Lima CRB 13 / 600

CRIADO NO BRASIL [2025]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio - eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro - sem permissão da autora.

EDUFMA - EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga - CEP: 65080-805

São Luís - MA - Brasil - Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br - e-mail: edufma@ufma.br

APRESENTAÇÃO

Neste livro relato acontecimentos marcantes na minha vida: a infância na roça, autoconsciência da deficiência visual, processos de escolarização com ausência de visão e recursos pedagógicos, separação familiar, escravidão doméstica, formação acadêmica e profissional.

O título “O que vejo no escuro” expressa uma percepção errônea humana de que os seres e as coisas somente podem ser vistos pelos olhos e, ainda, de que pessoas cegas veem tudo escuro. Descrevo situações e acontecimentos que desmistificam a cegueira e mostram como algumas crenças, pensamentos e percepções sobre ela são excludentes e violentas com pessoas cegas. Iniciei a escrita desta obra primeiramente como um tratamento de autocura. Desejava falar sobre minha vida para que diversas pessoas conhecessem minha história e, dessa forma, ela contribuísse para que a pobreza econômica e a deficiência não fossem motivos de abandono, exploração e torturas físicas e psicológicas de crianças do interior do Maranhão. No decorrer da escrita, adquiri orgulho e inspiração nos percursos que trilhei e nas estratégias que utilizei para

escapar de uma situação de escravidão e me inserir na vida acadêmica e artística.

Ao ler “O que vejo no escuro”, desprenda-se de percepções preestabelecidas para não julgar demais as personagens descritas, nem mesmo aquelas personagens mais monstruosas, como a dona Batori, ou aquelas desequilibradas, como meu pai, ou, ainda, a hipocrisia da Fler e os jovens torturadores profissionais. Não crie expectativas românticas com as personagens solidárias e amorosas. Nesta obra, todo monstro tem um lado humano e todo anjo tem um lado mostro. Os monstros e os anjos da minha vida me fortaleceram. Quando todas as portas se fecharam, pulei janelas; quando no meu caminho havia pedras, espinhos e serpentes, desviei. Assim, libertei-me de todas as violências que sofria na condição de escrava doméstica, para construir minha história de mulher cega, artista, professora, ativista ambiental e dos direitos humanos, recentemente doutora e eternamente consciente de que cada canto, esquina, rua, espaço e lugar é meu palco.

Que esta obra cause em você sorrisos, choros, força e lembranças de que cada amanhecer inicia uma experiência de

lutas, aprendizados, conquistas, esperanças e descobertas de novas formas de afeto.

Zeneide Pereira Cordeiro

PREFÁCIO

Devo dizer que foi uma honra para mim ter recebido o convite para prefaciar este livro. Trata-se de uma obra rica em detalhes da história de uma criança com deficiência visual (que nem se dava conta dessa sua característica), que começa com seus familiares e amigos no interior do Maranhão e continua na capital, São Luís, onde essa menina e mulher se desenvolve em todos os sentidos do crescimento de um ser humano. A evolução dessa vida é entrelaçada em outras vidas e cheia de encontros e desencontros, de venturas, desventuras e aventuras. Muitas vezes uma vida sofrida; outras, encarada com leveza e graça; mas principalmente a vida de uma mulher que segue em frente, cria oportunidades, quebra barreiras e ignora outras.

Este livro, além de contar uma história de vida inspiradora de uma pessoa persistente, perseverante e por vezes teimosa, faz perceber que, independente dos acontecimentos que muitas vezes fogem ao nosso controle, vale a pena não desistirmos, nunca deixarmos de acreditar em nós

mesmos, e assim todas as pessoas podem ser quem elas quiserem ser.

O livro “O que vejo no escuro” traz a linha do tempo de uma mulher cega, forte, inteligente, sensível, dona de muitas habilidades e talentos. Zeneide Cordeiro é arte-educadora, professora, atriz, escritora, consultora de acessibilidade, palestrante ativista dos direitos humanos, pesquisadora, graduada em Artes Visuais, mestre em Políticas Públicas e doutora em Ciências Sociais, com toda esta sua formação acadêmica na UFMA.

Andréa Katiane Ferreira Costa
Professora pesquisadora da UFMA

Nasci e vivi minha infância em um centro localizado a vinte quilômetros de Maranhãozinho, próximo da cabeceira do rio Maracaçumé, no estado do Maranhão – Brasil. Centros são lugares de moradia e onde se bota roça¹.

No final do século XIX e início do século XX, ocorreu um intenso movimento migratório de nordestinos em direção às chamadas áreas úmidas do Maranhão, em busca de terras férteis para fazer roças e morar.

Os principais fatores que ocasionaram esse movimento foram as políticas de desenvolvimento regional na Amazônia executadas no decorrer do século XX. O movimento expressa também uma das principais consequências da Lei de Terras², que foi a dificuldade dos lavradores em adquirir terras.

Antes da lei, a forma de divisão de terras no Brasil era por meio da posse. Após a promulgação dessa lei de 1850, a terra

¹ O mesmo que lavar a terra, cultivar lavoura, realizar o trabalho na agricultura ou fazer roça.

² A Lei de Terras é a denominação pela qual ficou conhecida a Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Esta lei foi a primeira legislação brasileira que regulamentou a propriedade privada no Brasil.

passou a ser considerada uma mercadoria: adquiri-la deveria ser por meio da compra. Um fator que excluía a maior parte dos trabalhadores rurais nordestinos, que não possuía recursos econômicos, dinheiro para comprá-la.

A Lei de Terras, apesar de ter sido promulgada no final do século XIX, conduziu de tal maneira as ações de distribuição de terras no Brasil no decorrer do século XX, notadamente no Maranhão, que nos dias atuais muitos problemas relacionados a disputas territoriais e violências são consequências da sua aplicação.

No Maranhão as disputas e as violências territoriais nesse período foram propagadas e conduzidas pelo Estado brasileiro através das suas políticas desenvolvimentistas que apoiavam latifundiários e empresários. O Estado criou um discurso oficial de que o Maranhão era um grande vazio demográfico.

Este discurso despertou o interesse de latifundiários, empresários e outros agentes sociais para implantar empreendimentos econômicos no Maranhão, mas motivou

lavradores nordestinos a migrar em busca de terras para morar e trabalhar.

Tal discurso chegou aos ouvidos dos meus familiares, em específico do meu avô. Motivado pela crença de encontrar terras férteis gratuitas e pelas profecias de padre Cícero de que o Eldorado³ estava localizado nas áreas úmidas da Maranhão, organizou um grupo de colonos, familiares, apadrinhados e agregados, e partiram de Jati em direção ao Maranhão.

Os colonos, ao chegarem ao Maranhão, traziam suas famílias, suas crenças, suas histórias, seus costumes e suas artes. Cada grupo que chegava ocupava uma área de mata virgem⁴, considerada por eles como terra sem dono⁵, e ali

³ O Eldorado é o paraíso na Terra.

⁴ O discurso oficial nessa época afirmava que esta região era um imenso vazio que precisava ser ocupado, ou seja, o governo brasileiro desconsiderava os indígenas e os regionais que habitavam essas terras.

⁵ Historicamente todas as áreas da Pré-Amazônia, sobretudo aquelas em que foram implantados projetos de colonização, eram ocupadas por povos indígenas, quilombolas, trabalhadores rurais regionais e quebradeiras de coco. O aumento populacional nessas áreas ocasionou conflitos, mortes e expropriações de terras indígenas e de vários outros povos.

construíam suas casas e faziam suas roças. Em pouco tempo estava formado um lugar para morar e botar roça, denominado centro pelas pessoas que o habitavam, cuja denominação era dada a partir da distância que tinha das margens da BR-316 ou da BR-010. Em alguns casos, os colonos tomavam como referência o povoado ou o município mais próximo. O centro As Vinte, por exemplo, tem este nome por estar localizado a vinte quilômetros de Maranhãozinho, um município estabelecido às margens da BR-316, na fronteira do estado do Maranhão com o estado do Pará.

As pessoas que habitavam os centros que se formavam tinham afinidades culturais, religiosas e frequentemente pertenciam às mesmas regiões de origem. Por exemplo, minha família fazia parte de um centro chamado As Vinte, onde a maioria dos moradores eram cearenses. Havia um outro centro chamado As Dez, e nele os habitantes eram predominantemente piauienses. Assim, à medida que iam chegando novos colonos, eles criavam centros com organização e leis próprias.

No caso dos meus familiares, o primeiro lugar em que pararam foi em Bom Jardim. Depois, migraram para a região mais próxima do estado do Maranhão com o estado do Pará, onde fixaram moradia e iniciaram a formação de um centro.

Meu avô foi uma espécie de multiartista viajante. Antes de chegar ao Maranhão, possuía o hábito de viajar nos paus de arara e ônibus velhos caindo aos pedaços pelos municípios do Ceará, principalmente entre Jati e Juazeiro, tocando violão ou sanfona, declamando cordéis, causos⁶, cantigas e xotes e fazendo serenatas para moças e mulheres casadas – no caso destas, a serenata era escondidinha; assim, cantava baixinho para os maridos e vizinhos não descobrirem.

Além disso, tinha habilidades para desenho, xilogravura e escultura; por isso, nos dias de hoje a maior parte dos seus filhos e netos tem alguma habilidade artística.

⁶ Relatos de acontecimentos. No caso do meu avô, ele narrava acontecimentos através de músicas e poesias, narrava histórias reais envolvendo seres espirituais, místicos, humanos, animais e a natureza.

Foi por meio dele, e também dos meus pais e do meu irmão mais velho, que aprendi a fazer os primeiros acordes no violão, os primeiros rabiscos no papel, a modelar minhas bonecas de barro, a talhar os carrinhos e flautas para meus irmãos mais novos. Ingressei no mundo encantado da literatura popular.

Ao dedilhar as cordas do violão, muitas vezes faltando uma, duas ou três, ouvi a história do Reino Encantado, cujas construções e montanhas eram de ouro puro e as águas dos igarapés tinham poder de cura. Havia árvores que jorravam leite e mel, o chão era de cristais e ouro; nas matas e águas moravam seres celestes que, quando queriam, vinham conversar com os adultos e brincar com as crianças. Essa era a descrição do Eldorado na versão do meu avô.

Sentindo o cheiro das ervas ou de uma panela enorme cheia de feijão e outra de arroz borbulhando em um fogareiro, aprendia sobre a vida no céu, ouvindo a voz doce e sábia da minha avó.

O céu é um lugar repleto de casas de cristais com finura igual à de uma gota d'água. Os anjinhos ficam nas portas tocando viola, sanfona, flauta e apito; a música deles cura os homens na Terra, seja de doença, seja de tristeza.

Os anjinhos são como a mãe-d'água, não têm visão nos olhos, aliás, não têm olhos como os homens na Terra. Eles veem tudo porque os olhos deles são luzes que atravessam tudo o que olham.

Na minha infância, fui movida pelas histórias de meus familiares. Elas me faziam compreender todas as coisas no mundo, inclusive minha humanidade. Nos dias de hoje, são elas as responsáveis pela minha existência, são quem me situa no mundo.

Aquela foi a época em que conversei com animais mágicos, pesquei piaba, comi rapadura com farinha de puba com anjos e deuses, apostei, confeccionei brinquedos com seres

celestes; nos finais de tarde a mãe-d'água⁷ e a cabocla Jurema⁸ penteavam meus longos cabelos com seus pentes de ouro, decorados com pedras preciosas. Sei que não passou. Ela é parte do meu presente e será do meu futuro.

Os seres celestes, os anjinhos músicos e a insistência da Lua me convidando a apostar corrida, o xaveco do Sol e os peixinhos falantes participam da minha rotina diária. São a minha inspiração.

A arte de contar histórias, cantar e tocar instrumentos musicais fazia parte do cotidiano nos centros, sendo praticada por todos os moradores, inclusive as crianças.

Minha casa na Vinte⁹, assim como as demais construções, era de taipa¹⁰, coberta com palhas ou tábuas. As casas eram

⁷ Entidade espiritual presente em muitas histórias, “causos” e lendas dos brasileiros

⁸ Entidade espiritual cultuada na umbanda e em outras religiões brasileiras

⁹ Centro localizado na Amazônia maranhense, também chamado de quadra ou vila.

¹⁰ Casa construída, pelo próprio morador, com barro e madeira retirada da mata. Tipo de construção artesanal.

amplas e todas tinham alpendres¹¹, terreiros¹² e quintais grandes, onde os moradores se reuniam com frequência em comemorações religiosas, festas familiares e para prostrar. Lembro-me de que na minha infância era comum ter festas com muita música, recitação de poesia popular, dança e apresentações teatrais feitas por crianças e adultos.

Os artistas dos centros não eram reconhecidos como artistas pelos moradores, isso porque eles eram pessoas comuns que habitavam os centros. E arte tem dois significados principais. O primeiro se refere aos comportamentos sociais, travessuras das crianças, homens e mulheres bons de conversa e simpáticos, moças bonitas, etc. O segundo se refere às imagens de artistas conhecidos nacionalmente, atrizes de novelas, cantores famosos na internet e que aparecem na televisão.

¹¹ Nas vilas ou centros da Pré-Amazônia, os alpendres são uma espécie de “puxadinho” na frente das casas, cobertos e abertos nas laterais e na frente.

¹² Nos centros, os terreiros são grandes áreas de terra batida na frente das casas; algumas vezes, neles tem plantas frutíferas, mesas e bancos rústicos.

Os músicos, pintores, escultores, poetas, atores e atrizes dos centros eram reconhecidos como moradores que trabalhavam como agricultores, vaqueiros, madeireiros ou pescadores que cantavam, pintavam, dançavam, etc. As denominações e as especificidades das artes de conceituação ocidental, tal como são ensinadas e aprendidas nas escolas e nos cursos de arte nas universidades, não possuem significados na arte dos centros, no sentido de atribuir valor e diferenciação. A diferenciação das produções artísticas dos centros ocorre, principalmente, por meio do lugar de origem dos artistas, a terra em que ele e seus familiares habitam, suas crenças, seu modo de pensar e agir, ou seja, por meio da “diferenciação cultural”.

A arte dos artistas dos centros expressava seus gostos culturais e religiosos adquiridos a partir de suas vivências e relações que mantiveram com artistas populares, trabalhadores rurais, colonos de diversas regiões do Brasil e com os conhecimentos que herdaram de seus familiares.

Lembro-me de meu avô, no decorrer dos seus ensinamentos para mim e meus irmãos sobre alguns acordes de violão, falar que cantava para que sua memória permanecesse viva, que criava cordéis para que seus netos soubessem de suas histórias.

Para as pessoas que habitavam os centros no período de auge dos fluxos migratórios não oficiais, a arte, nas suas diferentes linguagens, a música, o teatro, a poesia e as artes plásticas estavam presentes em todas as suas atividades cotidianas. Nas paredes de todas as casas de um determinado centro, sempre havia um quadro que representava uma imagem religiosa ou uma paisagem do lugar de origem dos moradores, principalmente do chefe da família¹³. Essas pinturas eram produzidas por familiares ou vizinhos com materiais retirados da natureza e comprados nos municípios próximos. A moldura dos quadros era feita com cipós, pedaços de bambu, galhos de árvores e palhas de coco-babaçu e buriti. Usavam,

¹³ O patriarca, o homem mais velho da família.

como suporte para desenhar e pintar suas figuras, sacos de estopa, pedaços de tecidos e papel de embrulho.

Os desenhos eram criados em sua maioria com pedaços finos de carvão, outras vezes eram desenhados com lápis grafite. As pinturas eram feitas com as mãos ou pincéis confeccionados pelos próprios artistas. Além do desenho e da pintura, os moradores dos centros tinham grande apreço por esculturas, eram poucas as famílias que não tinham um parente que produzisse essa arte. As esculturas estavam presentes nas brincadeiras das crianças, por meio de bonecas de palha, barro e madeira, nos carrinhos de lata, madeira e ossos, nas imagens de santos católicos, nas panelas de barro decoradas com desenhos feitos com gravetos e carvão, nos arranjos de flores de plástico ou de tecido, nas almofadas de palha de arroz, nos calçados de madeira, etc.

O teatro, a música e a literatura expressavam momentos de socialização, comunhão, diversão, decisões políticas, rituais religiosos e contribuíam para a educação das crianças. A manifestação dessas artes ocorria em momentos específicos,

frequentemente nos finais de tarde, na boquinha da noite¹⁴, quando as pessoas retornavam para suas casas após um dia de trabalho na lavoura. Muitas vezes começava com um morador que, após chegar da roça, tomar banho e jantar, sentava num tamborete no alpendre de sua casa com um pandeiro ou um tambor ou uma viola faltando a metade das cordas. Iniciava uma cantoria, declamação de cordel¹⁵, cantava causos¹⁶, frequentemente composta por ele ou algum familiar. Poucos minutos depois, chegava um vizinho carregando numa das mãos um tamborete e na outra um instrumento musical, que podia ser sanfona, viola, violão, pandeiro, triângulo, chocalho e sinos. Em seguida, chegava outro vizinho com sua esposa, e os jovens e as crianças se aproximavam; motivadas pelas músicas,

¹⁴ Como os moradores dos centros, povoados e municípios chamam o início da noite.

¹⁵ Folhetos com poesia popular; alguns são decorados com xilogravura.

¹⁶ Histórias inspiradas na cultura do centro e no modo de vida dos seus moradores.

começavam a dançar. Alguém acendia um fogareiro¹⁷ para assar carne, toucinho e milho. Outra pessoa cuidava para não faltar cachaça da terra¹⁸, principalmente para os artistas da noite que tocavam, cantavam e declamavam.

Assim, o furdunço¹⁹ estava arrumado, a festa durava “altas horas da noite”. As pessoas comiam, bebiam, contavam causos, declamavam cordéis, encenavam histórias de santos, encantados, lendas e romances. Os alpendres e terreiros eram locais onde ocorriam manifestações artísticas coletivas. Muitas vezes, alguém criava um verso ou um cordel quando estava trabalhando na roça e esperava chegar a boquinha da noite para mostrar para seus vizinhos e familiares sua nova criação. Outras vezes, criava novos instrumentos musicais ou novas melodias com objetos de uso cotidiano, como latas e panelas.

¹⁷ Fogão de barro, feito de forma rústica, algumas vezes modelado com barro dentro de uma lata grande, outras modelado somente com barro no chão.

¹⁸ Cachaça artesanal produzida pelos moradores dos centros para seu próprio consumo.

¹⁹ Nos centros, furdunço significa festa, bagunça e brincadeira.

Para criar um som harmonioso das panelas, principalmente das de alumínio, exigiam-se habilidades como rapidez, ritmo e leveza nas mãos no bater objetos contra a panela. Cada objeto e tipo de material causavam um som diferente; por exemplo, a batida de uma colher de madeira na panela de alumínio gerava um som; a de um pedaço de ferro, outro; a de um pedaço de latão, outro; etc. O uso de panelas como instrumento musical era comum nos centros, no dia a dia da maioria das pessoas. Eram usadas por mulheres durante a lavagem de roupas nos igarapés, durante o preparo de alimentos e trabalho na lavoura, por crianças no decorrer das suas brincadeiras e quando ajudavam seus familiares com algum trabalho.

Até o final da década de 1990, a arte dos centros era produzida com materiais da região; os artistas eram pequenos agricultores, vendedores ambulantes, pescadores, madeireiros e vaqueiros, todos moradores dos centros ou dos povoados próximos. As temáticas apresentadas se referiam ao modo de vida das pessoas dos centros, regiões vizinhas e dos locais de

origem dos colonos, retratavam modos de vida, crenças, sonhos e lutas.

No povoado Santo Antônio e na Vila União, é habitual os moradores se reunirem no alpendre de vizinhos para beber cachaça e cantar cantigas regionais, na maioria das vezes ao som de um pandeiro e violão, principalmente em época de festejos religiosos; outras vezes se reúnem para conversar, contar causos e fazer ladainhas²⁰.

Na época da chegada dos colonos à Pré-Amazônia maranhense, suas produções artísticas contribuíam para a continuidade das práticas culturais regionais nas relações de parentesco e de amizade, nos rituais religiosos e na educação de seus filhos. Eram também algo que dava esperança, continuidade às crenças, fé, alívio à dor e ao sofrimento das pessoas, as quais durante as apresentações se esqueciam dos conflitos territoriais que vivenciavam, das intrigas e ameaças, do descaso do governo. Reuniam-se para trabalhar na roça, faziam arranjos matrimoniais e de apadrinhamento, decidiam criações

²⁰ Rezas.

de benefícios para os centros em que moravam, como abertura de estradas na mata, construção de pontes, etc.

A habilidade artística do meu avô contribuiu para a construção de relações de amizade, as quais evitaram inúmeras situações de violência nos primeiros anos de formação da Vinte.

Nos dias de hoje, meu tio Dio diz que foi nossa família que construiu a quadra Vinte. Isto porque foi ele que, ainda muito jovem, construiu uma igreja evangélica Assembleia de Deus e assumiu o posto de pastor.

Ocupando a posição de pastor evangélico, em pouco tempo se tornou um homem respeitado até pelos mais velhos. Exerceu a função de administrador do lugar durante muito tempo. Criou e impôs leis e regras para os moradores. Atuou como mediador de relações intrafamiliares e de conflitos sociais.

A igreja era um grande barracão de taipa²¹, coberto com palhas de tucum, com alguns bancos construídos de modo

²¹ Conhecido em diversas regiões do Brasil como casa de pau a pique, casa de barro, barro armado, taipa de sapapo e taipa de

grosseiro, que era necessário sentar com cuidado para que as felpas²² não rasgassem a roupa e furassem o bumbum das pessoas.

Era um lugar de encontro dos moradores, ao qual as pessoas iam por diversos motivos, fosse para olharem e ouvirem meu tio lendo a Bíblia, que era um jovem de ótima aparência, de pele branca, rosto corado, alto, forte e de mãos macias pelo fato de nunca ter trabalhado duro na lavoura como os demais jovens, fosse para as pessoas cantarem, rezarem, orarem, conversarem e sorrirem juntas.

Era o lugar onde ocorria troca de alimentos, produtos, terra, madeiras, dentre outras coisas. Onde as pessoas buscavam soluções para diversos conflitos, como intrigas, brigas, roubos, assassinatos, invasão, questões matrimoniais, principalmente quando uma moça fugia com um rapaz, e o pai

sebe. Na Vinte, a técnica de construção consistia em fazer a armação de uma casa usando madeira bruta, como galhos e restos de árvores, e depois tapar com barro. O telhado geralmente era de palha ou com pedaços de tábuas.

²² Pedaços de pau pequeno que parecem espinhos quando furam a pele.

da moça queria a qualquer custo matar o rapaz ou seu pai por ter desonrado sua filha e sua casa.

Nesse último caso seria feito um casamento de emergência, celebrado pelo pastor, para posteriormente ser realizado o casamento no civil, o que quase nunca acontecia, mas o importante é que dentro do vilarejo a moça não seria falada e nem sua família desonrada. A celebração do pastor colocava a mulher numa posição de senhora de respeito e o homem, de chefe de família. Significava, ainda, o início de uma nova família no lugar. Além disso, a igreja era também um lugar de tomada de decisões que envolvia a vida de todos os moradores, fossem políticas, de terra, venda de alimentos, exploração de madeira ou, sobretudo, de questões religiosas, como, por exemplo, a igreja proibia a construção de terreiros de macumba²³ e altar com imagens.

Porém, por mais que todos os moradores da Vinte e os de outras quadras próximas, como os da Dez e os da Trinta,

²³ Como é chamado o culto ou ritual da religião umbanda na zona rural do Maranhão.

frequentassem rotineiramente a igreja evangélica e ouvissem sem reclamações as proibições do pastor, isso não significava que todos fossem evangélicos.

Penso que o maior motivo pelo qual as pessoas iam para a igreja é porque ela era um espaço de uso coletivo, onde as pessoas faziam plantações no quintal, cozinhavam e comiam juntas, bebiam pinga, jogavam baralho e proseavam.

Acredito nisso, e um dos motivos é que na Vinte a explicação e a razão para tudo o que ocorria estavam relacionadas a crenças, rituais, mitos e superstições. O próprio pastor nunca realizava um culto sem antes tomar banho com ervas ou ser benzido.

A religiosidade das pessoas do lugar foi um modo que meu tio Dio encontrou para exercer poder e obter respeito e privilégios e, sobretudo, ditar leis e regras. Mas, no vilarejo, moravam pessoas que não estavam dispostas a seguir e obedecer ao que estava imposto. Queriam exercer poder e ditar suas leis e regras. Assim, à medida que chegavam mais pessoas, os conflitos, disputas, intrigas e crimes aumentavam.

Infelizmente, este é um lugar que ainda é esquecido pelo Estado e pela sociedade brasileira. A estrada que o conecta com povoados e municípios próximos ainda é a mesma estrada estreita e enlameada²⁴ em que andei cambaleando²⁵, de pés descalços, no início da década de 1990 e que, em razão da minha pouca visão²⁶, errava o caminho aqui e acolá e pisava nas pequenas moitas de espinhos, outras vezes pisava propositalmente numa poça d'água²⁷ somente para sentir os girinos passando por cima dos meus pés, enquanto passava a língua em cima das folhas das plantas para beber gotas d'água.

Na Vinte nunca foi construído um posto de saúde, nem uma escola, e a energia elétrica chegou a algumas casas somente na primeira década dos anos 2000.

²⁴ Com lama.

²⁵ O mesmo que andar trambecando, vacilando, torto e desequilibrado.

²⁶ Nasci com baixa visão, enxergando muito pouco, entre três e dez por cento da visão total que uma pessoa sem doenças na visão tem.

²⁷ Trata-se de um pequeno acúmulo de água num caminho de terra; neste caso, a água acumulada era de quando o rio Maracáumé e Igarapés transbordavam ou quando chovia.

Os poucos moradores que vivem na Vinte ainda passam por situações caóticas semelhantes às que vivi, principalmente no período do inverno, quando há fortes chuvas e o rio Maracaçumé enche que trasborda, e os moradores ficam “ilhados”. Quando uma pessoa adoece, a única forma de chegar a um hospital é ser transportada na rede com a ajuda de duas pessoas carregando a pé ou, então, deitada na carroceria de uma caçamba²⁸. Mas algumas vezes as caçambas não passam na estrada em razão do grande alagamento. Carros pequenos, carroças e bicicletas, que nos dias de hoje são os principais meios de transporte dos moradores, não passam, podendo ficar atolados na lama e nos dias de chuva podendo ser levados pela correnteza.

As casas são distantes umas das outras. A situação dos moradores se torna pior porque, a cada dia que passa, o centro é ocupado por grandes fazendas, roças de maconha e

²⁸ Forma popular de denominar um veículo muito usado na construção civil, o caminhão basculante, mais conhecido como caminhão caçamba, e que é muito utilizado pela população do interior do Nordeste.

exploração de madeira ilegal. Isso provocou aumento de mortes, invasão, grilagem e perseguição a pequenos agricultores.

Por outro lado, ocorreram muitas mudanças culturais. Hoje, a presença de benzedadeiras, curandeiras e parteiras é quase inexistente. As crianças não ouvem mais histórias das pessoas e dos lugares de forma lúdica, as crenças que conduziam a maior parte da vida dos moradores parecem estar adormecidas.

Quando morava na Vinte, na maioria das famílias existia uma pessoa que era curandeira, parteira ou benzedeira, geralmente uma mulher. Todas elas tinham seus encantados prediletos e frequentemente faziam seus rituais de cura, milagres e salvação

No meu caso, passei por rituais de cura desde meu primeiro dia de vida, primeiro porque, de acordo com meus familiares, nasci muito pequena, quando comparada com as outras crianças recém-nascidas do vilarejo, e segundo porque

meu comportamento era estranho, fazia pouco barulho e praticamente não chorava.

Nessa época, meus familiares desconheciam minha deficiência visual, mas acreditavam existir alguma coisa diferente no meu corpo. Em razão disso, passei por centenas de rituais. Às vezes, aconteciam simultaneamente rituais pagãos e cristãos; outras vezes, não era nenhuma coisa nem outra, mas era obrigada a fazer porque se tratava de uma ideia dos meus pais ou de uma pessoa velha do vilarejo.

Meus familiares tinham a crença também de que eu estava pagando uma maldição de família e que por isso era uma menina “especial”, inclusive meu tio que era o pastor me explicava isso usando a Bíblia.

Frequentemente, ele lia versículos sobre maldição e havia um que dizia que uma família carregava uma maldição até setenta gerações, quando nascia alguém para pagar. Depois dessa explicação, fazia uma oração, falando com a língua enrolada, e ele e os moradores da Vinte acreditavam que era a língua dos anjos; para mim, não passava de gritos e de uma

atitude escandalosa. Ele gritava desesperadamente, batia os pés no chão, enquanto apertava e girava fortemente minha cabeça.

No caso da nossa família, seria eu quem estava pagando a maldição, e o castigo estava explícito no meu modo de ser estranho, mais umas dezenas de doenças que sempre me acometiam, como tuberculose, sarampo, catapora, papeira, asma e dores em todo o corpo.

Por causa dessas crenças, vivenciei muitas situações de violência na infância, incluindo práticas exorcistas e rituais de libertação, situações de exclusão que me dilaceraram a alma, me deram adjetivos preconceituosos que me causam pesadelos até hoje e que durante muito tempo me fizeram acreditar que carregava uma maldição, que era má por natureza, que nasci com sangue ruim.

Nos dias de hoje, após ser consciente da minha cegueira e da baixa visão que tinha na infância, compreendo o motivo que justifica minhas dores no corpo, que era a quantidade de machucados, arranhões, furos e queimaduras que tinha. Eles

são resultados de eu realizar as mesmas atividades e brincadeiras que as outras crianças que enxergavam. Como não enxergava a aparência das coisas, não sabia julgar algo como sendo feio ou belo, também desconhecia o significado de gosto ou cheiro bom ou ruim, por isso comia muitas vezes alimentos que ninguém comeria: frutas estragadas, feijão azedo, farinha com mofo. Tinha dificuldade de compreender o significado das palavras e sua relação com os objetos, demonstrava desinteresse por coisas visuais, desconhecia o sentimento de medo, susto e surpresa.

Embora não enxergasse nitidamente, quando criança não tinha consciência disso; para mim, o mundo era monocromático, tudo tinha tons de cinza, exceto o Sol, que brilhava como o fogo. Por não ter consciência, não tinha medo de cair, me cortar, me queimar. A única coisa que temia era a mesma que os outros moradores da Vinte, que eram maldições, a raiva dos encantados e alma penada. Algumas pessoas da Vinte morriam de medo de seus filhos morrerem de quebranto ou de nascerem amaldiçoados, por isso colocavam chifres de boi

nas cercas de suas casas para espantar mau-olhado. Oravam pedindo milagre ao Nosso Senhor Jesus, mas pediam proteção ao padim Padre Cícero e acendiam velas brancas todas as segundas-feiras para as almas.

Dessas crendices, as que mais marcaram minha infância foram as que se referiam à mãe-d'água e aos encantados que viviam dentro dos poços e igarapés. A primeira porque, segundo a descrição de meus familiares, se parecia comigo, ou seja, a mãe-d'água era uma mulher jovem, morena²⁹, de cabelos lisos e longos; todas as vezes que ouvia isso, ficava apavorada. E a segunda me obrigava a passar a maior parte do dia com meu irmão caçula escanchado na minha cintura porque, caso a criança ficasse sozinha, os encantados que viviam no poço subiam para a superfície e levavam a criança pequena, mesmo se ela estivesse distante.

Por causa dessas duas crenças, eu e as demais crianças da Vinte não podíamos tomar banho depois das dezoito horas

²⁹ Forma popular de chamar pessoas negras com tom de pele claro.

ou na boquinha da noite, porque a mãe-d'água nos levaria para morar dentro das águas e nos tornaríamos encantados.

Eu, assim como as demais crianças da Vinte, aprendi a trabalhar na lavoura com meus pais, a cuidar das crianças pequenas, a fazer meus próprios brinquedos usando madeira, galhos, folhas, sabugos, palhas e barro e aprendi, sobretudo, a acreditar e respeitar os encantados, e isso significava seguir as recomendações dos mais velhos, que diziam que o horário do último banho do dia era entre as dezesseis e dezessete horas.

Diariamente, por volta das dezesseis horas, eu juntamente com meus irmãos e alguns primos, depois de passar o dia inteiro pulando cercas para roubar frutas verdes dos quintais alheios, de matar periquitos com baladeira³⁰, roubar pregado³¹ da panela que estava em cima do fogareiro da vizinha para comer escondido, de ajudar a cuidar dos animais, aguar³² os canteiros e cuidar dos irmãos mais novos, íamos para o

³⁰ O mesmo que estilingue.

³¹ Arroz do fundo da panela, que geralmente fica torrado, seco.

³² No caso, molhar verduras plantadas nos canteiros.

igarapé tomar banho, mas, antes de pularmos na água, deixávamos uma arapuca³³ armada.

Algumas vezes, quando estávamos brincando na água, minha mãe chegava com uma barra de sabão de andiroba e bucha para nos esfregar e uma garrafa de sumo de jardineira³⁴, que era para perfumar nossos corpos assim que saíssemos da água.

Outras vezes, quando tomávamos banho sozinhos, sem a supervisão de um adulto, ficávamos entretidos brincando na água e pescando piabas no litro³⁵, que perdíamos a hora de voltar para casa. Mas logo que percebíamos que estava

³³ Armadilha para capturar pequenos pássaros.

³⁴ Planta de folhas compridas e perfumadas; na Vinte era muito utilizada para fazer banhos. O sumo consistia em deixar a planta de molho numa bacia d'água, depois amassá-la bem, espremer as folhas e utilizar a água.

³⁵ Pesca com litro consiste em: pegar uma garrafa de vidro, fazer um furo no fundo com a ponta de um espeto em brasa, tampar a boca com um saca-rolha ou um pedaço de madeira, colocar farinha de puba dentro e depois tirar a vedação da garrafa e fixar no fundo de um igarapé. Esse processo captura pequenos peixes/piabas. Essa era minha forma preferida de pesca.

escurecendo, saíamos correndo desembestados³⁶ em direção a nossas casas, com medo da mãe d'água, que nem nos dávamos conta que estávamos pelados e que nossa roupa havia ficado pendurada numa cerca, e sem pegar nosso litro cheio de piaba e correndo o risco de algum bicho comer nossa lambu capturada na arapuça.

Vez por outra, existia aquele dia em que nós havíamos feito mais arte do que de costume, ou tínhamos trabalhado muito ajudando nossos pais na lavoura ou no trabalho doméstico, e à noite, depois do jantar, estávamos com o corpo febril, dor no peito e com fastio³⁷.

Imediatamente, nossos pais nos enrolavam num lençol e nos levavam de carroça ou bicicleta à casa de alguma benzedeira para nos benzer. Ao chegar, entregavam-nos dizendo: “Meu bichin tá com quebranto³⁸ e arca caída³⁹”.

³⁶ Como falávamos na Vinte o ato de correr rápido.

³⁷ O mesmo que falta de apetite; inapetência.

³⁸ Feitiço ou mau-olhado.

³⁹ Espinhela caída; na cultura popular é um termo que significa uma forte dor no peito.

A benzedeira nos olhava, nos dava uma esticada, uns murrinhos⁴⁰ nas costas e no peito, depois ia ao quintal pegar alguns galhos de ervas e em seguida começava o benzimento. Logo que terminava, retornávamos para casa.

Lembro que quase todos os dias eu era benzida por alguma curandeira, fosse minha avó, uma tia, fosse alguma das senhoras que benzia na Vinte ou de outras quadras, em razão de eu estar com os olhos muito inflamados ou com o bucho⁴¹ empachado⁴². Não sei se devido à fé da minha mãe ou ao poder sobrenatural das benzedadeiras, minha cura era quase que imediata.

Mas, uma vez ou outra, a dor não aliviava com o benzimento, então era preciso tomar aguardente com pílula contra⁴³ e ir dormir logo na boquinha da noite, depois do jantar.

⁴⁰ Tapas leves feitos em massagens.

⁴¹ Como nós chamávamos barriga e estômago.

⁴² Dores no estômago. Problemas no fígado causados geralmente por má alimentação.

⁴³ Remédio em forma de pílula com ação analgésica e anti-inflamatória.

Constantemente, eu negava a dor que estava sentindo só para não ter que deitar cedo e poder ficar brincando de pião⁴⁴, pata-cega⁴⁵, canção⁴⁶ e bom barquinho⁴⁷ no terreiro⁴⁸ com outras crianças e com alguns jovens que preferiam ficar com a meninada do que no alpendre⁴⁹, onde se reuniam os adultos. A

⁴⁴ Pião é um brinquedo de madeira ou plástico, de forma cônica e com um bico, no qual é enrolada uma linha de algodão ou náilon e impulsionado a cerca de um metro de distância do ponto de origem, com o objetivo de fazê-lo rodar. Na minha infância, o pião era produzido pelas próprias crianças ou por seus pais, usando resto de madeira ou pedaços de galhos de árvores para esculpir o formato cônico, enquanto o bico era feito com prego.

⁴⁵ Brincadeira em que um dos participantes fica com os olhos vendados com uma tira de pano e procura pegar os outros e adivinhar quem foi pego. Em diversas regiões do Brasil é conhecida como cabra-cega.

⁴⁶ O mesmo que amarelinha.

⁴⁷ A brincadeira bombarquinho consiste em duas pessoas posicionadas na frente uma da outra, com os braços estendidos e mãos unidas, formando uma espécie de ponte, enquanto um grupo de pessoas organizadas em fila, com as mãos apoiadas nos ombros uma da outra, passam por baixo da ponte cantando cantigas.

⁴⁸ Parte do lado exterior e na frente de uma casa, aberta e de chão batido.

⁴⁹ Uma parte da entrada de uma casa, suspensa por estacas e coberta. Na minha casa, o alpendre era coberto com palhas.

verdade é que os jovens, ao estarem com as crianças, davam umas escapadas aqui e acolá para namorarem escondidos de seus familiares atrás das árvores e das cercas.

Durante minha infância, as crianças brincarem no terreiro e os adultos conversarem, jogarem dominó, beberem pinga e conhaque no alpendre de suas casas era um hábito diário que representava um momento de descanso e relaxamento depois do trabalho na lavoura, que começava muito antes de o dia amanhecer, geralmente em torno das quatro horas, quando os moradores acordavam, preparavam suas marmitas, arrumavam suas ferramentas, uma trouxa com um punhado de café e outro de farinha e seguiam em direção à roça. Retornavam no final da tarde.

Um alpendre era o segundo espaço mais importante para os moradores, ficando atrás somente da igreja, pois era nele onde ocorriam as principais celebrações e festas, como as de casamento, nascimento, morte e colheita. Era o lugar também onde ocorriam os principais atos de poder, dominação e

violência de uma família contra outra da mesma quadra ou de uma quadra diferente.

Por exemplo, chegava a um terreiro, montado num cavalo, o cabeça⁵⁰ de uma família, que geralmente era o homem mais velho de uma casa, com uns três filhos jovens e mais alguns capangas armados. Esse chefe de família sempre era um homem que tinha uma boa extensão de terra, algumas cabeças de gado, burros, éguas, cavalos e vários animais de pequeno porte.

Do meio do terreiro, ele gritava chamando o dono da casa, que também era um homem, o chefe da família, mas tinha menos condições econômicas e, até mesmo, menos filhos jovens que pudessem ajudá-lo com o trabalho na lavoura.

Ao sair na porta, antes de falar uma palavra, o homem no meio do terreiro grita: “Isso é meu!”. O dono da casa tinha duas escolhas: a primeira seria entregar tudo para o invasor e ir procurar outro lugar para morar, enquanto seria chamado de covarde e medroso pelos outros moradores; a segunda seria

⁵⁰ O líder, o chefe de família.

enfrentá-lo e terminar morto com tiros de espingarda ou facadas.

Existiam, também, as ocasiões em que o homem que tinha sua propriedade ameaçada matava na moita um filho daquele que o ameaçou, e com isso se dava início a um ciclo de mortes no vilarejo, em que a família de um morto queria vingar sua morte.

Isso ocorria, principalmente, porque na Vinte não existia nenhum tipo de fiscalização policial. Quando ocorriam crimes, eram os próprios moradores que faziam a justiça.

Outro motivo é que, até o final da década de 1970, nenhum dos moradores da Vinte possuía documento que comprovasse que era dono da terra em que morava. Existiam apenas alguns moradores, como meus familiares, que possuíam um documento que lhes dava o direito de morar, fazer roças e criar animais na terra em que viviam. Este documento era chamado por eles de Carta de Noé e lhes foi dado pela Colone⁵¹ alguns anos depois que chegaram à Vinte.

⁵¹ Companhia de Colonização do Nordeste.

Por isso, ninguém estava seguro na terra em que morava, os conflitos por posse de terra eram comuns, assim como o surgimento de documentos falsos, roubos de documentos e muitos assassinatos.

No entanto, existiam outros motivos pelos quais ocorriam assassinatos, que eram roubos de bens numa propriedade, rixas entre famílias e disputas por áreas de exploração e venda de madeira ilegal. Foi este último motivo a razão de, no início dos anos 1990, a maioria dos meus tios ter morrido.

Na minha família, o cabeça oficial era meu avô, mas quem respondia por tudo era meu tio Dio, que, de uma hora para outra, se tornou inimigo do Paraibano, um homem branco, alto, forte, que andava sempre vestido com uma camisa de mangas curtas com os botões abertos até a metade do peito e uma calça jeans com um cinto de couro e um revólver 32 pendurado de um lado e uma peixeira⁵² do outro.

⁵² Faca de tamanho médio utilizada para cortar peixes, e também carnes, podendo ser usada como arma.

Era o homem mais temido da região, que contava em detalhes cada um dos assassinatos que havia feito, e na minha família deixou um rasto⁵³ de sangue e sofrimento, que as únicas testemunhas são as sepulturas do cemitério da Vinte e de Maranhãozinho⁵⁴.

A briga inicial ocorreu na metade da década de 1970 por disputas de áreas de exploração de madeira, que resultou em duas mortes da família do Paraibano e três mortes da minha família. Em seguida, por brigas de terra, que resultaram em uma morte em cada uma das famílias. Depois, por intrigas, quando surgiu o boato⁵⁵ de que minha tia estava namorando escondido com o filho do Paraibano. O resultado foi meu avô ser espancado brutalmente e ter dois dedos amputados e depois ser jogado na porta da sua casa; com isso, minha tia precisou fugir às pressas para não morrer.

⁵³ Forma que minha avó e as pessoas que moravam na Vinte chamavam os passos de uma pessoa no caminho.

⁵⁴ Um município do Maranhão, mas que até 1996 era um povoado.

⁵⁵ Fuxico, fofoca.

Passados alguns anos, minha família foi seio de mais mortes, e dessa vez o motivo foi por disputas de áreas de extração e venda de madeira. Um outro tio, que ainda era muito jovem, foi assassinado com tiros de espingarda quando derrubava madeira numa área explorada por outra família. Com isso, meu tio Dio decidiu vingar sua morte; isso deu início a mais um ciclo de assassinatos e espancamentos entre duas famílias.

Nesse tempo e nessa região, o ato de vingar o assassinato de um familiar tratava-se de motivo de honra e reconhecimento do cabeça de uma família. Quem vingava era reconhecido e respeitado dentro da família e temido na sociedade. Não vingar a morte de um familiar significava que uma família não tinha honra, que os homens eram frouxos⁵⁶ e covardes.

Lembro-me de um dia ouvir o pastor, que também era meu tio, falar durante uma pregação, na qual estava a maioria dos moradores da Vinte, que o diabo estava cercando as casas de seus familiares e matando seus irmãos e que ele precisava muito de oração para vingar suas mortes.

⁵⁶ Medrosos.

Na metade dos anos 1990, um dia ouvi outra pregação dele, que dizia: “O diabo tá à espreita querendo matar meu irmão caçula, e por isso vô embora daqui; mas, daqui a uns anos, eu volto, meus irmãos”.

Uns três ou quatro dias depois, meu tio foi embora da Vinte, e até hoje nunca mais voltou ao Maranhão. Contou-me recentemente que sente medo, um frio na barriga, só em pensar que ainda pode encontrar algum familiar do Paraibano, e esse parente querer matá-lo.

Depois que ele foi embora, os únicos familiares do sexo masculino que tinha na Vinte eram somente meu tio Naí, que ainda era um garoto raquítico de uns doze anos; meu pai, que era considerado na região um homem de pouco respeito e honra devido a sua aparência cômica e a ser um cabra⁵⁷ preguiçoso; meu avô, que, por mais que nossa família estivesse num ciclo de morte e dor, nunca largava sua viola, estava sempre cantando, proseando, sorrindo, bebendo cachaça e

⁵⁷ Na Vinte, forma para se referir a um homem com características de preguiçoso e safado.

entretendo as pessoas contando seus causos; e meus irmãos e meus primos, que eram meninos de nove anos para baixo.

Lembro-me de que, depois da morte do meu tio na mata, da partida do meu tio pastor e com a fuga da minha tia que ninguém sabia seu paradeiro, minha avó, que já era uma pessoa de poucas palavras e que demonstrava pouco as emoções, passou a viver num silêncio profundo: estava sempre sozinha no quintal ou dentro do seu quarto, sempre com uma expressão triste e muitas vezes chorava em silêncio, que eu só percebia que ela estava chorando porque jorravam lágrimas dos olhos que molhavam todo o seu rosto.

Nesta época minha avó adoeceu, dia após dia ficava mais triste, isolada e em silêncio e perdeu tanto peso que sua aparência ficou irreconhecível.

Devido a esses acontecimentos, o alpendre da casa dos meus avós, que antes vivia lotado de gente conversando, cantando, tocando sanfona e viola, gargalhando, bebendo pinga, jogando dominó, fumando cigarro de palha ou cachimbo, onde sempre tinha um fogareiro aceso assando carne de porco,

milho, jerimum ou inhame, uns comendo rapadura para tudo quanto era lado, enquanto outros paquerando escondidos ou falando mal de alguém, tornou-se um lugar silencioso, além de ter se tornado um lugar de superstições, a respeito do qual algumas pessoas juravam que as almas penadas dos meus tios passavam a noite circulando no meio do terreiro.

Mas, em algumas boquinhas de noite, ficávamos alguns instantes ouvindo os causos do meu avô e o som da sua viola. Minha avó nunca saía nem na porta da rua, deixou de ir à igreja, a qual, depois que meu tio foi embora, passou a ser dirigida pelo irmão Juno, que era obreiro na época em que meu tio Dio era pastor.

O atual pastor só era chamado de irmão Juno ou pastor na igreja mesmo, porque no vilarejo todos o chamavam de Juno vara de bambu, por ser muito alto, magro esquelético; tinha um rosto comprido e uma boca enorme. Gostava de mascar fumo, beber pinga e São João da Barra escondido, por isso, e mais umas dezenas de fuxicos a seu respeito, nunca foi

completamente respeitado nem exerceu um papel de liderança do lugar.

Com isso, o alpendre mais visitado da Vinte passou a ser o da minha casa, não somente era o mais visitado, como ainda era o lugar em que ocorria mais furdunço, encontros e confusões também.

Meu pai, apesar de lá não ser um homem respeitado e de boa condição econômica, era engraçado e um bom anfitrião, gostava de ver a casa cheia, com gente bebendo e comendo. Além disso, havia se filiado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia do Tide, um município distante uns setenta quilômetros da Vinte, o que fez com que ele viajasse com mais frequência para outros povoados, municípios e quadras para participar de reuniões sobre questões de terra e política.

Todas as vezes que ele chegava dessas reuniões, narrava o que tinha escutado e o que estava acontecendo nas redondezas⁵⁸ para outros moradores da Vinte. Essa sua atitude

⁵⁸ Lugares próximos da Vinte.

passou a ser bem-vista, e muitas pessoas iam conversar debaixo do seu alpendre para ouvir suas histórias.

Uma vez ou outra, levava alguns jornais velhos, cujas notícias estavam ultrapassadas em torno de trintas dias, e deixava em cima de uma mesa no meio do alpendre para quem quisesse ver. Mas poucas pessoas se interessavam, até porque quase ninguém sabia ler; os jornais acabavam servindo como papel de embrulho para tampar uma fresta numa parede ou ser colocados na privada para ser usados como papel higiênico.

Um certo dia, meu pai chegou de uma viagem que havia feito para Santa Inês, usando um relógio Orient novinho no pulso e com um rádio grande à pilha que o som dava para ouvir a distância.

Esses bens o tornaram de repente o homem mais popular e rico do vilarejo. E nosso alpendre passou a ficar lotado todas as noites depois do jantar, quando as pessoas iam para ouvir as programações no rádio, fossem jornais, radionovelas, futebol, músicas, aulas, fossem propagandas.

Em se tratando de propagandas, lembro-me, ainda hoje, da propaganda do sabonete Vinólia, que limpava, deixava macia e rejuvenescia a pele, e a do Biotônico Fontoura, que acabava com o fastio das crianças. Nessa época, o Biotônico virou uma febre⁵⁹ na Vinte. Todas as crianças tomavam para ficarem gordas, fortes e saudáveis.

Mas, por outro lado, existiam muitas pessoas na Vinte que eram escabreadas⁶⁰ em relação ao meu pai, por não saberem nada da sua vida e nem ao certo o que fez com que ele fosse morar na Vinte. Existiam vários fuxicos: alguns contavam que ele estava na Vinte fugindo para não ser morto, outros que ele seria órfão, outros que se aproveitou de algum abestado para andar de graça, e assim surgia um fuxico atrás do outro.

Algumas vezes alguém lhe fazia perguntas sobre sua história, mas ele sempre dava um jeito de mudar de assunto. Raramente, e só quando estava muito bêbado, falava da sua vida, mas de um modo tão confuso que ninguém levava a sério.

⁵⁹ Tornou-se popular: consumido por todos.

⁶⁰ Desconfiadas.

Num instante dizia que era cearense, natural de Juazeiro do Norte, noutro que era piauiense, noutro que era de Brasília e, por fim, que era maranhense nascido em Maranhãozinho, havia sido criado no mato, sozinho, depois de seus pais terem sido comidos ora por uma onça, ora por uma sucuri.

Suas narrações eram tão embaralhadas que nem ele mesmo acreditava no que dizia. O certo é que meu pai não tinha nenhum familiar na Vinte e nunca ninguém conheceu nenhum parente seu.

Diziam as más-línguas que ele era um pé-rapado qualquer que vivia vendendo bugigangas pelo Nordeste inteiro, até que encontrou um grupo de colonos cearenses na estrada e se encostou neles e acabou chegando às Vinte dizendo que era cearense também.

Era um homem pequeno e magro, que a barriga encostava nas costelas, de pele branca e queimada pelo sol, tinha um olho verde e o outro azul, dentro do olho azul tinha um sinal marrom, seus cabelos eram extremamente pretos, sedosos e ondulados. Não era feio, mas era desajeitado. Falava

rápido, andava ligeiro com as pernas miudinhas e finas batendo uma na outra de um modo engraçado. Seu semblante mostrava inocência e ao mesmo tempo malícia e medo.

Sua aparência e seu modo de ser sempre eram motivo de riso entre crianças e adultos. Embora se irritasse rápido e vez por outra entrasse numa briga, as pessoas sorriam ainda mais dele, dizendo que, quando se zangava, ficava ainda mais engraçado porque seus olhos pareciam saltar, suas bochechas ficavam vermelhas e sua boca parecia bucha.

Algumas pessoas lhe aconselhavam não se fazer de brabo, porque isso só daria mais motivo para falarem e sorrirem dele.

Um dia, dois de seus dentes da frente quebraram quando comia carne com farinha e, desde então, isso foi mais um motivo de riso, principalmente entre as crianças.

Meu pai se alimentava de um modo estranho e seboso, fazia todas as suas refeições numa cuia; depois de um tempo, minha mãe substituiu a cuia, que estava se desfazendo de tão velha, por uma tigela de vidro.

Nunca mastigava os alimentos, apenas os engolia muito rápido, jogando colheradas rápidas dentro da boca, como um trabalhador de obras de construção joga pás de terra dentro de um carro de mão.

Sua dieta alimentar era pouco variada, passava semanas comendo a mesma coisa, geralmente cuscuz com feijão. Outras vezes, misturava com legumes cozidos, fava, verduras, mas raramente comia um pedaço de peixe ou carne de porco e mais raramente ainda comia um pedaço de carne vermelha.

Gostava da comida com muita gordura de porco ou azeite de coco, depois de cada refeição comia um pedaço de rapadura e depois umas duas canecas de caldo de cana. Após alguns minutos, bebia um copo grande de café com borra e adoçado com mel ou rapadura. Aliás, meu pai passava o dia todo comendo rapadura e bebendo café e, todas as noites antes de dormir, sentava numa cadeira de macarrão no meio do terreiro e enrolava um cigarro de palha para fumar olhando para o céu.

Lembro-me de ele dizer que não gostava de carne por causa do gosto de sangue, que não gostava de limão porque era

azedo e não gostava de pimenta porque ardia. Além disso, era uma pessoa cheia de manias e superstições.

Mas, nos dias de domingo, mesmo contra sua vontade, comia arroz com caldo de carne cozida com muita verdura e, de sobremesa, mingau de arroz⁶¹, adoçado com mel ou rapadura.

Esse era o prato especial de domingo que minha mãe preparava para toda a família e alguns vizinhos comerem depois do culto, fosse no quintal da igreja, fosse na casa de um morador.

Era o dia também em que todos nós comíamos balas de rapadura à vontade. Meu pai fazia a rapadura e, antes que ela ficasse dura por completo, minha mãe cortava-a em pequenos quadradinhos e colocava-os dentro de um balde de alumínio bem areado.

No finalzinho da tarde, ela colocava o balde em cima de uma cadeira no canto do alpendre de nossa casa para as crianças pegarem quando quisessem. Antes mesmo de minha mãe colocar o balde cheio de pedacinhos de rapadura para as

⁶¹ O mesmo que arroz-doce.

crianças, eu enchia meus bolsos e cóis da minha saia o máximo que podia. Comia tanta rapadura que meus lábios ficavam doces e marrons.

As tardes de domingo eram dias em que meus pais estavam de folga do trabalho na lavoura. E logo depois do almoço ficávamos deitados na rede debaixo do alpendre embalando-nos para passar o calor; comíamos castanha-de-caju e tomávamos suco de murici ou juçara⁶² com farinha e frutas que eu e meu primeiro irmão colhíamos na roça ou no quintal de casa.

Na boquinha da noite, antes de jantarmos sopa de legumes feita com o caldo do cozido do almoço, cheio de folhas de quiabo e couve, eu juntamente com meu irmão levávamos uma vasilha cheia de sopa para minha avó.

Depois do jantar, sentava-me no batente da porta de entrada da nossa casa, esperando meu avô, que nunca deixou de contar suas histórias na boquinha da noite aos domingos. Quando chegava, era certo que traria algum presente, fosse um

⁶² Conhecida em outras regiões do Brasil como açai.

bombom de café, um geladin⁶³, uma cocada, um doce, fosse então algum brinquedo que ele mesmo havia feito de madeira ou de papel de embrulho.

Você já ouviu o ditado “quem conta um conto aumenta um ponto”? Pois é, acredito que este ditado surgiu entre meus familiares, ou melhor, se ele não foi criado, com certeza foi aperfeiçoado pelo meu avô. Ele era um tipão de homem de meia-idade, carismático, alto, pele branca, bochechas coradas, usava sempre uma camisa branca e limpa com cheiro de alfazema e anil, chapéu de palha e bota de couro que ele mesmo fazia. Tocava sanfona, viola e flauta. Com qualquer pedacinho de couro ou madeira, fazia uma escultura, um brinquedo ou algum objeto utilitário de uso doméstico. Tudo ao seu redor se tornava um verso, uma poesia, uma história com personagens com aparência, gostos e modos dos moradores da região.

Meu avô, além de ser um excelente contador de causos⁶⁴, tinha, como todo bom narrador, um dom maravilhoso de

⁶³ Suco congelado em pequeno saquinho; em algumas regiões do Brasil é chamado de sacolé, dindim, suquinho, etc.

⁶⁴ Relato curto de algum acontecimento.

prender a atenção e envolver quem ouvisse suas histórias, fazendo com que o ouvinte viajassem sem sair do lugar, fantasiasse e vivesse experiências em mundos distantes, mágicos e misteriosos. Era capaz de fazer o ser mais descrente do mundo acreditar em coisas inimagináveis e capaz de fazer o homem mais corajoso e valente correr com medo de alma penada e lobisomem.

Lembro-me de que uma vez um grupo de crianças que pegavam frutas no cemitério avistou uma sepultura com a terra revirada e com marcas de passos – suponho que provavelmente foram os jumentos que pisaram em cima e reviraram a terra e que as marcas de passos eram das próprias crianças. Meu avô, quando soube desse ocorrido, começou a relatar a história do defunto, dizendo que se levantou da cova em forma humana, ou seja, em carne e osso, mas que precisava colocar um corpo em sua sepultura para que pudesse viver novamente na terra.

Com isso, as crianças ficaram apavoradas, com medo de serem enterradas na cova, então deixaram de brincar e pegar frutas no cemitério. Tinha algumas, como eu, que até deixaram

de andar na rua do cemitério. Na verdade, por causa dessa história, tenho medo de cemitério até hoje, por acreditar que a qualquer momento o morto vai sair da cova e me enterrar, ou então porque vou enxergar sua alma penada.

Em suas histórias, Deus, anjos, espíritos, seres celestes, encantados⁶⁵, demônios e o Diabo vivem entre nós nos espreitando, nos vigiando, interferindo nas nossas ações e, muitas vezes, sorrindo de nossas fraquezas, mas, como somos bichos arteiros, sempre encontramos uma forma de escapar das vinganças, raivas e brincadeiras desses seres.

Eu amava as histórias do meu avô e pude desfrutá-las durante muitos anos, principalmente quando andávamos no caminho de casa para a roça e da roça para casa, montados num burro. Eu sentada de um lado dentro de um jacá e meu irmão Milo do outro lado, enquanto meu avô ia sentado na sela.

Nessa época, acreditava tanto nas suas histórias que podia enxergar as personagens que ele descrevia. Acreditava que vivia num mundo mágico, que meus alimentos e minha

⁶⁵ Espíritos de luz cultuados em diversas religiões.

bebida eram sagrados. A verdade é que ainda acredito em suas histórias, e ainda hoje meu modo de comer e me relacionar com os alimentos, as plantas, minha casa, minhas roupas e com o mundo ao meu redor é semelhante ao modo da minha infância.

Gosto de nomear as coisas e os seres ao meu redor, segundo sensações, sentimentos, emoções e percepções que causam em mim; busco encontrar sentido diferente para aquilo que os olhos videntes⁶⁶ veem, mas não fazem sentido algum para mim. Tudo ao meu redor está vivo, sente, percebe, produz conhecimento, transforma e é transformado no mundo social. Às vezes, quando estou sozinha em silêncio, principalmente quando estou deitada numa rede ou caminhando em lugares desconhecidos, sem conseguir sentir o chão, sem conseguir me situar, quando estou desorientada pelo excesso de barulho, ouço a voz do meu avô distante. Aí paro um momento, e ouço sua voz mais próximo de mim; alguns instantes depois, eu me situo no espaço e na minha mente, sinto meus pés no chão.

⁶⁶ Que ou quem enxerga.

Posso ouvir o som dos meus passos pisando nas lamas, nas plantas e nas beiras dos caminhos de terra batida, ouço o som das folhas, do revoar das curicas, da água do igarapé, das gargalhadas dos meus irmãos, dos gritos da minha mãe, das brigas do meu pai e do silêncio da minha avó. Sinto o cheiro das ervas fervendo no fogareiro para fazer lambedor, das flores do cemitério, das frutas verdes, do café no bule. Sinto meu corpo, me reconheço e me encontro.

Compreendo que foram as histórias do meu avô e as crenças e o cuidado da minha avó que tornaram minha infância menos dolorida e garantiram minha sobrevivência até os dias de hoje. Deram e dão sentido à minha vida.

Dentre essas histórias, a que mais me marcou foi também a que meu avô mais contou, porque era a que mais o empolgava e o enchia de orgulho. Era a história do seu casamento com minha avó, que teria ocorrido no final da década de 1950, assim que chegou à Vinte vindo de Jati, um município do estado do Ceará, com um grupo de colonos, em

busca de terras para morar, criar animais, fazer roça e extrair madeira da Reserva Florestal do Gurupi.

Durante a narração dessa história, meu avô estufava o peito e batia com a mão dizendo que havia salvado minha avó quando ela era uma criança pequena e estava sozinha perdida na mata e que isso teria ocorrido assim que ele chegou de Jati, no momento em que estava na mata derrubando árvores para vender a madeira. Relatava-me assim:

“Eu era um cabra novo, um rapaizote⁶⁷ solteiro quando cheguei aqui. Vim junto com algumas família de Jati. Levamo uns três mês de viagem⁶⁸, porque vimo de mudança, trazendo muié⁶⁹, menino e animal. O primeiro lugar que paramo foi em Vitorino Freire; lá passamo uns dia, mas não conseguimo lugar pra ficar. Mas ficamo sabendo que existia um lugar pra essas banda, que tinha muita terra, pasto e que tinha gente ficando

⁶⁷ Um rapaz jovem e solteiro. A grafia dicionarizada é “rapazote”, sem a letra “i”.

⁶⁸ Viagem – forma registrada nos dicionários.

⁶⁹ Como se chama mulher em diversas partes do interior do Maranhão e do Nordeste.

rico com venda de madeira. Aí nos juntamo e seguimo viagem. Chegando em Bom Jardim, que nessa época era um povoado de pouco morador, em pouco tempo conseguimos um pedaço de terra, fizemo uma casa, botamo roça e comecei trabalhar derrubando madeira pra vender.

“Depois de um tempo mandei uma carta pra Jati falando que aqui era muito bom, e em pouco tempo veio meu pai, minha mãe, meus irmão e uns primo que ainda era novo. Aí a maioria dos rapaizote como eu fomo trabalhar com madeira, uns derrubando na mata, outros carregando tora pra vender nas serraria em Santa Inês ou em Paragominas⁷⁰, que nessa época era o lugar que mais comprava madeira tirada da Gurupi. Os que não trabalhava com madeira trabalhava na lavoura e criando porco, galinha e bode.

“Trabalhando como maderero⁷¹, descobri que muito cearense, piauiense e pernambucano tava se apossando de muita terra pras banda do rio Maracaçumé e que já tinha até

⁷⁰ Um município do estado do Pará.

⁷¹ Madeireiro.

alguns pequeno povoado. Aí fui ver e, quando cheguei em casa, contei, mas ninguém se interessou. Aí fui sozinho e consegui um lote de terra a uns vinte quilômetro da beira do rio Maracaçumé e quase essa mesma distância da beira da pista. Não morava ninguém próximo da casinha de taipa que levantei pra mim.

“Havia algumas pessoa morando um pouco mais pra perto da beira do rio Maracaçumé, com uma distância de cinco e dez quilômetro. Essas pessoa, quando se referia a mim, dizia: “O Gili que mora nas Vinte”. E eu, quando me referia a elas, dizia: “Os morador das Dez ou os morador das Cinco”. Com isso, o nome dos lugar que eles morava passou se chamar a distância que eles tinha da beira do rio Maracaçumé, as Cinco, as Dez, as Quinze, as Vinte, e assim por diante, sendo a distância que separa um povoado do outro de cinco quilômetro.

“Quando fazia um certo tempo que estava nas Vinte, veio outras pessoa morar: uns casal jovem e uns rapaizote; uns trabalhava como maderero, outros na lavoura. Depois veio uns primo e uns irmão meu; nos reunimo e botamo uma roça grande, mas continuamo trabalhando com madeira até que

meu irmão mais véi⁷² comprou um caminhão, e nós passamo a derrubar e vender mais madeira. O resto da nossa família⁷³ viero de mudança pra cá junto com mais umas família de conterrâneo nosso.

“Eu trabalhava derrubando madeira pra fazer roça e pra vender nas serraria; a vezes, me brenhava⁷⁴ mata adentro mais dois ou três amigo, ainda de madrugada, montado cada um num burro, e só retornava à noite ou no dia seguinte, quando meu irmão ia com o caminhão buscar as tora de madeira que a gente tinha cortado.

“Num dia desse, quando tava no meio do trabalho derrubando árvore, avistei uma criança parada me olhando; me assustei no início porque pensei que era alguma visagem⁷⁵. Fiquei olhando e depois tomei corage⁷⁶ e me aproximei.

⁷² Como se chama velho em diversas partes do interior do Maranhão e do Nordeste.

⁷³ Família.

⁷⁴ Entrava.

⁷⁵ Visagem. Forma popular para chamar espírito, alma de um morto; o mesmo que alma penada.

⁷⁶ Coragem.

“Vi que era uma indiazinha, tava sozinha e perdida, a pobrezinha não falava nada, só me espiava. Imediatamente, dei pra ela um nome. Depois, falei pros meus amigo que ia pra casa levar a menina. Peguei ela pelos braço, botei na garupa do meu burro e levei pra casa. Fiz de tudo pra ela falar no início, mas ela só falou anos depois e de um jeito que mal dava pra entender o que ela dizia.

“Logo que ela ficou moça, fomo morar junto, sozinho numa casa. Em pouco tempo, ela engravidou da tua tia Rosalinda, depois do teu tio Dio, depois da tua mãe, e assim todo ano nós tinha um fii⁷⁷.

“Tua avó sempre foi desse jeito calada, até quando chegava bêbado, ela não dizia nada, só me olhava com os zoio⁷⁸ cumprido e saía de perto, se deitava na rede ou fazia alguma coisa na cozinha ou no quintal. Ela nunca teve ambição e não sei como que de uma hora pra outra ela começou fazer

⁷⁷ Como se chama filho em diversas partes do interior do Maranhão e do Nordeste.

⁷⁸ Forma popular entre os moradores do interior do Maranhão e de outras partes do Brasil para chamar olhos.

benzimento, remédio e ajudar um monte de mulher a parir. Com o tempo foi ficando cada vez mais calada e passando mais tempo cuidando das planta e dos animal. Nunca vi tua vó chorando, mas também nunca vi dando gargalhada e nem entrosada com as outras pessoa das Vinte”.

Essa história que relata o casamento dos meus avós é a maior lembrança que tenho da minha infância, é também a que mais marcou minha vida. Primeiro porque os moradores da Vinte julgavam que minha avó tinha um modo diferente de ser. Tenho seu caminhar torto, seu andar desequilibrado. A fala atropelada e a mania de ficar sozinha, eu teria herdado do seu modo de ser e do seu gênio. Além disso, ainda tem minha aparência, que, segundo meus familiares e conhecidos de infância, é idêntica à da minha avó.

Lembro-me bem de que minha avó sempre foi uma mulher de poucas palavras, simples ao extremo, gostava de comer amassando a comida com a mão, andava de pés descalços e, dentro do seu baú em que guardava roupas, nunca tinha mais de duas mudas.

Passava a maior parte do seu tempo no quintal, cuidando das plantas, dos animais, pilando arroz, cozinhando ou simplesmente se embalando numa rede debaixo de um cajueiro.

Ajudava quem precisasse sem fazer nenhuma pergunta nem pedir pagamento pelo serviço, fazia garrafadas⁷⁹, lambedor, tirava quebrantos, curava arca caída, ajudava as mulheres na hora do parto, benzia crianças e adultos.

Seu modo de ser exprimia em mim uma sensação de mistério. Era uma mulher baixa, magra, olhos redondos, negros e profundos, cabelos ondulados, pretos e sedosos, que nunca ultrapassavam de um ou dois dedos abaixo do ombro e cortados de forma irregular. Ao seu lado sentia-me completamente segura e protegida. Sempre que estava triste, com dor, com medo ou chorando aos prantos depois de levar uma surra dos meus pais, era ela a quem procurava, ela sempre foi a única pessoa a quem nunca precisei explicar nem pedir nada.

⁷⁹ Remédios caseiros, em forma líquida, feitos com plantas.

Recordo-me de que ela parecia estar distante e desligada de tudo ao seu redor, mas ao mesmo tempo observava detalhes que ninguém enxergava, estava sempre concentrada pensando em algo, nunca demonstrava entusiasmo nem apego, sorria baixo, quase de canto de boca, comia pouco e, ao andar, seu corpo produzia um som baixo e agradável.

Presenciei muitas vezes minha mãe reclamando do seu modo de ser, dizendo que ela era fria. Mas nunca ouvi minha avó gritar ou xingar minha mãe, nem bater em um neto. Para mim, as coisas de que minha mãe reclamava na minha avó eram as que mais eu amava. Às vezes, eu chegava à sua casa e ela estava se embalando na rede, eu me aproximava, pegava na beira da rede, nossos olhares se cruzavam. Sorríamos levemente uma para a outra.

Em silêncio, deitava-me junto com ela e passávamos horas ali nos embalando com o vento tocando nossas faces; uma vez ou outra, nós em silêncio nos olhávamos dentro dos olhos, uma da outra em silêncio, uma enxergava a outra. Não falávamos uma palavrinha sequer, apenas vivíamos aquele

momento de profunda tranquilidade, ouvindo apenas o som dos nossos corpos, o vento batendo nas folhas das árvores, os animais andando para um lado e para o outro, o canto dos pássaros.

Muitas vezes, passávamos tanto tempo assim que, quando nos dávamos conta, já era boquinha da noite e minha mãe chegava aos gritos com um cipó na mão mandando-me ir banhar.

A convivência com minha avó foi o que fez minha infância ser menos dolorida e o que tornou minha vida adulta possível. Todas as vezes que estava no limite do medo e da dor, era seu colo que procurava, o lugar em que podia descansar em silêncio. Depois, quando fiquei adulta e não tinha mais seu colo de modo presencial, aprendi a buscá-lo na memória, aprendi a reviver as sensações, cheiros e gostos que sentia quando estava deitada em sua rede.

Nos dias de hoje, é na sua história que encontro memórias visuais de lugares, coisas, pessoas e sensações que me deram prazer e que amei, onde busco lembranças que

acalmam minha mente e minhas emoções. É a razão pela qual sempre me interessei por assuntos relacionados a crenças, superstições, rituais, ervas medicinais, ocupação territorial da região da Pré-Amazônia maranhense e povos indígenas. É o que me faz acreditar que minha avó⁸⁰ era uma mulher indígena, supostamente uma Awá, pois, tradicionalmente, toda a área da Pré-Amazônia maranhense é de mobilidade do povo Awá e de outros povos indígenas, como o Tenetehara e o Ka'apor.

Na época em que meus familiares moravam na Vinte, os Awá tinham um modo de vida caçador-coletor e andavam em pequenos grupos de pessoas, sem se fixarem em aldeias e estabelecendo apenas contatos esporádicos com os não indígenas e com outros povos da região.

A história dos indígenas no Maranhão mostra que os primeiros encontros dos Awá com os brasileiros resultaram em mortes de familiares, sequestros de crianças, separações, epidemias e estupros.

⁸⁰ Faleceu em 2016.

Em razão dessas violências, lembro-me de que na minha infância muitas crianças, como eu, de pele negra de tom claro e cabelos pretos lisos eram chamadas de índias. E na maioria das famílias as avós eram indígenas e os avôs cearenses, pernambucanos, piauienses ou paraibanos que chegaram ao Maranhão por meio de levadas migratórias.

No entanto, mesmo com a existência de diversas indígenas morando na Vinte como se fossem regionais, a violência contra os “índios sem-terra”, modo como os Awá eram chamados, aumentava a cada dia. Chegou a ponto de os moradores, quando estavam na mata derrubando madeira para fazer roças ou para vender nas serrarias, ficarem sempre atentos para ver se percebiam algum indígena com criança.

Quando viam, atiravam nos adultos e levavam as crianças para o vilarejo e, quando estavam em suas casas, a primeira coisa que faziam era lhes dar um novo nome e cobrir seus corpos com roupas. Mas, algumas vezes, na primeira oportunidade que tinham, algumas dessas crianças fugiam para a mata e nunca mais eram encontradas; outras crianças

cresciam no vilarejo, com um tempo casavam-se e tinham sua própria família.

Nos dias de hoje, não existe um morador na Vinte com mais de cinquenta anos de idade que não diga que sua avó era índia, e a maioria dos moradores de Maranhãozinho, Encruzo, Governador Newton Bello e Santa Tereza afirmam que são netos ou bisnetos de índia.

A partir da década de 1960, o governo brasileiro iniciou uma política de colonização para as chamadas regiões úmidas do Maranhão, com isso os Awá passaram a sofrer ainda mais as violências, ameaças de morte e sequestros de crianças.

Muitos colonos, assim como meus familiares, acreditavam que estavam ocupando uma terra vazia e sem dono. Outros acreditavam que haviam chegado ao Eldorado, o paraíso na Terra.

Daí surgiu a crença entre os regionais de que deviam proteger seu pedaço de terra. Assim, a violência entre colonos e entre colonos e indígenas passou a ser legitimada como

sinônimo de proteção ao seu lugar, à sua terra e aos bens de sua família.

A partir disso, os indígenas que moravam nesta região, sobretudo os Awá que viviam em constante mobilidade por aquelas áreas, passaram a ser alvos de emboscadas com maior frequência e outras vezes morriam ao se aproximarem das cercas das casas, dos quintais ou das roças de algum morador.

Lembro-me com muita clareza de ouvir moradores e pessoas da minha família explicando para as crianças que “os índio eram bicho brabo que comiam gente”. Portanto, ensinavam-nos a atirar com cartucheira quando olhássemos algum índio próximo.

Existia sempre detrás da porta de todos os moradores uma cartucheira⁸¹ velha carregada ou um facão amolado para acertar algum índio quando aparecesse. As crianças sempre andavam com suas baladeiras para atirar em passarinhos, frutas, mas também para atirar em índio.

⁸¹ Espingarda construída de modo artesanal.

Frequentemente, na hora do almoço se ouvia o barulho de um tiro de cartucheira e geralmente nosso pai dizia: “Isso é um dos bicho que apareceu pra roubar fulano”.

Em seguida, as pessoas iam olhar o que tinha ocorrido e lá estava um indígena com o corpo estirado no chão, próximo de um jirau⁸², quase morto ou morto com um tiro no pescoço, no peito ou na cabeça. Foi atingido com tiro enquanto mexia num monte de vasilhas velhas e latas de óleo secas e enferrujadas.

Algumas vezes, quando conseguiam escapar, fugiam para a mata, mas eram perseguidos pelos moradores, madeireiros, pistoleiros, fazendeiros, pescadores e inclusive por outros indígenas que viviam em terras demarcadas, como os Ka’apor e os Guajajara.

É importante dizer aqui que os moradores da Vinte e de outras quadras morriam de medo dos Ka’apor, porque esse

⁸² Armação de madeira que consiste em fincar quatro pedaços de madeira no chão e colocar uma tábua apoiada em cima. É usada para lavar vasilhas e roupas.

povo sempre reagia a suas emboscadas matando e mutilando regionais com frequência.

A terra que eles habitavam estava localizada próximo da quadra Oitenta. O principal caminho de acesso traçava as margens da Vinte, da Trinta, da Quarenta, da Cinquenta, da Sessenta, da Setenta⁸³ e frequentemente, nesse trajeto, ocorriam assassinatos e vários tipos de crime. Devido a isso, muitos regionais passaram a temer os Ka'apor, deixando-os em paz, mas isso não significou que as violências dos moradores diminuíssem contra eles.

A partir da década de 1980, quando a política de atração e assentamento dos Awá em aldeias havia sido criada pela Funai⁸⁴ e a maioria dos grupos Awá encontrava-se habitando postos indígenas, a região da Vinte foi tomada por exploradores de madeira ilegal da Reserva Florestal do Gurupi, as terras onde

⁸³ Vilarejos cujas ocupações eram feitas por migrantes de regiões específicas do Nordeste. Por exemplo, os moradores da Vinte eram predominantemente cearenses; os da Trinta, piauienses; e os da Quarenta, paraibanos.

⁸⁴ Fundação Nacional do Índio.

se faziam roças passaram a ser usadas para o cultivo de maconha e outros tipos de droga e as casas que eram ocupadas por famílias passaram a ser ocupadas por pistoleiros e garimpeiros.

As poucas pessoas que ainda moravam com seus familiares e faziam roças para sobreviver, viviam amedrontadas e temiam que suas terras fossem tomadas, por isso tiveram que vender suas terras, geralmente a um preço tão baixo que mal dava para comprar um lote de terra num povoado de beira de pista.

Nesse período, formaram-se diversos povoados, como Maranhãozinho, que rapidamente se tornou um lugar movimentado e de grande circulação de pessoas que vinham das quadras para morar.

Maranhãozinho, até o início da década de 1990, era constituído principalmente pelos moradores das quadras, e nele passaram a morar diversas famílias próximo umas das outras que nas quadras eram consideradas inimigas, entre as quais haviam ocorrido diversos espancamentos e assassinatos.

Lembro-me de que eu morava com minha família ao lado da casa de uma família cujo um dos parentes um tio meu esfaqueou e que, embora o rapaz não tenha morrido, ficou aleijado, teve que parar de trabalhar e nunca se casou.

Minha mãe, quando saía de casa, nos deixava trancados, sem que pudéssemos sair na porta, com medo de que alguém dessa família fizesse alguma maldade comigo ou com meus irmãos.

Além de intrigas e rixas familiares que existiam entre os moradores de Maranhãozinho, ocorreu o aumento de roubo de animais e alimentos, consumo de cachaça e fumo e assassinatos.

Como muitos moradores deixaram de fazer grandes linhas de roça, uma vez que, como falei anteriormente, venderam suas terras e não tinham mais terras para plantar, nos povoados passaram a trabalhar e fazer qualquer coisa para sobreviver.

Daí surgiram as primeiras bancas de venda de frutas e legumes, farinha, carne e peixe, remédios naturais, plantas,

roupas, objetos de couro, azeites, comida, café. Surgiram também prostituição, tráfico de drogas e de armas, extração e venda ilegal de madeira, aumentaram os assaltos e roubos e mais umas dezenas de coisas.

Nos dias de hoje, a única história que conheço da vida da minha avó é a que meu avô narrou para mim e para todas as pessoas do vilarejo em que morávamos. Na sua narrativa, ele aparece discretamente como o príncipe de terno branco e chapéu de couro, como aquele das cantigas cantadas pelas moças da região, apesar de ele ter sido um madeireiro contador de causos que teve a sorte de encontrar minha avó.

Na verdade, não sei se minha avó é uma Awá, não tenho como ter certeza nos dias de hoje; meus familiares nunca se importaram de conhecer sua história, estavam interessados em sobreviver, fugir de assassinatos, da fome, da malária e do sarampo que invadiu a Vinte entre 1980 e 1990. Apesar do meu interesse em descobrir minha ancestralidade a partir da história da minha avó, tudo que sei a seu respeito são histórias contraditórias de acontecimentos ocorridos, provavelmente,

nos mitos, crenças e superstições existentes entre meus familiares.

Como já disse aqui, meu avô era um contador de causos na região em que morávamos, e até hoje existem moradores da Vinte, de outras quadras e de municípios como o Maranhãozinho que afirmam que depois dele não apareceu um cabra alegre que contasse uma boa história como ele.

Porém, existia uma única história que quando alguém queria tirar sua paciência lhe pedia para contar, mas ele desconversava, falava uns palavrões, bebia uma dose de pinga e, enrolando um cigarro de palha, dizia com tom de voz irritado: “Essa é a história do meu desgosto!”. Encerrava-se a conversa.

A história do desgosto do meu avô era sobre meu pai, na verdade, sobre o casamento dos meus pais. Não sei o que ocorreu quando meu avô conheceu meu pai, o que sei é que, em toda a minha vida, sempre ouvi meu avô dizer que não gostava dele e, do outro lado, ouvia meu pai dizer que não gostava do meu avô. Um xingava o outro, desconjurava e jogava praga, mas somente de longe. Quando estavam perto, trocavam

algumas palavras, bebiam pinga e fumavam alguns cigarros de palha.

Além disso, um sempre tinha história de difamação do outro e, do mesmo modo, não paravam de criar adjetivos para substituírem seus nomes, como cabra maldito, moleque, safado, tamborete de forró, molestado, descocado, infitético⁸⁵, e mais um trilhão de nomes cujos significados não são encontrados em dicionários

Frequentemente, quando ocorria algum problema na minha casa, como o adoecimento de alguém, falta de dinheiro e prejuízo na lavoura, meu avô e a maioria dos meus familiares falavam para minha mãe que a culpa era dela por ter casado com um homem sem honra, que não é o cabeça da sua casa. “O home⁸⁶ que deixa a muié ser o cabeça da casa não merece respeito, não passa de um preguiçoso desgranhento da moléstia”, falava meu avô para minha mãe quase todos os dias.

⁸⁵ Neologismo que significa pessoa infeliz e patética; desagradável; chata e sem noção.

⁸⁶ Homem.

Meu avô de fato tinha razão: desde criança pequena, presenciei brigas na minha casa em razão da preguiça do meu pai. Quem trabalhava mesmo na lavoura e na criação de animais era minha mãe, meu pai era um mero ajudante, assim como eu e meus irmãos.

Além disso, penso que, provavelmente, eu e meus irmãos trabalhávamos mais que ele porque, quando ele não estava próximo de minha mãe, procurava um lugar para se sentar ou se deitar, mesmo se estivesse no meio da roça. Outras vezes, acordava com tanta preguiça que dizia que não estava sentindo as pernas; com isso, não levantava da cama e passava o dia deitado enquanto nós íamos para a roça.

Num desses dias em que ele ficou em casa porque não sentia as pernas, eu, meu primeiro irmão e meu avô estávamos a caminho da roça, viajando de burro, meu avô guiava o animal, e eu estava de um lado dentro de um jacá e meu irmão do outro lado dentro do outro jacá. Mais à frente viajava em outro burro minha mãe e meus outros dois irmãos, que também iam cada um de um lado do burro, dentro de jacá.

Nesse dia, como era de costume, íamos para a roça cantando ou ouvindo as histórias do meu avô. Num meio-tempo, no decorrer do caminho, perguntei ao meu avô se ele conhecia meu outro avô, o pai do meu pai.

Rapidamente, meu avô mudou de humor e disse: “A única coisa do Chico Viúvo que presta é os fii, porque ele e toda a raça dele são um bando de preguiçoso e sem-vergonha!”.

Depois dessa fala, deu uma pausa, nos olhou e em seguida fixou o olhar em direção à minha mãe e começou a narrar “A história do desgosto”, foi esse o título que ele nos falou que era aquela história. Mas, antes de iniciar a narração, falou que, ao lembrar essa história, sentia um desgosto tão grande que lhe corroía o peito por não encontrar nenhuma justificativa para ela ter ocorrido.

“Tudo aconteceu entre os meses de março a abril de 1984, a estrada que ligava as Vinte a outras quadras e povoados estava movimentada, com caminhões transportando toras de madeira, extraídas principalmente da Reserva Florestal do Gurupi, para serem vendidas nas serrarias de Santa Inês e no

Pará. E todo mundo que havia botado roça trabalhava duro para colher o arroz, fava e feijão, antes das chuvas fortes de maio, quando a estrada fica coberta de água e piora a viagem até a cidade.

“Nesse tempo tua mãe ainda era uma menina, mas sempre foi muito trabalhadeira. Todo dia ia mais eu pra roça. Às vezes, só tinha ela de muié no meio de um monte de home trabalhando. Ela roçava juquira⁸⁷ mais do que muitos cabra. Nesse ano, ela tinha botado sozinha a própria linha de roça dela. Passava o dia trabalhando e à noite, quando não ia pra igreja, ficava no terreiro jogando conversa fora com alguma moça da vizinhança.

“Esse início de ano tava sendo de fartura⁸⁸ aqui pra nós. Todas as boquinhos da noite, na maioria dos terreiros, os moradores comiam milho assado, pamonha, canjica, pipoca e mais um monte de gostosuras reunidos com seus familiares e amigos em seus terreiros. E os jovens aproveitavam a distração

⁸⁷ Roçar mato, derrubar mato para fazer roça.

⁸⁸ Provido de muitos alimentos.

dos pais e iam se beijar escondido, detrás das casas, árvores e até mesmo detrás das sepulturas no cemitério. Nesse tempo, teve muita moça que fugiu, teve muito casamento e depois nasceu um bocado de menino.

“Chico Viúvo, teu pai, tinha uns dezenove anos, era um homem-feito, mas só de idade, a aparência era a de um rapaizote, tanto no tamanho e na grossura quanto na coragem. Morava sozinho, numa casa de taipa pequena e mal-acabada. Tinha uma terra própria, onde fazia uma roça pequena que mal dava pra ele comer. Vivia viajando pra Santa Luzia, Nova Olinda, Maracaçumé e Encruzo. Era um cabra cheio de conversa fiada e com gosto pra venda. Vendia tudo o que via pela frente, porco, tatu, jabuti, cachaça, fumo e até couro de boi sem ser curtido. Só olhava pras pessoas com olhar escabreado que nem gato arisco.

“Passava a tarde inteira dormindo ou se balançando numa rede armada debaixo de um pé de caju no meio do terreiro, enquanto ouvia as programações do seu rádio, que era um grande rádio de pilha que ele colocava com todo o cuidado

numa tábua pregada na parede, que ele chamava de prateleira, exibindo ele como se fosse um troféu e que ele fazia questão de compartilhar que era seu melhor companheiro.

“Todo dia de noitinha vinha jogar dominó aqui e comer tudo o que via pela frente. Muitas moças paqueravam ele escondido dos pais, porque a verdade é que o pai de toda moça não gostava do Chico Viúvo por ele gostar de moleza, ser preguiçoso e mentiroso ou simplesmente não gostava dele por não saber quem diabos ele era: ninguém sabia de onde veio e nem o que fazia nessas viagens.

“Mas tinha algumas pessoas que gostavam dele, ele não era ruim, mas também não era bom. E seu jeito de cabra moleque arteiro e sua fama de preguiçoso fez com que fosse muito conhecido na região, e principalmente porque tinha um miniengenho em seu alpendre e costumeiramente reunia a maior parte dos homens e mulheres da região pra beber pinga e comer carne de porco assada.

“Outro motivo pra sua popularidade era o fato dele gostar de botar roça meio a meio⁸⁹, principalmente as plantações de macaxeira e aboba⁹⁰, de tal modo que sempre tinha visita em sua casa, comendo, bebendo ou simplesmente proseando.

“Outro motivo é que ele se considerava um cabra sabido de política, futebol, comércio e religião; muitas pessoas se interessavam em ouvir seus pontos de vista sobre estes assuntos. Constantemente participava de movimentos e ações a favor da reforma agrária.

“Apesar disso, as histórias que circulavam na região a seu respeito não eram boas e ninguém confiava nele de verdade. Existiam pessoas que juravam de pé junto que ele era amaldiçoado, que não podia casar que a mulher morria, inclusive seu nome é devido essa suposta maldição. Chico Viúvo porque casou duas vezes, e as duas vezes a esposa morreu.

⁸⁹ Quando dois lavradores trabalham juntos numa mesma roça e depois dividem a colheita no meio, metade para um e metade para o outro.

⁹⁰ Abóbora de leite ou jerimum.

“As moças da região evitavam se aproximar dele devido sua maldita maldição. Embora agradasse algumas moças, vivia sozinho. Mas, de uma hora pra outra, Chico Viúvo ficou enamorado por Freia, sua mãe, que além de trabalhadeira era uma moça de quatorze anos linda que parecia uma miragem. Apesar de Freia pegar muito sol e do trabalho na roça, sua pele era limpa, sem mancha, da cor de canela, seu corpo era bem torneado, seus cabelos longos, abaixo do bumbum, pretos e lisos, seus olhos eram grandes e negros.

“Seu modo de ser parecia com o da sua avó: era calada e misteriosa, amava cuidar das plantas. Fazia grandes canteiros, onde cultivava verduras e ervas medicinais.

“Quando descobri que ela tava namorando escondido com Chico Viúvo, fiquei doido de raiva e dei uma surra nela. Mas o cabra tava encasquetado⁹¹ por ela, e os dois continuaram se encontrando escondido. Fiquei com medo dela fugir com ele e depois ficar perdida num lugar aí no mundo. Então chamei o

⁹¹ Cismou, o mesmo que decidido.

Chico Viúvo e disse que ele ia casar com Freia ou então eu matava ele.

“O cabra, gaguejando, disse que concordava. Aí fizemos o casamento depois de uns dias. Foi tudo rápido, porque tava vendo a hora de minha fia⁹² deixar de ser moça⁹³...”

No momento em que meu avô relatava esta história, era notório, em suas expressões corporais e no seu modo de falar, que a ideia de que minha mãe não era mais moça o deixava apavorado, porque isso seria motivo para toda a sua família ficar falada⁹⁴ na região e ela acabar solteirona para sempre ou uma prostituta de beira de estrada.

Por isso, segundo os relatos do meu avô, a realização do casamento dos meus pais foi rápida. Ocorreu no município de Cândido Mendes, que está a aproximadamente cento e cinquenta quilômetros de distância da Vinte. Naquela época e

⁹² Como se chama filha em diversas partes do interior do Maranhão e do Nordeste.

⁹³ Significa implicitamente que teve relações sexuais antes de casar; perdeu a virgindade.

⁹⁴ Situação em que pessoas ficam fofocando sobre a vida de uma determinada pessoa.

período de fortes chuvas, este percurso durou um dia entre viagens de carroça e de pau de arara.

Este era o lugar mais próximo da Vinte que tinha um cartório. Mas, antes que ocorresse a legalização oficial, eles receberam orações na igreja evangélica da Vinte, uma Assembleia de Deus cujo pastor era o irmão de Freia, portanto meu tio pastor, de quem já falei.

Esta celebração não tinha nenhum valor oficial e também não podia ser considerada como um casamento religioso, no sentido dos casamentos comuns realizados na igreja.

No entanto, no vilarejo em que morávamos, esta celebração era o ritual de casamento mais importante para os casais, era ela que afirmava que fulano havia se casado com beltrano, porque, no momento da celebração, o pastor entregava aos noivos um par de alianças. Era também quando se determinava a mudança de uma moça para uma mulher casada e futura mãe de família e a de um rapaz para um chefe de família. Significava, sobretudo, o nascimento de uma nova família, novas relações religiosas, sociais e de troca de bens e

produtos⁹⁵, novas amizades e novas intrigas, rixas, conflitos e disputas.

Embora todos os domingos na Vinte fossem dias movimentados – porque praticamente todos os moradores se encontravam na igreja, independente de suas religiões –, o culto para abençoar a união dos meus pais provocou um alvoroço no lugar: primeiro porque o casal era muito diferente um do outro e segundo pelo fato de minha mãe ser filha do meu avô, cuja fama era muito conhecida, fosse por ser um bom contador de causo e tocar sanfona e viola, fosse por gostar de pinga e fumo, fosse por ser raparigueiro.

Para esta celebração vieram pessoas que trabalhavam na lavoura, que derrubavam mata para extrair madeira, que viviam da pesca no rio Maracaçumé, mas vieram também pessoas somente para curiar⁹⁶ se Freia estava grávida antes de casar.

Mas, quando se iniciaram os preparativos para o almoço depois do culto, mesmo quem estava lá somente para curiar

⁹⁵ Trata-se de negócios de troca como: terra, madeira, alimentos, animais e mão de obra.

⁹⁶ Espiar, olhar.

acabou mudando sua atenção e se envolvendo em outras tarefas.

O almoço desse dia foi mais farto⁹⁷ do que de costume, quem participou contribuiu com o que pôde: frutas, castanhas, milho, legumes, verduras, farinhas, carnes, doces, sucos e bolos diversos.

Todos ajudaram no preparo dos alimentos. As mulheres temperavam as carnes, colocavam numa bacia grande de alumínio e davam para as crianças levarem para os homens assarem num fogareiro aceso no meio do terreiro da casa dos meus avós. Depois de assada, colocavam numa outra bacia grande posta em cima de uma mesa de madeira rústica no meio do alpendre.

Em cima da mesa, já tinha arroz de diversos tipos, com toicinho, com carne de veado, com fava, com feijão, com jerimum, e tinha muito cuscuz de milho, tatu ao leite de coco, galinha caipira, pato, sucos, bolos e doces diversos, além de um jacá cheio de rapadura e outro cheio de farinha.

⁹⁷ Com muita comida.

As preparações dos alimentos eram feitas num clima de muitas gaitadas⁹⁸, brincadeiras, forró e baião, e tinha seu Gili, como meu avô era conhecido, no comando da sanfona e mais dois amigos seus: o Sibil, no triângulo, um homem muito grande e desengonçado que tinha medo até de um maruim⁹⁹; e o Davi, na viola, um homem muito baixinho, magricelo e cambota, metido a corajoso, que jurava de pé junto que tinha colocado o próprio Diabo para correr quando ousou tentá-lo num momento que estava roçando mato perto do rio Turiaçu.

Os três formavam a banda do vilarejo e juntos pareciam uma companhia de saltimbancos, eram muito divertidos, sobretudo pelo contraste de aparências. Meu avô, por exemplo, dava o show à parte, por cantar e tocar vários instrumentos, faltando dois dedos na mão direita.

Após o casamento, minha mãe foi morar na tapera em que meu pai morava sozinho, antes de casarem. Em poucos dias, os dois a derrubaram e construíram uma casa enorme de

⁹⁸ Gargalhadas.

⁹⁹ Inseto cuja fêmea é hematófaga (que se alimenta de sangue) encontrado na região.

taipa, com um grande quarto, uma sala gigantesca e uma cozinha arejada, tudo com um bom reboco, que parecia ter sido cimentada.

Além disso, ampliaram o alpendre, que, embora já fosse grande o suficiente para abrigar um moinho e um fogareiro, ficou ainda maior e passou a abrigar o moinho, o fogareiro, um forno a lenha, uma mesa de madeira grande com oito cadeiras e mais dois bancos.

Depois armaram uma rede de tecido e outra de fibra de buriti em cada um dos lados. Numa parede, fizeram prateleiras com madeiras serradas e colocaram o rádio, três potes com cachaça da terra e tiquira e um cofo pequeno cheio de rapaduras.

Meu avô relatou-me que, nos primeiros meses de casamento, meus pais viviam grudados um no outro, trabalhavam na roça, cuidavam dos animais, preparavam seus alimentos. Aos domingos frequentavam o culto. Algumas vezes, na boquinha da noite sentavam-se no alpendre de algum vizinho ou no seu e proseavam enquanto bebiam pinga, caldo

de cana, fumavam e comiam rapadura, milho ou carne e peixe assado até tarde da noite.

Um dia depois de comer e beber muito à noite, minha mãe passou mal durante a madrugada e amanheceu o dia muito doente que foi preciso levarem-na para o hospital no Encruzo. Foi nesse período que ela descobriu que estava grávida do seu primeiro neném, que, no caso, sou eu.

Nasci no início do ano de 1985, num dia de festa, foguete e movimento, com gente falando atropelado e com a língua enrolada de tanto terem bebido cachaça da terra, tiquira e São João da Barra, porque estavam comemorando não só meu nascimento, mas também porque, além de beberem meu mijo¹⁰⁰, comemoravam o fim do governo de então.

Como já falei, meu pai e muitos dos meus familiares e moradores da Vinte eram filiados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e uma vez ou outra faziam manifestações

¹⁰⁰ Uma tradição no interior do Maranhão que consiste em os pais reunirem familiares e amigos para celebrar o nascimento de seu filho logo que nasce; geralmente, tem bebida, comida e música à vontade.

na beira da pista de Bom Jardim, Cândido Mendes, Santa Luzia e outros municípios e povoados, reivindicando melhores condições de vida na roça. Pediam a implantação de escolas, posto da Sucam¹⁰¹ para que as pessoas não precisassem se deslocar até Maranhãozinho¹⁰² ou Encruzo¹⁰³ para se consultar ou tomar vacinas, principalmente no período de inverno, quando não passava carroça nem carro na estrada, e a única forma de transportar pessoas doentes era na rede. Reivindicavam, também, medidas contra a violência e que o governo fizesse uma reforma agrária, além de pôr fim, de uma vez por todas, à política de distribuição de terra iniciada pela Colone¹⁰⁴, cuja continuidade foi dada pelo Incra¹⁰⁵.

A notícia do fim do governo chegou à Vinte através do rádio que meu pai tinha em cima de uma prateleira no alpendre

¹⁰¹ Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.

¹⁰² Nesta época era um pequeno povoado localizado entre os municípios Encruzo e Santa Luzia do Tide, no estado do Maranhão.

¹⁰³ Município do Maranhão.

¹⁰⁴ Companhia de Colonização do Nordeste, criada nos anos 1970.

¹⁰⁵ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

e que ouvia a distância; junto com esta notícia, chegou também, entre os moradores da Vinte, a esperança de dias melhores, começando pela construção de uma estrada que facilitasse o deslocamento das pessoas para outras regiões.

Esse relato do meu avô sobre a união dos meus pais me interessava na infância pelo fato de eu ter muita curiosidade a respeito da família do meu pai. Mas, nos dias de hoje, ele é extremamente importante para mim, porque é nele que é narrada a história dos meus primeiros dias de vida, que, segundo meus familiares, foram difíceis e muitos juravam que eu não sobreviveria até um ano de idade, pelo fato de eu ter nascido muito pequenininha, magrinha e mais frágil que um filhote de periquito. Além disso, é por meio desse relato que identifico minha ancestralidade, meus antepassados, minha identidade e sobretudo meu lugar no mundo, enquanto mulher cega, nordestina e da roça.

Eu, assim como a maioria dos filhos de lavradores que moravam na Vinte na década de 1980, passei a acompanhar,

dentro de um jacá, meus pais no trabalho na roça desde meus primeiros dias de nascida.

Quando era uma criança de mais ou menos seis anos de idade, lembro-me de que minha mãe cuidava muito de um jacá que era bem forrado com algodão e pedaços de pano porque era usado como berço. Foi dentro dele que viajei durante meu primeiro ano de vida, todos os dias, para a roça, para visitar familiares em outras quadras, para celebrações na igreja, encontros e festas.

Depois de mim, ele foi usado pelo meu primeiro irmão e, quando ele estava com um ano de idade, foi usado por meu segundo irmão, que, quando completou um ano, idade, passou a ser usado pelo meu terceiro irmão. Assim, passou de um filho para outro até ser doado para um primo recém-nascido.

Lembro-me de o meu pai falar que o ano em que nasci foi de muita fartura, as roças estavam verdinhas de plantações de arroz, milho, abóbora, melancia e feijão e que os cajueiros que plantou no dia primeiro de janeiro – devido a uma superstição local de que cajueiros plantados nesse dia produzem caju mais

rápido, no máximo em um ano, além de que estes são mais doces do que os dos cajueiros plantados em outras épocas – já estavam grandinhos e que no janeiro do ano que vinha já teriam muitas castanhas.

Contou-me, ainda, que nas primeiras semanas após minha mãe me parir ele não foi trabalhar na roça. Ficou em casa para ajudar no que precisasse. Por outro lado, minha mãe e meus outros familiares relataram-me que a verdade é que ele passava todo o seu tempo revezando entre os embalos numa rede no alpendre, debaixo de uma mangueira, debaixo de um cajueiro ou esparramado numa cadeira preguiçosa, fumando cigarros de palha, com uma garrafa de café de um lado e um quibano¹⁰⁶ com rapadura do outro, curtindo sua preguiça e falta de ânimo para trabalhar.

Vez por outra passava um vizinho pelo seu terreiro e gritava: “Ei, Chico Viúvo, tá morto de cansado, né, home!?” . E saía dando gaitadas e dizendo: “Eita cabra coirento¹⁰⁷ da

¹⁰⁶ Balaio feito de palha ou fibra de buriti. Na Vinte é chamado de quibano.

¹⁰⁷ O mesmo que preguiçoso. Deriva de coíra; preguiça.

moléstia!”. Um outro vizinho completava: “Se não fosse a Freia, ele já tinha morrido de fome. É só essa coitada que trabalha dia e noite, faça chuva ou faça sol”.

Todo mundo sabe que em todo lugar tem gente que gosta de uns fuxicos, não é? Mas as falações sobre meu pai eram mais do que verdade. Sim, ele era e sempre foi um cabra preguiçoso. E, quando fazia algum trabalho, era malfeito e sempre acabava dando errado, sem contar que no final ele sempre adoecia.

Por outro lado, era interesseiro e descabreado¹⁰⁸ que só ele. E, como já disse, quem realmente trabalhava muito e quem era responsável pelo sustento, pelas coisas materiais da família era minha mãe.

Embora, antes do casamento, meu pai tivesse um pedaço de terra, ele nunca botou roça sozinho nem criou animais nela. Preferia emprestar sua terra para que alguém fizesse roça e depois dividisse a colheita com ele, ou seja, fazia roça meio a meio, sendo que ele dava apenas a terra e nada de mão de obra.

¹⁰⁸ Desconfiado.

Além disso, sua casa, embora ficasse num lote de terra grande, não passava de uma tapera caindo aos pedaços, com as paredes cheias de buraco. Tudo dentro era malfeito, as cadeiras, uma mesa velha que tinha até pernas tortas que, para equilibrar em pé, era necessário colocar papel embaixo.

Depois que casou, foi minha mãe quem fez a casa praticamente sozinha, tornando-a um lugar amplo, arejado e limpo; fez móveis e começou a trabalhar na roça que nem burro de carga.

Mas meu pai nunca questionou o que o povo falava dele, pelo contrário, só se vitimava, dizia que estava doente, que sentia uma dor no espinhaço¹⁰⁹, que estava descadeirado¹¹⁰ e não podia andar direito nem pegar peso.

Seguiam-se os dias, o povo falando da sua coíra, enquanto ele não dava a mínima; permanecia ali, sentado ou deitado, fumando, bebendo pinga, café, caldo de cana e comendo a cada segundo. A cada dia ficava mais gordo, corado

¹⁰⁹ Dor na coluna, dor nas costas.

¹¹⁰ Com dor nas cadeiras (ancas) e, às vezes, na região lombar.

e com a pele limpa, que nem galã de filme, enquanto minha mãe trabalhava, mesmo parida.

Foi sobretudo em razão disso que, desde recém-nascida, passei a ir para a roça dentro de um jacá pendurado de um lado do burro que era conduzido por minha mãe ou meu avô. Diariamente, exceto nos dias de domingo, porque eram dias de cultos e encontros na igreja, todos os dias, de segunda a sábado, minha mãe acordava de madrugada. Então preparava uma marmita de comida, geralmente cuscuz, fava e legumes, uma garrafa de café e outra garrafa de leite de vaca ou de cabra fervido. Fazia uma pequena trouxa com um punhado de farinha e outra com goma de mandioca¹¹¹. Forrava um jacá com panos e me colocava dentro. Depois, amarrava bem o jacá em um lado do burro e íamos para a roça.

Na roça, para todos os lados que andava, minha mãe levava o jacá comigo dentro. Quando eu chorava, dava-me de

¹¹¹ Fécula de mandioca, a mesma que se usa para fazer tapioca, beiju.

mamar e ao meio-dia, hora do almoço, ela preparava um mingau em um fogareiro improvisado e me dava para comer.

Depois, descansava alguns minutos e em seguida retornava ao trabalho, mas sempre me carregando no jacá, para um lado e para o outro: primeiro porque tinha medo de eu ficar distante dela e ser picada por uma cobra venenosa; segundo porque temia me deixar no barracão da roça e passar algum desconhecido e me roubar. Retornávamos para casa no final da tarde.

Antes que eu completasse um mês de nascida, iniciou-se o período de chuva intensa. Com isso, meu avô passou a ir para a roça com meus pais e muitas vezes, enquanto eles estavam no meio da lavoura, meu avô ficava comigo debaixo de um barracão.

Foram assim meus primeiros anos de vida: viajando diariamente dentro de um jacá, no lombo de burro, para a roça. Aprendi a dar meus primeiros passos, com os pés descalços, nas pequenas valas entre as plantações de arroz, milho, feijão e legumes. Primeiro apoiando-me nos braços dos meus familiares

e depois me segurando vez por outra em galhos para não cair, sendo picada por mutucas e maruim, ao comer frutas quebradas no toco¹¹².

Ainda de pés descalços, dei minhas primeiras carreiras atrás de lambu e quati, parando aqui e acolá para caçar sapinho nas poças de água e lagartas na ponta das folhas, subia em árvores para bolinar¹¹³ nos ninhos de passarinhos, pulava cercas para roubar frutas na roça alheia e, sempre que podia, passava a língua no bico do moinho para lambar as gotas de cachaça que ficavam, mas com muito cuidado para que meu primeiro irmão não olhasse, senão ia fuxicar para minha mãe.

Nossa diferença de idade é menos de um ano, nosso aniversário é uma semana depois da outra.

Meu primeiro irmão era uma criança meiga, dengosa, chorona e cheia de vontade. Era o xodó de minha mãe, que não media cuidados e dengos com ele. Todas as tardes, minha mãe lhe dava banho, o enchia de colônia de alfazema, o cobria de

¹¹² Tronco de árvores secas que ficam espalhadas pelo meio da roça depois que é feita a coivara.

¹¹³ Termo regional empregado na acepção de mexer, tocar.

talco, lhe vestia uma muda de roupa branquinha e o colocava sentado numa cadeira de macarrão que havia sido comprada especialmente para ele sentar na porta de casa.

Depois me mandava ficar vigiando para que ele não caísse ou não se sujasse. Mas, constantemente, esquecia minha tarefa e me distraía tentando pegar uma borboleta, caçar lagarta ou pegar uma fruta e, quando me dava conta, ele já estava sujo no chão e minha mãe me esbofeteando¹¹⁴ em todo o corpo.

Meu avô, quando ficava sabendo da surra que eu havia sofrido, sempre reclamava para minha mãe, embora soubesse que não adiantava. E no dia seguinte, provavelmente, ganharia outra surra.

Durante minha infância, assim como as outras meninas da região, ajudava meus pais com o trabalho na lavoura, com os animais, com as atividades domésticas e no cuidado com meus irmãos menores.

¹¹⁴ Batendo.

Fazia meus próprios brinquedos, consertava¹¹⁵ minhas roupas descosturadas ou rasgadas. Caçava lambu e juriti para preparar com arroz para o jantar. Pescava no litro, banhava pelada nos igarapés, subia em árvores, roubava fruta e comida dos vizinhos. Apostava corridas de porco e quem pilava arroz mais rápido. E principalmente dava muita carreira com medo de cobra, alma penada e encantados.

Lembro-me de que na minha infância meus modos de ver o mundo eram de duas maneiras. A primeira se refere ao mundo interior, dentro de um espaço fechado: uma casa, um quarto, um carro. Nesses lugares, tudo era cinza, negro e frio, as pessoas estavam sempre em movimento e viviam dentro de um túnel escuro em que apareciam apenas alguns traços do seu rosto e o brilho dos olhos e dos dentes quando sorriam. Acredito que foi nesta época que perdi o interesse em conhecer as pessoas por meio de sua aparência física, pois nunca tenho interesse em saber se alguém é magro, gordo, branco, preto, tem lábios bonitos ou olhos verdes.

¹¹⁵ Significa costurar uma roupa que está descosturada ou rasgada.

A segunda maneira se refere ao mundo exterior. Quando estava num lugar a céu aberto, nele tudo eram chamas coloridas, e não posso afirmar que estas chamas eram vermelhas, amarelas e laranja, porque minha forma de ver e compreender as cores é diferente da que se aprende na escola, com nossos familiares e na sociedade em que vivemos.

Mas posso afirmar que eram quentes as cores que enxergava e frequentemente passava horas sentada num lugar sozinha, geralmente debaixo de um cajueiro, olhando para cima, procurando brechas entre folhas para enxergar as chamas. Às vezes, elas se aproximavam de mim, moldando-se em formas diversas próximo do meu rosto, e devagar eu desviava meu olhar para uma cerca, um animal, uma planta ou uma pessoa e enxergava seu formato com as cores das chamas. Quanto mais eu fixava o olhar, mais percebia as formas e as cores vivas e quentes. Elas se afastavam, quando ouvia os gritos de minha mãe ou de algum familiar mandando-me fazer alguma tarefa.

Imediatamente, levantava-me de onde estava, para fazer alguma tarefa dentro de casa. Logo que entrava, as chamas sumiam e tudo se transformava em cinza. Por mais desconfortável que fosse, eu gostava dessa sensação e, ainda hoje, esforço-me para senti-la novamente.

Quando criança, acreditava que todas as pessoas enxergavam o mundo da mesma forma que eu, talvez em cores diferentes. Por isso, uma vez ou outra, perguntava para meus irmãos e para outras pessoas adultas e crianças quais cores eles viam. Na maioria das vezes, eles nem sequer respondiam à minha pergunta, só resmungavam¹¹⁶: “Esta menina tem gosto pra história, puxou pro avô”.

Tinha vezes que desistia de ouvir uma resposta e seguia meu rumo. Outras vezes, nem sempre acabava bem: além de a pessoa dizer que eu era doente, por ser agoniada demais, eu era louquinha e ainda ganhava uns tapas nas costas ou uns cascudos¹¹⁷. Depois de apanhar, ia chorar e soluçar num canto.

¹¹⁶ Falavam baixo, abrindo pouco a boca.

¹¹⁷ Pancada na cabeça, dada com os nós dos dedos e geralmente com as mãos fechadas.

Com um tempo, parei de falar sobre o que eu via e como enxergava as coisas.

Nesse tempo, não se falava em deficiência na Vinte e nem mesmo em povoados e municípios próximos. Meus familiares não sabiam que eu tinha deficiência visual.

Então, meu dia a dia era igual ao das outras crianças: trabalhava, brincava e participava de tudo o que ocorria no vilarejo. Lembro-me de que me machucava muito diariamente, até hoje meu corpo tem cicatrizes de corte de arame farpado e de faca adquirido quando estava fazendo algum trabalho ou participando de alguma brincadeira.

Meus familiares diziam que o motivo de isso ocorrer era pelo fato de eu ser muito afoita¹¹⁸ e que é normal criança nascida antes dos nove meses ser afoita.

Lembro-me de que, durante minha infância toda, muitos acidentes ocorriam comigo. E eram muitos mesmo. Vivi incontáveis acidentes, que houve uma época da minha vida em que não existia uma parte do meu corpo que não tivesse um

¹¹⁸ O mesmo que ansiosa, apressada, precipitada.

machucado e cicatriz, e isso inclui até minha vagina. A justificativa dos meus familiares era sempre porque nasci antes do tempo.

Meu andar desequilibrado, minha fala atropelada, minhas quedas, meus tropeços, meus arranhões, meu desinteresse por fotografias e muitas outras coisas justificavam-se por eu ser afoita, não prestar atenção em nada. Com isso, os anos se passaram, meus machucados aumentaram e se tornaram algo comum entre meus familiares, a ponto que ninguém se importava mais em colocar algum remédio ou me levar para ser benzida. Pelo contrário, às vezes, quando caía e o sangue escorria da minha testa molhando meu rosto ou quando saía a pele do meu joelho, minha mãe vinha xingando até o vento e me cobria de lapadas, enquanto me mandava prestar atenção nas coisas ao meu redor. Em seguida, tomava banho e retornava para minhas tarefas com mais meia dúzia de machucados e uma nova cicatriz.

Quando estava com sete ou oito anos de idade e era considerada uma mocinha que tinha dezenas de atividades

domésticas para fazer, a única pessoa que demonstrava compaixão com meus machucados era a Glenda, que, sempre que podia, fazia meu trabalho para que não me machucasse mais.

Glenda era uma mulher solidária, gentil, alta, magra e branca, tinha olhos grandes e negros, cabelos muito longos e encaracolados, a melhor amiga de minha mãe desde a infância. Ao contrário da maioria das pessoas que moravam na Vinte, ela não dava importância para superstições nem era muito religiosa.

Nunca a vi desconjurando, amaldiçoando alguém e também nunca a vi orando, suplicando, batendo os pés no chão, batendo as mãos uma na outra, gritando, chorando e falando com a língua enrolada na igreja, embora estivesse presente em todos os cultos, ajudando no preparo de alimentos e cuidando de crianças.

Glenda, depois da minha avó, é a maior memória afetiva feminina que carrego hoje comigo, é a minha única lembrança de carinho e cuidado que recebi na infância. Era quem me dava

banho, penteava meus cabelos e me vestia roupas limpas, quem tirava lêndeas e piolhos da minha cabeça, quem tirava pulgas e bichos do meu pé, quem colocava leite de peito nos meus olhos duas a três vezes na semana e quem limpava meus machucados e colocava sulfa¹¹⁹ e sumo de plantas em cima dos meus furúnculos e cortes no corpo, além de me dar um pedaço grande de capão¹²⁰ cozido com arroz misturado com jerimum, que de longe eu sentia o cheiro para comer num prato sozinha.

Essa era uma das raras vezes que comia sozinha num prato, porque, na minha casa, era um prato de comida para dois. Geralmente, eu comia com meu primeiro irmão, dividíamos até mesmo um pé de juriti guisado. Depois das refeições comíamos fruta e, se por acaso fosse melancia ou melão, também comíamos juntos. Nossa mãe nos dava uma banda da fruta e nós comíamos raspando com uma colher e colocando punhados¹²¹ de farinha dentro.

¹¹⁹ Pílula anti-inflamatória; usada também no combate a infecções bacterianas.

¹²⁰ Frango.

¹²¹ Um pouco de (farinha).

Era também a única que reclamava para meus pais o fato de eles me baterem tanto, dizendo que eu ainda era criança. E constantemente falava para minha mãe que existia algo errado com minhas pernas e que tinha certeza de que eu era doente.

Quando a Glenda foi embora da Vinte, eu ainda era muito pequena, não tinha mais de oito anos, e minha mãe estava grávida da sua terceira criança. Com sua partida, além de ficar sem nenhuma proteção, tornei-me uma menina adulta, minhas tarefas aumentaram, assim como meus machucados, piolhos e pulgas no corpo.

Como se não bastassem os machucados que adquiria sozinha ou em razão de surras dos meus pais, frequentemente aparecia alguma pessoa que perguntava aos meus pais o que eu tinha de errado. Todas as vezes que ouviam esta pergunta, ficavam muito bravos e acabava sobrando para mim, ou melhor, eu ganhava uma taca¹²² sem nem sequer saber o motivo, a não ser quando minha mãe dizia que eu estava falando de coisas da nossa casa para os outros. Sem entender o que ocorreu, apenas

¹²² Uma surra.

sentindo a dor das lapadas de cinto de couro ou de cipó, eu me sentava debaixo de uma das árvores do quintal, chorava e muitas vezes terminava dormindo.

Outras vezes, minha mãe ouvia alguém comentar que não podia ser normal uma criança da minha idade ter o corpo todo machucado e com tantas cicatrizes. Furiosa, respondia que eu me machucava porque não prestava atenção, vivia com a cabeça no mundo da lua e que, além disso, queria mais atenção do que meu irmão mais novo.

Para ela, eu já estava mocinha, tinha que aprender a cuidar da casa e dos meus irmãos, isto porque ela estava novamente grávida, já prestes a parir meu terceiro irmão. E, depois que meu irmão nascesse, eu ficaria em casa cuidando dele, enquanto ela e meu pai iriam trabalhar na roça.

Meu segundo irmão era uma criança muito querida pelos moradores, todos queriam segurar e apertar. Penso que era pelo fato de ele ser um bebê lindo e muito gorducho, de rosto redondo e vermelho, cabelos dourados, que em pouco tempo passou a ser conhecido como “o bebê dos cabelos de ouro”.

Mas era chorão que só a moléstia. Chorava um choro alto e escandaloso que se ouvia a umas três soltas¹²³ depois da nossa e a léguas de distância. Veio benzedeira de tudo quanto foi banda para benzê-lo para que aquele choro feio sumisse, e nada.

Eram poucos os momentos em que ficava calado, mas certo dia, quando estava andando no terreiro com ele escanchado¹²⁴ na minha cintura, percebi que ele estava cochilando, aí o coloquei numa rede debaixo do alpendre e fui brincar com as outras crianças.

Nesse instante, minha mãe sentou-se numa cadeira de macarrão no alpendre para fazer umas costuras e me avistou no terreiro ao redor das outras crianças para brincar e as ouviu me chamando-me de bibinha¹²⁵, bobinha, doidinha, louquinha e as

¹²³ Vegetação rasteira (capim) numa fazenda destinada à alimentação bovina; pastagem onde o gado se recupera; fazenda de gado; curral.

¹²⁴ Forma comum de carregar crianças apoiadas na cintura, nas costelas.

¹²⁵ Significa pessoa embriagada de cachaça.

viu empurrando-me para eu não participar da brincadeira, beliscando-me e puxando meu cabelo.

Notou que, depois de alguns empurrões, me sentei sozinha como se nada tivesse ocorrido. Sentiu-se surpresa pelo fato de eu não ter chamado por ela e nem pelo meu pai para contar que as crianças estavam me batendo, e muito menos reclamar para os pais das crianças.

Essa minha atitude fez com que minha mãe me observasse pela primeira vez. Lembro-me de ela me chamar olhando fixamente o modo que andava e dando-se conta de que quase sempre estava sozinha.

Foi quando notou os diversos machucados em meu corpo: pernas roxas, braços arranhados, provavelmente de espinhos ou filepas¹²⁶ de pau, pés cortados, furúnculos nas pernas e coxas, queimaduras nos braços, mãos e pés, dedos com espinhos e cheios de pus, calos, inchaços e cortes pequenos em minha cabeça.

¹²⁶ Como as pessoas chamam fiapos de pau na Vinte; felpas.

Ao me aproximar com andar cambaleante, batendo uma perna na outra, e talvez fosse por isso que as outras crianças me chamavam de bibinha e louquinha e mais outros apelidos, perguntou-me se eu estava tonta. Falando baixo, respondi que não. Não estava tonta.

Em seguida, puxou-me para perto de si, colocando-me em seu colo, acariciou meus cabelos, tocou na minha fronte¹²⁷, inchada. Tocando em meus cabelos, ouvi um sussurro seu: “Oh! Deus, quanta lêndea e piolho”. Em toda a minha vida, desde criança pequena, esta é a única recordação que tenho de ter ficado no colo de minha mãe e receber carinho.

Em pensamento, falei para mim mesma que meus piolhos eram tantos que escorriam pela testa e eu conseguia pegá-los com a ponta dos dedos.

Nesse dia, ela tirou pulgas e bichos dos meus pés, colocou remédios nos meus machucados e me fez centenas de perguntas para entender por que eu andava desequilibrada. Por fim, chegou à conclusão de que eu estava doente, de que

¹²⁷ O mesmo que testa.

sempre havia estado doente e se culpou por não ter percebido antes.

Com minha suposta doença, minha mãe passou a ficar em casa; em vez de ir trabalhar na roça, começou a plantar no quintal de casa mesmo. Dedicou a maior parte do seu tempo a fazer garrafadas, tintura, lambedor e banhos para mim, mas minha situação não mudava.

Numa madrugadinha de pleno inverno, viajou sozinha no lombo de um burro até Encruzo para comprar vitaminas e remédios para vermes e fastio. E nada, nem mesmo os remédios de farmácia evitaram que meus machucados aumentassem. Com isso, minha mãe passou a perguntar para as mulheres mais velhas sobre remédios que pudessem me ajudar.

Fez todo tipo de simpatia, benzimento, garrafada, chá e tintura que lhe ensinaram. Não importava o quanto estranho fosse, como banho de madrugada, cortar um limão-galego e deixar no chuveiro da noite em cima do telhado e de manhã cedo me dar para comer enquanto rezava três pai-nossos, três creio em deus pai e três salve-rainhas.

Outras simpatias eram terríveis, como comer fezes de recém-nascido e colocar pimenta-do-reino em pó dentro dos meus olhos. Devido a esta última, passei uma semana com os olhos vermelhos e chorando de dor depois. Devido à primeira, sinto nojo da minha boca até hoje.

O pior de tudo é que nada disso adiantou. Aliás, minha vida piorou, porque passei a ter crises constantes de vômito, dores nos olhos e na cabeça. E, em pouco tempo, as pessoas passaram a me chamar de doentinha ou mesmo a dizer que estava pagando alguma maldição de família.

Frequentemente, surgia alguém que queria me ajudar, e assim havia mais umas reuniões de oração, votos com Deus, cultos de ação de graça, promessas divinas, simpatias, banhos, rituais e benzimentos diários. Por causa de alguns desses rituais, tenho marcas em meu corpo até hoje.

Um certo dia começou a circular uma notícia na Vinte de que existia um curandeiro muito poderoso, que era capaz de curar uma pessoa sem sequer ficar perto dela, bastava que alguém lhe entregasse uma peça de roupa do doente que a cura

seria realizada. Esse curandeiro morava no Três Raízes, um povoado da Baixada Maranhense que ficava distante da Vinte.

Ao ouvir esta notícia, minha mãe decidiu me levar para consultar com este curandeiro. Passou uma semana organizando os preparativos para a viagem. Fez farinha, pilou arroz, ralou milho, embrulhou tudo e arrumou dentro de um cofo novo que ela mesma fez especialmente para levar os presentes que seriam como o pagamento ao curandeiro pela consulta.

No dia da viagem, acordou de madrugada, vestiu-me com um vestido novo, branquinho de babadinhos, calçou-me com uma sandália de plástico, fechada e transparente, perfumou-me com alfazema e colocou uma traca¹²⁸ rosa para enfeitar meus cabelos. Preparou uma marmita cheia de cuscuz com manteiga e uns pedacinhos de galinha frita, pegou algumas bananas e uma garrafa cheia de suco de murici para nos alimentar na viagem.

¹²⁸ Tiara; nesse caso, tratava-se de uma tiara de plástico.

Estávamos no início do mês de junho, o período de chuva forte havia passado, a estrada estava seca e a lua cheia deixava o caminho claro, o que diminuía os riscos de acidentes com cobras venenosas e escorpiões.

O tempo estava a nosso favor para fazermos uma viagem tranquila. Lembro-me de que naquele dia estava muito feliz, a ponto de não sentir o dolorido na minha pele.

Meu corpo estava limpo, meus cabelos e unhas aparados, dentes escovados, uma roupa e uma sandália novinhas. Era minha primeira viagem, a primeira vez que iria sair da Vinte, e o melhor: estava usando pela primeira vez um calçado sem ser de madeira e couro, que não tinha sido feito pelo meu avô.

Saímos de casa antes de o dia amanhecer, meu pai nos levou de carroça até a beira da pista¹²⁹ para pegarmos um pau de arara. Nós o pegamos por volta das seis da manhã em direção

¹²⁹ Fala regional para se referir às margens de BR; neste caso, trata-se das margens da BR-316.

ao povoado Três Raízes, quando a pista ainda estava encoberta de neblina, que mal dava para ver alguma coisa.

Lembro-me do alvoroço que foi minha mãe subindo no pau de arara. Pelo fato de ela ser uma mulher grande e um pouco destrambelhada, quase que caía de cima do carro e, pelo jeito, eu e o cofo cairíamos com ela também.

Apesar de ela ter visto que não havia espaço em cima do pau de arara que desse para colocar sequer uma laranja de modo confortável, ela queria a qualquer custo sentar, me sentar e arrumar um lugar para o seu cofo viajar intacto. Claro que isso não deu certo. A única coisa que ela conseguiu foi parecer antipática para os outros passageiros.

De canto de olho, via aquela presepada, segurando-me para não sorrir, até que uma senhora que estava sentada no meio, rodeada de sacos de estopa, me estendeu a mão e pediu que sentasse ao seu lado. Sentei-me rapidamente que, quando minha mãe notou, eu já estava comendo um pedaço de bolo de puba que a senhora tinha me dado.

Durante muito tempo, quis viajar de pau de arara, porque sabia que as viagens eram sempre muito divertidas, sempre havia um poeta, um cantor com uma sanfona ou violão que cantava durante toda a viagem. Existia também um contador de causos e um adivinho que distraía crianças e adultos.

Mas, para mim, o melhor de tudo era o momento de comer, pois pessoas que nunca haviam se visto dividiam seus alimentos. Às vezes, uma pessoa tinha somente uma asinha de galinha com um punhado de farinha para comer e, mesmo assim, oferecia e dividia com quem estava do seu lado. O certo é que ninguém comia nada, nem um grão de farinha, sem oferecer para quem estivesse ao seu lado.

Por outro lado, as viagens de pau de arara sempre eram muito perigosas, constantemente acontecia acidente grave em que a maioria ou todos os passageiros morriam. O carro virava, caía de uma ponte, ou ainda algum passageiro, geralmente idoso, criança e mulher grávida, caía da carroceria, que sempre estava entupida de gente de tudo quanto era jeito: doente,

pendurada numa rede, mulher grávida, recém-nascido e pessoas que carregavam sacos de estopa, cofos, jacás e mais um monte de bugigangas.

Nossa viagem demorou cerca de seis horas. No trajeto, pegamos sol, chuva e muita poeira, o que deixou meu vestido novo e limpo sujo. Como eu esperava, foi uma viagem alegre, com muita música tocada e cantada por um homem miúdo, magro que o rosto parecia uma caveira, com uma orelha enorme, que mal podia segurar a viola que tocava.

Ao contrário de sua aparência, seu repertório musical era lindo! Tocava e cantava forró, xote, baião, sertanejo, seresta e ciranda. Passei toda a viagem cantando e sorria quando ouvia alguma piada ou somente um comentário. Quando chegamos ao Três Raízes, senti saudades da viagem, de tão boa que foi para mim.

Descemos do pau de arara com a ajuda de um passageiro jovem e gorducho e de uma senhora alta e também gorducha; os dois, muito simpáticos, provavelmente eram parentes

próximos, porque se pareciam muito até no jeito de falar, que era muito rápido, como se estivessem cantando.

Depois que descemos, minha mãe colocou o cofo na cabeça, segurou-me pelo braço e andamos em direção à casa do curandeiro.

Logo que entramos em seu terreiro, notamos um amontoado de pessoas, com aparência de tudo quanto era jeito: muito gorda, muito magra, alta, baixa, amarela, preta, branca, outras tapando a boca com um pedaço de pano, outras deitadas em redes armadas debaixo das mangueiras, outras deitadas no chão, crianças de colo amarradas em cadeiras, pessoas cegas, de muletas, sem pernas, com uma tira de pano amarrada na cintura, esfaqueada, baleada, com caroços enormes no rosto... enfim, muita gente.

Passamos por essas pessoas em silêncio. Ao chegar em frente à porta de entrada, estava um homem negro, velho, magro, com os olhos fundos, vestindo uma roupa de linho puro, uma camiseta branca de botões e de mangas curtas e uma calça branca com a bainha dobrada até a metade da canela, com um

semblante alegre, sentado num tamborete na frente do batente.

Aproximamo-nos dele e ele levantou-se apoiando-se num bastão de madeira e cumprimentou minha mãe com uma voz tranquila, que igual àquela nunca havia escutado. Ele me olhou de forma carinhosa, passou a mão nos meus cabelos e disse baixinho: “Oh, criança”. Sorri e ele sorriu para mim.

E então o senhor, ajudando minha mãe a tirar o cofo de sua cabeça, disse: “A senhora pode tirar esse peso da sua cabeça e deixar aqui na porta, que ninguém mexe”.

Em seguida, pediu que fôssemos comer. “A comida é importante, faz parte do tratamento de cura”, disse ele enquanto nos acompanhava a ir ao lado direito da casa para comermos.

Paramos em frente a uma mesa que consistia numa tábua grande, apoiada numa tora de pau fincada no chão, em cima havia duas panelas grandes de ferro, ao lado estava um amontoado de pratos e colheres de alumínio. A uns dois metros,

havia uma outra mesa semelhante, com alguns potes de barro e um jacá grande cheio de copos de plástico.

Uma mulher de pele clara, gorducha, com uma rudia¹³⁰ por cima do ombro e o cabelo coberto por um pano branco, nos cumprimentou de modo doce, mas ela tinha um tom de voz tão estridente que meus ouvidos doeram enquanto ela falava.

Rapidamente, encheu dois pratos com arroz, fava cozida com toicinho, carne de porco e carne de boi. Foi até a outra mesa, pegou dois copos, enfiou-os dentro do pote e nos entregou cheios de caldo de cana.

Antes de pôr uma colherada de comida na boca, dei uns goles no caldo de cana e, embora o dia estivesse muito quente, ele estava frio e muito doce. Minha mãe, quando viu que eu tinha provado o caldo de cana antes de comer, deu-me um cascudo repreendendo-me. Só podia beber depois de comer.

Quando coloquei a primeira colher cheia daquela comida na minha boca, foi como ir ao céu e voltar. Foi a comida mais

¹³⁰ Como se chama pano de prato na Vinte e em muitos interiores do Nordeste.

gostosa que havia provado até aquele dia. Foi também o melhor e mais gostoso caldo de cana que já havia bebido.

Logo que terminamos de comer, fomos nos reunir com as pessoas que estavam esperando a hora de suas consultas. Minha mãe puxou conversa aqui e acolá, mas ninguém lhe dava ouvidos. Ela olhou na direção da porta de entrada, e não viu o velho que a havia recebido, mas sentiu-se aliviada ao ver que seu cofo estava do jeitinho que tinha deixado.

Já era final de tarde e havia ainda muita gente esperando para ser atendida pelo curandeiro. Com isso, minha mãe começou a se preocupar com a volta para casa, mas estava decidida, só sairia dali com uma resposta.

Percebeu que algumas pessoas saíam da consulta em prantos¹³¹, outras com os olhos cheios d'água, outras cabisbaixas¹³² e outras, em menor quantidade, alegres.

Algumas horas depois, quando já estava caminhando para a boquinha da noite, finalmente chegou minha hora de ser

¹³¹ Em lágrimas.

¹³² Tristes.

atendida. Apressada e puxando-me por um braço, minha mãe pegou o cofo e adentramos a casa do curandeiro.

Ficamos paradas na sala, até que uma mulher jovem e simpática nos guiou ao quarto onde aconteciam as consultas. Era um quarto sem janelas, com cheiro de rosas e cachaça, iluminado por algumas velas, com imagens para tudo quanto era lado.

O curandeiro nos recebeu na porta de entrada do quarto. Era um homem pardo, baixo, magro, cabelos pretos e lisos cortados de uma forma arredondada rente à orelha, de modo que o cabelo parecia uma espécie de capacete. Aparentava ter entre trinta e trinta e cinco anos. Seus dentes eram muito brancos e perfeitos e, quando sorria, contrastavam com o único dente de ouro que tinha.

Estava vestido com uma calça branca de linho grosso e uma camisa social de mangas curtas vermelha. Usava em seu pescoço um amontoado de colares de ouro, miçangas e sementes de diversas cores; seus braços estavam enfeitados

com muitas pulseiras e no meio delas tinha um relógio grande de ouro.

Sua fala era tranquila e pausada. Devagar se aproximou de nós duas, ajudou minha mãe a tirar o cofo da cabeça e pediu que sentasse num tamborete. Depois que minha mãe sentou, ele pegou um outro tamborete e sentou-se em sua frente, olhando-a fixamente.

— Pode dizer o que você tem? — disse ele à minha mãe, que imediatamente me puxou pelo braço, me colocou em sua frente e respondeu:

— Não é eu, é minha filha que tá doente.

Fiquei alguns minutos parada entre os dois. O curandeiro me olhava e tocava em meus braços e na minha cabeça. Minha respiração acelerou de um modo que não conseguia controlar. Sentia um frio intenso na barriga e conseguia ouvir o som dos meus órgãos internos, o pulsar do coração do curandeiro e o da minha mãe; sentia-me mal, dor e medo, muito medo.

Foi nesse dia e nesse instante que imaginei que meu mundo não era o mesmo da maioria das outras pessoas. Foi a

partir desse dia que comecei a me interessar pelo som do corpo e pelas vozes das pessoas. Foi quando descobri que os sons eram minha forma de conhecimento e percepção do mundo e, embora não soubesse como usá-los, sabia que eram eles os responsáveis pela minha mobilidade, pelo meu desinteresse por muitas coisas, pelo meu andar desengonçado e pela minha voz de boca fechada e atrapalhada.

Diante da minha mãe e do curandeiro, parada como se fosse uma estátua, assustada com os sons que ouvia e com a sensação do lugar, comecei a contar de um a dez e depois de dez a um, até que aquele mal-estar passou. Por isso, ainda hoje, quando estou diante de uma situação que me causa medo, confiro números da forma crescente e decrescente até acalmar minha mente.

Não sei por qual razão, mas de repente comecei a ouvir a voz da minha mãe como se ela estivesse distante de mim, repetindo: “Ela é doente desde que nasceu, olha isso aqui”.

Enquanto falava, sentia suas mãos em meu corpo indicando as manchas e cicatrizes na minha pele. “Olha como

anda”. Mandava-me andar para que o curandeiro visse. E falava, e falava, e o curandeiro ouvia, enquanto eu permanecia parada entre os dois, pensando em fugir e sem saber como e nem para onde. Com uma voz calma e de um jeito muito natural, o curandeiro falou:

— Não, não tem nada de errado com esta criança.

— Então, ela anda assim e se machuca desse jeito é porque quer? – Minha mãe me olhou com uma expressão de raiva e disse: “Quando chegar em casa, tu me paga”.

— Esta criança não enxerga! A senhora nunca viu que nesse olho não tem brilho e que o outro olho é coberto por uma capa branca e vermelha!? – falou o curandeiro com um tom de voz mais alto, como se tivesse perdido a paciência. — Ela anda porque é guiada por Santa Luzia e os encantados das águas, mas não porque enxerga, pelo jeito nasceu sem ver nada. Agora ela pode até ver, mas é muito pouco, tão pouco que só dá para ela sobreviver.

Minha mãe ficou atordoada e chorou. E, falando com um tom triste, quase que implorando, perguntou:

— Que remédio devo dar pra ela pra que ela fique boa da vista?

— Pra vista não tem remédio, mas pra esses machucados tem. Faça compressa em todo o corpo dela com chá de folha de caju e dê chá de folha de laranja três vezes ao dia durante um mês para as dores e inchaço no corpo. — O curandeiro, depois que terminou de falar, fez um gesto indicando que a consulta tinha acabado.

Minha mãe saiu atordoada da consulta, segurando minha mão com força. Antes de sair da casa, teve uma crise de choro, que uma mulher lhe deu uma caneca d'água com açúcar para que se acalmasse. Depois, sentou-se por uns instantes num banco e lembrou-se do senhor que a havia recebido quando chegou e quis se despedir dele.

Saiu perguntando por ele para quem estava na casa, descrevia suas características, mas ninguém sabia de quem minha mãe falava. Uma mulher ficou olhando-a nos olhos e disse: “Não existe ninguém com esta aparência aqui, muié”. Irritada, minha mãe desistiu de encontrar o velho.

Quando estávamos em cima do pau de arara para voltar para a Vinte, ela o avistou sentado no tamborete na beira da pista com seu bastão do lado. Murmurou: “Que diabos esse velho faz na pista?”. Cutucou-me ¹³³e falou empolgada:

— Olha quem está ali!

— Quem? – perguntei desviando o olhar.

Minha mãe notou que algumas pessoas que estavam do nosso lado se olhavam e sorriam apontando para ela, faziam gestos com o canto da boca, como quisessem dizer: “Tá vendo visagem¹³⁴”.

Naquele momento, minha mãe não teve dúvida de que havia falado com um encantado em forma humana. Por isso, ninguém o tinha visto na casa do curandeiro e também ninguém o viu na beira da pista.

Deitou-se apoiando suas costas nuns sacos de estopa que estavam amontoados bem no meio da carroceria do pau de

¹³³ Tocar uma pessoa com a ponta dos dedos.

¹³⁴ Assombração, alma, espírito.

arara e num gesto de carinho colocou minha cabeça apoiada em seu peito.

Naquele momento tive a impressão de que a viagem tinha ficado mais longa, embora o carro andasse mais rápido; ao contrário do que havia sido a viagem de ida da Vinte para o Três Raízes, a volta estava silenciosa e meu coração tomado por uma tristeza que não sabia de onde tinha vindo. Sentia medo, mas não era capaz de dizer do que tinha medo.

Chegamos já de noitinha à beira da pista para irmos para a Vinte; no momento de estacionar o pau de arara, houve um barulho que parecia uma carrada¹³⁵ de piçarra caindo de uma caçamba.

Assustadas, as pessoas que viajavam começaram a gritar de uma só vez: “Devagar aí, motora, tu não tá carregando jumento aqui não, nós é gente, viu!”. Inclusive eu gritei e só parei de gritar depois que ganhei um belo cascudo da minha mãe.

¹³⁵ Carga (de piçarra). Na Vinte eram transportadas principalmente em caçambas ou carroças.

Meu pai já estava nos esperando na beira da pista. Mas, como um bom coirente que era, estava cochilando em cima da carroça, sem se dar conta dos perigos que corria, fosse de um ladrão levar sua carroça, de pegar uma surra de algum desconhecido, fosse de ser atropelado por algum carro desgovernado.

O barulho do pau de arara lhe deu um susto que descruzou os braços e saltou num só pulo da carroça e saiu levantando os braços gritando:

— Tô aqui, muié!

— Já te vi, home! – gritou minha mãe de cima do carro, lutando para descer, segurando-me pela mão. E eu me acabando de sorrir.

As pessoas que ainda iam seguir viagem riram. Foram tantas gargalhadas que algumas até se engasgaram com saliva, tanto pelo pulo que meu pai deu da carroça quanto pelo diálogo dele com minha mãe.

Seu gesto foi tão cômico que até ele mesmo não se aguentou e sorriu tanto que fez xixi na calça, embora no

momento do pulo tenha sentido um frio na barriga, morrendo de medo de cair de cara na piçarra e se lascar todo.

Logo que notei meu pai mijado, não aguentei e manguei¹³⁶ dele o máximo que pude, apesar de ele ser um homem esquisito, zangado e violento. O motivo de eu dizer que ele era um homem violento você vai entender daqui a pouco, mais à frente.

O certo é que, por pior que ele fosse, ainda era mais chegado a brincadeiras do que minha mãe. Mas, naquele instante, por alguma razão, minha mãe estava extremamente alegre, de um jeito que nunca tinha visto, puxando brincadeiras, fazendo piadas, sorrindo dos mugangos¹³⁷ que meu pai fazia com a boca, cutucando-me aqui e acolá.

Foi nesse clima de alegria e tranquilidade que nós três subimos na carroça e viajamos devagar. Meus pais sentaram-se na frente, meu pai conduziu a carroça e eu me sentei de costas,

¹³⁶ Como os moradores da Vinte e de regiões próximas chamam o ato de sorrir de alguém.

¹³⁷ Como as pessoas da Vinte e de regiões próximas chamam gestos grotescos com a boca, expressões faciais.

atrás de meu pai, para que, enquanto a carroça andasse, eu pudesse tocar e puxar as folhas das árvores da beira da estrada. Vez por outra, minha mãe dizia: “Ah, bichinha, não te aviso nada, se na hora que tu puxar um galho tiver uma cobra enroscada”.

Lembro-me de que aquele dia foi a primeira vez que andei de carroça com meu pai sem que ele chicoteasse a cada segundo a pobre da Estrela, a égua mais bonita que tínhamos, nem andasse xingando a estrada da Vinte e tudo o que encontrasse pela frente.

Foi também a primeira vez que presenciei meus pais conversando, brincando e em crises de riso. Não sei de onde veio e nem o porquê, mas estávamos envolvidos num sentimento profundo de alegria e relaxamento, durante esta viagem.

Num determinado momento, minha mãe falou sobre minha consulta com o curandeiro, relatando detalhe por detalhe, desde o momento de nossa chegada ao momento de nossa saída.

De repente, o clima de alegria e relaxamento que estava entre nós sumiu. Meu pai mudou o tom de voz, se esquivou de minha mãe e seu corpo demonstrava como se estivesse carregando uma carga de umas cem arrobas.

Mas o que realmente me assustou foi o modo como minha mãe falou de mim: repreendendo meu pai, com um tom de voz muito diferente do que estava quando ouviu o curandeiro dizer que eu não enxergava.

— O que diabos é isso, home? Não aguento mais tuas lamentação! Qualquer coisa tu faz uma tempestade num gole d'água – falou minha mãe.

— É que nossa filha é doentinha, muié – respondeu meu pai com um tom de voz de muito sofrimento.

— Que doentinha nada, criatura! Ela não enxerga tudo o que tá na sua frente, mas enxerga um tiquinho. Isso lá é motivo pra tu se lamentar, home? Quantas gente não tem nas Vinte que não enxerga? E todo mundo no vive? Tem seu Manel que bota a roça dele sozinho todo ano. Tem a dona Luzia, que é uma das melhor parteira e que inclusive fez o parto do Tito. Quer dizer

que, quando tu foi na casa de dona Luzia chamar ela pra fazer o parto do teu filho, tu esqueceu que ela era cega?

Ao ouvir esse comentário de minha mãe, desviei minha atenção para a estrada e parei de bolinar nas folhas e galhos. Lembrei-me de que a dona Luzia, uma mulher generosa e sorridente que havia feito o parto do meu terceiro irmão, era cega de nascença.

Dona Luzia morava sozinha entre a Vinte e a Trinta, era uma mulher de meia-idade, magra, pele branca, cabelos amarelos e crespos, com olhos azuis. Passava as tardes sentada na porta de sua casa costurando ou catando¹³⁸ arroz e feijão.

Lembro-me de que eu e outras crianças gostávamos de entrar escondidos no seu quintal para roubar restos de frango guisado e arroz novo da panela que ela deixava na beira do fogareiro e mais suas batatas assadas no forno a lenha e algumas frutas do quintal.

Na época, pensávamos que estávamos fazendo escondido, mas a verdade é que ela sempre deixava as panelas

¹³⁸ Ato de separar grãos estragados dos que não estão estragados.

com comida, as batatas no forno e a cerca aberta para entrarmos. Nós não a roubávamos, ela simplesmente nos dava, sem nos dizer. Ela permitia que entrássemos no seu lar.

Outra coisa que me dei conta no comentário de minha mãe era que não existia ninguém no mundo que gostasse de se lamentar como meu pai e fosse mais dramático do que ele. Estava observando o diálogo dos dois quando meu pai falou desconfiado:

— Como ia me dá conta de que dona Luzia era cega, a muié é uma danada de uma bonita! – resmungou baixinho meu pai. Embora baixinho, minha mãe ouviu e foi logo dizendo:

— Tu tem uma queda por ela.

— De onde tu tirou isso?

— Tem sim, e não é só tu não, né? É tu e a maioria dos home que cismaram de tirar a virgindade de Luzia desde quando

ela era novinha, mas ela preferiu ficar moça velha¹³⁹ e se dedicar à ciência¹⁴⁰.

E, provocando o marido, disse:

— Ah! Tu nem sabe... Vivi hoje uma experiência sobrenatural!

— Quê? – indagou surpreso meu pai, demonstrando muito interesse na história.

— Conversei com um encantado – disse minha mãe sorrindo com muita naturalidade.

— Sempre soube tu é dessas coisa, muié, que tu é do mistério¹⁴¹.

O restante da viagem foi minha mãe relatando o encontro que tivemos com o encantado e coisas que ocorreram na casa do curandeiro.

¹³⁹ Forma popular de se referir a uma mulher que chega virgem à meia-idade.

¹⁴⁰ Forma popular de se referir a uma mulher que se dedica a ser curandeira.

¹⁴¹ Forma popular de se referir a pessoas que se comunicam com encantados, espíritos, com o sobrenatural.

Quando chegamos à Vinte, foi como se nossa chegada tivesse sido anunciada por um carro de som, porque, em instantes, nosso alpendre ficou cheio de gente que morava em nossa redondeza¹⁴², cada uma mais curiosa que outra para saber como tinha sido minha consulta com o curandeiro.

Alguns perguntavam diretamente para mim. Sem saber o que responder, sempre falava que não foi nada, o curandeiro não disse e nem fez nada, ele só falou com minha mãe.

— Nada. Como nada? – indagou um vizinho nosso.

— Sim, é isso mesmo. Não tem doença, minha filha não é doente. Ela não enxerga tudo, mas enxerga um pouquinho – disse minha mãe em alto e bom som.

Ao ouvir isso, a maioria dos curiosos foram para suas casas, mas, a partir daquele instante, o que não faltaria seriam boatos de que eu estaria pagando uma maldição de família.

E não era só o povo que falava isso, não. A minha família cismou que minha ausência de visão eram coisas maléficas provocadas por ações demoníacas, tentação do capeta. Uma

¹⁴² Nas proximidades, imediações, vizinhança.

maldição herdada da família da minha avó por ser índia e ter envolvimento com o sobrenatural.

Meu pai se dedicou a me ensinar o salmo 91 e o salmo 23; segundo ele, estes eram os salmos da salvação. Minha mãe me ensinou umas dezenas de hinos da salvação e do perdão da harpa da Assembleia de Deus.

Depois que aprendi, que havia decorado os salmos e mais umas dezenas de hino, duas vezes ao dia, sendo a primeira ainda de madrugada e a outra na boquinha da noite, eu me ajoelhava para orar. A oração era sempre a mesma: “Oh! Deus celeste, tu és o alfa e o ômega, o princípio e o fim, me perdoe por ter nascido má, sei que não sou nada e nem ninguém, mas me perdoe, me salve”.

Repetia esta oração dezenas e dezenas de vezes, depois de falar os salmos 91 e 23, e depois cantava dois hinos da Harpa Cristã. Repetia muitas e muitas vezes o coro “Eu sou um cordeirinho, Jesus é o meu pastor, sou uma feliz menina nos braços do Senhor”.

Eram meus pais que diziam o momento de esse ritual acabar. Além disso, frequentava todos os cultos da igreja, participava do grupo do círculo de oração, embora fosse muito jovem. Esse ritual para mim foi uma das piores torturas que vivi; ainda nos dias de hoje, meus joelhos têm cicatrizes dessa época.

Nessa época, diariamente, aparecia alguém na casa dos meus pais para dar uma dica, falar que existia uma mandinga, uma simpatia, um remédio pelo qual, se eu fizesse uma promessa ou um voto para o santo fulano de tal ou encantado sicrano, ele podia me curar.

Para mim, essas dicas significavam somente uma única coisa: mais um sacrifício que faria, mais umas dezenas de palavras que deveria decorar e mais e mais milhares de pedidos de perdão para Deus e entidades espirituais.

Com o passar do tempo, tornei-me cada vez mais isolada, uma criança solitária a quem nem mesmo os irmãos gostavam de ficar próximos, quanto mais brincar. Minhas horas do dia eram divididas entre o trabalho doméstico e as orações, preces e rituais de cura.

Minha mãe passou a me banhar frequentemente, passar pente-fino no meu cabelo para tirar piolhos, cozinhar alimentos deliciosos; toda semana fazia um pote de doce de mamão ou de coco ou de leite. Vivi cerca de uns dois meses nesse ritmo; nesse período, a maioria dos meus machucados sumiram, meus piolhos diminuíram, engordei que fiquei roliça.

Nesse período ocorreu algo muito bom e de que me lembro claramente até os dias de hoje, foi quando dormi pela primeira vez ao lado de minha avó. Eu passava as tardes preparando lambedor, sumo de mastruz e tinturas, doces, beijos e outros alimentos com ela no fogareiro. E, logo que terminava, me deitava dentro de uma bacia feita de pneu de caminhão, cheia de água com folhas de jardineira amassada, para tomar banho.

Ao contrário de meus outros familiares, minha avó não me botava para trabalhar, nem me tratava como amaldiçoada, só me deixava livre. Com ela, esquecia que era diferente e podia viver como qualquer criança da minha idade.

Foi nessa época também que aconteceu uma das coisas mais importantes da minha vida, que foi minha alfabetização através de meus familiares, principalmente meu avô e meu pai.

Quando meus familiares descobriram que eu tinha uma deficiência, minha rotina mudou completamente, meus dias deixaram de ser de brincadeiras e trabalho e passaram a ser de trabalho e rituais de cura.

A visão de meus familiares em relação a mim mudou, meu comportamento deixou de ser de uma menina bobinha para ser de uma pessoa amaldiçoada, cuja explicação era justificada na própria Bíblia Sagrada. Por outro lado, minha diferença fez com que meu avô ficasse mais próximo de mim. Desde que soube que eu não enxergava direito, meu avô passou a me levar para todos os lugares que ia, sempre dentro de um jacá preso em um dos lados do seu burro. Por onde andávamos, ele ia contando seus causos, declamando seus versos e cantando suas poesias.

Todos os meus familiares tiveram conhecimento sobre minha pouca visão, mas ninguém comentava sobre esse

assunto. Durante os cultos e reuniões ou em conversas com outros moradores do centro, falavam que eu tinha uma doença na vista e seria curada com certeza “em nome de Jesus!”. Naquela época, a palavra deficiência era completamente desconhecida. Quando alguém não enxergava, era chamado de cego; se não andasse com as próprias pernas, era chamado de aleijado; caso estivesse com algum déficit de aprendizagem e atenção, era o louco do lugar.

Após saber que meu problema era o fato de não enxergar, minha mãe retomou seu trabalho de costume na roça. Ela era a responsável por praticamente o sustento da família toda, trabalhando na lavoura. Diariamente, acordava de madrugada, preparava uma marmita, uma garrafa de café, pegava uns punhados de farinha e goma, arrumava dois jacás no lombo de um burro e dois em uma égua e colocava a mim e a meus irmãos dentro dos jacás do burro. Algumas vezes, quando ela nos colocava nos jacás, estávamos dormindo ainda; quando acordávamos, já estávamos num barracão na roça.

Quando ela trabalhava na lavoura, eu e meus irmãos sempre estávamos por perto. Se ela capinava, lá estávamos nós fazendo os montes de capim; se ela estivesse plantando, éramos nós quem colocava as sementes nas covas.

Vez por outra, um de meus familiares ia trabalhar com minha mãe; outras vezes, ia geralmente no turno da tarde somente para ficar comigo e meus irmãos debaixo do barracão, para não termos que ir para o meio da lavoura debaixo de um sol escaldante. Todas as vezes que tínhamos companhia, ao invés de trabalharmos, nós brincávamos de pega-pega, chuços¹⁴³, pata cega, canção. Fazíamos bonecas e bonecos de madeira, baladeira, pião.

Meu primeiro irmão, Milo, tinha muitas habilidades para esculpir e talhar qualquer madeira, ele fazia pequenas esculturas de pessoas, animais, árvores e plantas, ou seja, de coisas com que nós convivíamos o tempo todo. O que era incrível em sua arte era que ele esculpia na madeira coisas que

¹⁴³ Objeto de ferro pontiagudo com que no interior do Maranhão as crianças e adultos brincam usando-o para furar o espaço entre desenhos geométricos no chão.

não conseguia fazer em outros lugares, como letras, símbolos e pequenos nomes. Meu avô o incentivava a criar sempre novas esculturas, inclusive objetos utilitários como colheres de pau, e a produzir diferentes tipos de apito e flauta.

Os objetos criados pelo meu irmão, meu avô usava para me ensinar sobre formas das coisas e também para nos alfabetizar enquanto brincávamos. Ele gostava de todos os tipos de arte, sobretudo música e poesia popular, vivia criando versos e cordéis e, geralmente, escrevia-os no chão para nos ensinar a ler e escrever.

Como eu não podia ver, ele escrevia os nomes no chão com a ponta de um graveto¹⁴⁴, fazendo contornos profundos. Depois, pedia que eu pegasse para perceber como era o verso. Devagar, eu ia contornando os contornos com a ponta dos dedos e, alguns minutos depois, já havia decorado todo o verso. Em seguida, ele pegava sua viola, eu e meus irmãos nossa flauta feita com talos de palha e nós cantávamos a composição recém-produzida. A cada semana, a presença do meu avô passou a ser

¹⁴⁴ Pedaco de pau seco, geralmente de galho de árvore.

mais constante, e nossas brincadeiras mais demoradas e divertidas.

Todos os dias, geralmente depois do almoço, ele chegava ao nosso barracão na roça, pegava uma lata de óleo de alumínio vazia que nós usávamos para tirar água da cacimba quando queríamos beber, acendia um fogo rapidinho em qualquer lugar que achasse bom e colocava a lata pelo meio de água no fogo para fazer um café quentinho.

Depois do café pronto, jogava dentro uns pedaços de rapadura, esperava a borra assentar¹⁴⁵ e bebia às goladas com meu pai, os dois disputando quem bebia mais rápido, embora nessa disputa meu pai sempre fosse o vencedor. Aliás, nunca conheci alguém que bebesse mais café que meu pai, ele bebia café até com arroz.

Depois disso, meu avô abria um saco de pano onde guardava um monte de bugigangas que carregava sempre com

¹⁴⁵ Quando se faz café sem coar, e a borra depois de um tempo fica no fundo da vasilha.

ele e tirava um jornal velho, uma revista que já estava se desfazendo de tão velha e mais uns cordéis.

Meu pai pegava e ficava olhando folha por folha de cada uma dessas coisas. Foi num momento como esse que um dia minha mãe disse: “Esses menino precisa estudar”.

Meu avô e meu pai concordaram, e não só concordaram como também disseram que eu e meus irmãos já éramos mais sabidos do que a maioria das outras crianças do vilarejo. Eles mesmos estavam nos ensinando.

O que é engraçado nessa história é que meu avô era semianalfabeto e meu pai analfabeto, não sabia nem escrever seu próprio nome. Minha mãe sabia que eles não tinham estudo, mas sabia também que não existiam cabras mais espertos e inteligentes que eles.

Nesse tempo, os moradores da Vinte estavam construindo uma escola no vilarejo. Havia se passado três anos desde que o governo ditatorial acabou, mas as melhorias com as quais os moradores tanto sonhavam e lutavam desde o fim da década de 1950 nem se aproximaram deles.

Agora a discussão de esperança de conquista de direitos e melhorias na região girava em torno da promulgação da recente Constituição de 1988, mas, enquanto não vinham, seriam eles mesmos, os moradores, que deveriam fazer as mudanças no lugar. Construir uma escola, naquele momento, era prioridade, porque o número de crianças no vilarejo havia aumentado muito nos últimos oito anos, essas crianças precisavam aprender pelo menos a assinar¹⁴⁶ seus nomes.

Além disso, existiam muitas pessoas adultas sindicalizadas que queriam ser alfabetizadas para entender melhor questões relacionadas à legislação e às políticas sociais e, sobretudo, aprender a assinar seus nomes.

Dentre essas pessoas estavam meu avô e meu pai. Os dois ajudavam na construção da escola, juntamente com outros familiares meus. Mas, quando minha mãe disse que eu e meus irmãos precisávamos ir à escola, meu pai foi logo dizendo: “Mas como? Minha nega é doente da vista”, referindo-se ao fato de eu não poder estudar por ter problema na visão. Impaciente,

¹⁴⁶ Escrever seus nomes.

minha mãe falou sobre outras coisas com meu avô e ignorou o comentário do meu pai.

Num instante, meu avô se aproximou de mim, soletrando letra por letra do jornal velho que havia tirado do seu saco de bugigangas, e pediu para eu repetir cada uma das letras que soletrava: “Fale do jeito que eu falar, tá? B – R – A – S – I – L. Agora fale tudo de uma vez. Eita, que nega inteligente da moléstia! É isso, tá certo! Tá vendo, Freia? Ela já sabe ler, não é cega”.

Depois desse dia, meu avô passou a levar para a roça todo tipo de livro, revista, cordel, hinário e, quando não aparecia nada, usávamos a Bíblia Sagrada para eu aprender a soletrar e a falar palavras. Algumas vezes, ia comprar livros usados nas feiras de Encruzo, Maracaçumé e Santa Luzia do Tide; outras vezes, pedia nas escolas desses lugares.

Líamos mentalmente em todos os lugares: no alpendre fazendo caldo de cana e cachaça, assando milho, capinando, pescando, armando arapucas, caçando jabuti e tatu, colhendo arroz, feijão e milho, pegando frutas, assando castanhas,

andando para soltas em busca de estrume¹⁴⁷ e aguando canteiros. Mas foi no caminho de casa para a roça e da roça para casa que fui alfabetizada de forma oral e lúdica.

O processo inicial consistia em uma pessoa da minha família, frequentemente meu avô ou minha tia Frida, a única alfabetizada do centro em que morávamos, falar as letras, uma por uma, de determinada palavra e eu falar a palavra completa. Outro aprendizado que adquiri neste período foi decorar rapidamente trechos de livros e histórias completas rapidamente depois de ouvir alguma pessoa lendo. Com isso, aprendi o conteúdo das cartilhas de alfabetização, a formar palavras, a escrever versos e histórias e a realizar pequenas contas matemáticas, sem saber desenhar letras e números.

Quando aprendi a formar palavras, decorar textos e informações longas, iniciei o aprendizado do desenho das letras usando gravetos como lápis e o chão como caderno, outras

¹⁴⁷ Fezes de animais; neste caso, nós pegávamos principalmente de gado, cabra, ovelha e bode.

vezes usando pedacinhos de carvão ou barro como lápis e pedaços de madeira ou pedra como cadernos.

Nesse meio-tempo, meu pai estava se dedicando a aprender a ler sozinho. Para isso, estava usando a Bíblia Sagrada e ouvindo aulas de português e de outras matérias em seu rádio a pilha.

Acordava de madrugada, antes mesmo da minha mãe, pegava uma lamparina acesa, sentava na mesa da cozinha com a bíblia, uns pedaços de papel e um lápis para estudar. Sempre que aprendia uma palavra nova, falava para minha mãe e passava o dia repetindo, criando rimas e versos. Curiosamente, meu pai, antes de saber escrever uma única palavra do seu próprio nome, sabia matemática. Na verdade, era fera¹⁴⁸ em matemática, fazia qualquer conta de cabeça, calculava o tamanho de qualquer lote de terra só no olhar e sabia a tabuada de cabo a rabo.

¹⁴⁸ Quando se diz que alguém é muito bom numa área do conhecimento.

E sim, claro que, enquanto meu avô se dedicava a me ensinar as primeiras palavras, meu pai me ensinava os primeiros números. Fazia contas e queria que eu resolvesse. Mas meu pai não era um professor muito paciente, não gostava de repetir, não tinha criatividade para criar meios que fizesse a mim e a meus irmãos aprendermos algo.

Quando eu acertava, era uma alegria, mas, quando eu não acertava, a taca comia! E, assim, íamos de aula em aula de matemática.

Um dia, eu e meu primeiro irmão conversamos e chegamos à conclusão de que as aulas de matemática do nosso pai eram um meio de ele nos bater fortemente na frente de quem quer que fosse, sem que ninguém o repreendesse. Nossa situação piorou, quando ele fez uma palmatória com cerca de uns sete centímetros de espessura e com um furo no meio para nos castigar quando errássemos a tabuada ou alguma conta.

Com o tempo, sua estratégia de tortura foi se aprimorando, ele passou a fazer competições semanais que, às vezes, ocorriam até três vezes na semana. Ele colocava-me e ao

Milo de frente um para o outro e sentava-se esparramado numa cadeira preguiçosa entre nós dois, pegava a tabuada e fazia perguntas para nós. Aquele que errasse teria que receber uma palmatorada¹⁴⁹ do outro e, se por acaso meu pai julgasse que a batida com a palmatória havia sido devagar, ele dava uma palmatorada em cada um dos dois.

O pior de tudo é que, se nós chorássemos, ele daria outra palmatoradas mais forte e mais forte. Só não passamos mais tempo nessa situação, porque o pai estava dedicando todo o seu tempo disponível para aprender a ler e escrever.

Mas, às vezes, perdia a paciência durante seu estudo e chamava a mim e ao Milo, afirmando querer ver o que sabíamos de matemática; quando nos aproximávamos, ele já estava segurando a palmatória.

Nesse momento, meus olhos começavam a lagrimejar, e o pobre do Milo observava toda ação do nosso pai com um olhar triste e perdido. Eu conseguia decorar a maior parte da tabuada,

¹⁴⁹ Pancada de palmatória, aplicada na palma da mão; palmatoada é a grafia registrada nos dicionários.

por isso apanhava menos. O Milo não conseguia, fosse por medo, nervosismo, fosse por não saber mesmo tabuada, ele errava as respostas com muita frequência e, além das palmatoradas, recebia lapadas e tapas, apesar disso o Milo não chorava, não gritava e nem xingava. O pai fazia isso com o Milo somente quando nossa mãe não estava em casa, porque ela impedia a maior parte das violências do nosso pai e, se fosse o caso, era ele quem apanhava umas lapadas de facão nas costas.

O processo de aprendizagem do meu pai se intensificou com o aumento da sua participação no movimento de trabalhadores e pescadores, com isso, seu esforço em aprender a ler e escrever significou uma salvação para mim e meus irmãos, sobretudo para mim – até hoje odeio números, considero-os “seres” machistas e excludentes; ao serem misturados com letras, são verdadeiras aberrações criadas pelo homem para atormentar a vida de outros homens. Enfim, não gosto de números, embora tenha muito respeito por quem gosta.

Quando meu pai aprendeu a ler e escrever, abandonou por um determinado tempo as aulas de matemática que dava para mim e meu primeiro irmão. Passou a nos ensinar sobre questões relacionadas à política, terra, história e religião. Ele falava sobre esses temas, depois nos fazia perguntas que tínhamos que acertar a resposta; caso errássemos, seríamos castigados, ou melhor, chicoteados e em seguida ficaríamos de joelhos em cima do sal grosso ou caroço de milho.

Estávamos no final do ano de 1995, no dia de Natal, em que eu e meus irmãos acordamos com brinquedos debaixo da rede e acreditávamos que teria sido o Papai Noel quem deixou, apesar de os brinquedos serem da quitanda do seu José ou serem os mesmos que meu avô fazia. No meio do quintal tinha uma panela enorme borbulhando, cheia de carne de porco cozida com macaxeira, e outra cheia de arroz cozido, meu avô estava sentando num canto picando fumo enquanto minha avó colocava umas pitadas na boca para mascar.

Nesse dia, assim como em todos os natais e entradas de ano-novo, a casa da minha família ficava cheia de gente, pessoas

vinham de outras quadras e povoados, algumas meus pais nem conheciam. Mas as pessoas gostavam de fazer festas e comemorações na nossa casa, por ter um terreiro e um quintal muito grande, com árvores para armar rede, por ter um engenho praticamente de uso coletivo e, sobretudo, por passar no meio das terras da nossa casa um igarapé repleto de piabas e peixes pequenos. Era um lugar em que conhecidos e desconhecidos comiam, bebiam, oravam e gargalhavam juntos.

Lembro-me de que me assustei ao conseguir ver minha avó tão longe. Em seguida, esforcei-me para ver o mais longe possível, olhei para o alto e enxerguei uma árvore repleta de frutos pequeninos amarelos; mas, somente depois de alguns minutos, reconheci que eram muricis; depois, enxerguei cajus vermelhos, amarelos e roxos. Fiquei olhando fixamente para tudo o que estava ao meu redor, os porcos, as galinhas, as plantas, as pessoas. Descobri que meu primeiro irmão parecia comigo, apesar de ele ter os olhos mais escuros, o cabelo mais liso e os lábios mais grossos. Notei que minha avó tinha um olhar triste e meu avô sempre andava ligeiro, mesmo quando

queria andar devagar. Rapidamente, corri em direção a um espelho, parei-me diante dele e olhei-me com toda a curiosidade e devoção que podia ter. Toquei-me em todo o corpo, mas o que mais amei foi meu cabelo: longo, fino como uma boneca de milho, preto e brilhante, liso e com cachos na ponta.

Senti o desejo de falar para alguém, mas, ao mesmo tempo, senti medo e pavor diante da possibilidade de ser obrigada a orar e rezar ainda mais. Continuei me olhando no espelho até que percebi que meu primeiro irmão me observava. Mas ignorei sua presença e permaneci ali, olhando-me e tocando meu cabelo, até que ele saiu dizendo que chamaria minha mãe porque eu estava doida. Mas ele não chamou, e aquela cena é nosso segredo até hoje. Além disso, não sei se o que enxerguei é exatamente o que as pessoas enxergam no mundo vidente, aliás, podia estar envolvida em um profundo estado de êxtase, que consegui ver o que desejava ver naquele momento. De qualquer maneira, nunca comentei com um humano sobre aquela experiência.

Depois de alguns dias, meu avô voltou a me ensinar, a partir da oralidade, a ler e contar sem escrever, formando palavras mentalmente, decorando trechos da bíblia, de hinários, da cartilha do abc e da tabuada, até mesmo porque ele não tinha condições econômicas para comprar papel, lápis e outros materiais para me alfabetizar.

Quando aprendi a formar e reconhecer palavras com facilidade, meu avô, meu pai e meu primeiro irmão desenhavam letras com pontas de gravetos, chuços, agulhas de crochê, fazendo contornos profundos no chão, em seguida eu passava a ponta dos dedos ou minhas mãos entre os contornos. Com o passar do tempo, aprendi a criar meus próprios desenhos.

Depois, meus avós, com a ajuda do meu primeiro irmão, talharam numa tábua grande alguns números e as letras da cartilha do abc, inclusive as com acentos gramaticais, e assim pude conhecer, por meio do toque e também enxergando de modo embaçado e turvo, seus contornos.

Em pouco tempo, aprendi o desenho das letras e comecei a escrever pequenas palavras com pontas de gravetos e

espinhos no chão. Do mesmo modo que escrevia no chão, comecei a desenhar coisas de que gostava e que eram presentes no meu dia a dia, como frutas, pássaros, plantas, árvores, estradas, igarapés e pessoas.

Fazer esses desenhos era uma das coisas que mais amava na minha infância. Lembro-me de que passava horas tentando desenhar uma carroça, um burro, um cachorro e, quando não conseguia fazer o desenho do jeito que eu queria, desenhava um jacá cheio de milho ou de frutas. Meus pais eram encantados com meus desenhos; sempre que alguém chegava à nossa casa, era uma das primeiras coisas de que eles falavam.

Por outro lado, não gostava de forma alguma de escrever palavras, não via necessidade, ou melhor, não entendia o motivo que as pessoas tinham para escrever palavras, sendo que as conhecia e sabia seus desenhos de cabeça¹⁵⁰, sem contar que nem sequer eram coisas bonitas de “ver”.

¹⁵⁰ Modo popular de dizer que se sabe algo decorado, de cor, como música, poesia, tabuada, etc.

Foi nessa época que a escola ficou pronta, imediatamente minha mãe me matriculou e a meus irmãos. Antes do início das aulas, ganhei meu primeiro kit de material escolar, nele tinha um caderno com pauta, um caderno de desenho, um caderno de caligrafia, uma caixa de giz de cera, um lápis decorado com uma tabuada, uma borracha com duas cores, sendo um lado azul e o outro cor-de-rosa.

Fiquei muito feliz quando recebi esses presentes da minha mãe, embora a única coisa de que realmente gostei tenha sido o cheiro de cada um. Durante uma semana, peguei neles várias vezes ao dia, só para o cheiro deles ficar nas minhas mãos. Mas, por mais que me encantasse com aquilo tudo, não senti nenhuma vontade avassaladora de usar imediatamente.

Preferia meus primeiros lápis, que eram gravetos e espinhos que encontrava pelo terreiro, e, sem dúvida alguma, achava mais interessante escrever e desenhar no chão, cujo espaço era enorme e no qual podia fazer e refazer quantas vezes quisesse que ele não estragava.

Quando comecei a frequentar a escola, estava completamente alfabetizada, lendo fluentemente e formando qualquer palavra mentalmente, além de entender um pouco de gramática, ética, estudos sociais, matemática, ou seja, das matérias que estudaria na escola.

Meu primeiro dia de aula ocorreu numa manhã de chuveiro no mês de março, no início dos anos 1990, mês em que meus familiares e os moradores da Vinte colhiam as primeiras espigas de milho e se preparavam para a colheita do arroz e do feijão em suas roças.

Lembro-me de que nesse dia minha mãe acordou empolgada e preparou uma mesa farta de café da manhã, com bolo de puba, abóbora e inhame cozidos, farofa de ovo com muito coentro e pimentão, uma garrafa de café adoçado com mel e um bule grande de leite. Comemos até a barriga doer!

Quando terminamos de comer, minha mãe colocou uma roupa nova em mim, outra no meu primeiro irmão e outra no meu segundo irmão, que ela mesma havia costurado. Deu para

cada um de nós uma escarcela¹⁵¹ de plástico, considerada um artigo de luxo naquela época na Vinte.

Embora estivesse novamente grávida, esperando sua quarta criança e estando com um bucho pela goela¹⁵², gigantesco, quase que para parir, foi junto com meu pai e meu terceiro irmão, que ainda era uma criança pequena com menos de um ano, nos levar para a escola.

A escola estava localizada em frente do cemitério da Vinte, e sua localização era o primeiro motivo de eu não gostar da ideia de estudar, pois, como disse, tenho pavor de cemitério. Mas era a única escola da região e nela estudavam na mesma sala crianças, jovens e adultos que cursavam séries diferentes. A sala de aula era um grande salão coberto com uma mistura de pedaços de tábuas, palhas secas e telhas de péssima qualidade. Quando ventava forte, produzia um som estrondoso e arrepiante.

¹⁵¹ Pasta de plástico ou papel usada para guardar papel, caneta e lápis, dentre outros materiais escolares ou de trabalho.

¹⁵² Modo de falar entre os moradores da Vinte para se referir a uma mulher que está prestes a parir. Goela significa garganta.

Lembro-me de que, enquanto estava em cima da carroça, assustada e desconfortável com a roupa que usava, meu primeiro irmão demonstrava curiosidade e expectativa, sorria um sorriso inocente e puxava conversa com meu segundo irmão, que estava com expressão de choro e manha.

No caminho por onde passávamos, meu pai dava um grito de cima da carroça para os vizinhos, dizendo que nós estávamos indo estudar. Futuramente, seríamos doutores ou professores numa cidade grande.

O vizinho gritava do outro lado, dizendo também que estava levando suas crias¹⁵³ para a escola. A alegria de todos era bastante porque eles próprios haviam construído a escola, e isso representava um bem coletivo.

Em um tom de riso e contentamento, chegamos à escola para o primeiro dia de aula de nossas vidas. Na porta, estava uma mulher de uns trinta e poucos anos, baixa, magra, rosto quadrado, cabelos lisos e secos, chamada Débora, filha de um

¹⁵³ Como alguns homens chamavam e ainda chamam seus filhos na Vinte.

fazendeiro da região, a qual tinha estudado até a terceira série do primário em Santa Inês. Depois da minha tia Frida, que estudou até a quarta série mas detestava lecionar, Débora era a pessoa mais sabida da região. Por ser professora, era mais reconhecida do que minha tia.

Esta mulher era a única professora, recebia os estudantes com um sorriso forçado e carinho exagerado para aquela situação. À medida que as crianças e os jovens chegavam à porta de entrada da escola, ela pedia para se sentarem em um banco. Enquanto isso, amontoavam-se ao seu lado, na porta, pais e mães que queriam ficar até o início das aulas para verem seus filhos e filhas estudando.

Foi preciso muita conversa, algumas nem um pouco amistosas entre os pais dos estudantes e a diretora da escola, dona Rita – uma senhora magra esquelética, braba que nem cachorro doido, que era responsável por todas as questões da escola –, para convencer os familiares dos alunos de que eles precisavam ficar sozinhos com a professora para estudar.

Quando finalmente os familiares dos estudantes foram embora, Débora entrou na escola para começar o primeiro dia de aula. Inicialmente, apresentou-se e pediu que cada aluno se apresentasse também.

A maioria dos alunos estavam empolgados, meus irmãos falavam pelos cotovelos, sorriam e brincavam, mas eu não conseguia encontrar nada de que me agradasse naquele lugar, fosse pelo medo que sentia por estar perto de um cemitério, fosse por estar amontoada e sendo obrigada a ficar sentada num banco duro no meio de um monte de gente, fosse pelo barulho estridente que ouvia. Aliás, a única coisa que despertava minha atenção era o cheiro de frutas frescas, sucos de diversas frutas e bolo de puba.

As pessoas adultas eram responsáveis pela manutenção da escola, portanto as que tinham crianças estudando contribuía mensalmente com um valor em dinheiro para pagar o salário da professora, da diretora e o da dona Chica – a merendeira e quem fazia praticamente tudo na escola, agindo na maioria das vezes como aliada e protetora das crianças e

jovens dentro da escola e também no centro. Além disso, semanalmente, os moradores que tinham crianças estudando ou não, entregavam cofos cheios de alimento na escola para ser feita a merenda escolar. Outras vezes, as próprias crianças levavam cuscuz com coco, bolo, farofa e rapadura para lanche coletivo.

No primeiro dia de aula, a maior parte dos alunos e alunas levou alguma gostosura de casa para comer no lanche da escola. Minha mãe fez um enorme cuscuz de arroz com coco e uma jarra de suco de caju e outra de graviola; segundo ela, era para mostrar aos outros pais que nós tínhamos fartura em casa. Fora a comida, nada naquele lugar chamava minha atenção, pelo contrário, o sentimento e o desejo que eu tinha eram ir embora o mais rápido possível. O primeiro dia que entrei na escola já foi de dificuldade, machuquei-me no canto de um banco e aproveitei e sentei logo nele. Meus ouvidos pareciam estourar de tanta dor provocada pela enorme quantidade de barulho e ruído, meu corpo todo doía e, principalmente, meu bumbum.

Ao meio-dia, finalmente aquele tormento acabou; meus irmãos demonstravam estar alegres e meu primeiro irmão sorria de mim, chamando-me de desastrada por ter rasgado minha perna em umas felpas de banco logo que entrei na sala.

Quando saímos da escola, nossos pais estavam nos esperando com a carroça para nos levar para casa. Entusiasmados, perguntaram-me se havia gostado e respondi que não. Percebi que ficaram tristes com minha resposta, então sorri e disse que estava brincando, na verdade, amei a escola. Falei o quanto a professora era boa, os colegas legais e da delícia do lanche.

A primeira semana de aula passou e não consegui compreender aquela forma de estudar, a meu ver, estava sendo pior do que as aulas de matemática do meu pai. Não conseguia entender por que a professora gritava tanto para que eu ficasse olhando para frente em sua direção; outras vezes, ela queria a qualquer custo que ficasse olhando fixamente para o quadro-negro, mas as crianças me falavam que o único quadro que

existia na nossa frente era verde. Não podia me mexer de forma alguma, que ela gritava: “Tá com um formigão na bunda?”.

Aí eu respondia: “Não, é que minha bunda tá doendo”. E os outros estudantes caíam na gargalhada. Além disso, ela falava com uma voz estridente que doía meu juízo¹⁵⁴, a ponto de dar vontade de morrer. Ela dizia: “Não me provoque”. Nesse instante, esforçava-me o máximo para ficar na posição que ela queria, mas não conseguia passar nem um segundo.

Em um dia de chuva, pensei que morreria no colégio de tanta dor nos ouvidos, o barulho da água caindo no telhado era tanto que me deixava atordoada. Com isso, sentei num canto com a cabeça entre os joelhos e dessa vez chorei. Chorei que solucei, sentindo dor e medo, e ninguém notou o momento em que chorava, mas notaram que eu era esquisita, porque no momento em que todos estavam juntos eu estava isolada num canto, encolhida igual a um cachorro molhado e sem dono.

Percebi que as crianças que estudavam comigo correram, algumas para olhar a chuva pela janela, outras para se divertir

¹⁵⁴ Minha cabeça.

colocando baldes e vasilhas para apagar goteiras e depois despejar num tonel.

Depois que a chuva passou, os estudantes retornaram para sentar-se no banco, a professora sentou-se na sua cadeira de frente para a turma e disse que queria ver o caderno de cada um para corrigir as atividades de casa. Olhando na direção do canto em que eu estava sentada, disse: “Será se vou ter que ir aí te puxar pelo braço pra tu sentar no banco?”.

Levantei devagar de onde estava e notei que a dor dos meus ouvidos tinha passado, sentei-me no banco ao lado do meu irmão Milo e da Milena, uma menina gorducha de cabelos vermelhos e sarnas nas bochechas e que gostava de escrever tudo o que via pela frente.

Logo que sentei, ela sussurrou no meu ouvido dizendo: “Pega logo teu caderno”. Antes que a Milena terminasse de falar, a professora me chamou. Peguei todos os meus cadernos e coloquei-os em sua frente, em cima da mesa.

Ela pegou primeiramente meu caderno de caligrafia, e as poucas atividades feitas foram as de cobrir as letras pontilhadas

porque fiz em casa com meu avô. Os outros cadernos estavam com a maioria das folhas desenhada e o restante em branco.

Assim que terminou de olhar todos os meus cadernos, jogou todos num canto da mesa e, com um grito mais estridente do que o de costume, perguntou:

— Cadê as aulas que coloquei no quadro? Onde tu copiou? Cadê?

— Não vi.

— Você não vê as aulas, né? Mas atentar um e atentar outro sabe. Sabe andar pra tudo quanto é lado, corre, brinca. Pois agora vai ver o que vou fazer contigo.

Esse foi o grande dia! O dia da descoberta de que não copiava as aulas. Foi a partir desse dia que passei a ser castigada diariamente na escola, não importava se eu falasse para meus familiares, se eu chorasse ou gritasse, cada dia recebia mais e mais castigos.

Os castigos que sofria me fizeram pensar que não estava me esforçando na escola. Então, mudei meu comportamento. Quando saía de casa para a escola, ficava pensando em tudo o

que deveria fazer, que era para não correr o risco de ser castigada.

Repetia baixinho para mim mesma: “Quando entrar na escola, devo sentar no banco e permanecer sentada, tenho que ficar de boca fechada, nada de conversar com ninguém que esteja ao meu lado. Olhar para a frente sempre, escrever tudo o que ouvir da professora e só responder ao que ela me perguntar. Não fazer desenhos em meus cadernos, não sorrir e não perguntar nada”.

Em casa passei a estudar muito. Estudava tanto que parei de brincar com meus irmãos e vizinhos e deixei de desenhar no chão. Algumas vezes, pedia ajuda para a Milena para escrever as aulas ou então para meus irmãos. Apreendi a usar o caderno de caligrafia, a responder as atividades da cartilha e a ler o que a professora mandava, mas com todo o cuidado para que ela não descobrisse que havia recebido ajuda, senão iria ser castigada mais ainda. Às vezes, num só dia, recebia dois ou três castigos.

Mas, certo tempo depois, por medo de ser castigada, exagerei na resolução das atividades. Respondi toda a minha cartilha, as atividades dos meus livros e do meu caderno de caligrafia.

Lembro-me com nitidez da expressão irritada e de ódio do rosto da professora, todas as vezes que mandava fazer uma atividade na cartilha e via que eu já tinha respondido todas as atividades.

Para isso, o castigo era eu apagar tudo, para refazer a atividade, e contar cada um dos grãos de um quilo de feijão ou de arroz, para ficar quieta, calada, parada num canto, sem interferir na aula.

Acontece que, naquela época, não compreendia que o motivo para eu contar cada grão de arroz, feijão ou milho de saco de um quilo era para eu ficar longe das outras crianças no momento da aula.

Então, logo que a professora me entregava o saco para eu contar os grãos, iniciava a contagem imediatamente e, contra a sua vontade, terminava de contar em apenas alguns

minutos. Com o tempo, em vez de um quilo de grãos, a professora passou a me mandar contar dois quilos. Por fim, trouxe um cofre médio cheio de grãos para eu contar e, dessa vez, a aula terminou e não acabei de contar.

Corriqueiramente, minha primeira professora estava inventando castigos e atividades que pudessem me controlar no decorrer das aulas. Quando, por algum motivo, as coisas não saíam como ela tinha planejado, ela ficava na frente do quadro, colocava as mãos nas cadeiras¹⁵⁵ e dizia: “Essa menina tem parte com o Diabo¹⁵⁶, só pode ser, normal ela não é”. Essa sua fala resultava sempre num raio de gargalhadas estridentes das crianças que faziam a mesma série que eu, e às vezes até dos adultos.

Frequentemente, meus familiares me buscavam na escola antes do horário final, depois de eu receber umas dez palmatoradas em cada uma das mãos, de fazer cinquenta cópias e passar meia hora olhando para o teto. Com o tempo, a

¹⁵⁵ Forma popular entre as pessoas que moram no interior do Maranhão de chamar quadril.

¹⁵⁶ Expressão usada para dizer que alguém é diabólico.

professora nem sequer disfarçava que não gostava de mim. Quando chegava à escola depois de um dia de falta, ela dizia: “Pensei que tinha morrido”. Ou então: “Pensei que não vinha mais”. E dava uma gargalhada que, uma vez ou outra, incomodava alguém que saía em minha defesa.

No geral, para mim, todas as aulas na maior parte do tempo eram um pesadelo. “Quero todo mundo olhando pra cá”, dizia a professora com voz enfática. Eu me esforçava o máximo para ficar olhando na direção que a professora mandava, mas, em poucos segundos, mudava de direção sem sequer me dar conta do que estava fazendo.

Quando ela percebia, mandava-me ficar olhando para a mesma coisa entre trinta minutos e uma hora, em silêncio. Eu ficava, na verdade eu até gostava desse castigo porque, às vezes, eu ficava olhando para o teto, aí eu aproveitava para contar mentalmente de mil a zero, ler a cartilha do abc de trás para a frente e formar versos brincando com a ordem das palavras, um hábito que ainda pratico, tenho até hoje.

Esse exercício mental sempre me deixou tranquila e em silêncio, e até hoje não faço ideia de como aprendi. Suponho que pode ter sido uma inspiração divina porque, em muitos momentos da minha vida, ele me ajudou a dormir e diminuir a ansiedade. Algumas vezes, antes mesmo de eu terminar minha contagem ou leitura, a professora me mandava parar e prestar atenção no exercício que estava no quadro. Sem ver nada, respondia: “Que exercício?”. Todos riam e mais uma vez a professora perdia as estribeiras¹⁵⁷.

Fingia não me ouvir e falava alto: “Escrevam! Escrevam rápido que, quando eu terminar esse lado, vou apagar o lado de lá”. Eu olhava para um lado e para o outro e percebia as pessoas escrevendo, aí, pegava meu caderno e começava a escrever qualquer coisa que passasse pela minha cabeça naquele instante: uma cópia que havia decorado depois de fazer cinquenta vezes, um verso que inventava, uma história que criava, uma cantiga de roda, uma notícia de jornal que tinha ouvido em algum lugar, um versículo da bíblia.

¹⁵⁷ O mesmo que perder a paciência, se irritar.

Escrevia qualquer coisa para que as pessoas da sala de aula olhassem e, assim, não ficasse novamente de castigo, embora só o fato de ouvir a voz estridente da professora a manhã toda fosse meu maior dos castigos. Depois que preenchia umas duas folhas de caderno com histórias, ainda precisava torcer para a professora não olhar meu caderno, pois, todas as vezes que ela fazia isso, meu castigo era pior e, para completar, ainda ganhava uma surra de lascar quando chegava em casa.

Infelizmente, não me lembro de nenhum dia em que não tenha ficado de castigo no final da aula nos meus primeiros anos de educação escolar. Existiam castigos que somente eu sofria, a professora dizia que eram meus, só meus.

Um dia pedia para eu ficar de joelhos num punhado de milho olhando para o teto, outro dia eram dez palmatoradas em cada uma das minhas mãos, outro dia escrevia cinquenta cópias em pé, era proibida de beber água durante toda a manhã e nunca ganhava lanche na hora do recreio.

Mas, quando o lanche era o meu favorito, como as sopas de letrinhas e Ki-Suco com biscoito de maisena, meus irmãos, e principalmente meu primeiro irmão, dividiam o seu comigo, porém escondido dos olhares da professora ou de algum colega fuxiqueiro. Disfarçadamente, comia mastigando devagarinho, queimando a goela com a sopa quente, engasgando-me com pedacinhos de biscoito.

Depois do recreio, retornávamos para nossos lugares no banco para assistir aula. Minha boca geralmente estava vermelha de tanto beber Ki-Suco de morando ou groselha. Outras vezes, estava com a boca, nariz e queixo roxos de jambo ou azeitona que havia comido escondido com algum colega. Quando não estava suja com algum desses alimentos, estava com a roupa cheia de pingos de sopa e a goela queimada.

Nesse ritmo, o primeiro semestre de aulas acabou e não consegui me adaptar nenhum dia, aliás, nem um instante na escola. Meu corpo e minha mente não se moldaram às regras necessárias que uma pessoa comum deve seguir numa sala de aula para estudar.

No período de férias escolar, eu e meus irmãos íamos diariamente ajudar nossos pais na lavoura. Passávamos os dias desbagulhando¹⁵⁸ milho, descascando feijão e fava para serem vendidos em algum município próximo.

Aquele ano estava sendo de muita fartura na minha casa, meu pai construiu um barracão só para guardar alimentos para nosso consumo próprio. E estava lotado até o teto de sacos de estopa cheios de milho, arroz, feijão, fava e farinha, além de ter amontoado num canto algumas dezenas de litros de azeite de coco, banha de porco e mel.

Na maioria dos finais de semana, principalmente aos domingos, meus pais faziam furdunço em nossa casa. Era tanta gente que não se sabia de onde vinha. Era um bate-bate de panela, comida para todos os lados, uns cantavam uma música, outros cantavam outra, falavam todos juntos ao mesmo tempo que pareciam estar brigando se não fossem as crises de gargalhadas que tinham.

¹⁵⁸ Tirando os grãos de milho do sabugo.

O certo é que o terreiro da casa de meus pais naquele meio de mês de junho era mais movimentado que roda de moinho. Lembro-me de que comia tanto milho, e tudo o que fosse de milho – bolo, mingau, pamonha, canjica e doce –, que toda noite ficava empachada¹⁵⁹ e minha mãe me dava aguardente com pílula contra dizendo que eu iria morrer pela boca.

Depois, deitava-me numa cama que ela mesma havia construído naquele verão, usando galhos tirados das árvores da beira do igarapé que passava no meio do terreno em que morávamos. A armação da cama foi amarrada com cipós e o colchão foi feito com o tecido de uma rede velha e palhas de feijão e fava trituradas. Para triturar essas palhas, eu e meus irmãos passamos semanas batendo-as em cima de uma lona no meio do terreiro, em pleno sol.

No início, quando começamos a dormir na cama, frequentemente um de nós caía de madrugada e era um chororô que só acabava quando se deitava na rede. Quando o

¹⁵⁹ Com a barriga inchada por comer demais.

dia amanhecia, ficávamos sorrindo de quem tinha caído da cama. Depois íamos para nossa rotina diária, que era sempre de muito trabalho. Quer dizer, digo que era de muito trabalho porque é assim que entendo hoje, mas naquela época tudo para nós era brincadeira.

No início do mês de julho, nossas férias acabaram e retornamos à escola. Meus irmãos gostaram, mas eu fiquei triste, imaginando o sofrimento que meu bumbum passaria de novo sendo obrigada a ficar sentada num banco a manhã inteira. Antes de irmos para o primeiro dia de aula depois das férias, meus pais compraram cadernos e lápis novos para nós.

No primeiro dia de aula, a primeira atividade que a professora passou foi copiarmos um texto do quadro sobre as férias. Depois, ela leu o que tinha copiado e fez perguntas aos alunos sobre o que tinham achado, até esse momento permaneci calada. Aliás, nesse dia, passei toda a aula em silêncio, contando os minutos para que acabasse logo. No dia seguinte de aula, fiquei em silêncio novamente, esperando que acabasse mais rápido do que no dia anterior.

Estava sentada no banco, em silêncio e imóvel, pensando longe, muito longe dali, a ponto que deixei de ouvir a voz da professora. Era como se eu não estivesse naquele lugar, era como se ela não existisse. De repente, assustei-me com seu grito. Olhei em sua direção e disse: “Niora¹⁶⁰”. Ela mandou-me repetir o que estava dizendo, mas permaneci em silêncio. E logo então: “Como tu tá em sala sem fazer nada, pode sair. Saia, fique no quintal esperando alguém de sua casa vir lhe buscar. Não fique aqui atrapalhando quem quer estudar”, disse a professora apontado na minha direção para que eu saísse da sala de aula.

Aquele momento foi o primeiro de que gostei na escola e não entendi como castigo. Entendi que a professora estava me compreendendo. Saí da sala de aula e sentei-me debaixo de uma enorme mangueira no quintal da escola, peguei um graveto no chão e comecei a desenhar, escrever e escrever.

¹⁶⁰ Como se chama senhora na maioria dos interiores do Nordeste e de outras regiões do Brasil.

Inventei brincadeiras, corri no quintal, subi em árvores, bolinei com os porcos no chiqueiro e com as galinhas.

Todos os dias a professora me mandava ir para o quintal, e lá escrevia e desenhava no chão até cansar e cair no sono encostada no tronco da mangueira. Outras vezes, ajudava dona Chica a preparar o lanche da escola, ela era uma senhora gorducha e muito simpática. Eu adorava conversar com ela e sempre a ajudava pegando cheiro-verde nos canteiros, cortando verduras, escolhendo arroz, catando feijão, tirando biscoitos dos pacotes e colocando numa bacia, arrumando copos, pratos e colheres. Com isso, passaram-se meses sem que assistesse a uma única aula na sala de aula.

Um dia, quando minha mãe arrumava os materiais escolares meus e os dos meus irmãos, notou que os meus estavam intactos e os deles estavam uma bagunça. E começou a reclamar para que cuidassem melhor de suas coisas. Com isso, meu primeiro irmão disse que meus materiais não eram bagunçados porque eu não assistia aula. Sem entender direito o que o Milo falava, a mãe olhou meus cadernos e viu que nunca

tinham sido usados, o lápis e a borracha estavam novinhos e o giz de cera parecia nunca ter saído da caixa.

Esse dia foi uma confusão danada, meu pai dizia uma coisa, minha mãe outra, meu avô outra, e ninguém se entendia, até que minha mãe decidiu pôr tudo em pratos limpos¹⁶¹: ela me chamou, me segurou por um dos braços e caminhamos cerca de dois quilômetros até chegarmos à escola para saber o motivo de eu não assistir aula.

Num estalar de dedos, antes que ouvisse qualquer conversa, olhei minha mãe apertando a professora pelo pescoço, e a diretora e vários alunos gritando para minha mãe parar. De uma só vez, minha mãe jogou a professora no chão, puxou-me pelos braços e disse que nem eu e nem meus irmãos iríamos pisar lá novamente.

No caminho de volta para casa, minha mãe foi parando aqui e acolá, esforçando-se para respirar e segurando seu bucho de mulher prenha. Paramos em frente à casa de Rosalinda, uma senhora bondosa e alegre que era conhecida como moça velha,

¹⁶¹ Esclarecer assunto, dúvida, mal-entendido.

e pedimos uma caneca d'água. Rosalinda, vendo o estado de minha mãe, pediu que entrássemos que iria preparar um chá enquanto minha mãe podia descansar as pernas. Depois disso, fomos para casa.

Logo que chegamos, minha mãe chamou meus irmãos e disse que não queria nem saber que um de nós havia passado em frente à escola e nem olhado para a professora. Aquela foi a última semana que frequentamos a escola na Vinte.

Depois de algumas semanas que eu e meus irmãos deixamos de frequentar a escola, meu primeiro irmão passou a ajudar nossos familiares diariamente na roça, e eu, principalmente pelo fato de minha mãe estar próxima do mês de parir, fiquei responsável pelo trabalho doméstico e por cuidar dos meus irmãos menores.

Todos os dias, acordava de madrugada, pegava um balde de alumínio para tirar leite das tetas de uma vaca leiteira que tínhamos em casa e que era criada solta entre nós, mas à

noite era amarrada numa mangueira próxima da cumeeira¹⁶² da cozinha, que era para facilitar quando fosse pegar leite de manhã.

Em seguida, acendia o fogareiro, depois colocava o leite numa vasilha e colocava para ferver; após fervido, deixava a panela na beira do fogo para permanecer quente. Feito isso, fazia um bule grande bem cheio de café e jogava pedacinhos de rapadura dentro para adoçar e deixava o bule na beira do fogareiro, ao lado da panela de leite, para o café permanecer quentinho.

Depois, enchia uma bacia de alumínio com farinha seca¹⁶³ e outra com farinha-d'água¹⁶⁴, colocava no meio da mesa da cozinha junto de um litro de mel. Algumas vezes,

¹⁶² Parte mais alta do telhado. Neste caso era do telhado da cozinha. Tinha mais ou menos meio metro coberto com pedaços de tábuas para que não entrasse água da chuva na casa. Era também debaixo dela que os animais domésticos dormiam com frequência.

¹⁶³ Farinha branca.

¹⁶⁴ Farinha amarela.

colocava ovos de galinha caipira ou de capote¹⁶⁵ fritos com azeite de coco-babaçu dentro da farinha-d'água. Outras vezes, cozinhava jerimum e inhame para comer amassados com leite.

Quando minha mãe estava disposta e bem de saúde, nós duas acordávamos juntas, eu cuidava do preparo do leite e do café e ela fazia uns dois deliciosos cuscuzes de milho no prato com pedacinhos de coco-d'água e depois despejava manteiga de garrafa por cima.

Mas, naqueles dias, minha mãe se levantava às manhãs com menos frequência a cada dia. Constantemente, eu a ouvia gemendo no quarto e gritando para eu levar um balde porque queria vomitar ou gritando para eu preparar um chá ou levar um remédio qualquer. Naquelas duas últimas semanas, nossa primeira refeição consistia em farinha com mel, leite e café.

Minha rotina de trabalho aumentava a cada manhã, não tinha ajuda de ninguém com as tarefas domésticas. Exceto alguns dias em que meu primeiro irmão acordava cedo para acender o fogo para mim e ainda me ajudava pegando leite das

¹⁶⁵ O mesmo que galinha-d'angola.

tetas da vaca ou buscando ovos no galinheiro. A cada dia, minhas mãos ficavam mais queimadas e meus pés cheios de bolha, porque uma vez ou outra caía alguma brasa do fogareiro em cima do meu pé.

Uma vez decidi que queria fazer um cuscuz com coco para agradar à minha mãe, que estava há uns três dias sem tomar café conosco. E, quando estava cortando o coco, o facão que estava usando cortou meu dedão e sangrou muito. Sangrou tanto que minha mãe, mesmo passando mal, levantou da cama e preparou um sumo de mastruz para colocar em cima.

No dia seguinte, amanheci com febre e com o dedo inflamado, que não conseguia fechar nem mexer minha mão de tanta dor que sentia. Para nossa felicidade, nesse dia minha mãe amanheceu bem de saúde, preparou muita comida para o café: fez farofa de torresmo, cuscuz, beiju, chá, leite, suco de murici e colocou tudo no meio da mesa da cozinha.

Nossa cozinha era muito grande em comparação com a cozinha das casas do centro, não havia paredes, o teto era coberto por tábuas e palhas, sustentado por seis mourões, dois

em cada uma das laterais e dois na frente, nela tínhamos um belo forno a lenha e um fogareiro¹⁶⁶ de três bocas, modelado por mim, minha mãe e meus irmãos. No centro da cozinha e em frente ao quintal, estava uma grande mesa de maçaranduba, com um banco de madeira em cada um dos seus lados. Num canto entre a mesa e o fogareiro havia uma bateria¹⁶⁷ com um amontoado de vasilhas de alumínio que usávamos poucas vezes; no nosso dia a dia, utilizávamos, para preparar nossos alimentos, panelas de ferro, panelas de barro e latas, as vasilhas de alumínio usávamos somente em dias de festa ou quando recebíamos visitas em nossa casa. Em um canto, encostado em uma parede, tínhamos um banco com dois filtros e dois potes de água, ao lado deles estava uma bandeja com copos de alumínio brilhantes que podiam ser usados como espelho.

A cozinha da nossa casa era uma espécie de lugar sagrado da nossa família, onde conversávamos, nos reuníamos para realizar atividades domésticas, como pilar arroz, ralar milho,

¹⁶⁶ Fogão e forno artesanal e rústico, feito de barro.

¹⁶⁷ Uma armação de ferro para pendurar panelas.

preparar sementes para o plantio, salgar carnes..., era também onde nos encontrávamos pelo menos uma vez ao dia para comermos juntos em silêncio.

Lembro-me de que a proibição de falar enquanto comia era uma das poucas coisas com que meu pai e minha mãe concordavam. Os dois diziam que o momento de comer é sagrado, que a comida é sagrada. Por isso, nós nos empantufávamos de comida, mas em silêncio, principalmente de manhã.

Nesse dia, enquanto tomávamos café, meu primeiro irmão quebrou o silêncio ao ficar encantado com a quantidade de periquitos que cantavam em cima dos coqueiros e da copa das árvores do quintal: “Olha, aquele é quase todo azul! Aquele dali é quase todo verde! Ah! Aquele é mais bonito, olha o amarelo da barriga dele como brilha!”, falava apontando com a ponta dos dedos, quase que implorando para que olhássemos.

Meu primeiro irmão sempre foi o mais empolgado, em se tratando de animais. Ele sempre os amou de um modo diferente de mim e dos nossos outros irmãos, sempre os cuidou e tratou

com muito respeito e devoção, até mesmo as cobras, pois, enquanto as crianças do centro morriam de medo, ele admirava falando serem bichos bonitos. Quando aparecia alguma enroscada numa árvore ou enrolada e escondida em uma árvore ou moita de mato do quintal, corria para pegá-la e soltá-la num lugar distante de casa, antes que alguém a visse e a matasse.

Ele tinha um apreço pelas coisas da roça, aprendeu o ofício da lavoura rápido. Ainda muito pequeno, trabalhava como se fosse um burro de carga, cumprindo o mesmo tempo de trabalho de um homem adulto e trabalhador. Um homem trabalhador e não meu pai, que sempre foi preguiçoso que só uma peste e que explorava o Milo o máximo que podia, sem dó nem piedade. Quando o menino estava cansado e sentava jururu¹⁶⁸ num canto, ele lhe dava umas lapadas para voltar ao trabalho.

Nossa diferença de idade é menos de um ano, ele era mais alto e sem dúvida mais simpático e gentil do que eu.

¹⁶⁸ Triste e pensativo.

Naquele momento, percebi que seus cabelos estavam mais pretos do que eram quando criança pequena, eram extremamente lisos e sua pele, antes de trabalhar na roça, era da cor de canela, mas agora estava preta igual aos seus olhos, grandes e vivos como se estivessem sempre atentos a tudo o que ocorria ao seu redor. Aos oito anos de idade, sua coluna já estava torta e suas mãos cheias de calo de tanto trabalhar com enxada e cutelo na lavoura.

Depois das falas empolgadas de meu irmão e de algumas gargalhadas nossas, minha mãe disse: “Tô pensando da gente se mudar pra Maranhãozinho”. Após falar isso, ficamos em silêncio por alguns instantes e em seguida minha mãe iniciou uma fala com um tom de voz cansado e ao mesmo tempo demonstrando que já havia tomado sua decisão. “A gente vende o terreno e algumas coisa mais e compra um outro terreno lá em Maranhãozinho pra fazer uma casa. Lá meus fii pode estudar e lá é melhor porque já é uma cidade, acabou de chegar um posto da Sucam e fica na beira da pista, dá pra gente ir pra todo lugar rápido”.

Naquele tempo, a maioria dos nossos vizinhos já havia ido embora para Maranhãozinho ou para outros povoados da beira da pista, dentre eles a Glenda, nossa amiga de todas as horas, e nossos familiares. Os primeiros a ir embora foram meu tio Dio com minha avó, depois minhas tias com meus primos e primas, em seguida meus tios e por último meu avô. Todos estavam vivendo e trabalhando em Maranhãozinho, alguns tinham deixado o trabalho pesado da roça e dos cuidados com animais para trabalhar no comércio, como, por exemplo, minha tia Frida, que montou uma lanchonete na beira da estrada, próximo de uma serraria. Ela era uma mulher negra, baixa, magra, de cabelos cacheados, rosto comprido, lábios carnudos e grandes olhos negros. Foi uma das pioneiras no uso da saia curta e dos conjuntos de botton¹⁶⁹ em Maranhãozinho. Sua lanchonete era muito movimentada e em pouco tempo tornou-se um ponto de parada de ônibus, de pau de arara, de madeireiro e de caminhoneiro.

¹⁶⁹ Um tipo de tecido que estica, cujas roupas ficam muito coladas na pele. Foi muito usado pelas mulheres nos anos 1990.

Nesse período, muitos moradores do centro em que morávamos e de outros centros próximos deixaram o trabalho na roça para morar nos povoados de beira de estrada que estavam se formando e passaram a trabalhar com pequenas vendas, em madeireiras, serrarias, cabarés. Meu tio Dio decidiu continuar com o mesmo negócio que iniciou na Vinte, construiu uma igreja evangélica com o objetivo de exercer a influência que possuía no centro.

Mas seu objetivo fracassou, porque as pessoas dos povoados tinham acesso ao telefone e maior facilidade em enviar cartas, desse modo, estabeleciam contato direto com pessoas dos municípios e de outras regiões do país; com isso, as informações circulavam com mais facilidade, as pessoas não precisavam mais ir a um determinado local para ouvir sobre acontecimentos regionais e notícias nacionais. Outro fator importante foi o fortalecimento dos sindicatos dos trabalhadores e dos pescadores e o aumento de pessoas alfabetizadas. Além disso, o aumento populacional

proporcionou o surgimento de outras igrejas, como uma grande igreja católica e outras evangélicas.

Com a mudança de uma grande parte dos moradores dos centros, a região se tornou ainda mais violenta, e isso foi um dos principais motivos que fez minha mãe decidir ir embora.

Aliás, foi essa a justificativa que minha mãe dava para meu avô e meu tio mais novo, Cici, sobre nossa mudança para Maranhãozinho. Mas ninguém acreditava, todos os meus familiares e conhecidos sabiam que minha mãe estava doente e cansada de trabalhar na roça e que as desavenças entre ela e meu pai aumentavam em razão da falta de disposição do meu pai para o trabalho e das torturas que ele realizava com o Milo.

Apesar disso, todos fingiam acreditar na justificativa de minha mãe, pois o aumento da violência era uma realidade e, à medida que os anos passavam, a Vinte se tornava um lugar mais difícil para morar.

Havia completado dez anos o fim da ditadura, e eu completado dez anos de idade. Até então, o lugar mais longe a

que tinha viajado tinha sido o povoado Três Raízes, quando fui me consultar com o curandeiro.

Nesse período, a única coisa que mudou na minha vida foi meu vestido dos dias de domingo, que ficou curto, transformando-se em uma blusa e depois fralda do meu irmão mais novo. Fora isso, a maioria dos meus tios foram assassinados, me separei de familiares e amigos. Ganhei um irmão e mais umas dezenas de machucados e cicatrizes em meu corpo. Isso porque, ainda, desconhecia e não compreendia a coisa do ver e não ver: baixa visão, cegueira, deficiência. A verdade é que não pensava nessas questões, simplesmente vivia agindo como a maior parte das outras crianças da minha idade, brincando e trabalhando.

Em âmbito geral, a vida no centro continuou sem boas condições: as estradas continuaram as mesmas, nada de escola e nada de posto de saúde.

As pessoas cansaram de ver seus familiares morrerem doentes à mingua no meio do nada, sem que pudessem fazer nada para ajudar ou então impedir de serem assassinados. A

Vinte, desde que começou a ser formada por migrantes de diversas regiões do Brasil, foi e ainda é uma região esquecida do governo brasileiro, da sociedade e do mundo.

Um lugar sem lei em que todos queriam mandar e, por esta razão, era um lugar muito, mas muito violento. Ninguém que tinha um pedaço de terra estava seguro completamente. Vez por outra, um homem chefe de uma família com um pouco mais de condição financeira montava em um de seus cavalos e juntava uns cinco capangas armados com facões e espingardas, e iam para o terreiro de outro homem, chefe de uma outra família, mas que tinha menos condição financeira, e dizia: “Isso aqui é meu!”. Geralmente, isso ocorria por motivos de dívida ou quando uma moça de uma família havia fugido com o rapaz de outra família. Caso o homem que estava sendo ameaçado reagisse, havia tiros ali mesmo e raramente ele escapava. Aí começava um ciclo de morte, porque os parentes do morto queriam vingar sua morte. Depois de um tempo, eram duas famílias a menos no vilarejo, pois haviam se matado, um por um.

Como se a Vinte já não fosse um lugar violento por natureza, a situação piorou ainda mais entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, quando o lugar ficou quase todo tomado por narcotraficantes e pistoleiros contratados principalmente por fazendeiros e donos de serrarias.

Alguns pistoleiros eram discretos com seu trabalho, mas outros faziam questão de intimidar os moradores, exibindo suas armas na cintura ou quando as estavam limpando na porta de suas casas.

O certo é que, dia após dia, as violências na Vinte aumentavam e ganhavam caras novas, começaram a aparecer as primeiras vítimas de estupro, de mutilação, de sequestro e de espancamento, nesses casos as mulheres eram as principais vítimas. Com tudo isso, meus pais, assim como os outros poucos moradores da Vinte, estavam com medo de morrer ou de suas filhas e mulheres serem espancadas e estupradas.

Na segunda metade da década de 1990, meus familiares foram embora da Vinte, todos, exceto meus pais, eles não foram embora. Minha mãe não queria abandonar suas plantações,

após ter trabalhado tanto tempo nelas. Além disso, não queria deixar nossa casa nem nossas coisas para os narcotraficantes e pistoleiros tomarem de conta. Ela decidiu que iria embora somente após vender seus bens, mesmo que fosse por pouco dinheiro.

O pensamento de minha mãe mudou quando viu que nossa situação não estava nada boa: ela estava com o corpo muito inchado, andava se arrastando com a mão na barriga, como se o bebê fosse sair a qualquer instante; aos poucos, as plantações estavam morrendo sem que houvesse quem cuidasse, porque o trabalho do meu pai não estava adiantando muita coisa, em um dia de trabalho o máximo que ele fazia era aguar a metade das plantas, e meu irmão Milo era muito criança para assumir todo o trabalho; sofriamos frequentemente com roubos, roubavam nossas galinhas, nossos capotes, nossos porcos e até os cofos de milho e farinha que deixávamos na cozinha para comer.

Além disso, o Milo vivia se queixando de dores nas costas e no peito, o Tito estava com o corpo tomado por furúnculos e

eu chorava que só uma condenada com dores nos olhos e com o ardor das queimaduras que tinha pelo corpo.

Com isso, minha mãe não teve dúvidas. Chegou o momento de arrumarmos nossas trouxas¹⁷⁰ e irmos embora da Vinte. Cerca de uma semana depois, minha mãe vendeu nossa vaca leiteira, alguns leitões do chiqueiro, a metade dos sacos de grãos que tínhamos armazenado e todas as nossas galinhas. Arrumamos em trouxas o que sobrou de alimentos, nossas vasilhas e nossas roupas. Colocamos em cima da carroça e partimos da Vinte em direção a Maranhãozinho.

Nos nossos primeiros dias em Maranhãozinho, moramos na casa de minha avó enquanto meus familiares construíam nossa casa, que ficaria próxima à casa da Glenda e da dona Luzia, a mulher cega de nascença que foi nossa vizinha no centro, era também parteira e curandeira. A casa que seria nosso lar ficaria em uma rua de areia longa e plana. Após mais ou menos uma semana, a casa ficou pronta, foi construída de

¹⁷⁰ Embrulho feito com um pedaço de pano; usávamos nessa época para transportar roupas e alimentos.

taipa e coberta de tábuas, uma casa alta e arejada, tínhamos um terreiro enorme e um quintal pequeno.

Logo que nos mudamos, tanto eu quanto meus irmãos amamos a casa, passávamos a maior parte do tempo no quintal e plantamos diversos pés de fruta: manga, maracujá, caju, cajá, banana e goiaba. Fomos nós também que fizemos a sentina¹⁷¹, o banheiro¹⁷² e o jirau.

Lembro-me de que fiz um jardim perto do jirau, plantando mudas de plantas que pegava no cemitério e dos lados da igreja católica. Aliás, foi somente quando fui morar em Maranhãozinho que descobri que, ao contrário do que meu tio Dio me disse, a igreja Assembleia de Deus não era a única igreja e o protestantismo não era a única religião que existia. Quando

¹⁷¹ Uma privada que consiste em cavar um buraco fundo no chão para as pessoas defecarem dentro. Depois se faz uma proteção ao redor com palhas, madeira ou barro. Nesse caso, eu e meus irmãos fizemos uma proteção com pedaços de tábuas.

¹⁷² Esse tipo de banheiro consistia em cercar uma pequena área no quintal com palhas ou madeiras e depois colocar uns pedaços de tábuas ou pedras no chão, onde as pessoas tomavam banho com baldes d'água e urinavam.

conheci a igreja católica, fiquei encantada pelos cultos¹⁷³ serem alegres, com músicas e danças, e as pessoas não gritarem. Além disso, em um determinado momento do culto, o pregador distribuía pequenas tapiocas com Ki-Suco de uva. Infelizmente, meus pais não deixavam a mim e a meus irmãos frequentarmos a igreja católica, mas, sempre que podíamos, escapávamos e ficávamos bisbilhotando as pessoas no decorrer dos cultos.

Nossa casa era muito ampla e tinha uma sala enorme, por isso meu pai decidiu fazer uma espécie de balcão no meio e pregar umas prateleiras na parede, onde botou algumas garrafas de cachaça da terra, tiquira, conhaque e rolos de fumo que tinha trazido da Vinte para vender. Ele passava os dias sentado à porta, num banco, ou deitado numa cadeira preguiçosa, só levantava uma vez ou outra, quando chegava alguém para comprar uma pinga ou umas gramas de fumo, e frequentemente ele aproveitava que estava vendendo uma dose e bebia uns goles de pinga.

¹⁷³ Como chamávamos as missas e todas as reuniões religiosas naquela época.

Depois de algumas semanas que estávamos morando em Maranhãozinho, minha tia que tinha uma lanchonete na beira da pista foi embora para o sertão de Pernambuco com um namorado cearense e levou meu tio Naí. Pouco tempo depois, minha tia Helena foi embora para o Paraguai. Em seguida, partiram minha avó e meus primos para a região Sul do Brasil. Ficaram em Maranhãozinho meu avô, meus pais, meus irmãos e eu.

A nossa família se separou, ficamos sem nos comunicar, porque ninguém tinha endereço de ninguém. Naquela época, a comunicação a distância ocorria principalmente através de cartas, as ligações telefônicas eram de péssima qualidade e ocorriam somente por meio de um posto de telefonia da Telma¹⁷⁴, operadora de telefone que atuava no Maranhão.

De toda maneira, seguimos com nossas vidas, meu pai passou a se dedicar ao trabalho com venda de alimentos, cachaça e bugigangas, ou melhor, ele obrigava a mim e a meus irmãos a vender, sua função era de chefe e fiscal, ele

¹⁷⁴ Telecomunicações do Maranhão S/A.

determinava metas, a quantidade de dinheiro que deveríamos apurar em um dia. Caso não conseguíssemos, apanhávamos e ficávamos sem comer e de joelhos por muitas horas.

Minha mãe parecia viver sem rumo, diariamente caminhava pelos currais e soltas alheias em busca de frutas, caça, igarapés para pescar, coco-babaçu e plantas medicinais. Ela não se acostumava a passar o dia em casa com meu pai e também não gostava do meu e do trabalho dos meus irmãos na beira da pista¹⁷⁵.

Além disso, nossos problemas de saúde e a nossa situação econômica pioravam a cada instante que passava. Os alimentos que trouxemos da Vinte estavam terminando, por isso minha mãe me botou para fazer geladins, sucos de Ki-Suco e amassar massas de pão para serem vendidos na porta de casa.

Mas vendíamos muito pouco. Então eu, meu primeiro e meu segundo irmão começamos a vender os geladins em caixa de isopor na beira da pista. Depois, além de geladin, passamos

¹⁷⁵ Às margens de uma BR.

a vender pastel, pão, bolo de arroz e beiju que nós fazíamos com a mãe.

Passamos alguns dias fazendo esse trabalho diariamente, sob a fiscalização de minha mãe, e tanto eu como meus irmãos gostávamos. Primeiro porque podíamos retornar para casa quando estivéssemos cansados. Segundo porque gostávamos de vender alimentos na beira da pista, uma vez que conhecíamos muitas crianças que faziam o mesmo trabalho que nós. Algumas vezes, até trocávamos lanches, eu, por exemplo, gostava de trocar bolo de arroz por bolo de puba ou milho assado, meu primeiro irmão gostava de trocar pão por espeto de carne ou farofa de torresmo.

Mas as coisas mudaram porque, a cada dia, minha mãe ficava mais debilitada, sem que pudesse levantar da cama nem para comer, e com isso meu pai passou a nos botar para fazer pasteis, geladins, refrescos e bolos para vender. Criou inúmeras regras, determinando que nós só podíamos ir para casa quando vendêssemos tudo, não podíamos comer e devíamos retornar com a quantia de dinheiro que ele dizia; se não cumpríssemos,

ele nos cobria de taca. Com isso, passamos a sair diariamente para vender lanche na beira da pista, logo que o dia amanhecia, não só com a barriga doendo de fome, mas também com medo das ameaças do pai. Vendíamos de manhãzinha até meio-dia ou uma hora da tarde, depois íamos para casa entregar o dinheiro da venda para o pai e comer alguma coisa. Logo depois, retornávamos para a beira da pista para vender novamente.

Lembro-me de que ele nos dizia que nós não íamos trabalhar com “o rabo cheio”, que era para trabalhar rápido para poder comer depois. Mas, algumas vezes, quando estávamos caindo de fome e já era próximo do meio-dia, e o sol estava tinindo a ponto de queimar os miolos de qualquer ser vivente, e algum de nós ainda tinha um ou dois bolos de arroz ou um ou dois beijos, nós parávamos num lugar e comíamos, e bebíamos o restante do suco. Depois íamos para casa.

Quando estávamos no início da rua, avistávamos de longe nosso pai na porta, sem camisa, usando uma bermuda

com um cinto de couro grosso, com uma mão apoiada na porta e a outra nos quartos¹⁷⁶, olhando fixamente para nós.

À medida que nos aproximávamos, ele nos acompanhava com o olhar. Quando entrávamos em casa, ele mandava que cada um colocasse as bacias, as garrafas e o dinheiro da venda em cima do balcão e conferia moeda por moeda. Em silêncio, ele nos olhava enquanto tirava o cinto que segurava sua bermuda e já com o cinto na mão dizia: “Tá faltando dinheiro! Me roubaram!”.

E tacava o cinto em cima de nós, geralmente do lado da fivela, batia, batia xingando-nos e ameaçando-nos de morte. Enquanto isso, minha mãe gritava do quarto pedindo que ele parasse, os dois ameaçavam-se de morte. Mas ele sempre continuava nos batendo, só parava quando cansava ou quando um de nós estava sangrando muito, ou desfalecido¹⁷⁷ no chão.

Em meu primeiro irmão, ele dava pancadas com muito ódio dizendo: “Vou te matar, ladrão! Vou te matar!”. Muitas

¹⁷⁶ Forma popular usada ainda hoje pela maioria dos nordestinos para chamar quadril.

¹⁷⁷ Desmaiado.

vezes, depois que ele apanhava muito, o pai ainda prendia sua cabeça contra a parede e batia, batia e batia, a ponto de os olhos parecerem saltar. Com meu segundo irmão, ele gostava de estrangular e bater em seu rosto e boca. Sua boca foi quebrada tantas vezes quando criança que não sei como ele não se tornou um adulto com a boca deformada. No meu caso, ele gostava de me colocar de bruços no chão, colocava um de seus pés apoiado na minha coluna enquanto batia, dando chutes no meu bumbum e lapadas com cinto de couro, cipó ou corda em todo o meu corpo, chamando-me de quenga, rapariga e amaldiçoada, e muitas vezes eu parava de gritar porque desmaiava.

Depois que nos espancava, ele saía de perto de nós, dizendo que estava passando mal, que nós, eu e meus irmãos, tínhamos feito muita raiva para ele.

Num final de tarde, depois de eu e meus irmãos termos sido espancados, minha mãe não nos deixou sair de casa para vender geladin e pastel. Mesmo mal de saúde, ela nos deu banho, nos vestiu com uma roupa limpa, passou óleo de copaíba

em nosso corpo e colocou comida somente para nós quatro na mesa.

Lembro-me de que nesse dia, durante o espancamento do meu pai, uma lapada de cinto pegou entre minhas pernas e machucou minha região pubiana e, naquele momento em que estava só eu, minha mãe e meus irmãos, sentia uma dor insuportável na minha vagina. Doía muito, mas não disse uma palavra a respeito do que sentia, apenas observava as presepadas do meu terceiro irmão na mesa querendo pegar comida do nosso prato.

Meu primeiro irmão estava com o olhar distante, minha mãe se aproximou dele e lhe fez carinho na cabeça; em seguida, ele começou a sorrir também. Quando terminamos de comer, fomos brincar no quintal com outras crianças da vizinhança. Alguns minutos depois, minha mãe sentiu as dores do parto, então meu pai gritou para eu ir chamar a dona Luzia para fazer o parto.

Fui correndo com meu primeiro irmão, no meio do caminho corremos segurando a mão um do outro e nos olhando

com medo e desespero. Assim que chegamos, dona Luzia nos recebeu com muito carinho, foi à sua cozinha, pegou uma caneca de água fria de dentro do pote de barro e nos deu para beber, em seguida entrou no seu quarto de oração, acendeu uma vela na frente de umas dezenas de imagens de santos católicos e outras entidades espirituais, pegou uma trouxa e saímos em direção à minha casa. Dona Luzia caminhava segurando-se e apoiando-se numa vara¹⁷⁸ um pouco torta, de galhos de goiabeira, por isso caminhava devagar, atropelando vez por outra uma moita de mato, um pedaço de madeira e toco e escorregando nos buracos da rua. Eu e meu irmão pensávamos que ela andava devagar por causa da trouxa que carregava, nós não lembrávamos que ela era cega de nascença.

Quando ela chegou, mandou-me esquentar água, colocar numa bacia e levar para perto da minha mãe. Em seguida, entrou e passou umas duas horas no quarto com ela.

¹⁷⁸ Uma bengala de cego que consistia num galho de árvore polido e mais ou menos na altura do estômago de quem usava.

Lembro-me do momento em que entrei no quarto para deixar a bacia com água morna ao lado da cama da minha mãe. Olhei para seu rosto, percebi que estava suado. Escorriam lágrimas dos seus olhos vermelhos, seus lábios tremiam ao gemer de dor.

Duas horas depois que eu havia saído do quarto, dona Luzia saiu com uma expressão cansada, falando para meu pai que minha mãe precisava ir para um hospital porque a criança estava atravessada e, por isso, não nasceria de modo normal.

Com isso, meu pai me mandou chamar a irmã Benedita, uma senhora parda, muito gorda, que morava na beira da pista, próximo de uma casa que minha avó morou. Era considerada a doutora em Maranhãozinho, realizava consultas no posto da Sucam e medicava quem quer que fosse, seja lá qual doença tivesse.

Dona Luzia ficou ao lado de minha mãe, enquanto fui chamar a irmã Benedita com meu primeiro irmão. Essa decisão do meu pai de mandar chamar a irmã Benedita, em vez de procurar uma forma de levar minha mãe para um hospital,

deixou dona Luzia revoltada, a ponto de ela gritar com meu pai e xingá-lo.

Assim que a irmã Benedita chegou, a dona Luzia foi embora segurando sua trouxa, tateando o chão com sua vara, rezando para minha mãe, xingando e gritando com meu pai.

A irmã Benedita atendeu ao meu pedido imediatamente. Ao chegar à minha casa, foi ver minha mãe. Passou duas ou três horas com minha mãe no quarto. Depois, saiu dizendo que tinha feito tudo o que podia, mas a criança não tinha como nascer ali.

Minha mãe precisava ir a um hospital. Foi então que meu pai saiu em busca de um carro para levar minha mãe ao hospital de Santa Luzia do Tide. O carro que chegou para levar minha mãe era um caminhão em que se carregava piçarra e animais.

Lembro-me, com muita nitidez, da minha mãe sendo carregada por dois homens para ser colocada na carroceria imunda e com cheiro de fezes de animais, enquanto meu pai pegava um saco com um lençol e uma muda de roupa para ela e corria para subir na carroceria.

Recordo da expressão de dor do seu rosto, como ela suava, de ter segurado sua mão gelada, antes de ser levada como uma carga que seria despejada em um outro lado de uma pista qualquer.

Depois que nossa mãe saiu, eu e meus irmãos ficamos sozinhos em casa, mas, passada uma meia hora, a Glenda foi nos buscar para ficar em sua casa até a volta da nossa mãe.

Passou o primeiro dia, o segundo e o terceiro dia, e não recebemos nenhuma notícia da nossa mãe. Num dia pela manhã, após uma semana que nossa mãe tinha ido para o hospital, uma funcionária da Telma¹⁷⁹ bateu na porta da Glenda, dizendo que tinha uma ligação do meu pai. Imediatamente, ela chamou a mim e a meus irmãos e fomos atender a ligação, que foi tão rápida que deu somente para a Glenda falar com ele.

Lembro-me da Glenda desligando o telefone com o rosto pálido e nos dizendo com uma voz triste: “Vamos, seus menino”.

¹⁷⁹ Telecomunicações do Maranhão S/A. Neste caso, trata-se de um posto de telefonia. Todos os moradores só falavam ao telefone por meio da Telma, não existia telefone fixo em nenhuma residência.

Ignorando a mudança no semblante da Glenda, perguntei sorrindo:

— E o neném nasceu?

— Sim, nasceu. E teu pai disse que é uma menina bonitinha como quê.

— E a mãe, quando vem?

— Não se sabe. Ninguém sabe. Tua mãe não tá boa não, muié. Teu pai disse que ela não tá mais em Santa Luzia do Tide, agora ela tá em Nova Olinda, o hospital de lá é melhor.

Ao ouvir isso, fiquei em silêncio, andando um pouco mais devagar, ficando atrás da Glenda e dos meus irmãos, que comentavam coisas sobre a bebê e o que iriam dizer quando a mãe retornasse. Os dias em que ficamos com a Glenda foram os únicos dias de nossas vidas, até aquele momento, em que passamos mais de um dia sem ser espancados, sem trabalhar até desfalecer.

Foi a primeira vez que fomos cuidados e protegidos por uma pessoa adulta. A Glenda preparava nossas refeições e comíamos todos juntos, brincávamos muito, colhíamos frutas e

bebíamos muito leite e também juçara¹⁸⁰ com farinha, acompanhadas de traíra¹⁸¹ seca frita com azeite de coco-babaçu.

Quando estávamos cerca de uns quinze dias na casa da Glenda, um dia pela manhã, por volta das sete horas, horário em que a Telma abria, uma mulher veio chamar a Glenda para atender uma ligação.

Ela foi sozinha para a Telma, deixando a mim e ao Milo cuidando das crianças menores, que eram o Tito e o Orim, meu terceiro irmão, e os dois filhos dela, o Beto, que era um menino de uns dois anos, e o José, que era apenas um bebê de alguns meses.

Com cerca de uma hora e meia, a Glenda retornou da ligação, com os olhos vermelhos de quem havia chorado muito.

Lembro-me de que quando ela entrou em casa eu estava balançando o José numa rede na sala. Ela parou próximo de mim

¹⁸⁰ Como se chama açai no Maranhão, principalmente nas zonas rurais.

¹⁸¹ Uma espécie de peixe da água doce que tem muita espinha, também conhecido como jabiraca.

e perguntou com voz trêmula onde estavam meus irmãos. Respondi que estavam na rua de trás, brincando com os vizinhos. Ela pediu para eu chamar todos rápido que ela queria dizer um negócio.

Quando todos nós estávamos na sala, inclusive seus filhos, ela disse: “Seus menino, a mãe de vocês morreu”. Imediatamente, meu segundo irmão caiu num choro profundo, chorou, chorou, soluçou, a ponto de sufocar com as próprias lágrimas; em seguida, começou a gritar numa dor profunda, que quem ouvia se compadecia de longe.

Meu primeiro irmão chorou em silêncio, as lágrimas escorriam dos seus olhos como se fossem cachoeiras silenciosas, escorriam sem parar, e ele num gesto saiu correndo em disparada em direção à rua. Corria e corria, enquanto Glenda gritava para que voltasse, mas ele seguia correndo, até que sumiu da vista dela.

Meu terceiro irmão, por ser muito pequeno, chorou ao lado do Tito, pedindo que ele parasse e consolando o irmão

enquanto dizia: “A mãe tá pra chegar”. Ele não entendia ainda o que era a morte.

Mas, quando ouvi a notícia da morte de minha mãe, inexplicavelmente não chorei, não gritei, não demonstrei medo e nem tristeza. Fiquei parada, imóvel no meio da sala, na mesma posição em que estava antes. Senti um frio intenso no meu interior, meu coração ficou gelado, frio, sentia uma forte dor de estômago que se espalhava por todo o meu corpo, minhas pernas e meus lábios tremiam que não conseguia falar nem andar. Fiquei totalmente paralisada por alguns minutos.

A Glenda tirou o José da rede e o carregou no colo em direção ao quintal. Depois, chamou-me para ajudá-la no preparo do almoço e fui em silêncio, com um andar anestesiado.

Próximo do meio-dia, meu primeiro irmão retornou com os pés queimados de correr na areia quente, com os lábios machucados, quase sangrando, o rosto e os olhos muito vermelhos. Entrou em casa, sentou-se no chão em um canto da sala, em silêncio, e a Glenda me mandou lhe dar um copo d’água. Chegou o horário do almoço, comemos juntos, como de

costume. Depois, nós nos deitamos, cada um em sua rede que a Glenda armou no meio da sala.

Quando percebi que todos dormiam, lembrei-me do quanto tinha orado a Deus pedindo que minha mãe fosse curada. Levantei-me da rede e fui para debaixo de um pé de ingá no quintal da Glenda, onde me ajoelhei e orei. Dessa vez, orei não para pedir perdão, nem para pedir um milagre, mas para querer saber o porquê. Por que a morte da minha mãe? Por que Deus não tinha me escutado se a Bíblia diz que Deus sempre ouve as orações das crianças?

Fiquei alguns minutos de joelhos repetindo esta pergunta, até que notei meu primeiro irmão me espiando da porta da cozinha, balançando a cabeça no sentido de negação, e falou: “Sai daí, menina, Glenda vai brigar”.

Ignorei sua voz e continuei falando com Deus, pedindo uma resposta; depois, fiquei em silêncio, que era para que Deus pudesse me responder. Estava tão concentrada em ouvir sua resposta que não percebi meus pés e pernas serem cobertos por formigas, daquelas que picam até tirar a pele do corpo.

Assustei-me quando a Glenda me gritou da porta da cozinha, pedindo para eu levantar porque podia adoecer. Lembrou-me, ainda, que constantemente, nos galhos do pé de ingá, tinha cobras enroscadas prontas para darem o bote.

Ao ouvir isso, levantei-me imediatamente tirando as formigas do corpo e tremendo de medo de cobra – tenho pavor desse animal, porque o considero traiçoeiro, igual a muitos humanos, e ardiloso como os pistoleiros armando emboscada. E em seguida me aproximei da Glenda.

Quando estava ao seu lado, ela me disse: “Tu entendeu que tua mãe morreu e quem morre não volta mais?”. Fiquei em silêncio e saí para ficar sozinha em algum lugar.

Em torno das dezesseis horas, a Glenda fez uma garrafa de café, pegou uma bacia de farinha com uns pedacinhos de rapadura e chamou meus irmãos e a mim para comermos na porta da casa de sua vizinha, que ela chamava de cumade¹⁸². Era uma senhora gorducha que mal cabia na cadeira de macarrão,

¹⁸² Comadre. Um modo como costumeiramente vizinhas se chamam no interior do Maranhão.

que passou a tarde sentada enquanto esperávamos o corpo de minha mãe chegar a Maranhãozinho para ser velado.

Esta cumade era uma senhora que tinha superstições em relação a tudo, fazia julgamentos sobre a vida de todos e frequentemente provocava brigas e intrigas entre as pessoas. Quando era jovem, teve um caso amoroso com meu avô. Durante muito tempo, ocupou uma parte do seu tempo falando a mentira de que minha avó virava bicho de noite, pelo fato de ela ser índia.

Essa mentira passou a ser uma história narrada pelos moradores da Vinte e depois começou a ser contada em Maranhãozinho. Essa calúnia sobre minha avó provocou tanto alvoroço na época em que meu avô e minha avó foram morar juntos, que meu avô deu uma péa¹⁸³ na cumade. Mas, depois de uns anos, acabamos morando todos próximo, apesar de ela e meu eu avô não se falarem.

Nesse dia, o dia em que esperávamos o corpo de minha mãe, estávamos na porta da casa da cumade, comendo,

¹⁸³ Palavra usada regionalmente com o significado de pisa, surra.

conversando e ouvindo a narração de suas histórias, sem nenhuma empolgação. Depois de merendar café com farinha e rapadura, meus irmãos, os filhos da Glenda e outras crianças brincavam de carrinho e jogavam dama na calçada, próximo de onde as mulheres estavam sentadas.

Sentei-me numa ponta da calçada, atrás de todos, quando os meninos maiores da rua começaram a jogar bola. Fiquei observando o jogo, que me desliguei das conversas das pessoas. De repente, a bola veio parar próximo de onde eu estava e, num gesto sem pensar, peguei a bola e saí correndo, chutando-a com os pés na direção do gol e alguns meninos querendo tomá-la de mim. Parei de correr quando ouvi a Glenda gritar meu nome e dizer: “Criatura, tua mãe morreu, entende isso, muié”.

Retornei para o lugar em que estava e a vizinha olhou na minha direção e disse, em voz alta: “Essa menina não tem coração, é má por natureza e, quando crescer, vai ser tudo o que não presta, não tem jeito, é cuspida e escarrada a avó dela”.

Lembro-me de que senti ódio dessa senhora, uma vontade de agarrar sua goela e a estrangular, igual vi meu pai fazendo com meu primeiro irmão. Mas, como não podia fazer isso, sentei-me atrás de sua cadeira e, quando todos estavam com a atenção direcionada para as crianças brincando na rua, me aproximei-me de sua cadeira e puxei os pedaços de papel que estavam apoiando um dos pés. Rapidamente, a cadeira desequilibrou e ela quase caiu.

Nesse instante, a Glenda me olhou e me chamou para me catar¹⁸⁴. Ela passou mais ou menos uma hora mexendo no meu cabelo. Eu não conseguia dizer uma palavra, mas minha mente fervia com perguntas, orações, medo, tristeza e dor. Sentia um frio intenso no meu coração e um gelo no estômago, pensei que estava morrendo.

Lembrei-me das perguntas da Glenda sobre minha consciência da morte de minha mãe, e a resposta era sim. Sim, entendia que minha mãe estava morta, mas por algum motivo

¹⁸⁴ Tirar e matar piolhos e lêndeas usando, neste caso, somente as mãos.

não chorava e por algum motivo as palavras da cumade faziam doer mais meu coração, ficavam sendo repetidas na minha cabeça, trazendo recordações ruins das vezes que ouvi na Vinte que eu era uma menina amaldiçoada, que era má, que era doente, e isso e aquilo. Mergulhada nesses pensamentos, chegou a notícia de que o corpo de minha mãe havia chegado e que seria velado na casa do meu tio Noel, que ficava próxima da pista.

Imediatamente fomos ver o corpo de minha mãe, eu e meus irmãos ficamos ao lado do caixão. O caixão era azul com florzinha marrom e seu corpo estava vestido num vestido cor-de-rosa, com uma gola de renda branca, que ela mesma tinha feito. Foi nesse instante que chorei. Havia muitas pessoas no seu velório, que durou apenas uns quinze minutos, e depois foram para seu enterro¹⁸⁵ chorando muito.

Eu e meus irmãos não participamos do ritual de sepultamento da nossa mãe. A Glenda nos levou para sua casa, jantamos e dormimos lá. No dia seguinte, logo de manhãzinha fomos para nossa casa.

¹⁸⁵ Sepultamento.

Quando chegamos em casa, vindo da casa da Glenda, meu pai sentou-se numa cadeira preguiçosa num dos cantos da sala, com um copo de cachaça da terra, um pacote de fumo e uns pedaços de palha de milho seca ao lado para embolar cigarros.

Após alguns segundos em silêncio, levantou-se e gritou uns gritos estrondosos que de longe era possível ouvir. Em seguida, sentou-se com o corpo esparramado na cadeira preguiçosa, com expressão de dor e ódio, fazendo juras ao Diabo e a Deus de que mataria cada um dos meus irmãos e a mim.

Falava furioso, com os olhos arregalados, segurando um cinto de couro artesanal numa mão e uma caneca de cachaça na outra: “Vô esfolar vocês, tufin. Um por um, juro por Deus e o Diabo que vô”. Enquanto falava essas palavras, meu pai me chamava ou chamava um dos meus irmãos para perto e dava um bofete¹⁸⁶.

Meus irmãos choravam e tremiam de medo. Meu terceiro irmão ficou tão assustado que saiu correndo de dentro de casa para a rua sem direção e meus outros dois irmãos foram

¹⁸⁶ Tapa no rosto dado com a mão aberta e sem muita força; tabefe.

atrás dele. Fiquei sozinha em casa com meu pai me dando lapadas e cuidando da minha irmã recém-nascida. Durante toda a primeira semana após a morte de minha mãe, meu pai agiu dessa forma.

Ele passava os dias sentado numa cadeira preguiçosa, num canto da sala ou na porta da rua, bebendo cachaça e fumando, se lamentando, orando e xingando a mim, meus irmãos e quem passava por perto. Quando sentia vontade, pegava um cipó, cinto ou um chicote e me chamava ou a um dos meus irmãos para dar uma lapada.

Diariamente, ele nos acordava antes de o dia amanhecer para fazermos pastel, geladin e bolinhos de arroz frito para irmos vender na beira da pista. Ele fiscalizava todo o nosso trabalho com um cinto na mão.

Em todas as manhãs, meu pai acordava com uma ideia nova de tortura para executar: bater-nos até sangrarmos e depois jogar sal nos ferimentos, ficarmos de joelhos em cima de caroços de milho segurando um ovo na cabeça a noite toda sem dormir, comermos arroz e milho crus, deixar-nos sem comida,

etc. Além disso, sempre tinha objetos novos para nos espancar melhor: uma vara com espinhos, um cipó grosso de goiabeira, uma corda pesada, uma palmatória com mais de um furo...

Nesse período, começou a falar que conversava com três espíritos, dois maus e um bom, e que eles o obrigavam a fazer coisas. Em pouco tempo, a aparência do meu pai mudou completamente, não conseguia nem nos chamar pelo nome, não sorria e quase nunca comia.

Pouco tempo depois da morte da minha mãe, meu pai vivia bêbado. Por vezes, saía de casa no final da tarde e retornava no final da manhã do dia seguinte irritado, sonolento e com muito ódio, demonstrava sentir tanto ódio de mim e dos meus irmãos que nos chamava somente de besta-fera. Algumas vezes, chamava-me de quenga e rapariga da pior espécie de um cabaré miserento de beira de estrada; outras vezes, chamava meu primeiro irmão de ladrão e diabo.

Todas as vezes que ele nos chamava, dava-nos um bofete ou uma lapada com corda, chicote, pedaços de pau, cinto de

couro ou chinelo. Enquanto nos batia, xingava-nos, gritava ameaçando-nos de morte.

Um dia, meu primeiro irmão chegou em casa depois do meio-dia para almoçar, depois de passar a manhã na beira da pista vendendo geladin e pastel. Assim que entrou em casa, meu pai se aproximou para conferir o dinheiro, dizendo que, se faltasse um centavo, ele não comeria.

Quando meu irmão entregou o dinheiro em sua mão, antes mesmo de terminar de conferir, ele gritou: “Ladrão! Vou te matar, ladrão!”. Imediatamente, pegou o chicote e o espancou, meu primeiro irmão, dando chicotadas em todo o seu corpo. Depois de alguns minutos sendo espancado, o corpo do meu irmão estava coberto de sangue.

Meu pai amarrou seus pulsos e seus tornozelos com uma corda e o arrastou pelo chão do quintal em direção ao poço, gritando que iria jogar o meu irmão amarrado dentro para morrer, sem que pudesse tentar sair.

Enquanto meu pai gritava de ódio que iria matar meu primeiro irmão naquele momento a qualquer custo, meu

terceiro irmão chorava escondido do outro lado da cerca do nosso quintal. Meu segundo irmão gritava e chorava desesperadamente e, por isso, meu pai soltou meu primeiro irmão por alguns instantes para dar umas lapadas no segundo.

Minha atitude inicial foi semelhante à que tive no dia da morte da minha mãe. Fiquei parada, anestesiada, sentindo meus órgãos internos congelarem, sem chorar, sem gritar, sem correr. Sentindo muito medo e tristeza, mas sem conseguir mexer nenhuma parte do meu corpo.

Estava em pé no meio do quintal, olhando meu primeiro irmão amarrado e coberto de sangue, chorando em silêncio. Sem gritar, falar nem implorar pela sua vida.

Por alguns segundos, nós nos olhamos. Um olhar de despedida e de muita dor que rasgou meu coração e minha alma.

Esse dia foi o dia mais triste da minha vida. Foi o dia em que senti mais medo e solidão. Foi também o dia em que descobri que podia ser forte. Olhando para meu primeiro irmão amarrado, machucado, humilhado e sozinho esperando a morte

chegar pelas mãos do próprio pai, saí correndo do quintal em direção à rua, gritando e pedindo socorro pelo amor de Deus. Gritei desesperada correndo, de ponta a ponta, na rua em que morávamos. Infelizmente, os moradores ignoraram meus gritos de socorro. Os que estavam em seus alpendres ouvindo rádio, fumando e bebendo cachaça aumentaram o volume do rádio e começaram a cantar e conversar alto.

As senhoras e moças que estavam lavando roupa ou fazendo algum trabalho no quintal espiavam pelas frechas da cerca de seus quintais, mas não falavam nada, nem saíam de seus lugares.

Algumas crianças saíam na porta de suas casas e diziam “coitadinha” e entravam rapidamente em suas casas sendo puxadas por um de seus irmãos mais velhos ou uma pessoa adulta da família.

Desesperada com as mãos na cabeça, correndo descalça pelas ruas de areia e piçarra debaixo do sol do meio-dia, fui à delegacia de polícia, que ficava localizada na beira da pista, ao lado da Telma.

Ao entrar na delegacia, olhei um homem baixo e gorducho com um copo de café numa mão e um pedaço de bolo na outra. Imediatamente me abracei em uma de suas pernas, implorando que ele fosse salvar meu irmão.

Com muita paciência, ele pediu que eu sentasse e relatasse a história. Sentei e comecei a falar o que estava ocorrendo. Disse que meu irmão estava amarrado e muito machucado, com o corpo ensanguentado e meu pai o jogaria dentro do poço.

Repeti a mesma história dezenas de vezes, até que ele terminou de comer e disse que não podia fazer nada naquele momento, porque não podia sair da delegacia.

Em silêncio saí da delegacia em direção à minha casa, na esperança de que meu irmão estivesse vivo, ainda mais violentada e com nojo daquele militar que comia fazendo mais barulho que um porco no chiqueiro.

Quando cheguei próximo de casa, ouvi a voz da dona Izabel, uma senhora de aproximadamente noventa anos que

ouvia e enxergava ruim e andava apoiando seu corpo num pedaço de pau.

Foi a dona Izabel quem salvou meu primeiro irmão naquele dia.

Ela saiu da sua casa andando devagar, apoiando-se num pedaço de pau com uma de suas mãos e segurando uma faca velha enferrujada na outra mão, gritando que meu pai largasse meu primeiro irmão.

Quando entrei em casa, meu pai havia parado de machucar meu primeiro irmão e se afastado dele, e a dona Izabel estava próxima, desamarrando a corda de seus pulsos e tornozelos, pedindo que ele fosse tomar banho. Depois de alguns minutos, tudo ficou em silêncio.

Meu pai, como de costume, sentou esparramado em sua cadeira preguiçosa para beber cachaça e fumar. Dessa vez, bebeu e fumou sem nos chamar para dar lapadas nem ficou amaldiçoando todo ser vivente que passasse na rua.

No final da tarde, eu com meu segundo e terceiro irmão fomos para a beira da pista vender geladin e pastel, como

fazíamos em todos os finais de tarde. Meu primeiro irmão ficou em casa, deitado no chão do quintal debaixo de uma mangueira, chorando e soluçando de dor.

O espancamento do meu pai lhe causou machucados e fraturas em todo o corpo. Foram duas costelas quebradas, um braço quebrado, uma mão torcida e dois dedos de um pé quebrados.

Meu primeiro irmão passou meses chorando de dor, cuspiam sangue e todo o seu corpo estava inchado; apesar disso, meu pai continuava ameaçando-o e xingando.

Mas passou uns dias sem lhe bater, sem sequer se aproximar dele. Sua rotina de espancamentos e torturas continuou sendo executada comigo, o Tito e o Orim.

Na mesma semana que meu primeiro irmão ficou na beira da morte, após ser espancado pelo meu pai, foi minha vez de ser torturada por ele. Ocorreu num finalzinho de tarde, quando meu pai o mandou ir ao magarefe¹⁸⁷ comprar um real

¹⁸⁷ Açougueiro.

de galinha¹⁸⁸ e mandou-me preparar um guisado com macaxeira que ficasse com molho grosso e muito vermelho.

O processo de preparo dessa comida demorou. Enquanto meu primeiro irmão foi comprar a galinha, eu, meu segundo e terceiro irmão fomos procurar tomate, pimentão e arrancar pés de macaxeira do quintal para lavar, descascar e colocar no guisado.

Quando conseguimos colocar a galinha para cozinhar numa panela grande e cheia de verdura e macaxeira que mal dava para ver se havia carne dentro, fomos pillar arroz para cozinhar.

Depois de algumas horas que o guisado estava cozinhando, fui tirar a panela para colocar o arroz no fogo e percebi que a galinha havia sumido, existiam apenas alguns fiapos de carne, e o caldo não estava grosso e nem vermelho como meu pai queria.

¹⁸⁸ Em Maranhãozinho se vende carne em qualquer quantidade e valor. Nessa época, um real de galinha era quase meio quilo.

O guisado transformou-se num tipo de sopa de macaxeira e, embora estivesse delicioso e com um cheiro incrível que tanto eu como meus irmãos estávamos ansiosos para comer, ficamos em silêncio, olhando um para o outro, assustados e com medo da reação do nosso pai ao ver que a comida não estava do jeito que ele pediu.

Quando chegou a hora do jantar, meu pai mandou-me colocar a comida dele. Ele nunca colocava sua própria comida no prato, ele sempre dizia que era obrigação da mulher botar a comida do homem. Então, além de eu botar a comida dele no prato, eu botava a comida de todos os meus irmãos.

Mas, algumas vezes, quando meu pai não estava por perto, meu segundo irmão me ajudava a colocar comida no prato, a lavar as vasilhas e em outras tarefas domésticas. Se, por acaso, meu pai descobrisse que ele havia feito esses trabalhos, chamava-o de veado, qualhira¹⁸⁹ e de um monte de palavrões que julgava sua sexualidade.

¹⁸⁹ Palavra homofóbica e preconceituosa empregada contra pessoas homossexuais, gays.

Nesse dia, meu pai já estava sentado à mesa esperando seu prato de comida, por isso fazia o trabalho sozinha. Preparei seu prato com todo o capricho e coloquei em sua frente em cima da mesa.

Ele ficou olhando em silêncio por alguns segundos e depois deu um grito: “Eu disse que queria guisado com um molho grosso e bem vermelho!”. Depois se levantou da mesa desabotoando o cinto da bermuda com que estava vestido e me deu uma lapada na cabeça, a fivela do cinto rasgou minha nuca que espirrou sangue longe, em seguida me segurou pela garganta com uma mão e com a outra mão me deu lapadas nas pernas e na barriga. Logo após me jogou na parede e caí deitada no chão, desfalecida, e continuou me batendo, xingando e gritando com muita raiva.

Lembro-me de ouvir o choro dos meus irmãos distante e a voz do caçula dizer que eu estava morta. Percebi meus irmãos correrem para diferentes direções, um para a rua, outro para o quintal e outro para se esconder atrás de algum objeto dentro de casa, enquanto sentia lapadas e socos em todo o meu corpo.

O pai, enquanto me batia, gritava e resmungava ao mesmo tempo, sua expressão era de um ser não humano, de outro mundo. Seu corpo, sua voz e sua energia representaram, naquele momento para mim, a personificação do ódio. Ele me espancou tanto que desmaiei. Fiquei algumas horas desacordada. Quando acordei, meu corpo estava coberto de sangue seco na pele, e o cheiro me causava ânsia de vômito, minhas pernas, braços e costelas ficaram com hematomas enormes, não conseguia me mover para levantar do chão.

Durante a madrugada, meu terceiro irmão, que nessa época tinha apenas dois anos de idade, acordou pedindo comida. Ouvia sua voz piedosa e triste: “Tô com fome”. Mas não conseguia me mover, continuava no mesmo lugar chorando e soluçando, com o corpo dolorido e alguns arranhões sangrando.

Percebi que meu primeiro irmão se levantou da rede, notou que eu não estava no quarto e saiu me chamando em direção à cozinha, onde me olhou no mesmo lugar em que nosso pai havia me deixado depois de me espancar.

Em silêncio, ele me ajudou a levantar, me deu uma caneca d'água, me ajudou a chegar até a rede, depois foi à cozinha e misturou um bocado de arroz com o ensopado de galinha e um pouco de farinha e levou para o quarto para comermos juntos. Comemos em silêncio e depois nos deitamos e dormimos.

No dia seguinte, no horário da manhã, levantei da rede antes de o dia amanhecer, com fortes dores no peito, cuspiendo sangue, com a cabeça inchada e a mão direita quebrada. Com ajuda de meus irmãos, cuidei da casa e da minha irmã recém-nascida, das plantações e preparei nossa refeição.

Nesses dias, fazíamos todo o esforço para ficar longe de nosso pai, comíamos e bebíamos quando dava e quando encontrávamos algum alimento. Passávamos os dias andando de rua em rua de Maranhãozinho. Às vezes, trabalhávamos capinando¹⁹⁰ o quintal de algum vizinho, vendendo bolo de arroz, gelandin, cocada e pão na beira da pista, fazíamos favores, dávamos recados, recolhíamos lixo e, no meu caso,

¹⁹⁰ Cortar capim usando enxada ou facão.

trabalhava constantemente lavando roupa e puxando água do poço para alguém.

Nossos corpos estavam cobertos de cicatrizes, cortes, machucados, feridas, queimaduras, piolhos e pulgas. Para mim, ainda tinha um agravante, que era minha pouca visão, que me causava acidentes quando realizava algum trabalho doméstico.

Frequentemente, quando estava cozinhando, caía brasa de fogo do fogareiro em cima do meu pé, isso provocava uma queimadura muito dolorida, a parte superior do meu pé ficava em carne viva. Além disso, sempre estava com os dedos cortados, unhas caindo e cortes e arranhões inflamados em todo o corpo. Mas os maiores machucados resultavam de espancamentos do meu pai.

Nas primeiras semanas depois do espancamento que sofri, minha rotina e a dos meus irmãos mudaram. O Milo e o Tito passavam a maior parte do dia na rua, às vezes saíam pela manhã e retornavam no dia seguinte quando o pai não estava em casa. Na rua faziam serviços em troca de alimentos ou um lugar para dormir. O Milo, com o tempo, aprendeu o ofício de

encanador e pedreiro. O Tito se tornou vendedor ambulante, vendia pães, laranja, CDs pirata, e tudo o que aparecesse em sua frente vendia.

O Orim ficava próximo de mim, mas com frequência fugia para o cabaré, onde prestava alguns serviços para as moças: entregava bilhetes, organizava roupas sujas, dava recados, juntava coisas do chão, entre outras coisas. Em troca, as moças do cabaré lhe davam comida e o tratavam com carinho.

Com isso, a cada dia, ficávamos mais separados, cada um lutando para sobreviver da forma que conseguia.

Eu passei a viver em uma tristeza profunda, com o coração doído, gelado, assustada até com o som das folhas das árvores, sem crença e sem fé.

Esse sentimento mudou quando uma das irmãs da minha mãe, a tia Helena, chegou a Maranhãozinho. Sua chegada trouxe esperança de uma vida melhor para mim e meus irmãos.

A tia Helena chegou em um finalzinho de tarde de uma segunda-feira, sua chegada trouxe muita alegria e conforto, já que, desde que minha mãe morreu, o pai demonstrava sentir

por nós somente ódio e desejo de nos espancar. Além disso, havia nos proibido de falar e frequentar a casa da Glenda e de outras amigas da nossa mãe.

A tia Helena conseguiu unir meus irmãos e a mim por alguns dias, em que ela cozinhou e cuidou de nós. O pai parecia mais tranquilo, e os dois, o pai e a tia, passavam horas conversando sobre nossa mudança para o sul do Brasil. Ela falava que havia construído uma casa para nós, o pai já tinha emprego certo, eu e meus irmãos iríamos estudar em uma escola próxima da sua casa, enfim, tudo parecia estar combinado.

Depois de alguns dias, minha tia Helena foi embora e levou minha irmã recém-nascida. Meu pai ficou para vender nossa casa e com o dinheiro iríamos embora em poucos dias.

Mas, após três dias da partida da tia Helena, de modo inusitado, meu pai nos chamou e disse que nós não íamos embora. Ele nos contou uma história criminosa envolvendo a tia Helena e meus outros familiares, para não ir embora.

Segundo ele, meus familiares queriam nos levar para o Paraná, para poderem matá-lo e enterrar sem que ninguém soubesse e depois poderem vender meus irmãos e a mim. Ele começou a contar essa história por onde andava e em pouco tempo todos os moradores de Maranhãozinho, da Vinte e das redondezas sabiam o paradeiro de meus familiares, principalmente dos que haviam ido embora por razões de conflitos, brigas, intrigas e violência.

Os comentários do meu pai sobre minha tia Helena provocaram a ira e ameaças de morte de famílias de paraibanos e pernambucanos que eram inimigas históricas de meus familiares, e essas rixas antigas foram descontadas em mim e nos meus irmãos, por meio de espancamentos, xingamentos e ameaças.

As pessoas adultas das famílias que eram inimigas da nossa família não nos violentavam, até mesmo porque esse era um ato condenado na nossa região. Quando acontecia um assassinato de criança, o assassino ou o suspeito do assassinato era morto, a não ser que fugisse para muito longe, geralmente

para a região Sul ou Sudeste do Brasil. Mas as pessoas adultas orientavam suas crianças para nos violentar, principalmente aquelas mais velhas do que eu e meus irmãos, e eram muito cruéis. Frequentemente, quando nos olhavam passando descuidados na rua, jogavam pedras ou brasas de fogareiro em nós, falando que não tínhamos o direito de passar na porta de suas casas.

As violências que vivíamos em casa e as violências que passamos a sofrer na rua me fizeram perceber que a esperança de ir embora com meus irmãos para vivermos sem espancamentos tinha partido, percebi que, a partir daquele momento, nós tínhamos que nos proteger. Passei a estar sempre atenta em tudo o que acontecia ao meu redor. Quando andava nas ruas, fosse para vender lanche, pão, fruta, feijão, fosse simplesmente atrás de comida, percebia tudo, os movimentos de pessoas e animais a distância; antes que se aproximassem de mim, já sabia se carregavam algum objeto na mão. Além disso, aprendi a conhecer e reconhecer a voz de

todos os moradores de Maranhãozinho, sobretudo daqueles que eram inimigos dos meus familiares.

Em pouco tempo percebi que essas estratégias evitavam diversas pancadas e machucados, então decidi ensinar isso para meus irmãos, mas infelizmente eles não conseguiam ficar atentos em tudo, não desconfiavam de todas as pessoas como eu.

Meu primeiro irmão era uma pessoa tão generosa que os espancamentos e as torturas do meu pai não o mudaram, fazia favores para quem pedisse. Ele trabalhava em todo tipo de trabalho que aparecesse para ganhar um prato cheio de arroz e feijão: roçava juquirá¹⁹¹, carregava latas de água, cuidava de porcos, ajudava na serraria, cortava lenha. Meu segundo irmão era o mais esperto de todos nós, aprendeu a mentir e enganar as pessoas com rapidez. Muitas e muitas vezes foi sua malícia e seu modo de ser simpático e esperto que nos alimentou e nos salvou de espancamentos. Meu terceiro irmão era uma criança

¹⁹¹ Ação de cortar mato, árvores com foice ou facão para preparar a terra para a lavoura/agricultura.

pequena muito arteira, engraçada, que odiava escovar os dentes e adorava cuscuz com frango e mamão com farinha.

Durante muito tempo, ficamos cuidando um do outro, nos esforçando para sobreviver um dia de cada vez. Meus irmãos e eu ficamos mais perdidos do que antes, sobrevivíamos fazendo favores para conhecidos e desconhecidos, sendo xingados e assediados, pegando lapadas, roubando comida e frutas dos quintais, acumulando dentes podres em nossas bocas, e cicatrizes, machucados, cortes, arranhões, pulgas, bichos, piolhos e frieiras em nossos corpos, amarelos de tanto verme, gripe e malária, sendo explorados e violentados por quem sentisse vontade. E algumas vezes sendo alvos de compaixão de alguém que nos alimentava, banhava e demonstrava carinho e misericórdia.

Frequentemente ganhávamos presentes dos comerciantes, principalmente do seu Tônio, um homem de meia-idade, baixo, branco e gorducho, era o dono do maior comércio da cidade. Sempre que nos via por perto, ele nos dava pacotes de biscoito cuja embalagem havia sido roída por ratos. Nós

pegávamos os pacotes, tirávamos os biscoitos roídos de ratos e comíamos o restante.

A mesma coisa acontecia com frutas, verduras e legumes. Quando estavam estragando, os donos dos comércios, bancas e quitandas nos davam para comer. Logo que eu ou um dos meus irmãos recebia, corríamos para casa, onde cortávamos a parte estragada dos alimentos e comíamos a parte boa.

Mas, uma vez ou outra, ganhávamos alimentos de boa qualidade, principalmente carnes do magarefe da cidade. Ele gostava de nos dar ossada, pescoço, bucho de boi, tripas de porco e toucinho que, muitas vezes, já vinham cortados e salgados. Outras vezes, algum vizinho ou conhecido nos levava para sua casa para nos dar comida e nos banhar com sabão e xampu. Sempre que ganhávamos comida, dividíamos entre nós e muitas vezes guardávamos um pouco para o pai, na esperança de que ele gostasse de nós um dia.

Com o passar dos dias, tornei-me uma pessoa desconfiada de tudo e de todos, não acreditava em ninguém, exceto no Milo e no Orim, os únicos em quem confiava. Quanto

ao Tito, por mais que me esforçasse, eu não conseguia acreditar no que ele falava ou fazia, sempre o pegava na mentira e ele sempre estava envolvido em confusão.

Quanto ao pai, eu me convenci de que ele jamais amaria algum dos seus filhos. Na rua, quando estava em companhia de seus conhecidos ou mesmo desconhecidos, ele era amável, alegre e generoso. Em casa, aos filhos, negava até comida e sentia prazer em nos espancar até sangrar.

Naqueles dias, percebi que o pai estava passando bastante tempo na rua. Algumas vezes, ele saía de manhã. Esses dias foram maravilhosos para mim, podia ficar tranquila e em paz por alguns instantes, brincava com outras crianças na rua, bem como apostava lutas e jogava bola com o Milo.

Um certo dia, na boquinha da noite, quando preparava um punhado de arroz com um resto de feijão e folhas de quiabo numa mesma panela para o jantar, meu pai chegou em casa com uma mulher jovem e muito bonita e nos apresentou dizendo: “Essa agora é mãe de vocês”.

Lembro-me de olhar fixamente em sua direção e do susto que senti quando notei que minha madrastra era cunhada da Glenda. A mesma mulher sobre a qual, num tempo atrás, surgiu um boato na Vinte e depois em Maranhãozinho de que tinha um caso com meu pai, apesar de os dois serem casados. Chamava-se Jane, tinha pele branca, cabelos longos e cacheados, estatura mediana, não era magra, mas também não era gorda, tinha um rosto muito bonito e um olhar e sorriso malicioso. Falava rápido e de modo gentil.

Nos nossos primeiros dias juntas, nada mudou no meu dia a dia, permaneci realizando todas as tarefas domésticas no turno da manhã e à tarde vendia geladin e pastel na beira da pista. Mas, uma vez ou outra, Jane me catava¹⁹², tirava pulgas dos meus pés e dos pés dos meus irmãos, nos levava para consultar e vacinar e nos matriculou em uma escola municipal.

Essa foi a primeira vez que estudamos em uma escola de ensino regular.

¹⁹² Tirar e matar piolhos e lêndeas usando as mãos e pente-fino.

Gostei de retornar à escola, quem não gostou foram as pessoas da escola, porque todos de Maranhãozinho nos consideravam meninos de rua. Por isso, os pais não queriam que os filhos fizessem amizade conosco.

Dessa vez, foi o Milo quem sentiu mais, mais dificuldade em se adaptar na escola. Ele não conseguia ficar sentado durante as aulas, procurava a todo instante alguém para conversar. Algumas crianças o apelidavam e em troca ele lhes dava bofetes e chutes. No meu caso, surgiu um novo tipo de violência, executada pelos meninos, que foi a seguinte: quando estava sozinha em algum lugar, um menino queria me beijar e amassar meu corpo.

Existia um menino específico, chamado de Bacaba, mas seu nome verdadeiro era Valdeir, que tinha doze anos de idade. Esse menino, que hoje é um homem de aproximadamente quarenta anos, é um estuprador nato, me perseguiu de todas as formas e uma vez quase me estuprou, só não conseguiu porque tive uma crise de asma e ele ficou assustado e saiu. Com isso, parou alguns dias de me perseguir e, nesse intervalo de tempo,

estuprou uma menina de oito anos de idade. Algumas semanas depois, estuprou outra menina; dessa vez, a vítima, que já tinha sido estuprada várias vezes por ele, falou para sua mãe, e o maldito desse estuprador fugiu. Mas, nos dias de hoje, frequenta Maranhãozinho como se nunca tivesse feito nada de mal.

Meu retorno à escola, na prática, significou somente uma atividade a mais na minha rotina. Continuei trabalhando com a venda de lanches, produção e venda de geladins e realizando trabalho doméstico. Do mesmo modo, meus irmãos continuaram com suas rotinas de trabalho e suas vidas na rua. Continuamos sendo maltratados, explorados e violentados por quem quisesse, éramos considerados crianças sem ninguém. Ninguém falaria nada por nós, nos defenderia de alguma violência.

Jane demonstrava não gostar de mim e nem do Milo; segundo ela, não tínhamos mais jeito de ser gente, porque já éramos grande. Apesar disso, algumas vezes, executava atitudes boas conosco, principalmente no que se tratava da divisão de alimentos e também nos medicava quando

adoecíamos. Por outro lado, existiam muitas atitudes semelhantes às do meu pai. Ela nunca me bateu nem me espancou, mas, sempre que podia, estimulava meu pai a nos espancar e nos torturar com castigos tenebrosos. No meu caso, ela dizia que precisava apanhar de lapadas de facão na bunda. Com isso, meu pai passou a me bater frequentemente com facão: ele me mandava tirar minha roupa, puxava meus cabelos e mandava ficar de costas e dava lapadas no meu bumbum com um dos lados do facão, algumas vezes a parte cortante me feria e escorria muito sangue e era nesse momento que ele parava de me bater e a Jane me mandava tomar banho que ela iria passar Mertiolate na ferida.

Jane, em pouco tempo, demonstrou um sentimento de aversão em relação a mim e ao meu primeiro irmão, que chegou a ponto de ameaçar meu pai que iria embora, porque não conseguia morar debaixo do mesmo teto que nós.

Passou a sair de casa com frequência para ficar na casa de parentes e amigos. Algumas vezes, ia para festas de forró dançar e beber pinga. Assim que meu pai ficava sabendo, corria

até onde ela estava; enlouquecido de ciúmes, implorava para que ela retornasse para casa com ele. Raramente Jane retornava para casa com meu pai. Nas poucas vezes que retornou, foi muito bêbada. Na maioria das vezes, ela ignorava suas lamentações e choros e juras de amor.

Depois de ser ignorado por muitas horas, meu pai retornava para casa e, para aliviar sua dor de homem apaixonado, espancava-nos. Algumas vezes, tarde da noite, acordávamos sentindo lapadas de cinto de couro ou corda de náilon em todo o corpo. Meu pai, enfurecido, nos batia, deitados na rede, com toda a força e ódio que um ser humano é capaz de ter. Ele só parava de nos espancar quando cansava.

Vimemos nessa rotina aproximadamente um ano, até que meu pai prometeu para Jane que iria me entregar para uma parente da minha mãe que morava em São Luís e disse ainda que estava procurando alguém que quisesse meu primeiro irmão. Com isso, Jane retornou para casa definitivamente, parou de ir ao forró e de beber pinga.

Uma vez, chegou à nossa casa para me buscar um homem negro de cabelo liso, gordo com o bucho quebrado, falava manso, andava devagar, quase parando, comia rápido, fazendo barulhos estranhos e altos, sua expressão facial era de quem estava com muito sono, chamava-se Nilton. Ele foi enviado por uma parente de minha mãe e meu pai dizia que ela morava em São Luís, mas nem eu nem meus irmãos a conhecíamos pessoalmente.

Lembro-me do alvoroço que sua chegada fez na casa do meu pai. Meus irmãos estavam ansiosos com minha partida, me pediam que trouxesse presentes quando voltasse, sorriam dizendo que eu iria comer só com garfo e faca e tomaria banho com sabonete todos os dias, falavam das roupas e calçados que ganharia, da comida que iria comer até a barriga doer.

Meu primeiro irmão me cutucava com a ponta do dedo quando estava distraída, dizendo: “Só quer ser, só porque vai morar na cidade grande e vai comer carne todo dia”. Meu segundo irmão me fez jurar que, quando retornasse, traria uma

caixa de Nikito¹⁹³, um saco de jujuba e outro de Fofão¹⁹⁴. Meu terceiro irmão, que ainda era uma criança pequena, me pedia, com olhar esperançoso e cheio de ternura, uma pistolinha de água e, caso tivesse muito dinheiro, que comprasse um boneco dos Power Rangers, de preferência o Ranger azul.

Para mim, o alvoroço que meus irmãos sentiam, suas gargalhadas e brincadeiras significavam uma única coisa: nossa separação, que podia ser para sempre. Lembro que, nesse dia, sentia uma tristeza grande no meu coração, e na minha mente crescia a ideia de que aquela seria a última vez que estaria ao lado de todos os meus irmãos, conversando, sorrindo, comendo e esquecendo por alguns instantes as violências e dores que sentíamos.

Fui embora de Maranhãozinho para São Luís em uma manhã fria, de chuveiro e neblina, de uma segunda-feira do mês de fevereiro do ano de 1997, num momento em que a maioria das pessoas de Maranhãozinho preparavam suas fantasias de

¹⁹³ Um tipo de biscoito recheado de péssima qualidade.

¹⁹⁴ Um tipo de bombom de chocolate muito popular nos anos 1990.

fofão, costuravam máscaras, roupas e enfeites, ensaiavam as coreografias do É o Tchan para brincar Carnaval.

Nesse dia também acordei de madrugada para preparar o café e o cuscuz, como de costume, mas meu pai acordou em seguida para me mandar banhar. Mesmo com os pelos do corpo arrepiados de frio e sem gostar de banho antes de o dia amanhecer, não retruquei a ordem do meu pai, até porque, provavelmente, se ele falasse a segunda vez, seria dando-me chicotadas ou lapadas de cinto ou corda.

Depois que preparei o café e tomei banho, eu me arrumei para a viagem: vesti meu melhor vestido, calcei meu melhor tamanco de madeira, o último que meu avô fez para mim, fiz uma trança no cabelo, me perfumei com o desodorante Alma de Flores, peguei minha boroca¹⁹⁵ e, antes de sair do quarto, olhei para cada um dos meus irmãos dormindo na rede, com o pressentimento de que nunca mais nos veríamos.

¹⁹⁵ Um tipo de bolsa de mão para viagem, feita com material sintético.

Esse dia foi um dos poucos dias na minha infância em que, com os olhos cheios de lágrima e com o coração tremendo de medo, chorei sem ser de dor dos espancamentos do meu pai. Primeiro pelo fato de estar indo para um lugar desconhecido e segundo porque estava saindo de casa numa segunda-feira, o dia das almas.

Sempre ouvi minha mãe e muitas curandeiras e parteiras da Vinte e de Maranhãozinho falarem que segunda-feira não é um bom dia para fazer algo, nem tomar decisões importantes; é o dia em que as almas andam sobre a terra, influenciando e fazendo com que os vivos tomem decisões e ações de seus interesses, tanto boas como ruins.

Segunda-feira é um dia perigoso, em que as pessoas devem ter muito cuidado com o que falam, pensam e agem. Por isso, é recomendado fazer uma prece para as almas às seis horas da manhã e seis horas da noite, pedindo proteção aos espíritos de luz e pedindo a Deus misericórdia para os espíritos perdidos que vagueiam na Terra sem rumo.

Em razão dessa minha crença nas almas, sentia que meu medo aumentava. Acreditava que o chuvisco, a neblina, o sono dos meus irmãos e o frio que sentia, que me fazia bater o queixo, eram sinais de mau presságio.

De qualquer forma, minhas crenças não tinham importância para meu pai nem para o homem que foi me buscar, serviam somente para amenizar a agonia dos meus pensamentos.

Então, saí de casa, sem olhar para trás. Quando estava no meio do caminho, ouvi o grito do meu primeiro irmão chamando meu nome. Parei no meio da rua, esforçando-me para enxergá-lo no meio da neblina, quando me dei conta, ele estava parado na minha frente, limpando a remela dos olhos e a baba da boca. Imediatamente meu pai deu um grito: “O que tu faz aqui, infeliz da moléstia?”. Ele não respondeu nada, nos abraçamos rápido em silêncio e ele voltou para casa correndo de pés descalços, e segui rumo à beira da pista para pegar o ônibus em direção a São Luís.

Às seis horas da manhã, o ônibus parou na beira da pista e neste momento senti um medo tão grande que fiquei imóvel e meu rosto ficou encharcado de lágrimas. Meu pai me segurou pelo braço e me entregou nas mãos de Nilton, falando: “Leve e entregue direto para a dona Batori”.

Nilton me segurou com uma das mãos e com a outra pegou minha boroca. Quando eu estava prestes a subir no ônibus, meu pai me abraçou, pedindo que parasse de chorar porque ele iria me buscar em São Luís depois do Carnaval.

Além disso, falou que a dona Batori era uma mulher muito bondosa. Assim que chegasse à sua casa, ela me levaria para consultar com um médico de vista¹⁹⁶, compraria óculos para mim e me daria roupas e calçados novos.

Nesse momento, parei de chorar, mas não pelo fato de ter escutado que a dona Batori era bondosa e faria muitas coisas por mim. Parei de chorar porque via a possibilidade de retornar para casa em poucos dias.

¹⁹⁶ Como é chamado oftalmologista no interior do Maranhão e em outras regiões do país.

Entrei no ônibus e sentei-me numa poltrona confortável no meio do corredor. Aliás, esta foi a primeira vez que viajei de ônibus; antes, só havia viajado de pau de arara e carroça. Nilton sentou-se no final do corredor, de modo que não conseguia avistá-lo do lugar em que estava sentada.

Ao lado da poltrona em que estava, viajava uma idosa magricela, com cheiro de fumo, que se tremia toda, falava palavras indecifráveis e segurava uma fralda próximo da boca para limpar a baba que caía sem parar.

A viagem de Maranhãozinho para São Luís durou aproximadamente nove horas. Durante o percurso, houve fortes chuvas, pessoas passando mal no ônibus, estrada esburacada e o pneu do ônibus furou duas vezes, sendo obrigado o motorista a parar no meio da estrada para consertar, enquanto os passageiros resmungavam, comiam farofas e laranjas, gritavam, reclamavam e se lamentavam sentados em suas poltronas.

Nesse momento, não sentia absolutamente nada, não sentia alegria, tristeza, medo, esperança, não sonhava e não

planejava nada, apenas ouvia as ações e falas das pessoas, ao mesmo instante não sentia estar presente naquele lugar.

Cheguei à casa da dona Batori no final da tarde, com o estômago vazio, enjoo, dor de cabeça e tímida, que não conseguia falar nenhuma palavra. Abraçava minha boroca com o objetivo de sentir afeto e proteção dos espíritos de luz.

Assim que entrei na casa da dona Batori, Flor, uma moça negra, gorda, cabelos crespos e dentes alvos, extremamente simpática, veio me receber com um sorriso e um abraço fraternal que, semelhante àquele, nunca havia recebido. Ela me falou que a dona Batori estava no serviço, mas chegaria umas seis e meia da noite. Rapidamente, a Flor pegou a boroca da minha mão e, num gesto delicado, apoiou-se no meu ombro, guiando-me em direção a um quarto.

Esse quarto estava muito escuro, não havia janelas, cheirava a mofo e cachaça. Ao entrar, a Flor colocou minha boroca em um canto, me disse para tirar o tamanco e calçar um chinelo, em seguida saiu. Sozinha naquele ambiente estranho aos meus olhos e ouvidos, fiquei com o corpo imóvel por alguns

instantes, pensando no que deveria fazer e falar quando me encontrasse com a dona Batori. Mas a única coisa que percebi foi o quarto ser um local cheio de objetos, notei uma espécie de altar em um canto, porque tinha uma vela enorme acesa, me aproximei e reparei diversas esculturas.

Caminhei ao redor do quarto tocando nas paredes, observando os quadros e terços pendurados, toquei nas esculturas. Reconheci a imagem de São Jorge, a de Nossa Senhora e de alguns orixás e caboclos. Havia também esculturas de animais, pedras, colônias de alfazema e cuíca com cachaça.

Após alguns minutos, a Flor entrou e me observou, perguntando: “Você não tem chinelo?”. Respondi que não. Com um tom de voz penoso, arrumou minha boroca e disse: “Quando a dona Batori chegar, ela diz onde você vai dormir. Agora vem, vou te mostrar o resto da casa”.

Em silêncio, segui os passos rápidos da Flor, prestando atenção no modo que ela falava, principalmente porque queria esquecer o sentimento de pavor que estava sentindo em relação àquele lugar.

As pessoas falavam estranho, cheiravam a gordura e álcool, falavam rápido, me olhavam e falavam comigo como se eu fosse um animal ou retardada, até mesmo a Flor eu achava ser uma pessoa estranha, porque sorria, gargalhava e falava sem parar. Além disso, usava uma roupa que nunca tinha visto nem nas novelas ou revistas, ela estava vestida em um macacão de *cotton* com tom de rosa-choque, usava umas pulseiras brilhosas e uma tiara colorida na cabeça. Isso tudo chamava a minha atenção, de maneira que não conseguia parar de fixar meus olhos nela.

Em seguida, a Flor levou-me ao tanque para tomar banho, ajudou-me a desabotoar os colchetes do meu vestido e a desfazer a trança dos meus cabelos. Depois, deu-me um prato de comida que tinha arroz, feijão, salada com várias verduras e um bife enorme. Fiquei olhando o prato por alguns segundos, sem saber por onde começar a comer. A Flor aproximou-se e disse: “Você não está com fome?”. Respondi, balançando a cabeça, que sim. E, de um jeito brusco, perguntei: “Esta comida

toda é só pra mim?”. Ela apenas sorriu. Afastou-se devagar e disse: “Se você quiser mais, é só pedir”.

Puxei o prato para perto e comei a comer rápido colocando colheradas cheias na boca. Quando estava terminando, lembrei-me do Milo falando que em São Luís comeria carne todo dia.

Terminei de comer e fiquei pensando que nunca havia comido tanta carne e arroz numa única refeição. Lembrei-me das vezes que o Milo ganhava alguns trocados enchendo carroça de terra e piçarra para comprar um pedaço de carne no gordo magarefe, o dono do açougue de Maranhãozinho.

Este era nosso segredo de irmãos. O Milo comprava o pedaço de carne, levava rápido para casa, chamava o Tito e o Orim, nós acendíamos o fogareiro, cortávamos a carne em pedacinhos, salgávamos e fritávamos na banha de porco e comíamos com cuscuz ou farinha de puba em uma bacia de alumínio juntos. A carne era dividida em pedaços iguais, cada um comia o mesmo tanto que o outro, embora, vez por outra, um roubasse um pedaço do outro.

A diversão, nesse caso, era preparar a carne e o cuscuz e comer antes de o nosso pai e a nossa madrastra chegarem em casa. Quando eles chegassem, nós quatro devíamos estar trabalhando, com a boca limpa e as panelas lavadas.

Nesse período, frequentemente o Tito fazia pequenos favores para algumas pessoas, como ir comprar algo na quitanda, puxar um balde d'água, lavar uma louça ou cuidar de uma criança pequena. Com isso, ele passou a ganhar umas moedas a mais e, às vezes, alguns bombons e até sorvetes que comíamos juntos rapidamente. A cada dia que passava, ganhava mais presentes e as pessoas demonstravam ter muito carinho por ele, pelo fato de ser gentil, falar de um modo entusiasmado, dramático. Era um menino muito bonito e de sorriso fácil. Com o tempo, tornou-se um menino esperto, malicioso e um mentiroso de carteirinha. Todo tipo de comida que ganhava na rua dividia com os irmãos e, quando tinha algum dinheiro, comprava sorvete para comermos escondidos no quintal.

Fiquei com meus pensamentos e sentimentos voltados para essas lembranças até o momento da chegada da dona

Batori. Ela chegou em torno das dezoito horas, junto com sua filha, Fler. Logo que notei sua chegada, levantei-me para lhe pedir a bênção. Ela era uma mulher alta, magra, mas com o bucho quebrado, negra, com um cabelo curto e cacheado, falava estridente, com um tom de voz horrível, que até nos dias de hoje, quando me lembro da sua voz, doem meus ouvidos. Fler era branca, com cabelos castanho-claros e cacheados, olhos grandes, seu rosto expressava nojo, desprezo e falsidade em relação a qualquer coisa no mundo.

Observei a aparência dessas duas mulheres, senti medo e me sentei novamente. Ao perceber os gestos que realizei, levantei-me desorientada de onde estava sentada assistindo televisão e fui cumprimentá-la. Estendi minha mão e disse:

— A bênção, dona Batori.

— Diga a bênção, tia Batori! Quando eu falar com você, responda senhora tia Batori, e não niora¹⁹⁷, e muito menos

¹⁹⁷ Forma com que pessoas jovens e crianças chamam pessoas idosas/velhas no interior; o mesmo que senhora.

dona, entendeu? Ah! E chame a Fler de tia também. Peça a bênção para ela.

— Sim, senhora tia Batori. A bênção, tia Fler.

— Sente aqui. Vou tomar banho e jantar, depois venho conversar com você e lhe explicar as regras da casa — Em silêncio, sentei no lugar que a dona Batori mandou.

Naquele momento, percebi que a casa ficou com um clima de tensão e a energia do lugar, que para mim não era boa desde que entrei, ficou pior. Notei que a Flor, que estava com um sorriso de orelha a orelha assistindo a novela Marimar e dançando nos momentos de intervalo a coreografia do É o Tchan, ficou calada e com olhar assustado.

Depois de alguns minutos que a dona Batori chegou, seus netos chegaram da escola. Os dois passaram tão rápido pela sala em direção à cozinha que não tive tempo de falar oi. Mas notei suas aparências feias e estranhas. O mais velho chamava-se Adão, um adolescente branco, alto, gordo, com o rosto cheio de espinhas e um olhar profundo, falava rápido, atropelando as palavras; o mais novo chamava-se Ivo, um pré-adolescente

magro cujas costelas apareciam, de pele parda, jeito mimado e com expressão de preguiça e fraqueza.

Alguns segundos depois que o Adão e o Ivo estavam na cozinha, dona Batori me chamou e, por força do hábito, respondi:

— Niora.

— Já lhe falei como é pra me chamar e me responder! Senhora tia ou senhora ou só tia. Chamei você pra ensinar como é que bota a comida dos menino. Veja! O Ivo gosta de comer com um ovo frito do lado, desse jeito. O Adão gosta de comer com a salada separada, assim. Agora, pegue o prato e leve para eles comerem no quarto.

Fiz o que a senhora mandou, rapidamente fui levar a comida para os “meninos”. Quando entrei, entreguei o prato do mais velho. O Adão me olhou, sorriu e disse: “Obrigado!”. O mais novo, o Ivo, recebeu olhando-me dos pés à cabeça e teve uma crise de riso.

Quando saí, ouvi o Ivo dizer: “Tu viu como ela parece uma porca preta!? E a roupa dela! É muito feia!”. Os dois tiveram

uma crise de riso que se engasgaram e a senhora me mandou levar água para eles. Mas continuaram sorrindo e se engasgando, então a Fler e a senhora foram ver o que estava acontecendo com os “meninos”.

O mais velho, dando gargalhadas, disse: “É que o Ivo viu que a Zezão¹⁹⁸ parece uma porca preta!”. A Fler teve uma crise de riso que passou mal, além de falar que fez xixi na roupa. A dona, em crises de risos, disse: “É que onde a bichinha morava era um lugar de bang”¹⁹⁹.

Depois disso, tornei-me a piada do momento. Aquelas pessoas sorriam de tudo em mim. Sorriam do meu cabelo por acharem que parecia rabo de cavalo, sorriam do meu vestido de estampa e babado cafona, sorriam do meu brinco de apertar em forma de caju, sorriam do meu tamanco de madeira que fazia barulho quando andava, sorriam de detalhes da minha

¹⁹⁸ Um apelido em razão do meu nome. Zezão e porca preta foram os primeiros apelidos de que as pessoas da casa da dona Batori me chamaram.

¹⁹⁹ Referindo-se a uma cidade atrasada e sem asfalto, fazendo alusão aos filmes de faroeste.

aparência que não sabia que tinha, e de outros que eu achava bonitos, como meu cabelo longo e liso.

Desde os primeiros momentos de contato com a Fler e seus filhos, eles nunca me chamavam pelo meu nome próprio; a Fler me chamava pelo nome somente na rua, quando estava na presença de pessoas desconhecidas. Diariamente, criavam apelidos para substituir meu nome. O primeiro deles foi porca, em seguida vieram centenas de milhares de nomes pejorativos, como: jumenta braba, sezão, mosca-morta, mucura, infitética²⁰⁰, carniça, urubu pode^{201 202}, defunta, demente, louca, retardada, jamanta. Este último surgiu a partir de um personagem da novela das nove da Rede Globo. Minha reação era chorar e orar pedindo a Deus que chegasse logo o Carnaval para meu pai ir me buscar.

²⁰⁰ Neologismo empregado com o sentido de miserável.

²⁰¹ Com o objetivo de me comparar a um urubu morto, este apelido foi um dos mais agressivos para mim, porque me desumanizava e desconsiderava a existência da minha vida.

²⁰² Na palavra “pode”, foi mantida aqui a supressão da consoante erre (da palavra originária “podre”), conforme ocorria na fala.

Passaram-se aproximadamente três semanas e o Carnaval chegou; na semana seguinte, completaria onze anos de idade. Empolgada, arrumei minha boroca e todas as manhãs entrançava meus cabelos para esperar meu pai.

À medida que os dias de Carnaval passavam, levavam minha esperança de retornar para casa. Infelizmente, o Carnaval de 1997 passou e meu pai não foi me buscar, nem mesmo ligou para dar notícia.

Fiquei triste alguns dias, mas depois comecei a acreditar que com certeza ele viria no próximo Carnaval. Então comecei a contar os dias para o Carnaval de 1998. Com isso, minha vida seguiu de acordo com as regras impostas por dona Batori e as torturas psicológicas de sua filha e de seus netos.

No decorrer desse ano vivenciei situações diversas. Fui ao oftalmologista pela primeira vez. Fui matriculada numa escola municipal para estudar no período da tarde, depois que fizesse as tarefas domésticas que dona Batori me mandava. Deixei de dormir dentro da casa e passei a dormir no corredor.

Um espaço que era apenas coberto com telhas. Era aberto dos lados.

Armei a rede que recebi para dormir nesse corredor, que já estava entupido de caixas e objetos velhos com mofo. Antes de dormir pela primeira vez, fiz uma faxina para tirar as crostas de fezes de rato, cachorro e gato do lugar.

Em poucos dias que dormia no corredor, iniciou o período de chuva e com ele iniciaram meus medos e desesperos noturnos diários. O telhado era cheio de goteiras, algumas pingavam dentro da minha rede. Em dias de chuva forte, a rede em que dormia ficava encharcada de água, que era obrigada a levantar e passar a noite sentada em cima de uma das caixas.

Quando o dia amanhecia, esperava dona Batori abrir a porta da cozinha para eu entrar e preparar o café da manhã. Depois que fazia uma garrafa de café e arrumava a mesa colocando xícaras e talheres, ia à padaria comprar pão. Esta padaria estava aproximadamente a cinco quilômetros de distância. Havia outras mais próximas, mas a Fler gostava somente do pão dessa padaria.

Todos os dias, nas primeiras horas da manhã e nos finais da tarde, independentemente de como eu estivesse ou fosse um dia de chuva ou de sol, eu tinha que ir comprar pão segundo o gosto da Fler. Além disso, todos os dias, ao meio-dia, era obrigada a ir comprar cigarros para ela.

Depois do café da manhã, iniciava o trabalho doméstico pesado até o horário de ir para a escola. Quando chegava, fazia mais trabalho doméstico. Frequentemente, trabalhava até a meia-noite.

Quando me deitava, não conseguia dormir e nem descansar. Passava as madrugadas pensando na minha família, contando os dias para o fim do próximo Carnaval, quando finalmente retornaria ao meu lar em Maranhãozinho.

Quando completei três meses que estava morando em sua casa, dona Batori mandou a Flor ir embora para eu assumir seu trabalho. A Flor era a doméstica da casa. Ganhava uma mixaria, cerca de trinta reais, para trabalhar dia e noite, sem horário de início e fim.

Mas não reclamava, em razão da paixão que sentia pelo Adão. Os dois tinham um caso amoroso e, quando a dona Batori e a Fler não estavam em casa, os dois passavam a maior parte do tempo agarrados, se beijando e se amassando pelos cantos.

Depois que a Flor partiu, comecei a fazer todo o trabalho doméstico. Em poucos dias, senti na pele as consequências de não satisfazer as pessoas da casa com meu trabalho.

Todos os dias fazia algo errado. A casa ficava mal varrida, a louça estava com restos de sabão, a roupa ficava dura e sem cheiro, cortava os legumes e verduras em pedaços grandes. Nesses casos, dona Batori ficava furiosa, me xingava, gritava e dava alguns cascudos na minha cabeça. Depois de um tempo, além dos cascudos, ela passou a me dar tapas nas costas e pancadas com cabos de vassoura ou qualquer objeto que ela tivesse na mão quando sentia vontade de me bater.

Um dia ela me mandou cortar umas batatas em rodela finas, mas, em razão da minha pouca visão e também do medo que sentia dela, não consegui cortar do modo que ela queria. Logo que viu, deu um grito estridente que doeu meu cérebro,

me puxou pelos cabelos, me pressionou numa parede apertando meu pescoço e deu um tapa em cada um dos lados do meu rosto.

A partir desse dia, meu rosto se tornou o local favorito de dona Batori bater. No decorrer de um dia, eu recebia tantos tapas no rosto que deixei de pensar sobre qual era o motivo de eu estar apanhando.

Meu rosto e meu corpo sempre estavam doloridos, minhas mãos repletas de queimaduras, cortes e arranhões. Frequentemente estava com febre e muita tontura.

Nos momentos em que dona Batori, ao me colocar para trabalhar, não estava me agredindo verbalmente e/ou fisicamente, era a Fler e seus filhos que me torturavam.

A primeira surra que a Fler me deu foi em razão de eu não ter lavado suas calcinhas do modo que ela queria. A segunda foi por causa do café que fiz muito forte. Depois dessas, deixei de saber os motivos pelos quais eu apanhava. Além disso, diariamente ela criava um novo apelido para mim e um gesto para me ridicularizar. Chamava-me de retardada e doente.

A Fler, até os dias de hoje, é a pessoa mais preconceituosa que já conheci em toda a minha vida e, também, a que mais faz orações. Todos os dias, três vezes ao dia, de manhã, meio-dia e na boquinha da noite, ela parava tudo que estava fazendo, mandava todos ficarem calados, que ela iria fazer suas orações. Depois que saía do quarto de oração, sentava no terraço com as pernas arreganhadas para fumar cigarros, me apelidar e falar mal da vida de alguma pessoa, em seguida tomava banho e ia ao encontro do seu amante em alguma esquina do bairro.

Acredito, sem dúvida, que a Fler foi, e ainda é, a pessoa mais hipócrita que conheci, e em muitos aspectos suas torturas superaram as do Adão e do Ivo. Seus filhos me torturavam vinte e quatro horas por dia, só paravam quando estavam na escola ou estavam dormindo.

Eles substituíram meu nome por apelidos e chutes no bumbum. Todos os dias surgiam novos apelidos e formas para me chutarem. O Adão era quem mais criava apelidos, palavrões

e gestos para me torturar psicologicamente. Além disso, ele gostava de puxar meu cabelo e dar tapas na minha cabeça.

Essa foi a pior forma de tortura que vivi até hoje. Tirou minha vontade de viver. Passei a estar sempre chorando nos cantos e depois de um tempo chorava em todo instante, sentia uma tristeza profunda, medo e solidão.

Ao me ver chorando, dona Batori ou a Fler pegavam o que tivessem na mão e jogavam em mim; caso não tivessem nada, davam-me uns bofetes para me calar.

Nesse momento, tanto uma como a outra ficavam revoltadas e me chamavam de mal-agradecida. Diziam que estavam fazendo tudo por mim e que, por causa delas, eu estava morando e estudando na cidade, comendo, bebendo e dormindo de graça, enquanto meus irmãos estavam passando fome no interior. Quando ouvia isso, engolia meu choro e sentia ódio não somente delas e de seus filhos, mas também da minha própria sorte.

As palavras que ouvia – xingamentos, apelidos e humilhações – me deixaram demente, como se eu estivesse

vivendo numa outra realidade. Cheguei a ponto de não sentir as dores das pancadas, tapas e bofetes que recebia. Os chutes que o Ivo me dava no bumbum ou nas costas, todas as vezes que passava por mim, se tornaram a menor das minhas dores.

Um dia do mês de julho, no início das férias escolares, acordei com tanta tristeza e saudade da minha casa e dos meus irmãos que fiquei com febre alta, tontura e calafrio em todo o corpo, não consegui levantar da rede.

Quando dona Batori acordou, foi à minha rede e ficou batendo nos punhos para eu levantar, mas fiquei com o corpo imóvel e os olhos fechados como se estivesse morta. Ela bateu umas cinco vezes e saiu xingando e me ameaçando que quando voltasse me faria levantar com o cabo da vassoura na cara. Continuei do mesmo modo que estava.

Alguns minutos depois, ela retornou com o cabo de vassoura que havia prometido e começou a bater nos punhos e nas minhas costas por baixo da rede. Ao ver que não falava nada, nem me movia, parou de bater. Parou e ficou me olhando por alguns segundos; em seguida, passou a mão no meu rosto e

saiu em silêncio. Depois de alguns instantes, retornou com uma pílula e um copo d'água para eu tomar.

Passei o restante do dia deitada, dormindo, acordando e chorando, com muito cuidado para não fazer barulho.

No finalzinho da tarde, dona Batori levou um prato com arroz e um pé de galinha cozido com batata para eu comer, mais um copo d'água e uma pílula para eu tomar. Depois que me alimentei e tomei o remédio, levantei da rede e sentei em cima de uma das caixas que estavam amontoadas ao lado e embaixo da rede em que estava deitada. Passei alguns minutos parada, imóvel como se fosse uma estátua, sem pensar em nada, ouvindo apenas minha respiração. Em seguida, comecei a mexer nas caixas, somente por curiosidade.

Descobri que aquelas caixas úmidas estavam cheias de livros velhos com mofo. Peguei um e limpei com uma das minhas roupas. Depois comecei a folhear página por página, não consegui ler pelo fato de não enxergar as letras.

Com cuidado para não fazer barulho, continuei mexendo nas caixas, numa delas encontrei uma lupa com um dos lados

quebrado. Comecei a ler o livro que havia limpado. O nome dele era “A boa terra”, não lembro o nome do autor, recordo que era literatura chinesa, um romance. Narrava a história do casamento entre um lavrador e uma criada de uma fazenda de arroz na China.

A partir desse dia, passei a ler todos os tipos de livro que estavam naquelas caixas: livros de ciências, história, literatura, religião e revistas pornográficas. Sempre escondida da dona Batori e da Fler. Passei a deixar o livro que estava lendo e a lupa enrolados no pedaço de pano que usava como lençol dentro da rede em que dormia.

Um dia, quando estava concentrada na minha leitura, dona Batori me pegou com o livro “A boa terra” na mão. Furiosa, tomou-me e deu-me uns bofetes, xingando e gritando para eu não mexer porque não entendia nada de livro. Ela arrumou os livros que estavam em cima das caixas, os que eu tinha separado para ler, colocou todos nas caixas e fechou com fita adesiva. Felizmente, nesse dia consegui esconder a lupa, e dona Batori não viu, senão me tomaria.

O ato de ler, que estava sendo uma distração para mim, passou a ser um ato de aventura solitária. Em vez de abrir as caixas para pegar os livros, eu os tirava pelo fundo da caixa. Quando terminava uma leitura, escondia o livro embaixo da caixa ou dentro da rede em que dormia.

Desse modo, estudei todo tipo de disciplina e aprendi sobre guerra, sexo, automóveis e artistas dos anos 1980 e 1990, no decorrer dos anos que morei nessa casa.

Esses livros pertenciam ao filho da nora de dona Batori. A nora com o filho deixaram lá para ficarem guardados até terminar a reforma da casa deles. Mas a reforma acabou e eles não foram buscar.

Para mim, isso foi muito bom, esses livros eram a única distração que tinha, assim como recortar um calendário e colocar a parte recortada numa garrafa para ficar conferindo os dias que faltavam para o próximo Carnaval chegar.

A espera do Carnaval era o que dava sentido à minha vida naquele tempo, era minha esperança de retornar para meu lar. Enquanto conferia os dias, sem perceber criei um mundo

imaginário, no qual passei a acreditar que vivia em Maranhãozinho. Um mundo sem violência, sem fome e sem tortura do pai. Sentia saudade das ruas, do cheiro da terra, da voz dos meus irmãos. Todos os dias, antes de dormir, passava horas visualizando mentalmente as lembranças e sensações de casa.

No local em que dormia na casa da dona Batori, não havia iluminação, a única claridade que havia era a da Lua ou de algum resquício de claridade de uma lâmpada acesa dentro da casa. Nos dias de chuva, esse lugar ficava completamente no escuro. Parecia um cenário de filme de terror. Foi o lugar da pior violência e trauma que vivenciei.

Um dia do mês de dezembro de 1997, quando faltavam alguns dias para o Natal, começou a chover no finalzinho da tarde e foi até a madrugada. Nesse dia, fiquei gripada e com muita febre, dona Batori me deu um remédio e me mandou ir deitar. Assim que deitei, dormi.

Na madrugada, quando todos dormiam e a noite estava em silêncio, acordei sendo sufocada com uma mão na minha boca e outra na minha vagina. Ele me apertava machucando-me

e sussurrava no meu ouvido para eu ficar em silêncio, dizendo que, se dona Batori acordasse, ele me mataria de pancadas e depois me jogaria na rua. Eu o empurrava chorando em silêncio; quanto mais eu empurrava, mais ele me apertava, me babava e me machucava.

Aquele corpo pesado e grosseiro ficou uns quinze minutos em cima de mim, violentando meu corpo e minha alma. Quando ele saiu, não conseguia sentir meu corpo, não sentia nenhuma emoção, nem dor e nem medo. Tudo estava vazio, frio e distante. Fiquei parada do modo que ele deixou meu corpo, sem me mover, falar e nem pensar em nada até o dia amanhecer.

Quando o dia amanheceu, tomei banho esfregando meu corpo com o máximo de força que tinha. Sentia vontade de gritar e sair correndo para encontrar alguém e falar sobre o que fizeram comigo. Depois, essa pessoa me abraçaria e denunciaria aquele que me violentou.

Mas lembrei que, infelizmente, se eu saísse correndo de onde estava, não existiria ninguém na rua para encontrar e

pedir ajuda. Gritei em silêncio, que meu interior, minha alma estremeceu. Dos meus olhos jorravam lágrimas como cachoeiras de águas ferventes.

Pensei que, se eu lavasse meu corpo bastante, me sentiria melhor. Quando terminei de lavar meu corpo com muito sabão e água fria, vesti uma roupa limpa, enxuguei as lágrimas e fui fazer o trabalho doméstico que era obrigada a fazer todos os dias em silêncio, sem falar uma palavra, sem expressar um sentimento. Meu corpo não falava, mas minha mente estava num turbilhão de ideias, palavras, gritos, dor e medo.

O que me fazia pensar e sentir não ser gente foi o fato de acabar de ser violentada e ter que preparar e servir café da manhã, almoço, jantar, lanche e lavar as cuecas do meu estuprador, ao mesmo tempo que ouvia sua voz repugnante me chamando de lerda e preguiçosa, me chamando para levar água para ele beber, o chinelo para ele calçar, e isso e aquilo mais. Ou seja, para ir aonde ele estava. Naquele dia, descobri o que é

ódio. Descobri que o ódio supera o sentimento de medo e tristeza.

Passei algumas semanas em silêncio, só falava alguma palavra se alguém me fizesse uma pergunta umas três vezes. Naqueles dias não conseguia ouvir as pessoas daquela casa, suas vozes me faziam mal, me davam nojo e causavam ansiedade e desespero.

Sempre que podia, ia para o corredor em que dormia, sentava entre as caixas de livros velhos e entulhos e chorava soluçando com meus braços cruzados entre as pernas e a cabeça baixa. Ficava assim por alguns minutos, depois levantava a cabeça, enxugava as lágrimas e pensava em formas de fugir de onde estava.

Meu conforto vinha quando lembrava que estava na semana de Ano-Novo, uma época em que no meu lar em Maranhãozinho sempre foi de festa e casa cheia e com certeza meu pai sentiria minha falta e me telefonaria avisando que iria me buscar em poucos dias. Além disso, faltavam poucos dias para o próximo Carnaval, ou seja, para o dia que ele me falou

que me buscaria. Todos os dias, nos finais de tarde, tomava banho, vestia uma roupa limpa, penteava meus cabelos, longos, escorridos e cheios de piolhos e lêndeas, e ficava num lugar que fosse próximo do telefone, acreditando que a qualquer instante meu pai telefonaria.

O Ano-Novo passou e depois o Carnaval, que esperei conferindo dia por dia, e meu pai não me telefonou e nem mandou uma carta. O fim do Carnaval significou para mim o fim da minha esperança de retornar ao meu lar e viver novamente ao lado dos meus irmãos. Sem esperança, sem essa esperança que me movia e me dava forças para viver, compreendi que estava sozinha. A única que poderia me ajudar e me proteger era eu mesma. Mas não sabia como fazer isso, não conseguia evitar que me estupassem, me batessem, me xingassem e explorassem minha força de trabalho vinte e quatro horas por dia em meio a humilhações e espancamentos.

Esse pensamento invadiu meu ser, de modo que perdi a noção do tempo. Esqueci minha família, meu lar, minha história.

Esqueci-me de que era gente e perdi-me dentro de mim num vazio profundo.

Perdi minha inocência, minha paz, meu mundo tornou-se um lugar de medo e dor, e a partir desse dia não tive uma noite de sono tranquila. Minha expressão facial era de uma tristeza profunda. O tempo todo estava chorando. Trabalhava o dia inteiro aos prantos ou então com os olhos escorrendo lágrimas. Quase não comia, não trocava de roupa, não lavava meus cabelos, estava definhando a cada segundo que passava.

Uma manhã de sábado de março de 1998, às vésperas do meu aniversário de doze anos, estava na lavanderia lavando duas bacias enormes de roupa suja sob a fiscalização incansável de dona Batori, que a todo momento falava para eu esfregar bem as roupas e com cuidado para não repuxar as golas das camisas e blusas. Num determinado momento, ela se aproximou de mim e ficou observando meu corpo. Passou as mãos nos meus cabelos, arranhando minha testa e meu couro cabeludo com as unhas, até que soltou meu rabo de cavalo. Em seguida saiu falando que, quando eu terminasse de lavar

aquelas roupas, ela cortaria meu cabelo curtinho, que era para diminuir os piolhos.

Ao ouvir isso, respondi que não queria que cortassem meu cabelo. Dona Batori respondeu que eu não tinha de querer. Era ela quem decidia o que faria comigo, porque eu estava na sua casa dormindo, comendo e bebendo de graça.

Assim que terminei de lavar o amontoado de roupas, fiquei tão cansada que meu corpo estava dormente e febril. Minhas pernas estavam inchadas e os dedos das minhas mãos com cãibras.

Dona Batori me chamou com uma tesoura na mão e, antes que me posicionasse em sua frente, ela foi cortando meu cabelo de forma irregular e próximo do couro cabeludo. Quando olhei meus fios de cabelo no chão, caí em prantos de lágrimas que acabaram irritando dona Batori, e ela bateu com o cabo da tesoura umas cinco vezes na minha cabeça para que eu parasse de chorar.

Mas, quanto mais ela cortava, mais eu chorava e mais ela me batia. Quando terminou o corte do meu cabelo, eu me senti nua, vazia e mais triste do que estava.

Quando saí na rua pela primeira vez com meu cabelo daquele jeito, as crianças e adultos que me olhavam sorriam chamando-me de Joãozinho e de Maria macho e fêmea. Fazia todo o esforço para que as pessoas não me olhassem. Passei a acordar mais cedo do que de costume para ir à padaria e varrer a porta da rua. Mas não tinha jeito, todos me chamavam de Joãozinho e faziam piadas ao mesmo tempo que davam tapas na minha cabeça e na minha testa.

A Fler e seus filhos não cansavam de me atormentar com apelidos, beliscões e tapas na cabeça. Em pouco tempo, passaram a sorrir das minhas roupas velhas furadas de velhice ou roídas de rato. Nesse período, ganhei o apelido de ratazana, mãe de todos os ratos, porque, segundo eles, os ratos subiam nos meus pés e não mordiam, eu comia bosta de rato pensando que era chocolate e não adoecia.

Um dia, quando estava limpando a casa, a Fler me olhou e disse que minha saia estava muito curta, pediu para eu ir trocar. Respondi que só tinha três saias, uma estava muito suja, outra não servia mais e a outra era aquela que estava usando.

A Fler saiu e foi até a caixa de papelão em que eu guardava minhas roupas. Olhou que minhas calcinhas estavam tão rasgadas que não tinham mais fundo, meus dois vestidos não serviam, minhas quatro camisetas, com buraquinhos de traça e rasgões de velhice, estavam curtas, assim como minhas três saias.

Em seguida, a Fler mexeu por alguns minutos no seu guarda-roupa, depois me chamou e me entregou algumas roupas que seus filhos não usavam mais, falando que era para eu jogar minhas roupas no lixo e usar somente aquelas que ela estava me entregando. Pediu que fosse tirar a saia que estava usando e colocar um calção.

A partir desse dia, passei a andar vestida como menino, a viver com cabelos curtos e a calçar chinelos com cabrestos de cores, pares e tamanhos diferentes.

Na casa em que morava e na rua, passei a ser mais assediada do que costumava ser. Os meninos se aproximavam de mim para pegar nas minhas partes íntimas, dizendo que era para ver se eu tinha boceta. Outros beliscavam e batiam nos meus seios e juntavam meu bumbum chamando-me de Joãozinho ou de Zezão.

Esse apelido, Zezão, foi criado pelo Adão e em pouco tempo todos da casa me chamavam dessa forma. Zezão significava que eu era lerda, burra, preguiçosa e retardada. O Adão tinha uma forma específica de falar Zezão para cada significado. Ele falava fazendo gestos, batendo na minha cabeça, me cuspindo, beliscando e arranhando meu corpo com as unhas e os dentes de um garfo.

No início, afastava-me dele correndo e me escondendo. Depois, percebi que não adiantava, ele sempre me encontrava para me machucar enquanto sorria eufórico.

Das agressões de Adão é que carrego mais cicatrizes no meu corpo e na minha estrutura emocional. Existem dias em que acordo no meio da madrugada assustada com sua voz

gritando Zezão e sua risada estridente. Ao perceber que foi somente um pesadelo, deito-me novamente e passo o restante da madrugada acordada, brigando com meus pensamentos para esquecer pelo menos alguns dos milhares de torturas que vivi.

Os domingos eram os dias em que mais trabalhava e era torturada de todas as formas que um ser vivo pode ser torturado por outro. Acordava às quatro e meia da madrugada com o som de um despertador ou com o grito de dona Batori de dentro do seu quarto: “Troço ruim, tá na hora de cuidar com o que fazer!”. Depois que ela falava isso, eu tinha que levantar imediatamente, senão ela ia aonde estava e jogava um copo com água gelada no meu rosto ou então estapeava meu rosto até cansar ou ele ficar inchado.

Meus primeiros trabalhos antes de o dia amanhecer eram preparar o café, lavar as vasilhas, limpar as fezes do cachorro e varrer a porta da rua. Quando o dia estava amanhecendo, ia à padaria comprar pão e muitas vezes parava no caminho para olhar o nascer do sol.

Nunca na minha vida enxerguei todas as cores e tonalidades que existem no nascer do sol, mas estar diante dele ao nascer sempre me fez sentir milhões de sentimentos ao mesmo tempo, uns de tranquilidade, outros de desespero.

Quando chegava da padaria, ia à feira, que ficava numa distância de três a quatro quilômetros. Todas as vezes que fazia compra na feira, sempre tinha alguma coisa que não agradava dona Batori. Mas, quando não era isso, existia alguma coisa que ela tinha esquecido de mandar comprar, para fazer com que eu fosse novamente à feira. O certo é que todos os domingos eu ia à feira pelo menos duas vezes seguidas.

Num dia dessas manhãs de domingo, fui obrigada a ir à feira quatro vezes seguidas, sendo que a última vez foi para devolver um frango porque dona Batori achou que estava muito pequeno.

Lembro-me de que andei o percurso até a feira chorando muito, sentindo vergonha e raiva de todas as pessoas da casa em que morava e até mesmo de mim sentia raiva.

No percurso de volta, depois que devolvi o frango, caminhei em passos lentos, desejando que nunca chegasse ao destino que era obrigada a chegar. Veio à minha mente a voz e os gestos do vendedor de galinha na feira. Ele foi generoso e carinhoso ao falar comigo, me fez pensar que nem todos os homens são violentadores.

Com esse pensamento, entrei na casa de dona Batori em silêncio, fazendo esforço para não ouvir sua voz, que desequilibrava minha mente e minhas emoções.

Ouvi o telefone tocar, mas não atendi, porque só podia pegar no telefone se alguém da casa mandasse. A Fler atendeu o telefone e me chamou em seguida. Segurei o telefone com o coração acelerado, as mãos tremendo e as pernas bambas²⁰³, e baixinho falei:

— Alô, alô, pai. Alô, pai, quando o senhor vem me buscar? Já consultei da vista e estou usando óculos. Que dia o senhor vem?

²⁰³ Enfraquecidas, trêmulas, sem forças.

— Minha fia não dá mais bênção, não? Tô vendo que minha fia tá bem e tem até óculos pra enxergar. Com certeza tão dando comida pra encher o bucho todo dia. Minha fia deve ficar aí de qualquer jeito, não tem como vim mais pra cá porque mal tenho como sustentar teus irmão pequeno. Levante as mão pro céu de joelho e agradeça por dona Batori ser tão boa criando você. Agora, passe o telefone pra dona Batori.

Entreguei o telefone nas mãos de dona Batori e fui para o corredor em que dormia chorar. Senti um desespero tão grande que bati minha cabeça na parede e o meu rosto ficou coberto de sangue, enquanto ouvia dona Batori falar para meu pai que eu era preguiçosa, malcriada e diabólica, que ela não sabia mais o que fazer para dar jeito em mim. Ela e meu pai conversaram por uns quinze minutos e depois fui falar novamente com meu pai, com o rosto ensanguentado e voz trêmula.

— Alô.

— Já falei com dona Batori que ela tem todo direito de lhe bater e botar pra trabalhar, porque é ela quem está lhe

sustentando. Não responda ela e nem ninguém da casa. Trabalhe agradecendo a bondade dessa gente pra você.

Ouvi em silêncio meu pai falar, sentindo um desespero mental e uma angústia profunda. Quando desliguei o telefone, fui lavar meu rosto para continuar trabalhando.

Essa conversa com meu pai foi dolorida e desesperadora, mas foi o dia e a conversa mais importantes da minha vida. Foi a partir dela que comecei a pensar em formas de me proteger. Adquiri consciência de estar sozinha, ninguém chegaria para me salvar.

Após esse dia, fiquei atenta ao que ocorria ao meu redor, buscando detalhes e brechas por onde escapar, esforçando-me para ser inteligente, criativa e aproveitar as oportunidades de vingança e liberdade.

Por falar em vingança, nessa época, esse foi o sentimento novo que vivenciei intensamente. Envolvi-me a ponto de pensar em sangrar alguma daquelas pessoas, somente sangrar, não matar, porque aprendi com minha mãe que a morte é um

livramento, aprendi também com a dona Luzia que a vida continua.

Então, decidi tirar as giletes de Prestobarba velho e passei a colocá-las embaixo do meu chinelo, debaixo da rede em que dormia. Passava as madrugadas acordada com as mãos esticadas em direção às giletes, pensando que, se alguém viesse me violentar, cortaria sua garganta.

Nas altas horas da madrugada, o sono me consumia e eu dormia abraçando minhas pernas e com o corpo enrolado num pedaço de pano velho que dona Batori me deu para usar como lençol.

Diariamente, meu corpo e minha força de trabalho eram escravizados, mas minha mente nunca ninguém escravizou, sempre que podia escapava e saía andando pelas ruas do bairro, comia biscoitos e leite em pó escondido, pegava pedaços de carne da panela e escondia dentro da rede para eu comer de madrugada, quando todos estivessem dormindo.

Planejava fugas, estudava, observava o movimento das coisas e das pessoas ao meu redor. Conhecia o mundo,

compreendia a malícia de viver e a maldade humana. Sentia repulso da hipocrisia, do fanatismo religioso, da falsidade, me sentia acolhida e amada pelo sol, o ar, a água, a terra e por mim.

Essas minhas atitudes não evitavam as violências que sofria, mas amenizavam as dores que sentia e aumentavam o desejo de fugir com um destino certo, ou seja, me ajudavam a projetar um futuro. Os anos que passei nesse lugar, todos os dias dona Batori bateu no meu rosto chamando-me de miserável morta de fome. Depois que me batia, obrigava-me a pedir perdão e agradecer sua bondade.

Esses espancamentos e xingamentos me lembravam as condições de vida do meu lugar de nascimento e isso despertou o desejo de não retornar para morar, pois seria obrigada a viver nas mesmas condições de antes de sair de casa. Por outro lado, sentia dor no coração ao lembrar as torturas e fome que meus irmãos estavam passando, me angustiava saber que não poderia fazer nada para proteger a eles e a mim.

Um dia dona Batori me chamou de tantos palavrões, afirmando que eu era amaldiçoada, que não aguentei e

respondi. Ao ouvir minha voz, ela gritou mais alto com aquela voz arrepiante e estridente que doía meus ouvidos; mesmo assim, respondi afirmando: “Não sou amaldiçoada”. No meu pensamento e coração, desejava falar que ela era a maldição em pessoa, a personificação do mal, mas sentia medo de ela quebrar meu rosto com um cabo de vassoura ou cortar com uma faca de serra, já que frequentemente ameaçava fazer essas coisas comigo.

Quando respondi pela segunda vez, dona Batori correu para cima de mim, me cobriu de bofetes, tirou seu chinelo dos pés, pegou e bateu com toda a força em todo o meu corpo. Arranhou meu rosto, rasgou a roupa que vestia, arranhou meus seios e chutou meu estômago. Com alguns minutos de espancamentos, parei de chorar e gritar, senti meu corpo desfalecido. Dona Batori continuou me machucando o máximo que podia; quando cansou, parou e se afastou de mim. Fiquei alguns segundos no chão, sentindo dor e ódio, mas ódio do que dor.

Em seguida, andei em direção à rede em que dormia ao mesmo tempo que ouvia sua voz falando para eu ir trabalhar,

que estava na hora de varrer a porta da rua. Ignorei o que ouvia e caminhei em direção a um lugar para deitar. Antes de chegar próximo da rede em que dormia, desmaiei.

Perdi a noção do tempo, acordei à noite, sem fazer ideia das horas. Meu corpo estava dolorido, suava frio, sentia febre e meus olhos ardiam escorrendo lágrimas quentes e salgadas que molhavam todo o meu rosto.

Na manhã seguinte, acordei, abri os olhos e não enxerguei objetos que estavam próximos de mim, não percebi nenhuma tonalidade de cor e quase não consegui identificar formas. Enxergava as coisas ao meu redor cinza, como se estivessem cobertas por uma neblina que causava uma sensação de frio e tristeza no meu corpo; outras vezes, enxergava como se estivesse tudo coberto por uma nuvem de fumaça e a sensação que sentia era de desespero e agonia.

Nesse dia, sentia dificuldade para caminhar, não conseguia localizar o lugar no chão em que estava pisando. Chamei dona Batori e falei que não enxergava. Ela me mandou colocar os óculos na cara e ir trabalhar.

A Fler, quando me ouviu falar que não estava enxergando, se aproximou de mim sorrindo para colocar um dedo dentro do meu olho, dizendo que queria ver se eu estava cega mesmo. Naquele dia, meus olhos estavam muito inflamados e, quando a Fler colocou a ponta de um dos seus dedos sujos de cigarro e gordura, senti uma dor insuportável. Imediatamente gritei, e ela, gargalhando, falou: “Que cegueira nada, é preguiça”.

A partir desse dia, em todo instante, e isso até quando estava dormindo, assustava-me com alguém colocando o dedo dentro dos meus olhos. Continuei fazendo todo o trabalho doméstico enxergando pouco, de modo que não conseguia ver meu próprio rosto.

A redução da minha visão resultou, na prática, no aumento das violências que sofria. Em poucas semanas, meu corpo ficou coberto de machucados, cortes, queimaduras, arranhões e inchaços.

A dona Batori e a Fler gostavam de legumes e verduras cortados em pedaços pequenos, mas eu não conseguia fazer

assim, muitas vezes me cortava e, quando elas viam, davam cascudos e tapas na minha cabeça. Além disso, passei a quebrar com frequência copos e outros objetos, derramar comida, tropeçar e bater o corpo na parede, deixar restos de poeira e terra na casa depois de varrer. Todas as vezes que isso ocorria, eu apanhava e era humilhada muito.

À medida que o tempo passava, minha rotina se tornava mais violenta. Nos dias de segunda a sexta-feira, frequentava a escola à noite. A Fler junto com uma vizinha conseguiram falsificar minha idade para que eu fosse matriculada na escola no turno noturno. Assim, eu era uma criança de doze anos estudando à noite numa sala de aula de alunos adultos e idosos.

No início das aulas me sentia desconfortável, mas em pouco tempo a escola foi o melhor lugar do mundo para mim. As pessoas da minha turma me tratavam com carinho, algumas senhoras levavam pedaços de bolo, frutas, pipoca e bombons para eu comer. Algumas professoras me dedicavam atenção e carinho, me chamavam para tirar dúvidas das aulas, me emprestavam livros e faziam atividades extras comigo.

Um dia uma professora me deu de presente uma lupa nova e grande com meu nome inscrito no cabo de madeira; quando recebi, fiz uma festa, saí mostrando para as pessoas que estavam ao meu redor. Essa lupa facilitou muito minha vida na escola, com ela conseguia identificar algumas formas e cores. Conseguia ler alguns livros e revistas, além de ela me ajudar a escrever e desenhar.

Minha lupa era meu tesouro, escondia todos os dias num lugar diferente para dona Batori e a Fler não encontrarem. Infelizmente, um dia pela manhã a Fler foi mexer nas caixas do corredor em que dormia e encontrou minha lupa. Gritando, perguntou-me onde a tinha encontrado. Falei que tinha ganhado da minha professora. Ela pegou minha lupa e levou para entregar a dona Batori, dizendo: “Olha aí, mamãe, o que essa peste roubou da escola”.

Em silêncio, dona Batori pegou a lupa e veio na minha direção, se aproximou de mim e começou a me bater com a lupa na minha cabeça e no meu rosto. Durante o espancamento, o cabo da lupa quebrou e a parte de vidro rasgou o canto

esquerdo da minha boca, que jorrou sangue longe. Meu corpo ficou coberto de sangue em segundos.

A Fler quando olhou me puxou pelo braço para a porta da rua. Pediu ajuda a um vizinho para me levar ao posto de saúde. O canto da minha boca foi rasgado que as partes ficaram bastante separadas, uma parte da minha gengiva estava retalhada e um dente estava mole e sangrando.

Passei meses tomando antibióticos. Com o rosto dolorido e inchado, não conseguia comer, nem escovar os dentes. Minha boca cheirava a podre e meu corpo a sangue.

Nesse período, continuei trabalhando como de costume. A única coisa que mudou foi que parei de ir para a escola e dona Batori parou de bater no meu rosto a cada instante. Felizmente, encontrei os restos da minha lupa no lixo, e consegui colar umas partes e com ela continuei fazendo minhas leituras escondida.

Um dia, o dente que havia ficado mole caiu e no lugar ficaram bolas de sangue coagulado com um odor insuportável. Sentia um gosto ruim na boca, que me dava ânsia de vômito. Num momento de desespero, tive a ideia de lavar minha boca

com água morna, sal e limão. No primeiro momento que coloquei essa mistura na boca, gritei de dor. Mas continuei lavando até que saísse a maior parte do sangue coagulado.

No final, percebi que o cheiro e a dor da minha boca estavam melhor. Passei a limpar minha boca desse modo várias vezes ao dia, até que meus ferimentos sararam.

Nos dias de hoje, o espaço do meu dente que caiu ainda está vazio e a cicatriz da minha boca ainda é visível para os que veem. Para mim, essas duas cicatrizes me lembram que sou uma sobrevivente. Em alguns momentos me lembram o que fui, de onde vim, o percurso que trilhei nas cinzas para chegar aonde estou, ser quem sou. É um símbolo de dor, medo, violência, mas é sobretudo um símbolo de resistência.

Depois desse dia, elaborei novas estratégias de sobrevivência, uma delas foi imaginar viver uma outra vida. Passei a criar histórias com cenários e poucas personagens. Nas minhas histórias, eu era muitas personagens: um dia era uma rainha má ou uma bruxa que estava sendo castigada até pagar suas maldades; outro dia era uma mocinha do interior com

poderes sobrenaturais, uma fada, uma estrela em forma humana ou um ser de luz que foi capturado por demônios para ser torturado, até que um dia se libertaria.

Muitas e muitas vezes me inspirava nas histórias do meu avô, nas lembranças do meu lar, no modo de ser dos meus irmãos, nos seus sorrisos inocentes, suas travessuras e crenças de crianças da roça, nas maldades e contradições do meu pai, no mistério do olhar e na voz da minha avó e no modo de falar e agir rebelde da minha tia Frida.

Essas histórias sustentaram minha existência, me deram esperança e força para viver durante muitos anos. Em determinados momentos, minhas personagens ganhavam vida e participavam da minha rotina diária, conversávamos e chorávamos em dias de muita dor, medo e solidão. Quando estava cansada, imaginava que não era eu trabalhando, mas sim uma das personagens.

Minha vida se tornou uma mistura de realidade e fantasia inconsciente tão séria que às vezes me machucava e não acreditava estar machucada, outras vezes acreditava conversar

com minha mãe e encantados nas madrugadas frias, vivi essa crença inconsciente até uma manhã de quinze de março.

Uma manhã de quinze de março, no início dos anos 2000, dia do meu aniversário de quinze anos, acordei de madrugada com dor de barriga, tontura e vômito. Estava tão mal que dona Batori acordou com o barulho do meu gemido e choro. Ela me deu uma pílula para engolir e um gel para massagear minha barriga.

Quando o dia amanheceu, a dor aliviou. Decidi levantar da rede e ir tomar um banho. Ao levantar, senti que minha roupa estava molhada, passei as mãos entre as pernas e percebi que estava escorrendo um líquido. Coloquei minha mão molhada com este líquido no meu nariz e, quando identifiquei que era sangue, gritei desesperada com a mão entre as pernas e chorei soluçando. Todas as pessoas da casa acordaram e foram me olhar de cócoras no corredor com as mãos entre as pernas ensanguentadas²⁰⁴. Teve até vizinha que foi saber o que estava acontecendo.

²⁰⁴ Sujas de sangue.

A Fler se aproximou de mim e disse que eu estava menstruada, que tinha ficado mocinha finalmente. A maioria das meninas fica com doze anos e eu fiquei com quinze. Ela pediu para eu ir me lavar que iria me dar absorvente.

Depois que me limpei e coloquei absorvente na calcinha, fui fazer meus trabalhos diários. Mas, como não sabia usar absorventes nem entendia nada de menstruação, alguns minutos depois de ter me limpado, minhas pernas estavam cobertas de sangue, não sabia o que fazer e entrei em desespero, pensando que estava morrendo; com isso, a Fler se aproximou de mim e me explicou o modo correto de usar absorvente. O motivo de eu ter ficado “suja” foi porque havia colocado o absorvente fechado na calcinha.

Assim que terminou de me explicar a maneira correta de usar absorvente, a Fler saiu sorrindo e falando o quanto eu era burra. Isso fez com que, em pouco tempo, as pessoas da vizinhança e quem quer que chegasse à casa da dona Batori soubessem o que tinha ocorrido.

O Adão e o Ivo falaram para os meninos da rua que eu estava menstruada e, assim que eles me viam, gritavam: “Priguito mestruado”. Por incrível que pareça, os gritos dos meninos não me incomodavam mais. Para mim, ficar menstruada no dia do meu aniversário de quinze anos foi um presente de empoderamento. Comecei a pensar que estava na hora de eu beijar na boca pela primeira vez. Pensei em fazer sexo por vontade própria. Além disso, decidi que, a partir daquele dia, iria reagir às provocações dos meninos da rua, do Adão e do Ivo.

Um dia o Adão foi pegar nos meus seios na rua para fazer graça para seus colegas e, no momento que ele esticou a mão na minha direção, fui mais rápida e puxei o pênis dele. Ele gritou, me xingou e me ameaçou, mas quase explodi de alegria quando olhei os colegas dele sorrindo.

Passei a fazer isso com frequência com os meninos que se aproximavam de mim. Às vezes, quando estava varrendo a porta da rua, vinha um menino andando na ponta dos pés para me beliscar ou pegar nas minhas partes íntimas. Eu sempre

percebia a aproximação e fazia com que chegasse perto o bastante para eu puxar seu pênis ou dar um chute nos testículos.

Um dia dei um chute com o máximo de força no menino da rua que mais bolinava comigo, que ele caiu no chão sem conseguir respirar. Eu o olhei sufocando no chão alguns segundos e me afastei. Uns três dias depois, ouvi a Fler falar que ele estava muito doente, sem poder andar, porque tinha caído de bicicleta e machucado os testículos.

Com aproximadamente vinte dias, encontrei-o na rua. E ele me xingou, me cuspiu e ameaçou me estuprar junto com seus colegas. Revidei as ameaças e agressões. Depois disso, diariamente ele inventava uma história a meu respeito. Um dia, falava que tinha transado comido; outro, que eu o tinha chupado²⁰⁵. Tudo que ele falava eu revidava de um modo que os outros meninos sorriam dele.

²⁰⁵ Feito sexo oral.

As provocações acabaram quando falei na rua que eu havia quebrado o pinto²⁰⁶ dele e ele falou que tinha caído de bicicleta. Com isso, os meninos passaram a chamá-lo de capado e de uma série de apelidos e esqueceram de mim por um tempo.

Passei a estar sempre atenta a provocações e também a cuidar melhor do meu corpo. Comecei a depilar minhas axilas e passar limão para ficarem cheirosas, mantinha minhas partes íntimas e minhas pernas depiladas. Lavava meus cabelos com frequência e sempre estavam penteados e sem piolhos. Costurei minhas roupas velhas que estavam rasgadas ou furadas e apertei algumas para ficarem coladas ao meu corpo.

Percebi que precisava de dinheiro para comprar coisas de uso pessoal, como xampu, desodorante, batom e roupa, e sobretudo precisava de dinheiro para ir embora da casa da dona Batori.

A primeira forma de conseguir dinheiro em que pensei foi me prostituindo, a segunda foi vendendo maconha na escola

²⁰⁶ Pênis.

e a terceira foi trabalhando à noite fazendo limpeza ou vendendo lanche numa barraca na praça para alguém.

Decidi tentar a primeira forma. Conversei com uma colega de sala de aula que ganhava a vida fazendo programa; na mesma semana em que conversamos, ela encontrou um cliente para mim.

O cliente era um idoso branco, gordo e barbudo. Foi me encontrar na porta da escola num carro com cheiro de novo. Entrei no carro com as mãos geladas e tremendo, ele me olhou fixamente por alguns segundos e sorriu dizendo que eu era muito linda. Passou as mãos na minha cabeça e puxou meu rosto para me beijar. Beijou-me babando meu rosto todo, lambeu meu queixo, enquanto abria minhas pernas com uma das mãos. Senti-me sufocada e tive ânsia de vômito. Ele parou de me tocar e eu falei que precisava ir à escola rapidinho.

Desci do carro e corri em direção à escola. O porteiro notou que estava passando mal, me deixou entrar. Fiquei escondida até o último horário de aula, quando todos da escola saíam e eu podia sair junto sem que o velho me olhasse.

Nesse dia, depois que deitei para dormir, refleti e concluí que ganhar dinheiro fazendo programa não dava para mim. Lembrei que as meninas que vendiam maconha na escola sempre falavam que transavam com seu patrão, o traficante. Por isso, essa forma de ganhar dinheiro também estava descartada, não suportava a ideia de alguém tocar meu corpo sem eu permitir e querer que eu tocasse seu corpo também.

A única forma seria trabalhar, mas como e para quem?

Na escola, frequentemente eu costumava fazer atividades e trabalhos escolares para as pessoas da minha turma e de outras turmas também. Além disso, ajudava algumas pessoas explicando conteúdos de história, filosofia, artes, geografia e português, principalmente as atividades relacionadas à interpretação de texto.

Decidi cobrar um valor para cada atividade que fazia, de acordo com o número de questões e o tipo. As atividades mais caras eram a de interpretação textual e a de gramática, custavam vinte e cinco centavos dez questões. As mais baratas eram os resumos e as cópias, custava cinco centavos cada

atividade. As outras, independentemente da disciplina, custavam dez centavos, a cada dez questões.

Existiam épocas em que eu fazia promoção, principalmente nos finais de bimestre, e todas as atividades custavam dez ou quinze centavos, exceto os resumos e cópias, que sempre custaram cinco centavos.

Todas as moedas que ganhava respondendo atividades, eu guardava dentro de um litro que fiz de cofre e escondia dentro da minha caixa de roupas. Depois que trabalhei um semestre inteiro, tinha quase vinte reais no meu litro, mas tive o azar de dona Batori encontrar meu dinheiro. Ela pegou falando que aquele dinheiro eram restos de troco dela e da Fler.

Depois disso, desisti de juntar dinheiro por um tempo e aproveitei para pensar em outras estratégias. Uma delas foi inspirada na acusação da dona Batori. Então passei a esconder alguns centavos de troco quando alguém me mandava comprar alguma coisa no comércio e, claro, deixei acumular moedas no mesmo local. Outra estratégia que aprendi foi fingir que comprava pão na padaria que a Fler me mandava. Descobri uma

padaria mais próxima e com o valor do pão mais barato, então comprava a mesma quantidade de pão como de costume e ficava com as moedinhas que sobravam, geralmente cinco ou dez centavos. O valor era pequeno, mas, naquela época, um centavo para mim significava muito dinheiro.

Terminei com o negócio de cofre. Passei a gastar todo centavo que ganhava: comprava sabonetes, calcinhas, batons e brincos que só usava no caminho da escola. Todas as vezes que saía da escola, tirava o batom da boca, os brincos da orelha e escondia dentro de um dos meus livros para ninguém ver na casa da dona Batori.

Nessa rotina, terminei o ensino fundamental aos dezessete anos. Ingressei no ensino médio numa escola menos violenta do que na que tinha estudado. Todo o meu ensino fundamental foi numa escola onde circulavam drogas de forma escancarada e alunos e alunas se prostituíam na porta.

Meu primeiro dia de aula do ensino médio foi na mesma semana do meu aniversário de dezoito anos. Nessa época, meu cabelo estava grande, abaixo do ombro, era magra e sempre

estava com a pele e os dentes limpos. Frequentemente, recebia elogios e era paquerada pelos meninos na escola e na rua, mas, até meus dezessete anos, nunca havia namorado um rapaz, nem mesmo beijado.

Quando ingressei no ensino médio, meu maior objetivo era ficar com um rapaz e fazer sexo antes de completar dezoito anos. Entrei em desespero quando percebi que faltava menos de uma semana para meu aniversário e não tinha nenhum rapaz na escola que me agradasse ou chamasse a minha atenção.

Na sexta-feira da primeira semana de aula, faltaram dois professores, e os estudantes foram liberados para sair mais cedo. Fiquei na porta da escola conversando com algumas pessoas da minha turma, e então alguém se aproximou de mim pelas costas, colocando as mãos no meu rosto. Era o Pedro, um rapaz com quem estudei junto na sétima série. Ele era apaixonado por mim, mas, apesar de eu achá-lo simpático e bonito, me afastei dele porque, nessa época, tinha medo de todo ser do sexo masculino. Agora, iríamos estudar juntos novamente.

Pedro era alto, branco, magro com cabelos pretos e cacheados, sempre estava sorrindo e rodeado de colegas. Morava próximo da escola, numa casa em que funcionava uma oficina de bicicleta, e ele trabalhava com seu pai.

Nesse dia, Pedro convidou algumas pessoas para irem beber vinho na porta da sua casa e pediu que eu fosse com ele. Aceitei o convite. Fomos juntos de mãos dadas. Ao todo foram cinco pessoas beber vinho na porta da casa do Pedro. Dessas cinco, somente três estavam bebendo, eu e o Pedro sentamos um pouco distante delas e ficamos conversando baixinho.

Quando a garrafa de vinho acabou, as pessoas foram embora. Ficamos sozinhos, me aproximei dele e ele me beijou com carinho. Beijou meu rosto, meu pescoço e meu corpo. Ficamos alguns minutos nos beijando e nos tocando na porta.

Começou a chover e adentramos a casa. Fomos direto para o quarto, onde fiquei alguns segundos em pé de forma desajeitada e em silêncio. Ele se aproximou de mim, beijando-me e tocando meu corpo de modo delicado, e nos deitamos ao mesmo tempo que tirávamos nossas roupas.

Lembro-me dele beijando meus lábios, meu pescoço e da sensação que senti quando ele colocou seu rosto entre minhas pernas e começou a beijar e acariciar com sua língua minhas partes²⁰⁷. Fizemos sexo por uns quinze minutos.

Fiquei alguns instantes num profundo estado de relaxamento, que acabou quando minha mente foi invadida por um sentimento de medo e vergonha. Envolvida nesse sentimento, imediatamente procurei cobrir meu corpo com um lençol enquanto pegava minhas roupas no chão para vestir. Assustada, saí da casa do Pedro correndo debaixo da chuva em direção à casa da dona Batori. No caminho, sentia estar em uma cena de um filme ou de uma das partes dos romances que lia.

Quando cheguei à casa da dona Batori, fui direto para o corredor me deitar. Antes de dormir, tive uma crise de riso ao lembrar que meu objetivo de transar antes dos dezoito anos tinha sido cumprido

Depois dos quinze minutos de prazer que senti em menos de vinte e quatro horas de completar dezoito anos, vivi um

²⁰⁷ Vagina.

longo namoro com o Pedro, que durou exatos cinco dias de muito romance: andávamos de mãos dadas na escola e ele ia me deixar próximo de casa, nos beijávamos o tempo todo e todos os dias ele me dava um presente: bolo, doce. Ele me presenteou, ainda, com uma sandália rasteira e uma camiseta com a estampa dos Ursinhos Carinhosos, que amei. Sentia estar apaixonada, queria ver e tocar o Pedro a todo instante.

Em uma tarde de sábado, quando estava a caminho de um comércio para fazer compras para a Fler, passei de propósito em frente à casa em que o Pedro morava e trabalhava com seu pai na oficina de bicicletas.

Ao estar próxima da calçada da casa dele, ouvi sons de beijos e sorrisos. Eram do Pedro e da Suzy, uma mulher com aproximadamente trinta anos de idade, negra, alta, com o corpo arredondado e cabelo crespo longo que batia no bumbum.

Apressei meus passos para passar rápido na porta, mas, no momento em que passava, o Pedro saiu na porta abraçado com a Suzy e deram um beijo sem notarem minha presença. Não consegui caminhar com a rapidez que pretendia, a Suzi me

olhou e, com um tom de surpresa, disse: “Oi, meu amor”. Respondi: “Boa tarde”. E segui meu caminho.

Ao chegar próximo da casa da dona Batori, o Pedro se aproximou de mim pedalando uma bicicleta, me pediu desculpas e disse que havia terminado com a Suzy para ficar comigo. Ao ouvir isso, aproximei-me dele e disse que foi uma pena ele ter terminado com a Suzy, porque agora ele estava sozinho. Depois que falei isso, afastei-me em silêncio. Esta foi a última vez que conversei com o Pedro. Mas ele passou todo o ensino médio me procurando para conversarmos e para retomarmos o namoro.

Fiquei magoada por ser chifrada no meu primeiro relacionamento amoroso; por outro lado, percebi que não estava tão apaixonada como pensava. De qualquer maneira, foi uma experiência boa, aprendi a beijar na boca, ganhei presentes, vivenciei a sensação de caminhar de mãos dadas para se amassar em um banco na praça; além disso, fiz amor pela primeira vez, ou seja, vivenciei emoções intensas. Mas o

mais importante de tudo foi descobrir que era geniosa e não me enganava fácil com os homens.

Nos dias de aula na escola, o Pedro me mandava recados, cartas e bilhetes marcando encontros. Alguns eu lia e gostava, outros nem abria, mesmo morrendo de curiosidade e querendo ir ao encontro dele. De fato, meu longo e intenso romance de menos de uma semana tinha acabado.

Fui ficar com um rapaz novamente no início das aulas do segundo ano do ensino médio. Foram somente uns beijos e amassos, sem sexo, mas me fizeram bem, porque sentia desejo de que alguém tocasse minha pele com carinho e de sentir o calor e o cheiro masculino. Esse era um momento também para eu esquecer a vida que vivia na casa da dona Batori.

Nesse ritmo, cheguei ao final do ensino médio uma mulher adulta, com dezenove anos de idade, sem nenhuma perspectiva de vida. Aos dezenove anos pensei que nunca sairia da situação de violência que havia entrado na infância. Perdi a esperança de ir embora daquele lugar e nunca mais retornar,

pois, até aquele momento, todas as minhas tentativas, esforços e planos de viver longe haviam fracassado.

A ideia de ir embora e de ter um lar era o que dava sentido à minha vida. Era o meu maior objetivo. Acreditava que só poderia ser feliz e viver tranquila longe da dona Batori e da sua família.

No decorrer dos anos sofrendo diariamente todo tipo de violência, perdi essa esperança que alimentava o desejo de realizar meu objetivo de vida. Com isso, cheguei à conclusão de que a única saída para mim seria o suicídio.

Passei a dedicar meus pensamentos a formas de como poderia acabar com minha vida; comecei a juntar remédios vencidos, restos de produtos de limpeza e de materiais de construção.

Um dia em que estava num momento de desespero mental, sentindo um vazio profundo no peito e o coração gelado, peguei uma embalagem suja de creme de cabelo e misturei todos os produtos que tinha acumulado durante meses: remédios, desinfetantes, álcool, cola, tintas de parede e sabão.

Após misturar esses produtos, esperei a reação química passar e em seguida bebi.

Lembro-me de ter bebido quatro goles rápidos que, ao entrarem em contato com minha boca, queimaram minha pele imediatamente. Em seguida senti uma forte tontura e sensação de desmaio.

Depois disso, lembro-me apenas do dia em que acordei de um sonho maravilhoso numa cama confortável de um hospital público, com os lábios sem a pele e o corpo dormente e coberto de aparelhos hospitalares.

Percebi que minha visão havia mudado, estava enxergando pessoas e objetos como se estivessem em chamas. Tudo estava quente como brasa e refletia tons de vermelho e laranja diante dos meus olhos. Os tons cinza e a sensação de frio e abafado sumiram. Meus ouvidos pareciam crateras vazias com sons de ecos do além.

“Estou morta, céu e inferno não existem mesmo”, falei sorrindo ao mesmo tempo que gostava de enxergar as coisas do modo que estava enxergando, em chamas. Fiquei alguns

minutos contemplando as chamas que apenas meus olhos enxergavam, e meu corpo sentia o calor provocado por elas. Minha atenção mudou quando percebi a figura de uma mulher entre as chamas e identifiquei a imagem da Fler em pé, do lado esquerdo do leito em que eu estava deitada, olhando-me fixamente, enquanto se aproximava de mim colocando uma das suas mãos na minha testa e chamando meu nome.

Fechei meus olhos, sentindo meu corpo tremer e minha mente explodir de medo, raiva e angústia. Meu coração estava gelado e vazio. Minha alma, desesperada. Sentia-me a pior das fracassadas pelo fato de não ter conseguido acabar com minha própria vida. Pensei: “O inferno existe e seu nome verdadeiro é Fler e Batori”.

Ouvi a voz da Fler me chamando inúmeras vezes, mas não respondi. Permaneci deitada com meu corpo imóvel, com os olhos e a boca fechada. Não demonstrei dor, alegria, tristeza, nenhuma emoção ou sentimento, nem movimento corporal.

Passei nove dias internada, sendo quatro na UTI e cinco na enfermaria. Quando recebi alta, saí com encaminhamento

médico para consulta com o psiquiatra e o psicólogo. Estas consultas não foram marcadas e, portanto, nunca fiz uma consulta com estes profissionais no tempo em que morei na casa da dona Batori.

Na primeira semana depois que recebi alta, nos momentos em que não estava trabalhando, ficava deitada na rede ou sentada em um canto do corredor em que dormia, em silêncio, olhando para uma direção qualquer, frente, baixo, lado; algumas vezes, passava horas tentando enxergar as linhas das minhas mãos. Comia e dormia pouco e, quando não estava limpando a casa, procurava ficar fora dela, fosse na porta da rua, no quintal, fosse no corredor.

Frequentemente ficava a noite inteira acordada, ouvindo os sons da noite, sentada no chão do quintal ou deitada na rede. Foi nesse período que percebi que ouvia sons de longas distâncias. Durante as madrugadas, divertia-me ouvindo as pessoas falando enquanto dormiam, ouvindo o casal de idosos que moravam na casa ao lado transando quando faltavam algumas horas para o dia amanhecer, tinha crises de riso dos

gatos querendo pegar os ratos que faziam barulhos dentro do esgoto, gostava de ouvir o som do meu corpo e algumas vezes tentava criar letras de música, seguindo o ritmo das batidas do meu coração, do som do meu pulso e da minha barriga.

Aprendi que existiam determinados sons que causavam confusão na minha mente, aceleravam meu coração, causando-me angústia, medo, tristeza e ódio. O pior desses sons era o som da voz da dona Batori. Aquela voz fina, estridente, que aumentava o tom quando pronunciava certas palavras, principalmente apelidos e xingamentos destinados a mim. Notei que o que me incomodava não eram os xingamentos, mas a voz e os gestos corporais exagerados da dona Batori.

Para preservar meus ouvidos, manter minha sensibilidade auditiva e o pouco de sanidade mental que imaginava ter, decidi colocar um protetor de ouvido diariamente, antes mesmo de levantar da rede para iniciar meus trabalhos domésticos.

Fiz este protetor de ouvido usando pedaços de um chinelo velho. Peguei a parte do solado e recortei bolinhas

pequenas do tamanho do buraco do meu ouvido. Outros protetores que fiz foram bolinhas de algodão e de papel higiênico, mas o protetor de ouvido mais eficaz para me proteger do som da voz da dona Batori era o da sola de chinelo de borracha.

Um dia a Fler se aproximou de mim quando estava em pé lavando louça na pia e puxou minhas orelhas para arrancar meu protetor de ouvido. Coloquei minhas mãos em cima das minhas orelhas, me abaixei para entrar debaixo da pia; nesse instante, dona Batori chegou e puxou minhas pernas com a Fler, falando que ia furar meu ouvido, já que eu não queria ouvir. Quando as duas me arrastaram para me tirar debaixo da pia, dona Batori colocou o dedo no meu ouvido para tirar meu protetor, nesse momento gritei desesperada o mais alto que pude, falava quase berrando, pedindo que elas me matassem, porque eu preferia morrer a viver ouvindo suas vozes.

A Fler se afastou, mas a dona Batori cobriu meu rosto de tapas e meu corpo de chineladas e pancadas com cabos de vassoura. Gritei e xinguei durante todo o meu espancamento.

Depois, levantei-me e coloquei outro protetor de ouvido. A partir deste dia, usei diariamente, e isto desde que o dia amanhecia, já que eu era obrigada a conviver com dona Batori e sua família. O protetor de ouvido não isolava os sons completamente, mas diminuía a intensidade, e isto era um alívio para minha mente.

Quando estava fora da casa da dona Batori durante a noite, principalmente nas madrugadas, ficava sem protetor nos ouvidos e me divertia com sons que naquele momento somente eu podia ouvir. Meu interesse e minha dedicação em perceber e compreender os sons ao meu redor me fizeram desviar a atenção da minha visão, a ponto que nem percebi o momento em que passei a enxergar tudo cinza, do mesmo modo que enxergava na minha infância, quando acreditava que o mundo era branco, preto e cinza, quando desconhecia a existência das cores e a diversidade de formas e luz, mesmo que em toda a minha vida nunca tenha enxergado essa diversidade.

Acredito que foi este o motivo que me fez perder o interesse pelas coisas visuais e despertou meu interesse pelos

sons. Os sons me deram consciência do mundo, do lugar em que vivia, trouxeram conhecimentos que seriam inimagináveis para uma pessoa que vivia na minha situação, isolada socialmente, violentada e invisível no mundo.

Perceber os sons mudou meu comportamento na casa da dona Batori. Passei a viver mais em silêncio e isolada das pessoas da casa. Mas, quando alguém me machucava, eu reagia, xingava e cuspi. No caso do Adão e do Ivo, eu jogava qualquer objeto que estivesse próximo de mim para machucá-los.

Assim passei os dois primeiros meses depois da minha tentativa de suicídio. Nesse período, minhas aulas do segundo ano do ensino médio começaram. Na primeira semana de aula descobri que na escola em que estudava havia turmas de EJA²⁰⁸, portanto existia a possibilidade de eu terminar o ensino médio no final daquele ano. Procurei a direção da escola com o objetivo de mudar de uma turma de ensino médio regular para uma turma de EJA. Consegui fazer essa mudança com

²⁰⁸ Educação de Jovens e Adultos.

aproximadamente um mês depois do início do ano letivo, quando a direção da escola decidiu criar uma turma extra para suprir a grande procura de estudantes que moravam próximo da escola.

No início das minhas aulas na EJA, comecei a pensar numa maneira definitiva de ir embora da casa da dona Batori que não fosse o suicídio. A forma mais segura seria encontrar um emprego numa daquelas lojas ou bares do bairro, mas, para isso, precisava terminar o ensino médio e ter boa aparência.

Com este pensamento, mudei minhas atitudes que faziam meu corpo definhando dia após dia. Tomei algumas pílulas de vitaminas do Adão e do Ivo escondida; quando ninguém estava por perto, comia frutas, leite, doces e carne. Nos dias que todos saíam de casa, preparava um prato de comida com arroz, salada, carne e ovo frito e comia bem rapidinho porque, se dona Batori me olhasse, ela me espancaria até desmaiar e, quando acordasse, ela me faria engolir o prato e a colher ao mesmo tempo. Durante todos os anos que morei na casa dela, minha alimentação consistia em feijão temperado somente com sal,

arroz branco, pé de galinha, café preto com açúcar refinado, pão sem manteiga, raramente carne e ovo, nunca comia fruta, verdura, leite e doce, porque dona Batori dizia que eram para os meninos, ou seja, o Adão e o Ivo. Mas, na prática, só quem não podia comer o que quisesse era eu e, se por acaso me pegassem comendo escondida, eu apanhava muito e a comida era jogada no lixo na minha frente.

Um dia, depois que cheguei da escola por volta das vinte e duas horas, percebi que a dona Batori estava deitada em seu quarto e a Fler assistia televisão no quarto de seus filhos. Fui na pontinha do pé abrir a geladeira à procura de uma fruta ou pedaço de carne para comer escondida na minha rede. Encontrei uma bacia com restos de frango, dentro havia uma coxa bem gorda assada no forno, imediatamente peguei e me afastei da geladeira com todo o cuidado para não fazer barulho. Quando estava passando da porta da cozinha em direção ao corredor em que dormia, dona Batori falou atrás de mim: “O que é que tu tá escondendo aí?”. Ela tomou a coxa de frango da minha mão e, puxando pelos meus cabelos, me levou até o

terraço, em seguida chamou o cachorro e jogou a coxa de frango para ele.

Fiquei ouvindo o cachorro abocanhar o pedaço de frango que eu tanto queria, que nem sequer senti o tapa que dona Batori deu no meu rosto enquanto me xingava com aquela voz insuportável e nojenta. Em seguida fui deitar e procurei não pensar no que tinha acabado de passar.

Houve uma outra situação semelhante a esta, a diferença maior é que tenho a cicatriz da violência da dona Batori até hoje. Aconteceu na mesma semana do ocorrido da coxa de frango, num final de tarde. A dona Batori e a Fler saíram juntas para a igreja católica do bairro e os filhos delas estavam na escola.

Antes de falar meu caso, quero contar que dona Batori era uma beata praticante de rituais diabólicos. Quando ela não estava na igreja rezando o terço e o rosário, estava em alguma encruzilhada na zona rural ou no quintal da sua casa ou fazendo algum ritual no quarto das imagens - o que ela chamava de trabalho, para alguma pessoa: geralmente era para mulheres solteiras que tinham casos com homens casados e queriam que

eles se separassem das suas esposas para ficarem com elas. Fazia também rituais para matar, adoecer e empobrecer pessoas. Frequentemente, à sua casa chegavam amantes, prostitutas, mães e gente corrupta e bandida de todo jeito, para agradecer o sucesso do trabalho da dona Batori.

Agora, retorno à minha narrativa. Como falei anteriormente, ocorreu na mesma semana em que tentei comer uma coxa de frango, num final de tarde em que estava sozinha na casa.

Nesse dia, decidi fazer pipoca para eu comer com Nescau gelado. Primeiro fiz o Nescau e coloquei no congelador, depois fui fazer a pipoca. Assim que as pipocas começaram a pipocar, ouvi dona Batori entrar em casa gritando que aquela casa era dela, se eu quisesse comer alguma coisa, eu tinha que pedir.

Furiosa ela se aproximou de mim, dando-me tapas e murros no rosto e na cabeça ao mesmo tempo que puxava meus cabelos para colocar meu rosto dentro da panela.

Nesse momento, senti medo de que ela queimasse meu rosto. Decidi, então, me jogar no chão e colocar minhas mãos

no rosto. Ela pegou a panela que estava no fogo com as pipocas e jogou na minha direção, a panela pegou na parte de trás da minha cabeça, e meus cabelos queimaram como se fossem fios de plástico. Rapidamente, joguei a panela para longe de mim e fiquei apertando meus cabelos para que parassem de queimar. Com isso, minhas mãos e braços queimaram.

Depois disso, ela continuou me batendo, com tapas, chutes e murros em todo o meu corpo, um desses chutes pegou no meu estômago, que me fez vomitar. Ao me olhar vomitando, ela se afastou de mim, entrou no seu quarto e saiu com um terço na mão, falando que, quando voltasse da ladainha, queria encontrar tudo limpo.

Logo que ela saiu, levantei-me, limpei meu vômito, juntei as pipocas do chão e joguei no lixo, tomei banho e engoli uma pílula, um remédio anti-inflamatório e analgésico para aliviar minhas dores.

Em seguida, peguei uma panela grande e limpa e a fiz cheia de pipoca com manteiga e comi com um copo grande de

Nescau que tinha colocado no congelador. Comi o máximo que pude, e o restante que sobrou joguei no lixo.

Quando terminei de comer, fui cuidar das queimaduras com que fiquei quando dona Batori jogou a panela quente em mim. Minha mão direita estava em carne viva, saindo uma secreção quente. A parte de trás da minha cabeça estava com o cabelo todo cortado. Pensei em cortar meu cabelo, mas tomei a decisão de sair de casa daquele jeito para que as pessoas olhassem o que a beata dona Batori tinha feito antes de ir rezar na igreja.

No dia seguinte, depois deste ocorrido, minhas queimaduras amanheceram em carne viva, escorrendo uma secreção quente e fedida²⁰⁹. Estava com febre, dor de cabeça e com os olhos inflamados, minhas pernas tremiam e tudo girava ao meu redor, não conseguia levantar da rede, não sentia meus pés se apoiarem no chão. O pior de tudo foi a dor insuportável nos ouvidos, provocada pela sensibilidade sonora. Fiquei com o corpo imóvel, sentada na rede com os dedos dentro dos

²⁰⁹ Com mau cheiro.

ouvidos, esforçando-me para não ouvir aquela infinidade de sons e ruídos, desejando e pedindo para todos os santos, anjos, almas, deuses e seres celestes que rasgassem a garganta da dona Batori para não falar nunca mais.

Ouvia vozes falando para eu levantar, me chamando de preguiçosa, maldita, infeliz e dizendo que, se não fizesse isso rápido ou aquilo ligeiro, apanharia, pegaria uma surra daquele jeito. Sinceramente, nada que ouvia me causava medo ou algum sentimento de temor, continuei do modo que estava, só levantei quando a dor dos meus ouvidos e a tontura melhoraram.

Nesse dia trabalhei lentamente, claro, ouvindo todo tipo de xingamento e ameaças, pegando um bofete aqui e outro acolá, minhas mãos estavam em carne viva e uma vez ou outra chorava e gritava. Isso chamou a atenção de alguns vizinhos, mas, sempre que eu gritava, a Fler ou a dona Batori gritava em seguida: “Tá doida!”. Ou então: “Segura, temo que amarrar, tá doida demais!”. O certo é que nesse dia nenhum vizinho ou

vizinha foi verificar o que ocorria na casa da dona Batori, aliás, em nenhum dia.

Todos viam o quanto eu trabalhava, as surras que recebia, as cicatrizes em meu corpo, meu rosto sempre com expressão de choro e escorrendo água dos meus olhos, fosse pelas dores no meu corpo, por tristeza, fosse porque os olhos estavam muito inflamados. Além disso, todos sabiam o quanto a Fler e seus filhos me torturavam com apelidos e xingamentos, inclusive a Fler me apelidava e sorria de mim na rua quando estava sentada em uma calçada fumando cigarro e bebendo cerveja com suas amigas. Às vezes, ela me chamava somente para me falar algum apelido ou me dar um tapa na cabeça para todas sorrirem.

Com certeza, todos os conhecidos daquela família e a vizinhança sabiam das violências que passava, mas ninguém nunca denunciou ou me livrou de um espancamento ou tortura, pelo contrário, muitos sorriam e nem sentiam dó ao ver meu corpo repleto de hematomas.

Naquela época, quase não assistia televisão, não tinha acesso a telefone, não ouvia falar sobre campanhas de combate à violência doméstica ou trabalho escravo, desconhecia a existência de conselhos tutelares, delegacias, defensorias, etc.

Desconhecia meu direito de denunciar as violências que sofria. O pior: pensava que a vida era daquele jeito para mulheres pobres como eu. Por isso, nunca falava sobre o que passava no lugar em que morava. Minhas professoras e colegas de turma pensavam que meus machucados eram causados pela minha pouca visão. Em razão disso, ninguém se importava.

Nesse dia, fui para o colégio, mesmo me sentindo mal. Cheguei cedo à escola e, assim que entrei, fui procurar um lugar para sentar na sala de aula. Sentei num canto do fundo da sala, em silêncio baixei a cabeça, e as lágrimas caíram sem que conseguisse controlar, notei que chorava que soluçava.

Percebi uma pessoa sentando numa cadeira na minha frente; depois de alguns segundos, ela colocou a mão na minha cabeça e me perguntou se eu precisava de ajuda. Em silêncio, olhei para o rosto dela. Ficamos nos olhando sem dizer uma

palavra para a outra por alguns instantes, até que quebrei o silêncio e perguntei seu nome. Sorrindo nos apresentamos. Ela chamava-se Sol, era uma mulher de dezenove anos, branca, alta, cabelos lisos e vermelhos, tinha um olhar e uma voz doce e gentil, cheirava a cigarro e bombom de menta.

Sol contou-me que estava estudando à noite porque era um castigo da sua mãe, depois que ficou reprovada duas vezes na escola particular em que estudava de manhã, sendo que na segunda vez ela ficou reprovada por falta. Mas estava arrependida e agora, além de terminar o ensino médio, iria prestar vestibular para a universidade federal.

Nesse dia, decidimos gazear²¹⁰ aula. Fomos para uma quadra de esportes, onde costumavam ficar muitos jovens bebendo, fumando, usando drogas, namorando, fazendo sexo coletivo e ouvindo rock.

Ali, fumei meu primeiro cigarro e bebi minha primeira garrafa de Sapupara, a cachaça preferida dos roqueiros que

²¹⁰ Faltar à aula para divertir-se, passear, etc.; o mesmo que “matar aula”.

frequentavam aquele lugar, principalmente pelo fato de ser a cachaça mais barata e o dono de um bar próximo vender fiado com a condição de se deixar alguma coisa ou documento penhorado.

A primeira vez que saí com a Sol, bebi muita cachaça, fumei cigarros baratos do tipo porronca²¹¹, sentada num dos degraus da quadra de esportes, enquanto assistia a um grupo de jovens fazerem sexo sem nenhum pudor ou medo de serem vistos por quem quer que fosse.

Fiquei tão distraída que me esqueci da minha vida na casa da dona Batori, sorri muito, conversei sobre música, política, filosofia e religião, percebi que a maioria daqueles jovens com aparência estranha – maconheiros e cachaceiros – eram universitários e pertenciam à classe média alta. Uns eram filhos de desembarcadores, médicos, empresários e professores universitários; outros não sei. Mas o que é certeza é que todos tinham família e nenhum precisava trabalhar para ter uma rede

²¹¹ Forma popular para se referir a cigarros baratos que geralmente são falsificados.

furada para dormir e um prato de comida para comer, ou seja, a realidade daqueles jovens era muito diferente da minha.

Ao perceber que aquele mundo não me pertencia, fiquei em silêncio por alguns minutos com o olhar distante, pensando sobre onde seria meu lugar. A única certeza que tinha era que meu lugar não era na casa da dona Batori e meu destino não era ser escravizada. Devia existir um lugar para mim em algum lugar!

Em um certo momento, estando fumando e bebendo com aqueles jovens, sentia estar em um outro mundo. A cachaça e os cigarros me deixaram sem noção da realidade; para mim, aquelas pessoas eram fadas, vampiros, bruxas e mágicos fazendo orgia. Retornei à realidade depois que me assustei com um grito da Sol falando que estava passando da minha hora. Rapidamente me levantei para ir embora, mas minhas pernas não se apoiavam, tudo girava ao meu redor, tudo estava muito lindo e o céu estava cheio de borboletas coloridas e brilhantes, eu ficava apontando com meus dedos para a Sol ao mesmo tempo que perguntava: “Qual é a borboleta mais bonita

para você?”. Tinha crises de gargalhada e choro simultaneamente.

Estava muito bêbada, por isso a Sol foi me levar em casa, no caminho tive crises de riso e choro. Falei da minha vida para ela, descrevi meu dia a dia na casa da dona Batori e mostrei meu cabelo aos prantos de lágrimas.

— Você quer ir morar lá em casa? – perguntou-me Sol, segurando na minha mão para evitar que eu tropeçasse nas minhas próprias pernas e caísse no meio da rua.

— Peraí, mermã²¹², não precisa ter pena de mim não. Mas vem cá, tu tá falando sério?

— Sim, tô. Minha casa é muito grande e só moram três pessoas, eu, minha mãe e minha irmã. Você pode ir quando quiser, até mesmo agora.

A fala da Sol nos aproximou; a partir daquele dia, constantemente combinávamos minha mudança para sua casa. No ano em que estudei na EJA, a Sol foi minha única e melhor

²¹² Forma reduzida de “minha irmã”; usada na linguagem informal.

amiga, bancava²¹³ cigarros, cachaça e lanches na boquinha da noite quando gazeávamos aula.

Frequentemente, ela me levava para lanche. Foi com ela que comi meu primeiro hambúrguer e bebi minha primeira cerveja, descobri o que era Catupiry²¹⁴ e a delícia de um Sonho de Valsa²¹⁵. Por outro lado, retribuía a sua bondade fazendo suas atividades da escola e fazendo material de apoio²¹⁶ para ela usar no dia da prova. Aliás, eu fazia as atividades escolares de todas as colegas que tive no decorrer da minha vida escolar, em troca de lanche, cigarro, cachaça e folhas de papel sulfite²¹⁷ para desenhar e escrever minhas crônicas.

A verdade é que nunca fui uma estudante tradicional: nunca copiei uma aula do quadro completa, nunca tive cadernos de matéria, principalmente aqueles que têm adesivos de ursinhos e florzinhas que as meninas adoram decorar as folhas,

²¹³ O mesmo que pagar.

²¹⁴ Tipo de queijo cremoso, genuinamente brasileiro, criado em 1911 e bastante consumido no país.

²¹⁵ Espécie de bombom de chocolate.

²¹⁶ Material para “pescar na prova”.

²¹⁷ Folhas de papel sem pauta; folhas A4.

nunca tive canetas coloridas, nem mochilas e estojos. Meus materiais escolares consistiam em uma caneta preta e folhas de caderno que pedia para alguma pessoa da turma.

Aprendia as aulas por meio do ouvir e perceber. Essa facilidade que tinha em absorver e decorar muitas informações encantava professoras, funcionários da escola e colegas de turma. Com isso, no final do ensino médio circulou intensamente a informação de que eu era especial. Existia professora que falava: “Como pode alguém aprender desse jeito?”.

Essa informação a meu respeito não mudou nada na minha vida diária, mesmo porque ouvia coisas como essas desde a infância. O momento de maior destaque foi no primeiro ano do ensino fundamental, que estudei em São Luís. Nessa época, fui examinada por uns profissionais da escola em que estudava, eles trabalhavam com educação especial. Após falarem para mim sobre o fato de eu ser superdotada, pediram para meus responsáveis irem à escola. Mas, como não tinha

nenhum responsável interessado por minha vida escolar, ninguém foi, não fiz nenhuma consulta ou avaliação.

De qualquer maneira, sendo ou não superdotada, a facilidade em aprender assuntos e temáticas escolares e teóricas era a única arma que tinha. Quando as pessoas descobriam sobre minha pouca visão, isso se tornava motivo de admiração, todos gostavam de conversar e ficar ao meu lado quando precisavam de ideias ou queriam conhecer algo.

Com isso, fiquei muito próxima da Sol, fiz amizade com sua família e seus amigos, inclusive fiz sexo com um deles, um roqueiro meio nojento, chato e burro, não queria ficar com homens inteligentes porque corria o risco de ficar apaixonada, por isso escolhia garotos bonitos e burros, afinal, só queria ficar uma vez, tudo era somente uma questão de necessidade corporal e distúrbios hormonais no período fértil.

Nessa rotina, chegou o fim do ano letivo e o início do período dos vestibulares das universidades públicas no Maranhão. Algumas das pessoas que estudavam comigo se preparavam para fazer o vestibular da Universidade Federal do

Maranhão e da Universidade Estadual do Maranhão. A Sol e minhas professoras de arte, português e história insistiam para eu fazer também.

Quando iniciou o período de inscrição, eu me inscrevi para ganhar isenção da taxa, mas infelizmente não fui selecionada. Com isso, fiquei sem saída, sem saber como iria participar desta seleção, não tinha dinheiro para pagar a inscrição e nem mesmo uma moeda para pagar passagem de ônibus para fazer a prova.

No final do período de inscrição, decidi apelar para todos os lados, porque eu tinha certeza de que ingressar numa universidade pública era minha oportunidade de ir embora para sempre da casa da dona Batori. Decidi pedir o dinheiro da taxa de inscrição do vestibular da Universidade Federal para a Fler. No momento que pedi, ela teve uma crise de gargalhada, falando que pagaria para me ver querendo entrar na universidade. As gargalhadas foram mais altas quando falei o curso que queria fazer.

— Arte.

— Arte! A Zezão quer ser artista, minha gente! Pois pode ir treinando ser artista aí na lavanderia lavando roupa e louça ou com a vassoura limpando a casa – gritava a Fler gargalhando.

Esperei-a sorrir, gargalhar, gritar e falar o máximo que pôde até que ficasse calada, depois perguntei:

— A senhora vai pagar?

— Sim, vou pagar esta semana, quando for pagar a do Adão.

Num final de tarde de uma sexta-feira, a Fler me entregou o boleto de pagamento da minha inscrição do vestibular. Com um pouco mais de um mês, chegou o dia da prova, e foi ela quem me deu o dinheiro da passagem.

A primeira etapa da prova foi numa tarde de domingo do mês de novembro. Praticamente todos os jovens do bairro foram fazer e nos encontramos na parada de ônibus. Alguns me perguntavam: “Tem certeza que tu tá inscrita para fazer essa prova?”. Para alguns, respondia que sim; para outros, dava o silêncio como resposta.

No início do mês de dezembro, saiu o resultado final do vestibular da Universidade Federal do Maranhão, a lista dos aprovados foi divulgada na rádio da universidade. Nesse dia, a rua em que morava estava em silêncio, todos os moradores estavam com seus rádios e aparelhos de som ligados para ouvir a lista dos aprovados, pois não existia uma casa sem que não houvesse uma pessoa que tivesse feito a prova do vestibular.

Na casa do vizinho do lado, teve uma festança em comemoração à aprovação do filho caçula no curso de Direito; as outras casas permaneciam em silêncio, isso era um sinal de que ninguém havia sido aprovado.

A casa da dona Batori parecia um velório, porque o Adão não fora aprovado no curso de Direito. Fiquei sozinha no terraço ouvindo a rádio. Meu nome foi o primeiro que saiu na lista de aprovados do curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. Quando ouvi, dei um grito e chorei de alegria.

A Fler se aproximou de mim, falou parabéns e depois saiu. Tremendo de alegria, fui à casa da Sol. Ao chegar, fui logo lhe dando um abraço apertado, dizendo que tinha sido

aprovada. Sorrimos e choramos juntas. Fizemos uma pausa de silêncio, e ela falou baixinho: “Não passei”.

Nesse instante, fiquei sem atitude, mas a Sol me pegou pelo braço e disse: “Vamos comemorar”. Fomos para a quadra de esportes, a mesma para a qual fomos no dia em que nos conhecemos, ela comprou uma garrafa de Sapupara para temperar com cravo e canela, uma carteira de Malboro e dois pastéis. Enquanto comíamos e bebíamos, combinamos o dia em que me mudaria para sua casa. Combinamos que seria na manhã do dia seguinte.

Por volta das vinte e três horas, despedi-me da Sol e retornei à casa da dona Batori, com o coração para explodir de alegria em saber que aquela seria a última noite que passaria naquela casa. Assim que entrei na casa, a Fler me cobriu de tapas e chineladas em todo o meu corpo, falando que eu estava bêbada e reclamando do horário.

Apanhei sem derramar uma lágrima, sem reclamar ou gritar, mas olhei fixamente para a Fler e senti alegria em dobro quando percebi que não enxergava os detalhes daquele rosto

debochado. Em seguida, falei: “Me bate mais, porque esta será a última vez que a senhora irá me bater”. Depois, fui para o corredor em que dormia, dobrei minhas três mudas de roupa, um pedaço de pano tirado de uma rede velha que eu usava como toalha e um outro que usava como lençol e arrumei numa sacola de plástico e coloquei debaixo da minha rede.

Nessa noite não dormi nenhum segundo, pela primeira vez não fiquei pensando em nada, inclusive sem chorar e sem lamentar minha vida miserável. Fiquei acordada, porque queria ouvir a noite deitada naquela rede furada, naquele corredor fedido em que eu disputava espaço com ratos e insetos. Ouvi pela última vez o sexo dos meus vizinhos idosos, os gatos andarem no telhado, os ratos no esgoto, os gemidos e gritos da dona Batori dormindo, o ronco da Fler, o ressonar do Adão e do Ivo. Antes de o dia amanhecer, lavei meus olhos para retirar as remelas, arrumei meu cabelo e fiquei esperando dona Batori acordar para abrir a porta da cozinha, para eu poder sair.

Por volta das cinco e meia da manhã, ouvi a porta abrir e a voz nojenta:

— Acorda, diabo!

— Estou acordada, tia! – respondi muito feliz.

— Levanta, maldita! – Foi a última coisa que ouvi da dona Batori.

Ao ouvir essa frase, esperei uns segundos, peguei a sacola com minhas três mudas de roupa dentro, um envelope velho com meus desenhos, sorrindo, com o coração explodindo de felicidade de tal modo que é impossível descrever, segurei firme aquela sacola e caminhei do corredor em direção à porta da cozinha, passei pela dona Batori na porta, ela ficou me olhando e resmungando, e segui caminhando em direção ao portão da rua.

Quando passei pelo portão da rua, senti o vento tocando meu rosto, balançando meus cabelos, arrepiando os pelos dos meus braços. Foi o dia mais feliz da minha vida, a melhor sensação, emoção e sentimento que já senti.

Nesse momento, esqueci a insuportável voz da dona Batori e a da Fler, aliás, fiquei feliz em não ter encontrado a Fler e nem seus filhos quando passava para ir embora. A única coisa

em que pensava era que estava livre! Deixei o lugar em que fora violentada de todas as formas que uma mulher, um ser humano pode ser violentado. Saí sem olhar para trás, de cabeça erguida e peito estufado, sem vergonha, sem medo, sem nenhum remorso por não ter dado tchau.

À medida que caminhava em direção à casa da Sol, o dia surgia claro e brilhante. Nas ruas em que caminhava, percebia a imagem dos meus irmãos, a música e a poesia do meu avô, o olhar de ternura e amor da minha avó, sua voz baixinha falando: “Siga”. Sentia cada movimento do meu corpo, caminhava como se estivesse em uma dança sincronizada ao som de uma música tocada e cantada pelo nascer do sol, pelo vento e pelo som das minhas articulações e corrente sanguínea.

Naquele instante, percebi que muitas coisas mudaram dentro de mim, me sentia forte, corajosa, inteligente e bonita. Pensava nos sonhos que realizaria, nos projetos que faria, no marido e no lar que teria, imaginava a quantidade de títulos que conquistaria e, sobretudo, pensava como narraria a história da minha vida. Com estes pensamentos, cheguei à casa da Sol,

exatamente às seis e vinte e sete, no momento em que a mãe dela preparava o café da manhã.

A Sol foi me buscar no portão e me levou diretamente para seu quarto. Subi as escadas segurando minha sacola de roupas velhas com as duas mãos, com muita vergonha, a ponto que minhas pernas tremiam.

Senti-me aliviada, minhas pernas pararam de tremer e minhas mãos de suar, quando coloquei minha sacola no canto do quarto e me sentei no chão para ouvir minha própria respiração, com o objetivo de ficar com a mente e o corpo calmos. Fiquei alguns minutos nesse estado, até que ouvi a mãe da Sol me chamar para tomar o café da manhã. Com o corpo e o andar desequilibrados, ao mesmo tempo que não sabia onde colocar as mãos, sentei-me na mesa da sala de jantar, ao lado da Pétala, irmã da Sol.

Foi assim que, pela primeira vez desde que havia saído da casa dos meus pais, tomei café da manhã em família. Falo desse modo porque, naquela manhã, me senti parte da família da Sol. Ouvi histórias da mãe dela, inclusive foi quando fiquei sabendo

seu nome e fiquei próxima dela o suficiente para perceber suas características físicas. Ela chamava-se Luz, era uma mulher baixinha, branca, cabelos pretos em cima dos ombros e cacheados. Sua voz era gentil, sorria de um modo discreto, andava sem fazer barulho, de um modo lento e tranquilo que igual àquele nunca havia escutado.

A irmã da Sol chamava-se Pétala, era uma mulher baixa, gordinha, branca, de cabelos coloridos, em que uma parte era loira, outra branca e outra rosa. Seu sorriso era lindo e meigo, transmitia uma sensação de carinho e paz, seus dentes eram tão brancos que brilhavam na minha visão embaçada.

Essas três mulheres me receberam de um modo generoso que por alguns instantes pensei que não merecia receber tanta bondade. No terceiro dia que estava morando na casa da Sol, a dona Luz me entregou uma caixa de presente grande, recebi com as mãos geladas e os olhos cheios d'água. Abri a caixa com muito cuidado para não rasgar as bordas, dentro havia um lençol, uma toalha e duas camisetas novinhas.

Essa foi a primeira vez que ganhei um lençol. Na casa do meu pai, não usávamos lençol, nos cobríamos à noite com pedaços de pano, podiam ser de uma camisa velha ou de um vestido, isso era porque o pai não tinha dinheiro para comprar lençol. Na casa da dona Batori, cobria-me com pedaços de rede velha, porque ela nunca quis me dar um lençol ou uma toalha. Em sua casa, havia muitos lençóis guardados, mas, segundo ela, eram para visitas.

Foi então naquele dia que ganhei o primeiro lençol da minha vida, não consegui conter minhas lágrimas e havia a sensação de não saber como agradecer aquele ato de bondade. Um mês depois que morava com a família da Sol, minhas aulas na universidade começaram e foi a dona Luz quem pagou minha passagem nos primeiros meses de aula.

Na universidade procurei o Núcleo de Assistência Estudantil, me inscrevi para ganhar uma bolsa-estágio no valor de cento e cinquenta reais por mês e também me inscrevi para conseguir uma vaga de moradia na Casa de Estudante feminina. Com aproximadamente duas semanas, consegui um estágio no

turno da tarde. Com isso, passava o dia inteiro na universidade: no período da manhã estudava e no da tarde trabalhava.

Na metade do primeiro período, consegui uma vaga na Casa de Estudante. Fui embora da casa da Sol numa tarde de domingo. A Sol, a dona Luz e a Pétala foram me deixar na Casa de Estudante. Lá, a dona Luz fez uma lista de objetos que eu precisava ter: um balde, uma panela, um copo, uma colcha de cama, além de produtos de uso pessoal.

Na manhã do dia seguinte, não fui para a universidade, fiquei na Casa de Estudante para organizar minha estadia, comprar produtos, como sabão, copo e alguns alimentos, com o primeiro dinheiro da bolsa-estágio. Nessa manhã, a dona Luz foi à Casa de Estudante e levou muitas coisas para mim: balde, panela, alimentos e a minha primeira colcha de cama.

Nos primeiros meses que estava morando na Casa de Estudante, a Sol, a dona Luz e a Pétala me visitavam com frequência. Às vezes, combinávamos de nos encontrar no Centro Histórico ou na rua Grande para passear, fazer ou resolver alguma coisa relacionada a compras, marcação de

consultas, inscrição numa seleção de emprego, etc. Frequentemente, nos dias de sexta-feira, saía com a Sol e com a Pétala para o Centro Histórico. Houve uma época em que era uma espécie de ritual pagão nós conversarmos por telefone na quinta-feira à noite e combinarmos que desceríamos horário tal na sexta-feira para o Reviver.

Reviver é a forma que a maioria das pessoas, e principalmente os jovens, chamam o Centro Histórico de São Luís do Maranhão. No meio do Reviver, está localizada a praça Mauro Machado; num dos seus lados, existe uma escadaria enorme. Essa escadaria, nos dias de sexta-feira, é lotada de jovens, sobretudo estudantes que ficam sentados nos degraus em pequenos grupos, bebendo vinho e cachaça barata, fumando cigarros do Paraguai, porque são os mais baratos, e aqui e acolá rolando um baseado²¹⁸ que, por causa da polícia, deve ser fumado rapidinho.

Quando ia somente com a Pétala, ficávamos na escadaria. Nós, assim como os frequentadores do lugar,

²¹⁸ Cigarro de maconha.

chamávamos de escadaria do Reviver ou igreja do Reviver, porque era um local de confraternização de irmãos e irmãs²¹⁹, onde aprendíamos sobre a vida do mundo real²²⁰.

Aprendíamos a beber até cair sem arrumar confusão, nem bolinar com o namorado da outra, saber quem vende mais barato cigarros na redondeza, cheirar loló e fumar baseado na manhã seguinte. Infelizmente, não consegui esta última parte da lição, nunca consegui fumar, nem mesmo dá um trago num baseado, não suporto cheiro de maconha até hoje. Mas era íntima dos cigarros falsificados e das cachaças baratas, inclusive, nos dias de hoje, ainda tenho um certo apreço por essas drogas.

Nos dias de sexta-feira que não me encontrava com a Sol nem com a Pétala, saía sozinha e, sinceramente, eram os dias de que mais gostava, porque fazia meu próprio percurso. Saía da Casa de Estudante por volta das dezoito horas, descia correndo a escadaria da rua Humberto de Campos para ir para

²¹⁹ Como os jovens se chamavam quando estavam na escadaria do Reviver.

²²⁰ Forma falada pelos jovens que tinham experiência na vida noturna.

à praça da Faustina esperar os grupos de tambor de crioula chegarem, enquanto conversava com os artistas e artesãos de rua²²¹. Em pouco tempo fiquei tão próxima dos malucos²²² que me tornei maluca também, comecei a manguear²²³ com eles nas ruas do Reviver.

Fazia pulseiras de linhas, brincos de pena e semente, pintava camisetas e fazia tatuagem de henna. Quando cansava de manguear, isto é, de andar pelas ruas parando em bares, botecos e restaurantes vendendo meu trabalho artesanal, ia para o reggae no projeto Catarina Mina, dançava algumas pedras²²⁴ e depois ia dançar algumas mais no Bar do Porto. Em seguida, dançava um pouco de tambor no Canto da Cultura.

Quando estava muito cansada, comprava uma cachaça numa banca de bebida da praça da Casa do Maranhão, e

²²¹ São chamados de hippies, mas eles se autodenominam artesãos de rua.

²²² Como os artistas e os artesãos de rua se chamam.

²²³ Vender artesanato oferecendo diretamente para os clientes.

²²⁴ Termo usado no Maranhão para chamar o ato de dançar reggae.

retornava para a Casa de Estudante e bebia na madrugada quando todas as moradoras estavam dormindo.

À medida que o tempo passava, as visitas da Sol e da sua família diminuía. No início senti muita falta, ficava deprimida e sempre ia visitá-las. Com o tempo percebi que a relação entre nós havia mudado.

Percebi, também, que eu havia mudado, não era mais ingênua, não demonstrava medo nem fragilidade. Minha vida na universidade, com os malucos e na Casa de Estudante me moldou, transformando-me numa nova mulher, uma mulher mais forte e solitária que gostava de ser solitária. Observei que os hematomas sumiram, as dores e cicatrizes do meu corpo diminuíram e meus olhos desinflamaram.

No segundo ano que estava morando na Casa de Estudante, estava completamente afastada da família da Sol e dela, não nos falávamos mais nem mesmo por telefone ou redes sociais. Foi como se tivéssemos esquecido uma da outra ou como se nunca tivéssemos nos encontrado, nossa amizade foi apagada pelo tempo. Mas, nos dias de hoje, ainda sinto falta

delas, das gargalhadas, das comidas insossas da dona Luz, dos momentos de conversa e brincadeira com a Sol e a Pétala.

Apesar disso, segui com minha vida: estudava muito, lia muitas literaturas, principalmente romances e dramaturgias, entrei para um grupo de teatro universitário, aprendi a dançar e comecei a correr. Nessa rotina cheguei ao terceiro período do curso de Artes.

Nesse período, vivia uma vida livre e efêmera, tudo era intenso e passageiro, conhecia muitas pessoas que trabalhavam com arte, artesanato e cultura popular no centro de São Luís. Frequentava todos os eventos gratuitos que aconteciam nos teatros, praças e museus.

Dançava todas as danças folclóricas maranhenses, chamava a atenção dos homens pelo corpo definido, pele bronzeada e cabelos longos. Muitos me convidavam para sentar em suas mesas para lhes fazer companhia e, na maior parte das vezes, sentava nas mesas de botecos para beber e comer com estranhos e, quando estava satisfeita, fugia do lugar em silêncio. Era atenciosa e meiga com homens bonitos, deixava que eles

me levassem para jantar e, quando percebia que estava para ser “comida”, escapava sem dar tchau.

Adorava paquerar e ser paquerada, gargalhar, sorrir, usar roupas que pareciam figurinos de espetáculos de época. Usava artesanatos de fibras, de palhas e de sementes que fazia, amava saber que me divertia um modo tão fácil e barato.

Construí meu caminho no centro da cidade, sendo a única responsável pelos erros e acertos que aparecessem no meio dele; não tinha ninguém para pedir opinião, conselho ou apontar uma direção.

Trabalhava nos dias úteis da semana no estágio na universidade e nos finais de semana vendendo artesanato nas ruas do Reviver. O dinheiro que ganhava gastava com materiais que seriam usados na minha graduação em artes, com materiais de desenho e pintura, livros, alimentos, cachaça e cigarro. Raramente comprava uma roupa e um calçado, não sentia necessidade de ter esses produtos.

Um certo tempo depois, ainda no terceiro período da graduação, me envolvi com grupos de movimento estudantil na

universidade e comecei a participar de protestos, passeatas e manifestações nas ruas de São Luís. Decidi também ser voluntária de um projeto social; nele trabalhava gratuitamente três vezes na semana, ministrando aulas de teatro, pintura e reforço escolar.

Passei a viver uma vida dinâmica e intensa, com arte, cultura e militância. Por outro lado, percebi que tal como minha vida era dinâmica eram minhas amizades. As pessoas que apareciam na minha vida, fossem aquelas gentis fossem as desgraçadas, passavam rapidamente. Elas desapareciam sem deixar vestígios; de algumas ficavam poucas lembranças de amizade ou de mágoas.

As únicas que não sumiam das minhas lembranças eram as que me violentaram na casa da dona Batori. Frequentemente, nos dias que dormia, acordava no meio da noite gritando, porque sonhava que estava na casa da dona Batori sendo xingada, humilhada, espancada e estuprada.

No início desses pesadelos, as mulheres que dividiam o quarto na Casa de Estudante demonstravam solidariedade,

mas, depois de uns meses, ficaram irritadas pelo fato de eu acordar a casa toda. Por isso, nunca dormia à noite. Algumas vezes, quando estava muito cansada, deitava num dos bancos da sala e esperava o dia amanhecer. Quando as pessoas acordavam, eu ia dormir.

Fiquei sem dormir à noite durante muitos anos e nos dias de hoje raramente tenho uma boa noite de sono. Minhas madrugadas eram de estudo, leituras e trabalhos de arte e artesanato. Alguns dias na semana, principalmente às sextas-feiras, ia para o Reviver e só retornava para casa quando todas as festas de entrada gratuita acabavam, quando não existia mais nenhum grupo de tambor de crioula na rua e quando a cachaça dos malucos acabava.

Nesse período, fiz uma quase amiga, ela se chamava Aia, nos conhecemos na graduação em artes. Ela era uma mulher alta, negra de cabelos crespos. Trabalhava como cantora, poeta e DJ. Frequentemente, eu ia para as festas quando ela estava tocando e no final, quando o dia estava para amanhecer, ela ia dormir na Casa de Estudante.

Um dia de sexta-feira, no início da noite, fui encontrar Aia num centro cultural, nesse local ela ia trabalhar como DJ. Logo que entrei no centro cultural, notei que havia um homem em pé, no lado esquerdo da porta de entrada, que estava me olhando.

Esse homem se aproximou e me convidou para dançar. Aceitei o convite, mesmo pensando que ele seria mais um homem para me assediar com cantadas baratas e mão-boba no meu corpo. Quando nos aproximamos para dançar, ele segurou minhas mãos de um modo carinhoso e gentil que igual àquele nunca ninguém havia feito, um toque inigualável.

Fiquei pertinho do corpo dele, nos abraçamos, um abraço carinhoso e apertado que me fez sentir segura e protegida. Na minha mente e no coração, desejava ficar com ele daquele jeitinho que estávamos para sempre.

Em um determinado momento, senti medo e me afastei dele rapidamente. Sem compreender, ele pediu meu número de telefone e se ofereceu para me deixar em casa. Mas não respondi, apenas me afastei e retornei para a Casa de Estudante.

Ao chegar ao quarto em que dormia, deitei-me e fiquei pensando naquele homem, sentia conhecê-lo, como se já o tivesse abraçado. Do seu rosto e do seu corpo, fiquei me lembrando de cada detalhe que consegui perceber com minha pouca visão, para não esquecer com o tempo.

Passaram-se quatro meses do dia em que me apaixonei por um desconhecido. Um dia, por volta das dezoito e trinta, depois que havia chegado de uma corrida no Parque Bom Menino, meu telefone tocou. Quando atendi, ouvi sua voz ao telefone, perguntando: “Lembra de mim?”. Respondi: “Não lembro”. Mas minha vontade era falar: “Nunca te esqueci nem por um segundo”. Ele me convidou para sair; nesse instante, pensei: “Essa será mais uma pessoa que passará rapidamente na minha vida”. Apesar de esse pensamento me deixar triste, decidi viver aquele momento, aproveitar ao máximo a companhia daquele homem. Afinal, estava apaixonada, quase amando pela primeira vez.

Com o corpo tremendo de emoção e necessidade de um abraço dele, e sem saber o que falar ou fazer, respondi baixinho

que não podia sair naquele dia. Ele respondeu, pois: “Vem aqui na porta, só quero te ver e falar boa-noite”.

Com o coração prestes a saltar pela boca, saí correndo em direção à porta da rua. Quando cheguei à porta, respirei profundamente antes de abri-la. Logo que abri, a porta, olhei-o encostado na porta do seu carro; sorrindo, andou na minha direção. Ao se aproximar, estendeu a mão e beijou minhas bochechas.

Conversamos por alguns minutos, ele falou da sua família e do seu trabalho, assuntos que não tinha interesse nenhum em saber, mas ouvia, olhando fixamente para o modo de ele falar, os gestos que fazia com o corpo e sua maneira de sorrir.

Ele era um homem negro, estatura média, gordo, vestia uma camiseta e uma calça moletom preta, usava boné, mesmo sendo noite e caindo uma chuva fina, usava óculos pequenos e feios. Para mim, aquele era o homem mais lindo com que havia falado, queria ficar com ele todos os dias, construir uma família, cuidar dele e ele cuidar de mim.

Encantei-me com seu modo de ser: simples, alegre, gentil e generoso. Gostava de olhar para seus olhos pretos, brilhantes e vivos, de observar seu jeito atrapalhado e um pouco desleixado.

Um tempo depois de estarmos juntos na porta da Casa de Estudante, decidimos sair para passear no Reviver. Fizemos o percurso que frequentemente fazia sozinha. Paramos para conversar na praça Amarela, uma praça do Reviver em que aconteciam eventos de hip-hop, programações culturais e artísticas.

Conversamos por alguns minutos, até que ele se aproximou e me beijou na boca. Naquela noite, nós nos beijamos tantas vezes que perdi a conta. Por volta das vinte e três horas nos despedimos. Na boquinha da noite do dia seguinte, ele estava novamente na porta da Casa de Estudante me esperando. Saímos, namoramos e jantamos. Novamente, no outro dia, ele estava me esperando. Estávamos juntos a todo instante, fosse presencialmente se abraçando, conversando e se amando, fosse mentalmente desejando um encontro logo.

Quando estávamos prestes para completar dois meses de namoro, decidimos morar juntos. Nosso primeiro ano juntos foi de muita aprendizagem, começamos nossa história sozinhos, morando numa quitinete, dormindo e fazendo amor numa cama emprestada. Sempre que podíamos, saíamos para nos divertir, íamos a shows de rock, jantávamos em restaurantes caros e depois parcelávamos a conta no cartão. Nos dias de domingo, passávamos a tarde fazendo amor e dormíamos agarradinhos.

Quando não tínhamos dinheiro para passear, passávamos o final de semana em casa, a maior parte do tempo deitados, assistindo filmes em DVD pirata, comendo pipoca e bebendo cerveja popular²²⁵. Quando ficávamos entediados, fazíamos amor e, quando cansávamos, dormíamos.

No nosso aniversário de dois anos de união, terminei minha graduação e rapidamente consegui emprego na área. Alguns meses depois, passei no meu primeiro concurso público. Com isso, nossa situação financeira começou a melhorar e nossa

²²⁵ Cerveja barata.

relação passou por algumas mudanças. Surgiram as primeiras desavenças, quando percebi que havia sido moldada segundo seu gosto.

Além disso, nossas diferenças de personalidade se tornaram motivos para críticas e brigas. Ele sempre está sorrindo e para tudo o que acontece tem uma brincadeira, valoriza muito uma boa diversão, viagens, cinema e botecos em dias úteis, enquanto eu não costumo sorrir com facilidade, gargalhar menos ainda, estou sempre “observando”, ouvindo e sentindo tudo ao meu redor, não gosto de piadas e com frequência tenho crises depressivas. Ele é bagunceiro e destrambelhado. Eu, extremamente organizada. Ele fala sem conjugar os verbos e suprimindo as palavras, e isso me irrita porque explico gramática para ele desde que fomos morar juntos, e até hoje ele nunca aprendeu que “mim” não conjuga verbo. Passamos a viver um reclamando do modo de ser do outro, apesar disso, resistindo, ou melhor, teimando em ficar juntos.

No decorrer dos anos que estamos juntos, ele mudou e eu o mudei, nos transformamos juntos, em todos os sentidos possíveis da vida humana. Nossa condição econômica melhorou, não bebemos mais cerveja de péssima qualidade e não precisamos mais parcelar um almoço, dormimos em uma cama confortável e frequentamos ambientes culturais, artísticos e intelectuais. Passamos a fazer viagens turísticas, comer alimentos orgânicos e beber cervejas importadas, embora eu continue preferindo beber tiquira.

Ele adquiriu três títulos de graduação, mas nunca exerceu nenhuma das profissões em que se formou. Eu adquiri também três lindos títulos de pós-graduação e, recentemente, obtive o título de doutora. A vida profissional dele mudou e a minha também. Consegui trabalhar com artes, como queria, embora não seja exatamente o que eu queria. Mas é meu conhecimento em artes que me sustenta economicamente, embora recentemente tenha se tornado uma terapia, tornando meus dias alegres e produtivos.

As mudanças que vivenciamos ao longo desses dez anos poderiam ser suficientes para sermos felizes, poderiam! Mas sempre existiram situações que me afastavam dele, me faziam sentir infeliz e solitária, principalmente pelo fato de ele muitas vezes não respeitar minha deficiência, não se mostrar meu companheiro nos momentos de dor e sofrimento.

Pensei que a razão para isso devia ser por nunca ter falado sobre minha infância e a vida que passara na casa da dona Batori. Então, comecei a falar sobre tudo que havia passado, os palavrões, xingamentos, espancamentos, torturas e humilhações. Falei dos momentos felizes e repletos de aventuras da minha infância, dos sonhos e desejos que tinha, da necessidade que sentia de ter uma família e dos pensamentos e sentimentos que vivia ao estar ao seu lado.

À medida que descrevia histórias da minha vida para meu marido, lembrei-me de acontecimentos e pessoas da minha infância, com isso, busquei retomar contato com meus parentes e conhecidos da Vinte e de Maranhãozinho.

Reencontrei meu pai, meu segundo irmão, o Tito, homem-feito, alto e gordo que só a moléstia; em seguida, reencontrei a Glenda, notei a passagem dos anos em sua expressão facial e no seu corpo. Agora, seus cabelos pretos, cacheados, longos e brilhantes estavam brancos, longos e cacheados, engordou uns quilos, perdeu todos os dentes, mas se orgulhava da dentadura nova com dentes brancos e perfeitos que usava. Alguns dentes, com detalhes em ouro.

Meu primeiro encontro com o Tito ocorreu em São Luís, quando ele veio me visitar. Em seguida, foi a vez de me encontrar com a Glenda. O encontro ocorreu também em São Luís, ela veio para fazer um tratamento médico, ficou hospedada na casa de um dos seus quinze irmãos em um bairro da periferia de São Luís. Descobri seu paradeiro através do Tito; logo que descobri, fui ao seu encontro. A Glenda bem como o Tito demonstraram amar meu marido, os dois ficavam me falando: “Estou feliz de você ter um homem tão bom!”. Ouvia esse comentário em silêncio, poucas vezes respondia: “Sim, ele parece bom”. Encontrei uma forma de não falar sobre minha

vida para eles, principalmente sobre meu casamento, até porque não tinha o que falar. Passamos a combinar uma viagem para eu ir reencontrar o pai, dessa vez, com meu marido.

O reencontro com meu pai foi marcado para uma manhã de sexta-feira do mês de junho. Cheguei à sua casa antes do horário previsto, ao lado do meu marido. Quando meu pai nos olhou, fez uma festa, sorriu, chorou, nos abraçou e beijou falando palavras bíblicas e em agradecimento a Deus e Jesus.

Nos primeiros momentos do nosso encontro, todos pareciam estar muito tranquilos e alegres, mas me sentia estranha, desconfortável e com medo. O pai estava com um comportamento assustador a meu ver, havia se tornado um religioso, um pregador de uma igreja evangélica. Sua fala me causava pavor. A minha madrasta demonstrava ser uma senhora generosa e amável, dando glória a Deus a cada segundo. O desejo imediato que tinha era o de retornar para São Luís ou ir para qualquer lugar longe dali.

Apesar disso, passamos três dias na casa do pai. Na maior parte do tempo fiquei sentada ou deitada embaixo das árvores

do quintal, procurando frutas nos cajueiros, mangueiras, muricizeiros, ouvindo o som das folhas, dos animais nas moitas de mato, das abelhas e dos maribondos nos coqueiros. Enquanto isso, meu marido conversava com meu pai e meu irmão, os três saíam para comprar alimentos, cuidar das plantações e dos animais e, alegre e satisfeito, meu pai apresentava meu marido por onde passava.

Quando retornamos para São Luís, continuamos nos comunicando através do telefone. Com o Tito, além do telefone, falávamos por meio de redes sociais. Nessas conversas com o Tito, começamos a procurar nossos outros dois irmãos: meu primeiro irmão, o Milo, e meu terceiro irmão, o Orim. Aproximadamente um ano após iniciarmos nossa busca, encontramos o Orim e em seguida o Milo. Eles moravam em um estado do sul do Brasil. Nós os encontramos através de busca na internet.

Na primeira vez que falei por telefone com o Milo, eu chorava como uma desesperada ao mesmo instante que sorria. Perguntava: “É você mesmo?”. Do outro lado da linha, o Milo:

“Sim, irmã, sou eu”. Aí, eu chorava, gritava, sorria e gargalhava. Esse encontro foi muito emocionante, porque foi com o Milo que vivi momentos muito importantes da minha e da nossa vida. Nos dias de hoje, somos os únicos que realmente se lembram de detalhes da nossa história e da história da nossa família.

Depois que falei com o Milo, conversei com o Orim, nossa primeira conversa foi muito alegre. Ele se tornou um homem muito divertido, de pensamento livre, gostava de esportes, era faixa preta de karatê e mestre de capoeira, me descreveu ser um homem namorador, vaidoso e trabalhador. Trabalhava como pedreiro, azulejista e professor de capoeira na periferia em que morava, além disso, era voluntário em um projeto social junto com o Milo. Após nosso primeiro reencontro, mantivemos contatos frequentes através de conversas telefônicas e redes sociais.

Um ano depois, retornei à casa do pai com meu marido, lá reencontrei conhecidos da minha infância e parentes paternos. Nessa época, estava com os primeiros sintomas de

uma crise depressiva e ansiedade. Havia iniciado um tratamento para essas doenças; por meio dele, descobri ter nascido com hiperatividade. Foi nesse momento também que descobri ter nascido com toxoplasmose congênita, essa doença é a causa da minha deficiência e das constantes crises inflamatórias nos olhos.

Decidi visitar o pai pela segunda vez como um esforço de me reconectar com minha ancestralidade, buscava algo em que acreditar, um lugar para me sentir segura e feliz. Estava triste em razão da depressão que havia adquirido na casa da dona Batori e, apesar de se terem passado vários anos após minha fuga dessa casa, vivia pesadelos constantes com as situações de violência que havia sofrido ali. Além disso, estava me esforçando para aprender a lidar com as crises constantes de hiperatividade que causavam insônia de tal maneira que passava semanas sem cochilar, e ainda havia os problemas causados pela toxoplasmose e as questões matrimoniais.

Essa visita me deixou mais tranquila corporalmente, porque mentalmente continuava cansada, meus pensamentos

acelerados e minhas emoções desequilibradas. Por outro lado, iniciei um tratamento de autocura, comecei a identificar situações e coisas que me faziam mal e procurei evitá-las; caso fosse impossível evitar, pensaria em algo diferente. A verdade é que isso significava um esforço para controle da mente.

Hoje compreendo ser um esforço infinito, sempre em séries de retomadas, construção e reconstrução de ações, pensamentos, descobertas de novas emoções, sensações e conhecimentos. Quando iniciei o processo de autocura, percebi mudanças logo nos primeiros meses, pois eu me sentia melhor, trabalhava ministrando aulas de artes (teatro e educação artística), ministrava oficinas e palestras em projetos e instituições de forma voluntária, continuava com o trabalho de militância política que havia iniciado no início da graduação, comecei a fazer um curso de especialização, realizava produções artísticas de artes plásticas, performances, teatro e literatura. Seguia com uma rotina em que todos os segundos dos meus dias eram ocupados com atividades para não dar

tempo a crises depressivas. Aprendia diariamente a conhecer meus limites, minha personalidade e minhas aptidões.

Nesse ritmo, o ano passou, chegou 2012. No dia primeiro desse ano recebi uma ligação telefônica da Glenda avisando-me que o pai havia falecido. Segundo ela, ninguém sabia como tinha sido, ela só sabia que ele estava morto. Mas minha madrastra havia falado que ele estava em pé no meio do terreiro e caiu sozinho; quando ela correu para ver o que tinha acontecido, percebeu que o pai estava morto. Aí, saiu avisando todo mundo da cidade e pediu que a Glenda avisasse os filhos.

Ao ouvir sobre a morte do pai, fiquei anestesiada por uns segundos, em seguida, caí no choro. Decidi viajar para participar do velório. Ao chegar ao velório, não perguntei nada sobre sua morte, não me aproximei de ninguém, fiquei a maior parte do tempo próxima do caixão fixando o olhar no seu rosto, morto e desfigurado, procurando alguma lembrança boa, uma atitude de carinho, um gesto de amor e generosidade.

Nesse momento, encontrei meu irmão Simão. Antes de o meu pai casar com minha mãe, já era viúvo. Nesse seu primeiro

casamento, teve três filhos; desses meus irmãos, o Simão é o mais velho. No dia do velório do pai, descobri que seus três primeiros filhos foram abandonados por ele, assim como fui abandonada com meus irmãos. O Simão não demonstrava mágoas, assim como o Tito, parecia ser somente eu quem nutria uma confusão de sentimentos em relação ao pai: sentia tristeza pela sua morte, mas sentia mágoa e o culpava pelo que acontecera na minha vida, tanto pelas coisas boas como pelas coisas ruins.

Após o enterro do pai, o Simão, o Tito, meu marido e eu retornamos para nossas casas e continuamos mantendo contato. Ficamos mais próximos e o Simão nos tratava com carinho e gentileza, sendo simpático e nos convidando para visitar sua casa com frequência.

Passadas duas semanas da morte do pai, recebi uma ligação do Orim falando que meu avô havia morrido. Senti um vazio, como se houvesse perdido uma parte de mim. Ele morava muito longe, eu não tinha condições econômicas para ir ao seu velório, então fiquei de luto a distância.

No período em que fiquei de luto pela morte do meu avô, estava estudando para uma seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão.

Às vésperas da prova, recebi a notícia sobre a morte da minha avó. A morte da minha avó me reconectou com minha ancestralidade completamente, retomei minhas crenças, meu contato com a natureza, a valorização dos conhecimentos espirituais e comecei a buscar formas para me situar no mundo. Passei mais tempo em um silêncio e diálogo interior, estudando, relacionando os conhecimentos que adquiria através dos livros com minha história de vida e com minhas emoções.

Envolvida em mudanças constantes, fiz a prova de seleção do mestrado em uma segunda-feira do mês de fevereiro. Uma semana depois, saiu o resultado, mostrando minha aprovação na primeira etapa; em seguida iniciaram outras fases da seleção, o que durou duas semanas, até sair o resultado final com minha aprovação. As aulas iniciaram uma semana depois do resultado final.

Ingressei no mestrado, após muita insistência do meu marido; nessa época, não tinha nenhum encantamento com o mundo universitário. A universidade significava o lugar em que adquirir uma profissão e que me salvou da casa da dona Batori. Para mim, isso era o suficiente, não precisava de mais nada. Meu marido tinha um encantamento, uma paixão pela universidade, mas não gostava de estudar, gostava do status que o mundo acadêmico causa na sociedade, do poder dos diplomas e do discurso de uma pessoa pós-graduada.

Decidi fazer mestrado, mais para me livrar de seus comentários do que por vontade de retornar à universidade. Apesar disso, gostei do curso. Quando as aulas iniciaram, comecei uma rotina intensa de estudo. No primeiro semestre, fiz amizades na turma e frequentemente saía para beber cerveja e comer comidas típicas no Centro Histórico. Adquiri espaço na universidade e em movimentos políticos, nos quais ministrava palestras, oficinas e apresentava minha pesquisa.

Nesse tempo, vivia uma rotina boa, estava bem no meu casamento e na universidade, minha pesquisa fluía, estava bem

relacionada socialmente e culturalmente, a ponto que criei uma campanha nacional com o objetivo de dar visibilidade à mulher cega brasileira, a campanha “Resista como uma mulher cega”. Outra coisa que me deixava extremamente feliz era o contato constante com meus irmãos. Frequentemente conversávamos por meio de chamada de vídeo e, assim, participávamos da rotina uns dos outros.

Um dia de quarta-feira, conversei mais de uma hora por chamada de vídeo com o Orim, nos divertimos muito e ainda apostamos um jogo de futebol entre Flamengo e Vasco: eu, flamengo; ele, Vasco. Combinamos de nos falar no fim do jogo. Quando o jogo terminou, liguei dezenas de vezes, e ele não atendeu; mandei muitas e muitas mensagens, e nada de ele responder. Fui dormir. Quando acordei de madrugada, meu marido me falou que uma tia havia ligado para avisar que o Orim havia morrido. Ele foi assassinado durante um assalto em um bar, quando estava assistindo o jogo Flamengo e Vasco.

A morte do Orim destruiu meu corpo, meu coração e minha alma. Nas primeiras semanas após sua morte, senti muita

tristeza, uma fraqueza no corpo e na mente. Descontei esses sentimentos no estudo, estudava sobre todos as temáticas abordadas no mestrado e sobre artes. Iniciei minha pesquisa e comecei a escrever um livro de dramaturgias. A escrita desse livro era um desabafo, falava sobre sentimentos e pensamentos que não conseguia comentar com nenhum ser humano vivo na Terra.

Um dia, como de costume, iniciei minha rotina de estudo e trabalho. Acordei de madrugada, às quatro horas, preparei o café da manhã e, quando o dia surgiu, fui para a universidade assistir aula do mestrado. À tarde fui para a casa da minha orientadora, em seguida fui para o Centro Histórico para participar de um evento sobre povos indígenas, em razão da minha pesquisa de mestrado. Nesse dia, não fui trabalhar como professora de arte²²⁶.

²²⁶ Trabalhava como professora de Arte do estado do Maranhão e estava lotada em uma escola localizada na periferia de São Luís, cuja distância da minha residência era vinte quilômetros e da UFMA, aproximadamente o dobro dessa distância.

São Luís estava realizando a Semana dos Povos Indígenas no Maranhão, esse dia era 18 de abril. Os awá estavam participando desse evento. Os awá são o povo indígena de contato mais recente e o último povo que tem grupos de pessoas vivendo de modo isolado no Maranhão, é o povo indígena que pesquiso.

Fui com minha orientadora da pesquisa de mestrado para a Semana dos Povos Indígenas, com o objetivo de encontrar os awá. De fato, encontramos. Esse dia foi muito produtivo porque, além do encontro com os awá, conheci um indigenista que participou das primeiras ações de contato com esse povo. Após o evento, encontrei-me com meu marido e viemos para nossa casa. Sentia-me extremamente cansada, então tomei um banho e fui deitar no quarto.

Nesse dia dormi bem, como nunca havia dormido, não acordei durante a madrugada com pesadelos, me sentia tranquila e feliz. Acordei como de praxe, de madrugada, curtindo meu momento de tranquilidade com os olhos

fechados. Passei alguns segundos planejando atividades do meu dia.

Enquanto vivia esse momento, meu marido acordou e se levantou da cama, foi para a sala assistir um jornal que passava em um canal de televisão aberta. Após alguns minutos, decidi levantar; abri os olhos, senti estarem grudados por causa da enorme quantidade de remela. Com eles fechados, fui ao banheiro e molhei, com a ponta dos dedos fui limpando, retornei para a cama, com os olhos limpos abri novamente.

Olhei para o teto e não percebi nenhum foco de luz, olhei em direção à porta aberta e não percebi luz. Decidi acender a lâmpada do quarto, percebi um pouco de claridade, olhei para os cantos do quarto e não enxerguei o guarda-roupa, a cama e uma poltrona que ficava em um dos lados. Fui até a porta e observei a sala, entrei no banheiro e não enxerguei nenhum objeto, nada, não enxergava nada.

Lavei meus olhos novamente com sabão, retornei para deitar na cama com a lâmpada acesa, abria e fechava os olhos em direção às coisas do quarto, colocava minhas mãos próximo

do meu rosto, procurando ver meus dedos, a cor da minha pele. Abri o guarda-roupa, peguei algumas peças de roupa e aproximei dos meus olhos esforçando-me para ver algo, mas nada disso adiantou, não enxergava nada.

Passei uns segundos com o corpo imóvel, desconfortável, com dor de ouvido, sentia como se houvesse sido retirado um tampão dos meus ouvidos; deitei-me novamente, não conseguia pensar em nada, esse momento foi como se todos meus problemas, sentimentos e desejos sumissem. O mundo se tornou um imenso vazio, sem formas, sem cores. O cinza, o preto e o branco que haviam feito companhia para mim a vida toda partiram. Tudo o que existia agora era o nada barulhento. Percebia somente os sons, sons próximos como meus batimentos cardíacos e minha circulação sanguínea, sons distantes como a abertura dos portões da entrada do condomínio em que moro, dos vizinhos conversando, fazendo amor, orando, brigando.

Deitada coloquei minhas mãos no estômago, fiquei me ouvindo, procurando forças para levantar, o som do meu corpo

era o de uma enorme cachoeira; notei que, por mais que estivesse naquela situação, me sentia tranquila, relaxada, meu som estava agradável e minhas ideias fluíam. Nesse momento chamei meu marido, ele respondeu: “Fala. O que houve?”. Eu disse: “Estou cega”. Ele: “Não diz uma coisa dessa não, isso é um agora”. Novamente eu disse: “Estou cega”. Dessa vez, minha voz saiu trêmula e baixa.

Houve uma pausa de mais ou menos cinco minutos: permaneci deitada com as mãos apoiadas no estômago e os olhos lacrimejando, não sei se foi por causa da inflamação ou da dor e tristeza que invadiu minha alma. Percebi que ele não se mexeu, ficou parado do mesmo modo que estava quando falei estar cega. Depois notei o corpo dele se movendo, como se estivesse desorientado, embora permanecesse sentado; de repente, quase que por um ato de impulso ou um surto psicótico, caminhou rapidamente para onde eu estava.

Ao chegar, parou na porta do quarto. Olhando na minha direção, falou: “Deixa eu ver teus olhos”. Em silêncio, abri meus olhos, ele se aproximou e tocou meu rosto, falando baixinho:

“Oh, Deus! meu Deus do céu! Tá vermelho demais, tá feio demais!”.

Ficamos parados um na frente do outro. Estava com o corpo rígido, sentia meus músculos contraindo, a musculatura da minha coluna ficou tão rígida que não conseguia mover minhas pernas, levantar da cama, queria demonstrar alguma expressão, fosse de medo, dor, fosse de tristeza, mas não conseguia. Ele caminhava desorientado, resmungando e bebendo água sem estar com sede. “Vamos para o hospital”, disse-me. Levantei devagar, respondi: “Vou preparar café. Depois que comermos, vamos”.

Caminhei em direção à cozinha, nesse instante notei como meu apartamento era pequeno, tudo estava tão próximo, as coisas produziam som abafado, estridente e irritante, percebi a circulação do vento, o som do meu corpo em contato com os espaços e os objetos. Sentia meus pés no chão, a corrente de ar entre o piso e meus pés, acompanhava cada movimento do meu corpo, em específico o dos meus braços e das minhas pernas,

procurava criar movimentos harmoniosos por causa do som que produziam.

Ao mesmo instante que estava atenta a cada som, preparava o café da manhã. Amei ouvir o som das borbulhas de café ao levantar fervura, consegui sentir o gosto do café através do cheiro, me diverti preparando a massa do beiju, os ovos fritos. Gostei de arrumar as xícaras, pratos e colheres na mesa. Essa experiência foi nova para mim, a primeira vez que vivenciei, encantadora. Foi como se estivesse enxergando o mundo pela primeira vez, enxergando com os ouvidos e meus outros sentidos. Após esse momento, viria uma experiência desafiadora.

Depois de comermos, fomos para o hospital. Primeiramente, fomos para uma Unidade de Pronto Atendimento, UPA, onde não fui atendida por um médico. Segundo a informação que recebi, nas UPAs não existe oftalmologista. Em seguida, fomos para o Hospital de Urgência e Emergência de São Luís, onde não fui atendida por falta de médico. A informação que recebi de algumas funcionárias do

hospital foi que, embora exista atendimento de emergência oftalmológica naquele hospital, os médicos dificilmente aparecem. A grande maioria deles, nos horários em que deveriam estar lá, inclusive de plantão, trabalham em clínicas particulares.

Algumas vezes, quando o paciente é uma pessoa ligada a movimentos sociais, pertence aos fóruns e conselhos ou tem relação de parentesco com funcionários do hospital, chamam o médico. Nesse caso, esse paciente é o único atendido. Esse não era meu caso. Apesar de participar de movimentos sociais e quase ser integrante do movimento de pessoa com deficiência, sempre acreditei que o ato de usar influência social, no sentido de “consegue isso para mim” ou “me ajuda” e ainda “agiliza isso aqui”, de modo que a pessoa ajudada passa na frente de pessoas que necessitam do mesmo atendimento público, é um ato de corrupção, uma bandidagem, um crime. Afinal, saúde pública e inclusiva é um direito humano e constitucional no Brasil, não é privilégio de alguns.

Fui acompanhada do meu marido em busca de atendimento médico em todos os hospitais de urgência e emergência de São Luís, e não consegui atendimento. Passamos muitas horas nessa busca, desde o momento que percebi estar cega. Com isso, meus olhos incharam, ficando fechados e escorrendo água quente, a ponto de queimar minhas pálpebras e bochechas. A dor aumentou insuportavelmente.

Retornamos para nossa casa e meu marido iniciou uma pesquisa na internet em busca de um hospital particular próximo de onde morávamos. Ao encontrar, fomos rapidamente. Cheguei chorando e espacialmente desorientada, não tinha consciência dos espaços, ao caminhar sentia o chão se movendo, os sons eram apenas ruídos simultâneos, causavam dores intensas nos meus ouvidos e desequilibravam meus movimentos.

Recebi atendimento médico, logo que cheguei a esse hospital. Fui medicada e as dores aliviaram. Retornei para casa. Logo que abri a porta do meu apartamento, senti um desespero e entrei em crise de choro. Foi nesse momento que me

conscientizei de que havia mudado de condições em todos os aspectos da minha vida. Estava sozinha, como estive antes. Meu marido me ajudou, me levou para o hospital e me dava a medicação nos horários corretos, mas isso para mim não era suficccieente. Precisava de ajuda emocional. Ouvir uma voz amiga, infelizmente, era tudo que não tinha naquele momento. Além disso, não conseguia descontar minha dor nos estudos, como costumava fazer, porque naquele momento os recursos de acessibilidade que usava não tinham nenhuma utilidade. Meus ouvidos estavam muito sensíveis, isso me impossibilitava de ouvir músicas e assistir filmes. Não tinha noção de espaço e, quando colocava água para beber em um copo, derramava. Às vezes me machucava com minhas próprias pernas.

No primeiro dia que fiquei cega, falei para minha orientadora da pesquisa de mestrado; depois, fiquei reclusa e em silêncio. No decorrer da primeira semana, não falei com nenhuma pessoa, exceto meu marido. Nas primeiras semanas, passava a maior parte do dia sozinha, esforçando-me para reaprender as tarefas domésticas, aprender a me movimentar

através do som, sentar, falar, a cuidar de mim: escovar os dentes, lavar meu corpo, comer com talheres... No caso de falar, minha dificuldade era porque ouvia alto muitos sons e ruídos, então, quando precisava falar, falava alto e rápido; percebia que as pessoas que ouviam não gostavam e, se por acaso fosse meu marido, ele pedia para eu calar a boca.

Essa minha reabilitação autônoma foi muito dolorida, meu corpo ficou repleto de machucados, meu rosto com hematomas de eu me bater nas paredes e cantos das portas, minhas mãos e braços com queimaduras, minhas pernas e coxas rasgaram nos cantos dos móveis. Quando meu marido olhava meus machucados, entrava em desespero e falava que, se alguém da rua olhasse, ia pensar e falar que ele estava me machucando. Irritado, dizia a todo instante: “Você tem que aprender! Todo mundo que fica cego aprende! Você tem que aprender!”.

Os dias passaram, precisava tomar algumas decisões: retornar ao meu trabalho, às aulas e minha pesquisa de mestrado ou me isolar. Em busca de socorro, liguei para uma

colega de turma e falei o que estava passando, imediatamente ela se propôs a me ajudar. Por meio dela, retomei as atividades do mestrado. Em seguida pedi demissão do trabalho, com o objetivo de me dedicar ao mestrado. Após algumas semanas sem emprego, adquiri uma bolsa de pesquisa, um recurso financeiro que usei com minhas despesas da pesquisa e da minha reabilitação, foi com esse dinheiro que comprei minha primeira bengala.

A cada dia retomava as atividades que realizava antes de ficar cega, a participação em movimentos sociais e meu trabalho artístico. Com o tempo, percebi que minha participação em movimentos sociais ocorria somente quando oferecia algo do interesse do movimento. Quando necessitava de apoio, pedia ajuda, chorava e gritava, mas nenhum agente de movimento, liderança ou não, nunca se envolveu em nenhuma das minhas causas, principalmente aquelas relacionadas à acessibilidade, inclusão, diversidade, combate à violência e ao preconceito e defesa de territórios.

Houve uma época em que procurei me inserir de todas as formas nos movimentos de mulheres e movimentos feministas, mas não fui acolhida por nenhum deles. Descobri, por meio das atitudes e falas das mulheres integrantes desses movimentos, que elas eram mais mulheres do que eu, por isso seus feminismos não tinham espaço para mim. Então, finalmente criei vergonha. Valorizei meus conhecimentos, minha história e, sobretudo, minha luta e me afastei de gente e povo violento. Comecei a militar sozinha, me tornei ativista e, sem dúvida, essa foi uma das melhores decisões que tomei nas últimas décadas.

Passou o primeiro semestre de aulas do mestrado. Na UFMA, o semestre é de três a quatro meses; nesse tempo, estava completamente reabilitada.

Autorreabilitei-me através de um processo de experimentação, conhecimento, reconhecimento e muito respeito ao meu corpo, minhas experiências e emoções. Minha autorreabilitação iniciou a construção de uma vida de autocuidado e amor próprio.

Reaprendi a executar tarefas básicas do dia a dia, fui realfabetizada sozinha, aprendi a utilizar leitores de tela, usar mapas mentais iguais àqueles que criava na infância para me divertir e manter a memória dos meus familiares viva. Aprendi a caminhar com bengalas, a me relacionar socialmente através do som.

Conhecia pessoas, animais e objetos através dos seus sons. Percebi que meu processo cognitivo acelerou, decorava informações diferentes rapidamente, escrevia usando leitores de tela de forma mais rápida, isso facilitou minha rotina de estudo e a conclusão da minha pesquisa.

Apresentei minha pesquisa de mestrado antes da data prevista pelo programa de pós-graduação para a conclusão do curso. Quando concluí meu mestrado, fiz uma prova de concurso para professora de Arte do município do Paço do Lumiar. Pouco tempo depois, participei de uma seleção para professores. Os resultados dessas duas provas saíram no mesmo dia. Fui aprovada nos dois em primeiro lugar, o que significaria ser chamada rápido.

No seletivo realizado pela Secretaria de Educação do Maranhão, fui chamada na semana seguinte após sair o resultado. Fui lotada em uma escola localizada na periferia de São Luís, onde comecei a ministrar aulas de Arte em turmas do segundo e terceiro ano do ensino médio. Essa foi minha primeira experiência de trabalho como pessoa cega.

Os primeiros dias de aula foram incríveis. Os alunos demonstravam carinho e respeito por mim, alguns disputavam quem me guiaria dentro da escola, outros eram extremamente cuidadosos e nunca me deixavam sozinha nas salas de aula, mesmo nos horários de intervalo. Com isso, fiquei próxima dos estudantes, muitos me falavam sobre sua vida, sua rotina familiar, me pediam conselhos, opiniões, me contavam piadas e histórias. Enquanto estabelecia uma ótima relação com os alunos, a relação que mantinha com os professores, sobretudo com as professoras, era de distanciamento e desconfiança.

Vivenciei situações violentas de preconceito realizadas pela diretora da escola, a dona Malvina. Essa senhora se considerava a dona da escola, ela exercia o poder controlando

as ações de todos os funcionários e alunos. Presenciei falas dela que humilhavam e adoeciam professoras. As senhoras que cuidavam da limpeza e as merendeiras, a dona Malvina as fazia de empregadas particulares. Gritava descontrolada, humilhava e violentava verbal e psicologicamente todas as pessoas, e ninguém a repreendia. Um dia essa senhora me violentou de tal modo que passei mal. No dia seguinte, eu a procurei para conversar, mas ela não permitiu; fiz a mesma coisa no outro dia e na outra semana, e nada, ela continuava com a mesma atitude.

Passaram-se algumas semanas e chegou o Dia da Pessoa com Deficiência, anunciado a todo instante nos jornais locais. Cansada da violência psicológica que estava passando, fiz uma denúncia. Primeiro procurei a Secretaria de Pessoa com Deficiência e em seguida procurei a mídia. A mídia respondeu rápido, no mesmo dia estava falando nas rádios e em jornais sobre minha situação. Após minha entrevista ser publicada, a Secretaria de Educação e instituições da Pessoa com Deficiência procuraram a escola.

Mas, ao invés de demonstrarem apoio a mim, em razão das violências que vivenciei causadas pela diretora da escola, essas instituições demonstraram apoio à escola e à violentadora, Malvina. A ironia maior foi que enviaram uma pessoa cega, funcionária do Estado, para ministrar uma formação. Isso foi um verdadeiro circo de horrores, sobretudo quando esta profissional apoiou a justificativa da diretora e de algumas professoras sobre o fato de que o mundo não é cego, existem apenas poucas pessoas cegas e são elas que precisam aprender a viver no mundo vidente. Confesso que ouvir isso de uma pessoa cega foi muito pior do que as situações de violência psicológica e preconceito que estava passando no espaço de trabalho. Fiquei praticamente sem forças, mas respondi: “O mundo é de todos os seres que vivem nele, sejam videntes²²⁷ ou cegos, humanos ou não humanos. Tudo o que existe na Terra importa, e o mundo é nosso espaço”.

Após essa fala, fiquei em silêncio e a formação pedagógica seguiu seu curso, apresentando uma performance

²²⁷ Quem enxerga.

de respeito e admiração ao preconceito e obediência às regras e aos interesses daquelas instituições públicas do Estado.

De toda maneira, continuei trabalhando nessa escola ministrando minhas aulas. Após a formação pedagógica realizada pela profissional cega, minha situação, que já era trágica, piorou, e muito, ficando quase insuportável: trabalhava com medo e angústia, evitava aproximação com a maior parte dos funcionários e em específico com a diretora, Malvina.

Nesse período, aproximei-me dos alunos e encontrei neles um certo companheirismo inconsciente, isto é, eles me ajudavam imensamente e não sabiam. Por outro lado, aprendi sobre minha presença nos espaços de trabalho, na militância e na universidade. Compreendi minha atuação nesses espaços e passeia a incomodar algumas pessoas, principalmente pessoas ocupando cargos de liderança, como gestores e gestoras.

Passei um certo tempo observando, refletindo e analisando minhas atitudes. Decidi mudar, não ser discreta, porque isso seria impossível, afinal, era – e ainda sou, até este momento – a única professora de Arte cega do Maranhão que

ministrava aulas no ensino regular, fundamental e médio, para alunos sem deficiência e com deficiência.

Como não daria para mudar minha aparência, disfarçando minha cegueira, mudei minhas atitudes a partir de acordos de generosidade com meus alunos e alunas. Percebi que minhas aulas incomodavam, pelo fato de eu aceitar em sala de aula as adolescentes que eram mães com suas crianças, por permitir a entrada de alunos na sala de aula depois do horário definido para iniciar as aulas, por compreender que muitos alunos moravam distante e o transporte público no Maranhão é uma moléstia, por aceitar atividades e avaliações depois do prazo de entrega e, sobretudo, por incentivar os alunos sobre a necessidade de conhecer a respeito de questões políticas e sociais, a defenderem cotas raciais e uma educação pública democrática, inclusiva e laica.

Essa minha postura me colocou na boca do povo, chamavam-me de comunista, anarquista, ateia, satanista, promíscua, enfim, de todo tipo de palavra que quem me chamava pensava me ofender, mas não ofendia, às vezes até

sorria ironicamente. Estava muito preocupada com meu trabalho e minha vida pessoal, além de me preocupar com os alunos que iriam fazer vestibular pela primeira vez. Ao mesmo instante, reconstruía uma nova forma de ativismo.

Procurei ser didática, passar um pouco dos conhecimentos que adquiri. Comecei a fazer vídeos sobre situações de preconceito e violência que vivenciava, e publicava nas redes sociais, como se fossem fragmentos de dramaturgias. Nesses vídeos, criava personagens com falas, gestos e personalidades de pessoas presentes no meu cotidiano ou com quem estabeleci contatos esporádicos em um determinado momento. Intensifiquei a campanha “Resista como uma mulher cega”, uma campanha que iniciei desde a graduação, sendo fortalecida no mestrado. Por meio dela, realizei uma série de palestras e entrevistas.

Apesar dessa minha luta, acreditando que o conhecimento destrói o preconceito, ainda não observei resultados positivos na maior parte dos espaços sociais que frequento. Muitas situações de violência e exclusão que

vivenciei e vivencio diariamente, resolvo afastando-me, criando pausas de silêncio. Sempre essas situações ocorrem publicamente, são observadas por muitas pessoas, mas infelizmente nunca querem se envolver, ignoram por não ser com elas ou um parente delas. Ouço: “É assim mesmo”. Essa fala não diz nada, expressa somente a ignorância de muita gente. Uma forma de naturalizar o preconceito.

Desse modo, no decorrer da minha primeira experiência de trabalho como pessoa cega, minha maior atitude-resistência foi minha existência e minha principal arma de luta foi o conhecimento e a arte. Aliás, nos dias de hoje, sigo com essa forma de resistência e usando as mesmas armas, inclusive a produção de vídeos, que no decorrer desses últimos anos ganhou nova roupagem. Gosto de fazer publicações sem edição, assim os vídeos saem com a voz do leitor de tela²²⁸ que uso no meu computador ou celular, gosto também de publicar minhas videoaulas.

²²⁸ O aplicativo de acessibilidade para pessoas cegas usarem celular e computador é um sintetizador de voz, transforma em áudio textos e informações da tela do computador ou celular.

No final do ano letivo, meus olhos passaram por uma crise inflamatória que ainda hoje persiste. Um dia acordei como se estivesse em um buraco preto e barulhento. Tudo ao meu redor estava preto, não percebia nem mesmo a claridade da luz do sol. O preto me assustava, sentia um vazio interior, uma solidão profunda; por outro lado, meu processo cognitivo acelerou mais ainda.

Nessa época, perdi completamente a noção do mundo visual e da aparência das coisas. Esqueci de tudo que já tinha enxergado um dia: esqueci de como seria o mar, o pôr do sol, a coisa mais linda do mundo para mim, esqueci das cores, das formas de objetos de uso cotidiano, como um pente e uma garrafa de café, e esqueci do meu rosto, esqueci tudo de mim.

Chamo esse momento da minha vida de segunda cegueira. Ao contrário do que aconteceu no início da primeira cegueira, agora pensava saber lidar, por isso não me desesperei, procurei ajuda médica oftalmológica para cuidar da inflamação e da catarata que cobria a lente dos meus olhos.

Essa segunda cegueira provocou aumento da minha sensibilidade auditiva e trouxe uma crise de hiperatividade como nunca havia vivenciado. Parei de dormir, por mais de um mês não consegui cochilar. As informações no meu cérebro pareciam brigar disputando território, e ouvia e decorava informações sem querer.

Com isso, na vida cotidiana estava desligada das coisas práticas do mundo visual, não gostava de tocar nas coisas e demonstrava desinteresse por certos assuntos, vozes e principalmente pessoas.

Estava em um mundo particular, escuro e barulhento, gostava desse lugar, mas infelizmente meu corpo demonstrava fraqueza e desequilíbrio mental, precisava dormir e retomar, ou melhor, iniciar uma vida social do modo possível. Embora estivesse em um estado de confusão mental, tinha a consciência de estar doente, mas não conseguia me autocurar, como fiz anos passados. Estava em uma situação e experiência nova e precisava de ajuda para não morrer.

Escolhi uma pessoa para eu depositar toda a minha confiança, falar o que estava passando e pedir ajuda. Falei com a Andreia Katiane, uma pesquisadora da Universidade Federal do Maranhão, da área de Acessibilidade e Deficiência Visual. Nessa época, tínhamos estabelecido contatos esporádicos, não éramos amigas, apenas conhecidas distante, mas sentia segurança e confiança nela.

Abri a mente e o coração para a Andreia Katiane e foi ela quem me ajudou, me levou para um hospital e conseguiu uma vaga numa clínica pública para eu iniciar um tratamento com acompanhamento psicológico e psiquiátrico.

Fiquei um ano em tratamento. As crises de hiperatividade, a sensibilidade auditiva que me faz decorar sons agradáveis e desagradáveis, a confusão mental e o pouco sono não sumiram. Mas aprendi a viver com isso, pois a psiquiatra me falou: “Você nasceu hiperativa e vai morrer hiperativa, aí você decide o que vai fazer com essa sua habilidade”.

Decidi me divertir, sendo cega, hiperativa, superdotada com diagnóstico recente e dona de dois ouvidos absolutos. Falo

sobre isso quando sinto necessidade, umas vezes para me proteger, outras vezes para me diferenciar e muitas vezes para fugir da presença e conversa de pessoas sinistras. Poucas pessoas compreendem essas minhas especificidades, sobretudo as referentes à hiperatividade e à sensibilidade auditiva.

No auge do meu tratamento psicológico, e também no auge de uma crise depressiva e de hiperatividade, momento em que parei de dormir completamente, iniciei a escrita deste livro, criei a dramaturgia “O que vejo no escuro” e decidi participar de uma seleção de doutorado. A ideia racional para realizar essas atividades foi: se não consigo dormir, descansar a mente, então vou criar algo novo, vou produzir Arte e fazer ciência.

Assim, quando estava em tratamento psicológico e psiquiátrico, fiz a seleção de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA. Além disso, minha dramaturgia “O que vejo no escuro” estava concorrendo num edital para ser montada²²⁹.

²²⁹ Tornar-se espetáculo teatral.

Após uma semana da primeira etapa da seleção do doutorado, saiu o resultado do edital em que minha dramaturgia concorria, e ela foi selecionada. Senti uma felicidade tão intensa que passei dois dias sem dormir, ou melhor, continuei sem dormir por mais dois dias, ou talvez até hoje.

Uma semana depois, saiu o resultado da primeira etapa do doutorado, mostrando minha aprovação. Nessa mesma semana, saiu a convocação do concurso do Paço do Lumiar. Estava tão feliz que sorria sozinha e falava sobre minha vida para mim mesma.

Passaram-se duas semanas, nelas ocorreram mais duas etapas da seleção do doutorado, até que saiu o resultado final com minha aprovação, sendo uma das primeiras colocadas. Dessa vez, a emoção passou dos meus limites e comemorei com um desmaio, apesar de que, nos dias de hoje, não sei se o desmaio foi de emoção por ter sido aprovada no doutorado ou por estar aproximadamente dezessete dias sem dormir.

Um mês depois, as aulas do doutorado iniciaram e, pouco tempo depois, iniciaram as aulas do município do Paço do

Lumiar. Esse período estava no auge da pandemia da covid-19, por isso as aulas começaram online.

Atualmente, sou cega sem percepção luminosa e com muita percepção sonora. É esta minha percepção sonora que me proporciona condições para viver com autonomia e segurança, sobretudo autonomia intelectual e profissional. Diariamente procuro criar novas formas, atitudes e recursos de acessibilidade que facilitem as atividades que realizo e, principalmente, que me façam compreender e perceber minha posição no mundo social.

A experiência que adquiri elaborando e executando recursos de acessibilidade para minha reabilitação despertou meu interesse em compartilhar com outras pessoas. Neste momento, estou desenvolvendo um recurso de acessibilidade comunicacional. Este recurso é chamado de audiodescrição criativa.

A audiodescrição criativa é um recurso de acessibilidade comunicacional, atitudinal e social para pessoas cegas, com deficiência visual, autistas e deficiência intelectual. A

audiodescrição criativa une conhecimentos das artes cênicas (improviso, consciência corporal, espacial e vocal, percepção, criação e imaginação), elementos das artes visuais (cor, forma, sombra, luz, textura, peso e equilíbrio) e experiências cotidianas. É executada quando uma pessoa, ao descrever uma imagem, objeto, lugares, animais, pessoas ou qualquer situação, seres e coisas, fala sobre a aparência do que vê, mas pode acrescentar características e juízos de valor ao que descreve.

Este recurso de acessibilidade é indispensável para a inclusão social, artística, cultural e comunicacional com autonomia e segurança de pessoas cegas e com outros tipos de deficiência. Pode e deve ser executada em todas as situações cotidianas e em todas as linguagens artísticas, manifestações culturais e como forma de compreensão e percepção de espaços, lugares, coisas e pessoas.

Quando completei três anos de cegueira em 19 de abril de 2021, já havia conquistado coisas e espaços que muitas pessoas videntes de trinta anos de idade não alcançaram em

toda a sua vida e que eu nunca imaginaria alcançar. Hoje, estou cega total há seis anos.

A cegueira me mostrou formas infinitas de ver e conhecer. A cegueira e a hiperatividade, juntas, agindo e movendo meu corpo, me tornaram única. Um ser resistente, forte, maleável, sincero, emotivo, criativo e indescritível.

As contradições, desequilíbrios e confusões mentais, instabilidade emocional, sentidos aguçados, gostos peculiares, amor indescritível pela arte e natureza me tornaram um ser deslocado no mundo social, incomparável. Um ser como eu é construído e reconstruído socialmente de modo contínuo.

Nos dias atuais, sigo sem compreender a razão das violências que sofri. A pobreza econômica, a ruptura familiar forçada na infância, a deficiência e ser mulher não são questões que dão ou deram direito para me violentarem. Porém, compreendo que estas questões me colocaram em uma posição vulnerável. Infelizmente, a violências semelhantes às que sofri, muitas meninas estão submetidas no Maranhão e no restante do Brasil.

Agradeço à vida todos os dias e a toda a espiritualidade, pois me guiaram e me guiam em caminhos de liberdade, conhecimento, fraternidade e respeito à diferença. Estou aprendendo a cada instante a usar minha formação acadêmica e minhas experiências de vida para ensinar e fazer o bem para outros seres humanos e não humanos.

Talvez, pessoa resistente, por resistir na leitura dessas palavras até aqui, nos encontraremos qualquer momento desses em que a vida nos impõe. Mas, antes de nos encontrarmos, ouça este conselho: “As coisas mais belas e misteriosas não podem ser vistas somente pela visão dos olhos”.

O “escuro” é o lugar de onde se vê tudo. O escuro é o lugar onde está nossa essência, o nosso eu verdadeiro, onde guardamos nossos segredos, mistérios, desejos, mágoas, vingança, amor. O escuro é a luz das nossas trilhas!

FIM

1ª edição em janeiro de 2025.

Este livro digital foi composto em fonte Calibri
pela EDUFMA – Editora da Universidade Federal do Maranhão.

